

REVISTA
DO
INSTITUTO ADOLFO LUTZ

LABORATÓRIO DE SAÚDE PÚBLICA

VOL. 14 • 1954 • NÚMERO ESPECIAL



SÃO PAULO — BRASIL

REVISTA
DO
INSTITUTO ADOLFO LUTZ

LABORATÓRIO DE SAÚDE PÚBLICA

VOL. 14 • 1954 • NÚMERO ESPECIAL



SÃO PAULO — BRASIL

O volume 14 da Revista do Instituto Adolfo Lutz compõe-se do n.º 1 (único) e deste número especial. *The fourteenth volume of the "Revista do Instituto Adolfo Lutz" consists of n.º 1 (unique) and of this special number.*



Dr. ADOLFO LUTZ

À MEMÓRIA DE
ZUÍGLIO MARCONDES HOMEM DE MELO



Dr. SÉRGIO FLORENTINO DE PAIVA MEIRA



Dr. EMÍLIO RIBAS



Dr. MARCOS DE OLIVEIRA ARRUDA



Dr. CARLOS JUAN FINLAY

CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO INSTITUTO BACTERIOLÓGICO

1892 - 1940

por

FERNANDO CERQUEIRA LEMOS

NOTA PRÉVIA À GUIZA DE EXPLICAÇÃO

Comemorando-se no próximo ano o centenário de nascimento do sábio brasileiro Adolfo Lutz, não poderíamos nos abster de fazer um trabalho que tentasse retratar, com a maior fidelidade possível, a história do velho Laboratório de Bacteriologia, depois Instituto Bacteriológico e em nossos dias Instituto Adolfo Lutz; nome adotado em homenagem àquele que dedicou 16 anos de sua atribulada existência à glória e renome da casa de ciência, que durante esse mesmo espaço de tempo dirigiu.

Comecei a colher os dados, arquitetando-os de forma a obter a necessária continuidade do texto. Inúmeras dificuldades vi pela frente. Vencidas em parte, eis o que com a maior boa vontade e dedicação pude concatenar.

Não se trata de um histórico propriamente dito, do Laboratório em questão, como à primeira vista poderia parecer, mas é apenas uma coletânea de dados mais ou menos colecionados cronologicamente, dando uma ligeira idéia do que foi o tradicional estabelecimento de Lutz. O verdadeiro histórico ficará a cargo de alguém mais capacitado e espero que, para isso, este meu trabalho mostre alguma importância.

Limitei-me a procurar em livros, revistas e jornais, tudo aquilo que já se publicou a respeito do Instituto Bacteriológico, sobre seu corpo científico, sobre suas atividades ou mesmo que, indiretamente, a ele se referisse. Nos arquivos do Instituto Adolfo Lutz pude obter grande número de relatórios anuais apresentados aos diretores do Serviço Sanitário (depois Departamento de Saúde), relatórios dos assistentes aos diretores do Instituto, ofícios expedidos e recebidos, cartas referentes a trabalhos e mesmo particulares, memorandos, anotações, bilhetes, e uma infinidade de papéis avulsos de toda sorte.

Tudo foi visto e aquilo que me pareceu interessante ou de interesse a um trabalho desta espécie foi aproveitado e fundido num todo que é este despretencioso relato retrospectivo. Foram ainda consultados relatórios

do Serviço Sanitário aos secretários de Estado dos Negócios do Interior e destes aos governadores do Estado. Os demais trabalhos consultados vão relacionados no fim, debaixo da rubrica "Bibliografia" ou mesmo intercalados no texto.

Minha intenção foi a mais honesta possível e não titubeei diante dos obstáculos que se me sucederam, vencendo-os em parte, como disse pouco acima e conseguindo isto que ora apresento, conscientemente convencido de suas imperfeições e lacunas, que muitos, principalmente aquêles que conviveram com o sábio mestre, poderão observar no decorrer de sua leitura.

Outra coisa que desejo deixar acusado, é o grande número de transcrições. Julgo muito mais conveniente, aqui, transcrever um texto, desde que seja possível, do que reproduzi-lo com outras palavras. É mais probo e obviamente mais fiel. Estes textos muitos dêles, foram escritos com clamorosos erros de gramática; não obstante conservei-os por não querer interferir na redação dos mesmos, mas a ortografia, atualizei-a, pondo de lado os "ph", "ll", "mn", "pt", "y", "w", "k", etc., por ser já coisa ultrapassada e, em absoluto, não desvirtuar o sentido da escrita.

Quem ler este trabalho, não encontrará nêle um português escoreito, manejado por mão de literato. Justamente o contrário será observado — não tenho dúvidas — pois, reconheço-me incapaz de regar o terreno pouco agradável da documentação (a não ser para os amantes das prateleiras poeirentas dos arquivos), com palavras que, quando lidas, naturalmente nos impulsionam e, às vezes, com avidez, para o inevitável "Fim". Falta-me esse dom e nada mais pude fazer senão este trabalho farto de datas, nomes e transcrições.

Tudo aqui são fatos e este volume é "sêco", despido de expletivos. Meu único consôlo é a célebre frase de Plínio, o Velho: "Não há livro tão mau que não tenha alguma coisa boa".

F. C. L.

Novembro de 1954.

I

Em 1884 ou, mais exatamente, em 30 de janeiro daquele ano, Domingos Antônio Raiol (1), barão de Guajará, presidente da Província de São Paulo, assinou o ato de nomeação do primeiro inspetor de higiene, o dr. Marcos de Oliveira Arruda.

O papel reza : "O presidente da Província, em vista do artigo 13 do Decreto n.º 7387 de 19 de janeiro de 1882, nomeia o dr. Marcos de Oliveira Arruda para servir interinamente o emprêgo de inspetor de higiene pública, sem vencimentos. Palácio do Governo da Província de São Paulo, 30 de janeiro de 1884. Barão de Guajará."

Entretanto, a Inspetoria de Higiene de São Paulo teve início somente em 1886, como podemos observar pelo relatório da repartição, correspondente àquele ano, que diz :

"Instalada em 11 de março de 1886, a repartição de higiene da Província de São Paulo continua funcionando sempre no consultório médico do inspetor de higiene, que também a sua custa particular a tem montado e sustentado até hoje.

São numerosas e edificantes as representações que têm sido dirigidas aos exmos. Governos central e provincial, pedindo meios e modos para montar e sustentar tóda a repartição de saúde pública e como até agora nenhuma reclamação tem sido atendida, a Inspetoria de Higiene não tem tido outro recurso senão montar e sustentar tóda a repartição a sua custa particular, com grave prejuízo de seus interêsses individuais, em favor dos quais espera justo aviso de v. excia., para poder protestar junto ao exmo. Ministro do Império."

De fato, por decreto datado de 3 de fevereiro de 1886, o Governo do Império promoveu ampla reforma nos serviços de saúde do país, subordinando o serviço sanitário terrestre à Inspetoria Geral de Higiene, com sede no Rio de Janeiro, continuando sempre a combatida centralização absoluta, que vinha desde 1850 e que se prolongou até 1889, quando foi proclamada a República.

Obedecendo à reforma, no dia 11 de março daquele ano, às 11 horas da manhã, foi instalada a Inspetoria de Higiene de São Paulo, e na rua do Palácio n.º 9 seus membros prestaram juramento. Foi o primeiro inspetor-geral, Marcos Arruda, cujo termo de nomeação transcrevemos acima. Além do inspetor-geral, existiam mais dois ajudantes médicos e, nas cidades mais importantes, poderia haver delegados de higiene.

Assim foi no início. Dedicção plena.

Trabalhando gratuitamente e instalando uma repartição pública em seu próprio consultório particular, na rua Direita 25, (2) cujas despesas eram

(1) — Domingos Antônio Raiol (Barão de Guajará) foi presidente da Província de São Paulo, no período de 18 de agosto de 1883 a 28 de março de 1884. Nasceu no Pará em 30 de março de 1830 e diplomou-se pela Faculdade de Direito de Recife.

(2) — A Inspetoria de Higiene funcionou ainda nos seguintes endereços : rua do Palácio n.º 10, em 22 de março de 1886 ; rua do Tesouro n.º 9, em 19 de abril ; praça da Sé n.º 13, em 7 de fevereiro de 1887 e a 14 de fevereiro passa a funcionar numa das salas do Palácio do Governo.

feitas de seu bôlso, o dr. Marcos de Oliveira Arruda lançou a pedra fundamental do atual Departamento de Saúde (3).

As dificuldades eram inúmeras. Sem recursos financeiros e mesmo humanos, aquêlê benemérito médico fêz o que era possível. No mesmo relatório acima mencionado, podemos apreciar quantos obstáculos apareceram-lhe pela frente. Vejamos, continuando o texto já iniciado :

“Além dêsses graves embaraços, outros óbices encontrou esta inspetoria na opposição a preceitos de dois de seus membros, os srs. drs. Eulálio da Costa Carvalho e Nicolau Barbosa da Gama Cerqueira (4).

Substituídos êstes dois membros pelos drs. Nestor Freire de Carvalho e Antônio Benedito Marques Cantinho, que, com a melhor boa vontade procuraram conhecer dos seus encargos, nem assim mesmo esta Inspeção pôde desempenhar satisfatoriamente as suas árduas tarefas, porque minguaadíssimos e tão insignificantes são os ordenados dos quatro trabalhadores provinciais pela saúde pública, atente à natureza de seus encargos, que é impossível e até vexatório exigir-se dêles a responsabilidade, guarda e fiel execução dos trabalhos que lhes impõe o cumprimento do vigente Regulamento de Higiene.

Também nesta Província, as autoridades já constituídas como que manifestam zelos antecipados do que esta repartição possa a vir a ser é assim que a Chefatura de Polícia e a Câmara Municipal desta Capital têm obstado, entorpecido ou negado cumprimento às mais razoáveis, refletidas e úteis providências de higiene e saneamento, emanadas desta repartição, conforme por vêzes já foi disso instruída a exma. Inspeção Geral de Higiene.

Por outro lado, continuam sem fazer-se as nomeações dos delegados de higiene na periferia da Província e só últimamente foram nomeados quatro para alguns portos de mar e mesmo com êsses, segundo todos os dias mostra o jornal oficial da Capital, entendem-se diretamente, para todos os misteres, a exma. Presidência da Província. Como, pois, encontrar a indispensável coesão para as relações práticas e tôda a sorte de providências higiênicas com a periferia desta Província onde não há delegados e mesmo com aquêles lugares onde, existindo delegados de higiene, com êles se entendem, sem o intermédio desta repartição, a exma. Presidência da Província ?

Além disso, as vinte e tantas imposições de multa intimadas por esta Inspeção, há mais de oito meses, contra indivíduos que, nesta Capital, sem estarem legalmente habilitados, exercem publicamente a Medicina, os seus diversos ramos, assim como contra ferragistas que negociam em drogas, etc., etc., só têm tido efeito negativo, porque todos êles recorreram ao Presidente da Província e têm redobrado os anúncios charlatânicos.

Ainda mais. Na presidência do exmo. sr. senador João Alfredo Correia de Oliveira, sendo esta Capital ameaçada de uma epidemia de varíola hemorrágica, como narra o seu relatório, foi confiada a debelação do mal exclusivamente à Inspeção de Higiene, que providenciou abrindo o lazareto de variolosos, nomeando médico, enfermeiros, vigiando o isolamento e fiscalizando a higiene e tôdas as desinfecções, de tal sorte que garantiu a saúde pública de uma epidemia que parecia inevitável e que contava as mortes pelo número de atacados, dentro do pequeno prazo de vinte e seis dias, e com grande economia para os cofres públicos, pois conseguiu médicos e outros empregados pela terça parte do preço que todos os anos se costumava pagar.

Foi com muito viva satisfação que tôda a população presenciou êsses fatos e, entretanto, a consequência benéfica que daí resultou para esta repartição é que atualmente

(3) — Diz Francisco Borges Vieira : “Nascida como nasceu, inteiramente desprovida de recursos e até de sede, mantida pela abnegação de seus primeiros funcionários, que lutavam com tôda sorte de dificuldades e mesmo má vontade das organizações oficiais, vendo se imiscuir, logo no nascedouro, a desinteligência entre seus membros, venceu a repartição graças à pertinácia e dedicação de seus primeiros diretores e, de progresso em progresso, apesar de, embora mudados os tempos, os recursos que lhe são destinados estejam sempre muito aquém do que necessitaria, continua a manter posição de destaque entre as organizações estaduais congêneres.”

(4) — Êstes dois funcionários se demitiram em virtude de haver surgido, entre êles e o dr. Marcos de Oliveira Arruda, divergências de ordem funcional. O dr. Costa Carvalho (que já era em 1883, médico da Câmara Municipal), chegou, mesmo, a redigir violentos ataques contra o inspetor-geral, e o dr. Gama Cerqueira, que também não se deu bem ao lado de Marcos Arruda em 10 de junho de 1886 se transferiu para um lugar de médico da Hospedaria dos Imigrantes.

alguns casos de moléstias epidêmicas que têm aparecido, são tratados sem audiência nem ciência oficial desta Inspetoria e igualmente nomeiam-se médicos para, no mesmo tempo, tratar de variolosos e fazerem vacinações e, sem as precisas desinfecções, recolhem-se no lazareto de variolosos, crianças atacadas de sarampão, etc., etc.

Há pouco tempo que esta Inspetoria fêz publicar conselhos higiênicos preventivos e ocasionais de epidemia e principalmente de cólera morbo que não está impedido de nos visitar, se é exata a resultante última da ciência moderna, quando acentua : "que o aparecimento, demora e estragos do cólera estão sempre na razão direta do desasseio e falta de higiene das povoações e se como diz Bilroth — o cólera em suma, é uma só questão de dinheiro e de água.

Pois, para estabelecer a profilaxia da peste colérica, que nos ameaça pelo sul, saneando a Capital e seus principais portos de mar, a Inspetoria entregou à exma. presidência da Província, um projeto de medidas de saneamento que, com muito dispêndio, podiam ser praticadas, e requisitou que se dignasse obter verba, para isso, do exmo. Govêrno Geral.

Foi negativa a resposta do exmo. Govêrno Geral acrescentando que às Câmaras competem o saneamento dos diversos municípios provinciais quando, entretanto, é sabido que as nossas Câmaras Municipais nunca têm recursos nem habilitações para se incumbirem dos saneamentos e é público que a municipalidade desta Capital já está muito alcançada de dívidas, o que se compreende bem, atendendo às necessidades que se impõe diante do vertiginoso aumento de sua população.

Então para que fim se destina esta repartição de higiene, assim isolada de tôda a proteção e sempre incumbida de cometimentos múltiplos e difíceis ? Sem gozar do prestígio das autoridades constituídas, sem verba para montar-se, sem verba para manter-se, sem verba para sanear e fazer higiene, sem casa e sem meios, privada de tôdas as bases indispensáveis para subsistir, quanto mais para beneficiar a saúde pública desta Província ; o que se pode esperar desta Inspetoria ?

A continuar assim, apaga-se a atividade e consome-se o entusiasmo e prestígio dos trabalhadores pela saúde pública e mais valeria aos cofres nacionais suprimir do que deixar sempre agonizante, com tôdas as forças manietadas e sem aspirações nem préstimo possível, uma repartição pública tão essencial e de tanta seiva a aproveitar o que pode prestar os melhores e mais assinalados serviços, principalmente nesta quadra tôda de imigração, onde o imigrante, com razão, só se deixa seduzir pelas boas condições de salubridade dos países que se disputam a preferência de sua escolha.

O desejado, feliz e rápido avultamento desta população pela imigração, não pode deixar de acarretar certa ordem de perigos e graves necessidades para a saúde pública, como os que sempre determinam direta e indiretamente as súbitas diferenças nas densidades dos povos e, conseqüentemente, faz sentir que a natureza, compromissos e importância de serviços de higiene nesta Província, envolvem tanta responsabilidade e tanto se destacam, que seus encarregados não devem e nem podem ter qualquer outra ocupação mais, além da perene tarefa pela saúde pública, sendo por esta mesma razão indispensável se montar, manter e completar a repartição de higiene e duplicar-se a remuneração que percebem os seus quatro membros componentes, o que está muito de acôrdo com as necessidades e com as grandes rendas da Província".

Dêste trecho do relatório do dr. Marcos Arruda, é fácil deduzirmos quais eram as dificuldades existentes nos primórdios da Inspetoria de Higiene. Tudo isto ao lado da completa falta de asseio e desconhecimento quase que total dos mais comezinhos preceitos de higiene, pelo povo, podemos aquilatar o trabalho hercúleo e heróico do dr. Marcos de Oliveira Arruda, à testa da sua repartição, responsável, apesar do desamparo quase que completo por parte do Govêrno, pela saúde dos habitantes da terra paulista.

Para deixar mais negro o quadro sanitário da época, diremos que a febre amarela reinava. Era um flagelo para a população e um pesadelo para os responsáveis pela saúde pública. Depois, a cólera, a peste, a lepra, a varíola, a malária, o tracoma, a escarlatina, a febre tifóide, a difteria e tantas outras formas de doença.

Graças à ação extraordinária de Marcos de Oliveira Arruda e seus companheiros, que mantiveram de pé, sem esmorecer um minuto, a Inspetoria de Higiene prolongou-se pelo tempo, até nossos dias, realizando trabalhos notáveis por intermédio de vultos inesquecíveis, autores de campanhas imorredouras que possibilitaram a erradicação de todo aquêl rolo de males, se não por completo, ao menos na sua maior porção, das listas obituárias de São Paulo. Falamos de homens da fibra de Sérgio Florentino de Paiva Meira (5), Emílio Marcondes Ribas (6), Guilherme Álvaro da Silva (7),

(5) — Sérgio Florentino de Paiva Meira, nasceu na Vila do Pilar, então província da Paraíba, em 17 de setembro de 1857, filho de João Florentino Meira de Vasconcelos, senador do Império e de dona Maria Augusta de Paiva Meira. No ano de 1875 matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro diplomando-se em 1880. Transferiu-se, no ano seguinte, para Campinas, Estado de São Paulo, ficando nesta cidade até 1889. Ai casou-se com d. Adelaide de Sousa Aranha. Faleceu o dr. Sérgio Meira às 22 hs. e 15 m., do dia 30 de abril de 1917. Sérgio Meira foi nomeado inspetor-geral de Higiene da Província de São Paulo, tomando posse aos 21 de agosto de 1889, permanecendo no cargo até 21 de março de 1893. À frente da Inspetoria de Higiene Sérgio Meira criou vários serviços como o Instituto Vacinogênico, Laboratório de Análises Químicas, Laboratório de Bacteriologia, Laboratório Farmacêutico etc.

"A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, com o passamento do dr. Sérgio Paiva Meira, perdeu um de seus sócios mais dedicados, a quem ela tudo deve. Foi por indicação daquele saudoso colega, que a 24 de fevereiro de 1895, no prédio da Rua São Bento 23, reuniram-se diversos clínicos para lançarem os alicerces daquela Casa."

Diretor-clínico da Beneficência Portuguesa, fez parte da mesa da Santa Casa e foi um dos presidentes da Sociedade Médica Beneficente de São Paulo. Foi um dos fundadores da Policlínica e da Gôta de Leite. Instituiu, ainda, o preparo da vacina antivaricólica.

(6) — Indiscutivelmente Emílio Marcondes Ribas foi um dos pontos altos e quiçá o mais elevado dêles, na vida sanitária paulista. "O maior higienista de São Paulo" no dizer de José Antônio Alves dos Santos. O mesmo Alves dos Santos, com razão e infelizmente, ainda diz:

"O contritador desconhecimento que ainda pesa sobre a personalidade e o fecundo labor de Emílio Ribas, a frente do Serviço Sanitário de São Paulo, faz que a outrem seja atribuindo e mérito de estudos e campanhas memoráveis, cuja primazia indiscutivelmente lhe pertence."

Não foi sem razão que Manuel José Ferreira o alcunhou de "Ribas, o esquecido," na conferência que pronunciou no 3.º Congresso Brasileiro de Higiene, em novembro de 1926. Esse esquecimento é verdadeiro. Em conferência pronunciada por ocasião do bicentenário de Campinas, patrocinada pelo Centro de Cultura Intelectual daquela cidade, o dr. Francisco Borges Vieira falou:

"Eis alguns de seus títulos:

Saneador de Campinas e de São Paulo, título conferido por Osvaldo Cruz, que lhe seguiu as pegadas, saneando posteriormente o Rio de Janeiro. Triunfador de muitas batalhas contra os poderosos agentes da febre amarela, da varíola, da febre tífóide! Salvador da vida de milhares de brasileiros! Reformador da administração sanitária paulista, em moldes modernos! Criador de organismos administrativos imprescindíveis à conservação do bem estar e ao progresso da raça! Pioneiro da prática de novos métodos! Glória de São Paulo e do Brasil! Tudo isto foi Emílio Ribas. A força que o impeliu para tão beneméritos campanhas, originou-se entretanto, nesta cidade de Campinas, cuja Comissão Sanitária proficientemente dirigiu de 1896 a 1898, quanto aceitou o convite feito pelo então presidente Peixoto Gomide, para assumir o cargo de Diretor do Serviço de Higiene do Estado."

O maior mérito de Ribas, no saneamento de Campinas, está no fato de ele o ter feito de 1896 a 1898. Conseguiu resultados surpreendentes, anulando a ação daquela moléstia, antes portanto, das experiências realizadas em Cuba e mais tarde em São Paulo, pelo próprio Ribas que provou a não contagiosidade da febre amarela. É de se notar que o método usado em Campinas, ainda foi o da desinfecção e isolamento dos amarelicos, além de outras providências de caráter higiênico, que é certo, foram a morte da terrível moléstia. Foram medidas empíricas, como diz Borges Vieira, mas salvadoras. Mais tarde vieram a ser confirmadas em Havana, por Reed, Carroll, Agramonte e Lazear. Na velha cidade de Pindamonhangaba, às margens do rio Paraíba, que forneceu ao país uma plêiade de ilustres paulistas, a 11 de abril de 1862, nasceu Emílio Marcondes Ribas, filho de Cândido Marcondes Ribas e de d. Andradina M. Machado Ribas. Depois de formado em medicina, pela Faculdade do Rio de Janeiro, regressou a sua cidade natal e mais tarde clinicou em Tatuf e Santa Rita do Passa Quatro. Ingressou no serviço público em 11 de setembro de 1895. Sua carreira de sanitário, podemos dizer, foi iniciada com o saneamento de Campinas, indicado por Joaquim José da Silva Pinto Júnior, então diretor geral do Serviço Sanitário, para em 1896, pôr cõbro à febre amarela naquela cidade, cujo resultado tão bem nos contou Borges Vieira. Em 15 de abril de 1898, foi nomeado diretor-geral do Serviço Sanitário, a convite do presidente do Estado, Peixoto Gomide que lhe passou o seguinte telegrama:

"Contando com vosso auxílio em bem do serviço público, acabo de vos nomear diretor do Serviço Sanitário — saudações, 15-4-1898."

Neste cargo ficou até 11 de abril de 1917 (dia de seu aniversário), portanto durante 19 anos, sem descontinuar o tempo em que esteve substituído interinamente.

"Durante sua direção naquele importante departamento da Secretaria do Interior o ilustre facultativo applicou toda sua atividade e esforçou-se, extraordinariamente para, dotar a cidade de São Paulo de inúmeros melhoramentos de acõrdo com as exigências higiênicas. Foi assim que colocou S. Paulo como a primeira capital da República, em matéria de higiene."

Estas palavras são lidas em "Pindamonhangaba através de dois e meio séculos," de Atafé Marcondes. Viajou pela Europa e América do Norte, em 1908, por indicação do Governo, para estudar a tuberculose e sua profilaxia. Foi nessa ocasião que, em França, foi convidado oficialmente para combater, na Martinica, a febre amarela que grassava naquela possessão francesa. Este convite foi feito por meio de um telegrama do nistro do Brasil em Paris, dirigido ao Dr. Bulcão, consul em Bruxelas. O texto é este:

"Buleão consul do Brésil. 169 Chaussée Charlevoi Br. Paris. Rogo dizer a doutor Ribas, govêrno francês o convida fazer parte missão doutor Simond febre amarela Martinica. Resposta urgente."

O telegrama vinha assinado por Gabriel de Toledo Piza. Ribas não aceitou. De volta a São Paulo ideou a construção de um sanatório para tuberculosos, nas montanhas de Campos de Jordão. Não titubeou ante as dificuldades que lhe antepuzeram, inclusive a falta de communicações. Alimentou, então, a idéa de construir uma estrada de ferro que, partindo de Pindamonhangaba, atingisse os altos da Mantiqueira. Foi assim que no dia 28 de outubro de 1911, Albuquerque Lins, governador do Estado, assinou a lei n.º 1264-A, que reza :

"Faço saber que o Congresso legislativo do Estado decretou e eu promulgo a lei seguinte :

Artigo 1.º — É concedido aos drs. Emílio Marcondes Ribas e Victor Godinho o direito de construir, por si ou empresa que organizarem, uma estrada de ferro de bitola de um metro, por tração elétrica ou a vapor, ligando a cidade de Pindamonhangaba aos Campos do Jordão, nas imediações da Vila Jaguaripe e um ramal férreo, que partindo do ponto mais conveniente dessa linha, vá terminar nos limites do Estado de São Paulo com o de Minas Gerais, passando pelo município de São Bento do Sapucaí.

Artigo 2.º — Os concessionários, etc. . . ."

No dia 1 de outubro de 1912 foram encetadas as obras sob a orientação dos engenheiros Antonio Prudente de Moraes, José Antonio Salgado e Guilherme Winter. Esta obra que sobe 40 quilômetros com aterros, cortes e pontes de grande vulto, em mais ou menos oito meses, estava já pronta. Ataíde Marcondes em seu livro já citado, ainda diz :

"Quem constrói uma estrada para conduzir a humanidade sofredora a um verdadeiro paraíso, merece as bênçãos, os aplausos e a gratidão de todos."

Logo depois de ter assumido a diretoria geral do serviço sanitário do Estado, um árduo problema se fez sentir, com o surto da peste negra. Em fins de 1899 o mal levantino que já se fazia sentir na cidade do Porto — Portugal — ameaçava tomar conta da Europa e América. À vista desta ameaça, tomou todas as medidas preventivas a seu alcance na cidade de Santos cujo pórtico poderia ser a porta de entrada do mal, fazendo exames minuciosos, sempre que necessários, em todos que se supunha portador da peste, mandando, para isso, àquela cidade litorânea, Vital Brazil, assistente do Instituto Bacteriológico. No que diz respeito à febre amarela, Emílio Ribas, foi, também, um grande. Desde 1889 que vinham surgindo, em diversos pontos do Estado, epidemias daquela virose, que deixavam a população interiorana sempre em constante apreensão. Encarou o problema de frente e alicerçou o serviço sanitário em novas bases reorganizando-o integralmente. Nesta ocasião é que o dr. Ribas, diretor do serviço sanitário, fez as célebres experiências no Hospital de Isolamento (que hoje leva o seu nome), sobre a transmissão da febre amarela pelo mosquito e não transmissibilidade pelos *fomites*, segundo a opinião de Carlos Juan Finlay, notável médico cubano, que afirmava esse modo de transmissão. Dessas experiências, resultou que o govêrno do estado ofereceu-lhe, em sessão pública e solene, uma medalha de ouro e um diploma com os seguintes dizeres :

"Salus Publica. O govêrno do Estado de São Paulo, tendo em consideração o ato humanitário do sr. dr. Emílio Marcondes Ribas que sujeitou-se, espontaneamente, a experiências realizadas no Hospital de Isolamento desta capital, no intuito de demonstrar-se a transmissão da febre amarela pelo *Stegomyia fasciata*, confere-lhe uma medalha de ouro em testemunho de apreço e reconhecimento. São Paulo, 12 de outubro de 1903. O presidente do Estado, Bernardino de Campos. O secretário do Interior, Bento Bueno."

Sabemos mais, que um dos nossos deputados ao Congresso do Estado, o dr. Cesário Travassos, pretendeu apresentar um projeto autorizando dar ao dr. Ribas um prêmio de 200 contos de réis e o direito à aposentadoria em qualquer época, com todos os vencimentos. Informado desses desígnios, o dr. Ribas apressou-se em solicitar daquele deputado, também médico, que desistisse dos seus nobres intentos, pois que se julgava retribuído com a consciência de ter bem servido ao Estado e com as demonstrações de apreço, recebidas do govêrno. Este fato está exposto em carta que Cesário Travassos escreveu a Vitor Godinho.

Vital Brazil diz :

"Cuidou ainda, com largueza de vistas, do combate à tuberculose, febre tifóide, difteria, impudismo, aniclostomose, tracoma, etc. A atuação do dr. Emílio Ribas, na direção do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, foi tão variada e eficiente que, pode-se dizer, não houve assunto sanitário que não fôsse por êle abordado com proveito."

É criação do dr. Ribas, o Instituto Butantã, a Seção de Proteção à Primeira Infância, a Inspeção Sanitária Escolar, o Serviço de Profilaxia e Tratamento do Tracoma. Reorganizou o Serviço Sanitário, o Desinfetório Central, o Laboratório de Análises Químicas e Bromatológicas, o Laboratório Farmacêutico e a Seção de Engenharia Sanitária.

Para finalizar vamos transcrever, aqui, algumas palavras de outro cientista insigne, o fisiólogo Clemente Ferreira.

"Seja como fôr, o que desejamos pôr em destaque vem a ser que nos debates e discussões que então se levantaram, os estudos e contribuições do dr. Emílio Ribas, fruto de seu espírito de observador tenaz e paciente, foram largamente aproveitados pelos higienistas e epidemiólogos notáveis da França, Grã-Bretanha, Estados Unidos, podendo-se afirmar que o preclaro higienista paulista foi um clarificante precursor neste campo de pesquisas e indagações, o que constituiu mais um título de merecimento e de glórias para a sua carreira triunfante no departamento Sanitário do Estado.

O emérito profissional, competente e estudioso higienista, pôde ufanar-se do mundo que projetou e que conseguiu no ponto de vista do bem estar público, da salubridade e do progresso sanitário do Estado de São Paulo.

Seu concurso para solução de empolgantes problemas higiênicos e sociais foi decisivo e predominante a parte que lhe coube nos progressos higienísticos deste Estado, para o que muito contribuíram sua invejável capacidade e método do trabalho, sendo que, no largo período de sua gestão, foi sempre um realizador prático do tempo integral. Que o digam seus prestantes auxiliares e colaboradores, que o viram sempre na estacada, incansável e tenaz, consagrando-se exclusivamente aos árduos e penosos encargos do seu pósto cheio de responsabilidades e erigido de ingentes obstáculos."

(7) — O dr. Guilherme Álvaro da Silva nasceu no Rio de Janeiro no dia 1 de junho de 1889, filho de Francisco Álvaro da Silva e d. Júlia Eyek Álvaro. Formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1890. Em 1895 veio para São Paulo a convite de Campos Sales, sendo nomeado médico do Serviço Sanitário. Em 1899 foi designado, quando da epidemia de peste em Santos, para chefiar o serviço de saúde pública naquele pórtico. Em Santos permaneceu cerca de 27 anos. Era médico oculista e sanitaria, tendo se destacado nos dois ramos da medicina que com dedicação abraçou. Faleceu em 19 de dezembro de 1930.

José Bento de Paula Sousa (8), Vitor Pereira Godinho (9), Adolfo Lutz, Artur Neiva (10), Vital Brazil Mineiro da Campanha (11), Artur Vieira de Mendonça (12), Arnaldo Vieira de Carvalho (13), José Martins Bonilha de Toledo (14), Franco da Rocha (15), Cândido Espinheira (16), Coriolano Burgos, (17), Carlos Botelho (18), Teodoro da Silva Baima (19), Cesário Mota Júnior (20), Delfino Cintra (21), Augusto César de Miranda Azevedo (22), Manuel de Assis Vieira Bueno (23), Bittencourt Rodrigues (24), Álvaro César da Cunha Soares e toda uma plêiade de grandes nomes.

(8) — José Bento de Paula Sousa nasceu em Mogi Mirim em 7 de novembro de 1852, filho do conselheiro Antônio Francisco de Paula Sousa. Foi várias vezes diretor-geral do Serviço Sanitário. Faleceu em 13 de setembro de 1919.

(9) — O dr. Vitor Pereira Godinho formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1887, sendo colega de turma de Emílio Ribas e Teodoro Baima. Foi diretor do Hospital de Isolamento de 1915 a 1919, quando aposentou-se. Foi professor da Escola de Farmácia de São Paulo, onde lecionou até seu falecimento. Deixou ampla bibliografia científica e vários romances. Nasceu em 1862 e morreu em 1922 no Rio de Janeiro.

(10) — Artur Neiva nasceu em Salvador no dia 22 de março de 1880. Diplomou-se em medicina, no Rio de Janeiro, em 1903. Faleceu aos 62 anos no Rio de Janeiro. Médico, higienista, biólogo, literato, historiador, político, filólogo e administrador. "Inteligência brilhante e notável capacidade de trabalho". Trabalhou durante muitos anos no Instituto de Manguinhos. Em 1916 tomou posse da diretoria-geral do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo. Foi Neiva, que quando convidado para assumir a direção da Saúde Pública federal, recusando aquêle posto, pronunciou a célebre frase:

"São Paulo é uma poderosa locomotiva arrastando vinte vagões vazios".

Em 1913 dirigiu o Museu Nacional do Rio. Fundou e dirigiu, por algum tempo, o Instituto Biológico do Estado de São Paulo. Em 1931 foi nomeado para exercer as funções de secretário do Interior, e daqui só se retirou para assumir a interventoria de seu Estado natal, a Bahia. Faleceu em 1943.

(11) — Vital Brazil nasceu em 28 de abril de 1865 e faleceu em 8 de maio de 1950.

(12) — O dr. Artur Vieira de Mendonça faleceu em 1915. Foi, em seu tempo, ferrenho polemista e avesso às teorias de Carlos Juan Finlay, sobre a transmissão da febre amarela.

(13) — Arnaldo Vieira de Carvalho foi diretor do Instituto Vacinogênico, cirurgião-chefe do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, professor da Policlínica e fundador da Faculdade de Medicina de São Paulo.

(14) — O dr. Bonilha de Toledo nasceu em Capivari, Estado de São Paulo, diplomando-se, em medicina, na cidade de Bruxelas (Bélgica). Lecionava Bacteriologia na Faculdade de Farmácia de São Paulo e foi chefe de Clínica Médica da Santa Casa de Misericórdia paulistana. Voltando de Paris, onde fora estudar os fermentos vínicos, tentou conseguir a cafeína em estado de pureza, quando a morte o colheu aos 32 anos de idade, em 1903. Fez vários estudos sobre a urina.

(15) — Franco da Rocha nasceu em Amparo, em 1864, e diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1890. Médico psiquiatra. Foi fundador e diretor do hospício do Juqueri, reorganizando completamente a assistência aos alienados, estudando novos métodos na Grã-Bretanha e aplicando-os entre nós. Hoje o município de Juqueri leva seu nome. Franco da Rocha faleceu em 8 de novembro de 1933.

(16) — Cândido Espinheira faleceu em 1915, quando era diretor do Hospital de Isolamento.

(17) — Coriolano Barreto Burgos nasceu em 1860.

(18) — O dr. Carlos Botelho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, professor da Policlínica e diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

(19) — O dr. Teodoro Baima nasceu em São Luís, capital do Maranhão, em 29 de novembro de 1863. Formou-se em medicina pela Faculdade da Capital Federal, em 1887. Veio para São Paulo, clinicando em Brotas. Em 1896 entrou para o Serviço Sanitário, sendo inspetor sanitário em Campinas, onde terminou a obra que Emílio Ribas começara, de combate à febre amarela. Em 1902 transferiu-se para a Capital, sendo nomeado mais tarde, em 1905, assistente do Instituto Bacteriológico e, em 1916, seu diretor. Faleceu em 14 de novembro de 1918, colhido pelo formidável surto de gripe espanhola que assolou o mundo naquele ano. Deixou várias obras médicas.

(20) — Cesário Mota (Cesário Nazianzeno de Azevedo Mota Magalhães Junior) nasceu em Pôrto Feliz em 5 de março de 1847 e faleceu na Capital Federal em 25 de abril de 1897. Formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro e foi, no Estado de São Paulo, secretário do Interior e deputado federal, tendo já sido, no tempo do Império, deputado republicano à Assembléia da Província. Filho de pai do mesmo nome (também médico, formado em 1841). Nasceu em Itu, clinicou em Pôrto Feliz, onde lhe nasceu o filho que se caracterizaria como o grande reformador da saúde pública paulista.

(21) — Em 20 de dezembro de 1912 foi inumado no Cemitério da Consolação o dr. Delfino Cintra (Delfino Pinheiro de Ulhoa Cintra), falecido em janeiro de 1911.

(22) — Miranda Azevedo nasceu em Sorocaba em 10 de outubro de 1851, falecendo, na capital paulista a 12 de março de 1907. Diplomou-se em medicina no Rio de Janeiro no ano de 1874. Exerceu sua profissão, por algum tempo, em Guaratinguetá e depois em São Paulo. Foi o primeiro presidente do Congresso Estadual e professor de Higiene Pública da Faculdade de Direito de São Paulo.

(23) — O dr. Vieira Bueno era natural de Sorocaba, onde nasceu a 2 de novembro de 1848 e morreu em Campinas a 9 de outubro de 1905. Formou-se pela Faculdade do Rio de Janeiro.

(24) — Bittencourt Rodrigues era português, mas esteve durante vários anos entre nós, voltando, posteriormente, para sua terra, onde faleceu em 1933, com quase 80 anos de existência. Bittencourt Rodrigues veio para São Paulo, pelo fato de não obter, injustamente, a direção do Hospício de Rilhafolles, em Lisboa, não obstante ter feito excelente concurso. Deram a outro a diretoria do Hospício. Trabalhou, em França, com o sábio Charcot. Voltando a Portugal, dedicou-se à política, sendo embaixador de seu país em Paris e ministro das Relações Exteriores no Governo do general Carmona. Foi, por algum tempo, chefe do Departamento de Medicina Interna da Policlínica de São Paulo.

Esses homens mudaram por completo a fisionomia da Província e depois Estado de São Paulo, trocando aquêlê ambiente de constante apreensão e vigilância diária, para o bem-estar e sossêgo da nossa gente.

Conseguiram dar, em 1903, a febre amarela por encerrada. A malária, que ocupava lugar destacado na mortalidade, baixou consideravelmente sua ação, de 149 vítimas em 1898, para 17 em 1912. A peste apenas matou 51 pessoas até 1912, desde seu aparecimento no pôrto de Santos, em 1899. A febre tifóide teve sua curva ascendente, que já atingia o coeficiente de 96,95 óbitos por 100.000 habitantes, quebrada para a altura de 24, 75. A difteria caiu de 14,34, para 9,75 em 1912, em relação àquelas mesmas cem mil almas.

A éscarlatina e a varíola praticamente desapareceram.

É êste, portanto, sumariamente, o esquiço do aparecimento da Inspetoria de Higiene de São Paulo.

Já dissemos quem e como foi o primeiro inspetor-geral. É um intróito para melhor compreensão do ambiente sanitário na ocasião em que foi criado o Laboratório de Bacteriologia.

Pulemos a gestão de Nestor Freire de Carvalho, que substituiu, interinamente, Marcos de Oliveira Arruda, durante suas férias e viagem à Europa, de 14 de maio a 20 de agôsto de 1889.

Mas, antes de pararmos na diretoria de Sérgio Florentino de Paiva Meira, espaço de tempo em que veio à luz o Laboratório de Bacteriologia; hoje Instituto Adolfo Lutz, fruto de uma fecunda administração, vejamos a definição clara de Marcos de Oliveira Arruda, por Américo R. Neto :

“Não tivesse êste trabalho as proporções e os limites de um desprezencioso ensaio, tentaríamos a reconstituição da figura verdadeiramente histórica de Marcos Arruda, uma das mais impressionantes que rotulam esta galeria. Sabia compreender e queria satisfazer as necessidades e urgências do momento e de local e não se arreceiava de enfrentar os maiores obstáculos que se opunham ao seu ideal, a principiar pela excessiva centralização tão característica de sua época.

Longe de considerar seu posto como um prêmio, teve-o como lugar de sacrificio e assim instala, a sua própria custa, no seu consultório particular, a incipiente Inspetoria de Higiene, montando-a e sustentando-a inteiramente de seu bolso.

E, além de sempre manter elegantes mas insistentes lutas contra as tendências absorventes da Côte, no Rio de Janeiro, encontrava entre seus próprios companheiros, quem o quisesse contrariar nos seus propósitos de beneficiar a coletividade. Tudo isto, aliás, sem o mínimo proveito de ordem material, pois fóra nomeado sem vencimentos e em caráter interino.

Marcos Arruda não demorou muito tempo à frente dos serviços de saúde de São Paulo, a respeito de cuja organização e cujo funcionamento apresentou elucidativos relatórios.

Foi para a Europa em viagem de estudos, cabendo a Sérgio Meira substituí-lo, aliás, com orientação também progressista, sempre em luta mais ou menos franca contra a centralização da Côte.”

II

No relatório do secretário do Interior, Vicente de Carvalho, apresentado em 7 de abril de 1892 ao vice-governador de São Paulo, Cerqueira César, nota-se o interesse daquele secretário em dar à Capital do Estado, um laboratório de bacteriologia, assim como um de análises químicas. O primeiro se justificava pelo estado sanitário paulista que era dos mais lamentáveis. O próprio Vicente de Carvalho chamava a atenção para o pôrto de Santos, considerando-o uma porta aberta a tôda sorte de moléstias e um dos pontos principais de irradiação da febre amarela. Ponderou o secretário do Interior que o problema agora não se resumia mais em evitar o surto de moléstias, mas também extirpá-las, para o que eram precisos meios e êsses meios seriam fornecidos por um laboratório de bacteriologia.

O laboratório de análises químicas teria ponto de apóio na abundância de gêneros alimentícios deteriorados ou falsificados, que punham em risco a saúde e, quando não, a vida da população do Estado.

Com a colaboração de Sérgio de Paiva Meira (25), então diretor-geral do Serviço Sanitário, foi lançada a semente que germinou bela árvore de tão magníficos frutos.

A febre amarela em Santos sempre foi um problema cruciante, principalmente de 1889 para diante. Vamos mostrar, em números, os estragos que aquela moléstia provocava : 1889, 627 óbitos ; 1890, 51 ; 1891, 1.019 ; 1892, 1.823 ; 1893, 1.668 ; 1894, 172. Desde 1880, até 1894, a febre amarela matou, em Santos, 5.429 pessoas.

Santos, em 1894, tinha cêrca de 30 mil habitantes, quando morreram exatamente 1.440 pessoas, com *causa mortis* as mais variadas, o que representa um índice de mortalidade bastante elevado, muito maior que o da Capital.

Em São Paulo, no mesmo ano (a cidade tinha perto de 150 mil almas), o índice de mortalidade era de 30,73 em relação a mil habitantes em 12 meses, com a média diária de 12,62 óbitos. Santos, com população 5 vezes menor, tinha 48 óbitos em mil habitantes, por ano, e mortalidade de 3,84 pessoas, por dia. Vê-se que em nosso principal pôrto de mar, a situação sanitária era bem pior que a de São Paulo.

Estamos aqui citando dados de 1894, quando já estavam sendo concretizadas obras de saneamento e uma polícia sanitária eficiente, que vieram redimir o povo santista daquele "mundo" de pestilências. Faltam-nos dados oficiais relativos aos anos anteriores ; entretanto, podemos fazer uma idéia de como eram bem piores, então, as condições de salubridade.

O Serviço de Estatística Demógrafo-Sanitária em São Paulo teve início com a organização do Serviço Sanitário, em 1892. No tempo do Império, quando a Inspeção de Higiene estava sob a égide de Marcos Arruda, foi

(25) — Vide biografia à nota n.º 5.

tentada a realização d'êste serviço, mas sem resultado, pois que a tremenda centralização dos serviços de higiene sufocava qualquer iniciativa. Só em 1892 é que aparecem as primeiras estatísticas sanitárias da Capital. Estas estatísticas, em 1894, se estenderam a Santos e, em 1895, a outras cidades do interior paulista.

Não demoremos neste assunto. O que anotamos é já suficiente para fazermos uma idéia do estado sanitário do pôrto de Santos, principalmente, que Vicente de Carvalho fez sentir em seu relatório antes citado.

Frente a êste quadro desolador, o vice-presidente do Estado, José A. de Cerqueira César e Vicente de Carvalho, no dia 18 de julho de 1892, assinaram a lei n.º 43 que organizava o Serviço Sanitário, que nada mais era que o prolongamento da antiga Inspetoria de Higiene provincial.

São, portanto, os três responsáveis pela criação do Laboratório de Bacteriologia: Cerqueira César, Vicente de Carvalho e Sérgio de Paiva Meira.

Na parte que implica o aparecimento do Laboratório em questão, está a lei assim redigida:

“Art. 9.º — Fica o Govêrno autorizado a gastar até a quantia de 200.000\$000 para prover a montagem:

- a) de um laboratório de análises químicas;
- b) de um laboratório bacteriológico;
- c) de um instituto vacinogênico;

d) de um laboratório farmacêutico, reformada para êsse fim, a atual Farmácia do Estado.

Art. 10.º — Ficam revogadas as disposições em contrário”.

Nasceram, como vemos, no mesmo dia e ao mesmo tempo, os dois órgãos de saúde pública que mais tarde viriam se juntar para, em 1940, formarem o atual Laboratório Central de Saúde Pública, isto é, o Instituto Adolfo Lutz. Eram o Laboratório de Bacteriologia e o Laboratório de Análises Químicas.

Apesar de o Instituto Adolfo Lutz ser o ponto de união daquelas duas repartições hoje extintas, nos preocuparemos, apenas, em tentar conseguir a reconstituição da vida laboriosa do Instituto Bacteriológico.

Sua instalação teve lugar, provisoriamente, em salas do Serviço Sanitário e pouco mais tarde, no prédio n.º 25 da rua Direita (26). Êste local era inconveniente ao fim a que se destinava, principalmente por carência de luz, como diz Adolfo Lutz: “o Laboratório, colocado a princípio a rua Direita n.º 25, num lugar acanhado e sem bastante luz...”

Posteriormente, forçado pelos motivos já expostos, o Laboratório foi transferido, em agôsto de 1892, para o 2.º andar do n.º 35 daquela mesma rua, ficando aqui cêrca de quatro anos.

No incio do ano seguinte, a 28 de fevereiro de 1893, Bernardino de Campos, presidente do Estado, para execução do disposto no n.º 2 do art. 1.º (27) do regulamento que baixou com a lei n.º 43, de 18 de julho de 1892

(26) — Êste enderêço era do consultório particular do dr. Marcos de Oliveira Arruda.

(27) — Art. 1.º — O Serviço Sanitário do Estado ficará sob a direção do secretário do Interior e a cargo:

I — De um Conselho de Saúde Pública.

II — De uma Diretoria de Higiene auxiliada pelo Instituto Vacinogênico e pelos Laboratórios Farmacêuticos, Análises Químicas e Bacteriológicas.

(organização do Serviço Sanitário), mandou observar o regulamento para o serviço do Laboratório Bacteriológico do Estado. Eis o art. 1.º desse regulamento :

Art. 1.º — O Laboratório de Bacteriologia, subordinado à Secretaria do Interior, superintendido e fiscalizado pela diretoria de Higiene, tem por objeto :

a) O estudo de microscopia e microbiologia em geral e especialmente o estudo da etiologia das epidemias, endemias e epizootias mais freqüentes no nosso meio sanitário.

b) Quando possível, o preparo, acondicionamento e remessa dos produtos necessários à vacinação preventiva e aplicações terapêuticas que se tornem indicadas às nossas condições higiênicas.

Outra lei, sob n.º 240, é assinada por Bernardino de Campos e Cesário Mota Júnior, reorganizando o Serviço Sanitário do Estado. Foi assinada a 4 de setembro de 1893, sendo diretor-geral do Serviço Sanitário, desde 24 de março de 1893, o dr. Joaquim José da Silva Pinto Júnior.

Pela leitura do texto da lei, podemos observar que ela dá ao Laboratório de Bacteriologia, funções mais definidas e categóricas. Não diz como no decreto 159 : "Quando possível, o preparo, acondicionamento, etc. ." Agora manda : "O preparo e acondicionamento, etc. ."

Fica ampliado o quadro funcional.

Ainda é interessante a mudança de nomenclatura. A lei n.º 240 não fala em Laboratório, mas em Instituto Bacteriológico e, em nenhum de seus artigos há qualquer alusão a esta modificação e mesmo, nenhum outro decreto ou lei anteriores existem a êste respeito.

A lei já inicia seu texto usando o termo Instituto. Vamos transcrevê-la :

Art. 27 — O Instituto Bacteriológico do Estado tem por fim :

§ 1 — O estudo da microscopia e bacteriologia em geral e, especialmente, com relação à etiologia das epidemias, endemias e epizootias mais freqüentes no Estado.

§ 2 — O preparo e acondicionamento dos produtos necessários à vacinação preventiva e aplicações terapêuticas que se tornaram indicadas.

§ 3 — Os exames microscópicos necessários à elucidação do diagnóstico clínico.

Art. 28 — Os trabalhos do Instituto serão executados por ordem ou autorização da diretoria sanitária e o Instituto estará sempre pronto para elucidar questões que forem propostas pelas municipalidades.

Art. 29 — Encarregar-se-á, também, de trabalhos particulares que serão pagos de conformidades com uma tabela que será aprovada pelo Governo.

Art. 30 — O Instituto Bacteriológico terá o seguinte pessoal :

1 diretor

3 ajudantes

2 serventes

Art. 31 — Em seu impedimento, será o diretor substituído pelo subdiretor e êste por um dos ajudantes, designado pelo diretor do Serviço Sanitário.

— 1 —

A ESCOLHA DE FÉLIX LE DANTEC

Quando foi criado, pela lei n.º 43, o Laboratório de Bacteriologia, normal seria os responsáveis por êsse ato, procurarem, imediatamente, a sua concretização. Assim, logo foram encetados os trabalhos, que principiaram

com a procura de alguém de capacidade comprovada, para a instalação e organização da nova casa de pesquisas.

Foi nessa ocasião que o Governo paulista solicitou em França, por intermédio de nosso embaixador Gabriel Toledo Piza e Almeida (28), a indicação de um nome para, em São Paulo, executar o trabalho já iniciado. Pasteur, nome imortal da Biologia, foi consultado e apontou um de seus discípulos: Félix Alexandre le Dantec (29).

É esta a carta que o embaixador brasileiro em Paris dirigiu a Cerqueira César:

“Paris, 29 de junho de 1892.

Senhor vice-governador,

Tenho a honra de acusar-vos recebido o officio que me dirigistes em data de 14 do mês de maio próximo passado, pelo qual solicitastes a minha coadjuvação a esse Governo no intuito de serem montados nessa Capital, um Instituto Bacteriológico e outro de Análises Químicas, auxiliares indispensáveis ao Serviço Sanitário do Estado.

Para dar pronta solução ao assunto, dirigi-me sem perda de tempo aos ilustres professores Pasteur e Fouqué, membros do Instituto de França, pedindo-lhes ao primeiro, que me indicasse um especialista capaz de dirigir um Instituto de Bacteriologia e ao segundo, um químico nas condições de montar e dirigir o de Análises Químicas. A cada um dos professores incluí a respectiva carta explicativa a eles dirigida pelo sr. doutor Henrique Gorceix (30) e que me vieram às mãos com o vosso officio.

Em resposta à minha carta, o ilustre sábio Pasteur recomendou-me para dirigir o Instituto de Bacteriologia, “como pessoa muito digna sob todos os pontos de vista” o seu discípulo Félix le Dantec, antigo aluno da Escola Normal Superior, doutor em Ciências Naturais, preparador do Instituto Pasteur, etc., etc.”.

Esta carta do Ministro Piza ainda se prolonga em citações ao engenheiro-químico Marcel Lachaud, que o professor Fouqué e o sábio Schutzenberger indicaram para dirigir o Laboratório de Análises Químicas.

Ao mesmo tempo que o embaixador Piza endereçava a carta acima transcrita, remeteu ao vice-presidente de São Paulo um outro officio por ele recebido do dr. Le Dantec. Eis:

“Paris, le 20 juin 1892.

Monsieur le Ministre

J'ai eu l'honneur de me présenter à vous le 10 de ce mois, porteur d'une lettre de mon illustre maître Monsieur Pasteur.

(28) — Gabriel de Toledo Piza e Almeida era médico formado nos Estados Unidos. Nasceu em Capivari (Estado de São Paulo), em 27 de setembro de 1851, sendo embaixador brasileiro em Berlim e Paris.

(29) — Félix Alexandre le Dantec, biologista francês, nascido em Plougastel-Daoulas em 1869 e morto em Paris em 1917. Depois de ter sido aluno da Escola normal superior (1885-1888) entrou para o Instituto Pasteur, foi enviado em missão a Laos (1889-1890), como membro da missão Pavie, depois ao Brasil, onde Pasteur o encarregou de fundar um laboratório para o estudo da febre amarela. Tornou-se (1893) mestre de conferências na Faculdade de Lyon, onde estudou o câncer e por fim foi encarregado do curso de embriologia geral na Sorbonne (1899). Le Dantec teve, em biologia, idéias fecundas, das quais a mais rica em consequência é a de assimilação funcional, deduzida do principio do uso e do desuso de Lamarck. Transformista convicto, Le Dantec publicou um número considerável de obras científicas, entre as quais, além de sua tese inaugural “La digestion intracellulaire”, é necessário citar: “La matière vivante” (1895); “Théorie nouvelle de la vie” (1896); “Evolution individuelle et hérédité” (1898); “La sexualité” (1899); “Lamarckiens et darwiniens” (1900); “Traité de biologie” (1903); “Introduction à la pathologie générale” (1906); “La crise du transformisme” (1910); “La science de la vie” (1912); etc.. Devemos-lhe ainda as obras filosóficas: “Le conflit” (1901); “L'athéisme” (1906), e “L'égoïsme, base de toute société” (1911).

(30) — Henrique Gorceix, cientista francês, foi o fundador e o primeiro diretor da Escola de Minas Ouro Preto.

Vous avez bien voulu me demander de vous fournir le plus tôt possible un état des dépenses qu'entraînerait la création du laboratoire et un exposé des conditions dans lesquelles j'accepterais de le monter et de le diriger.

En aussi peu de temps que celui qui s'est écoulé depuis, il ne m'a pas été possible de dresser une liste absolument complète des objets nécessaires à la constitution de ce laboratoire ; je me suis seulement efforcé de me rendre compte de la dépense qu'entraîneraient les achats indispensables ; je me suis occupé en même temps des provisions nécessaires au fonctionnement du laboratoire pendant une période assez longue, de façon à n'être pas forcé de recourir de nouveau aux fournisseurs européens pendant cette période et à éviter ainsi des longueurs et des retards désagréables.

Il m'a semblé que, dans ces conditions, la somme de 15.000 francs pouvait être considérée comme un grand maximum du prix d'achats des appareils, des provisions de produits chimiques et des livres indispensables. Il serait pourtant bon qu'un crédit annuel d'environ 2.000 francs soit alloué au laboratoire pour les besoins éventuels qu'on ne peut prévoir d'avance.

J'ai fait le calcul de ces dépenses pour l'installation, non pas d'un laboratoire dans lequel je travaillerais seul mais bien d'un laboratoire dans lequel je ferais des élèves. J'ai en effet l'intention d'y faire un cours de technique microbiologique analogue à celui qui se fait à l'Institut Pasteur en 40 leçons et qui rend les élèves capables de travailler par eux-mêmes.

Il faudra que je fasse en outre, un cours théorique de biologie générale (fermentations, maladies microbiennes, résistance des tissus à l'invasion des microbes, vaccination, immunité, etc.) qui mettra au courant des parties de la science moderne utiles au but que vous vous proposez, les élèves que le cours technique formera en même temps au point de vue pratique.

Comme vous le voyez, Monsieur le Ministre, le programme que je me trace est très chargé puisqu'il comporte deux cours et la direction d'un laboratoire. Vous déciderez vous-même s'il est convenable que j'emmène à São Paulo un aide déjà au courant des pratiques du laboratoire ou si vous croyez que je trouverai là-bas un jeune savant déjà assez avancé pour que je puisse le mettre à même de me seconder en quelques mois. Je souhaiterais pour cette seconde hypothèse fût vraie.

Monsieur Gorceix a bien voulu s'occuper d'offrir à nos camarades communs de l'École Normale Supérieure, des conditions parfaitement déterminées pour installer à São Paulo des services beaucoup moins chargés que celui dont j'aurai l'honneur de prendre la direction. Je lui ai écrit pour lui demander de vouloir bien se charger de préparer également pour moi un contrat avec le Gouvernement de São Paulo ; je désirerais vivement, Monsieur le Ministre, que ce contrat vous fut adressé le plus tôt possible afin que je puisse commencer aussitôt les achats nécessaires à la contribution du Laboratoire.

Ce contrat comprendrait : 1^e. la fixation de la somme allouée une fois pour toutes, au laboratoire, pour sa fondation, et de la somme annuelle destinée aux dépenses non prévues ainsi qu'aux abonnements à des publications indispensables. 2^e. la fixation d'un temps minimum de durée du contrat. 3^e. la fixation du traitement attribué au Directeur du Laboratoire, et, s'il y a bien, à son assistant français.

Je sais, Monsieur le Ministre, que vous aurez plein pouvoir pour apporter à ce contrat des modifications de détail et pour régler les questions accessoires, comme celles du transport du matériel, etc. Si vous voulez me le permettre, par conséquent, dès que vous aurez reçu communication du contrat qui me sera proposé par le Gouvernement de São Paulo, je me rendrai chez vous sur votre invitation pour discuter avec vous, s'il y a bien, et signer ensuite le contrat proposé qui, je l'espère, me conviendra pleinement.

Je ne parle pas du local destiné au laboratoire je pense que le Gouvernement de São Paulo pourra mettre à sa disposition quelques pièces suffisamment éclairées avec une ou deux fenêtres donnant au sud pour que l'observation microscopique ne soit pas gênée par le soleil, une canalisation d'eau et de gaz et une hotte. Un tel local sera tout à fait suffisant, provisoirement du moins. Si la construction d'un bâtiment spécial était reconnue nécessaire ultérieurement, il vaudrait mieux que j'assistasse moi-même sa construction, mais je crois que ce sera tout à fait inutile.

Je vous prie encore, Monsieur le Ministre, de vouloir bien demander que ce contrat vous soit adressé sans retard, car je ne puis commencer les achats avant de savoir si le Gouvernement de São Paulo accepte la limite probable que je fixe à la dépense d'installation et si les conditions que me sont faites peuvent me convenir.

Veillez agréer, Monsieur le Ministre, l'assurance de mon profond respect et de ma haute considération.

a) Félix le Dantec

Ancien élève de l'École Normale Supérieure, Docteur-ès-sciences, préparateur de Monsieur Pasteur.

Institut Pasteur, 25 rue Dutot.

À Monsieur le Ministre du Brésil à Paris".

Por esta carta de Le Dantec, vê-se perfeitamente suas intenções de formar aqui em São Paulo, não somente um Laboratório, mas, também, um grupo de alunos, aos quais ministraria dois cursos de Microbiologia, semelhantes aos existentes no Instituto Pasteur de Paris, que, depois de 40 aulas, colocava o aluno em condições de trabalhar por si mesmo. Um deles seria de Biologia Geral, curso teórico, versando sobre fermentação, moléstias microbianas, resistência dos tecidos à invasão dos micróbios, vacinação, imunização, etc..

Seria um belo programa, não resta dúvida, se Le Dantec (31) o cumprisse. Nada disto, entretanto, êle fêz, limitando-se apenas a algumas culturas de febre amarela, que, depois de quatro meses de Brasil, levou consigo para a França.

Provavelmente Félix le Dantec tivesse vindo a São Paulo de antemão interessado em estudar e colhêr materiais para tentar desvendar o mistério da febre amarela. O próprio Cesário Mota Jr. deixa transparecer seu desagrado diante desta atitude do biologista francês, quando disse: "*o professor Le Dantec, que se contratara para dirigir os trabalhos dêsse Instituto, apenas iniciada a sua instalação, se retirou para a Europa, sem mais outro serviço que o de fazer algumas preparações sobre assunto da febre amarela, preparações que levou consigo ao retirar-se, sendo, ao que parece, êste seu único intuito ao vir ao Brasil.*"

Infelizmente Le Dantec não confirmou a recomendação de Luís Pasteur, que afirmara ser seu aluno digno sob todos os pontos de vista. Talvez estejamos fazendo uma injustiça, por desconhecermos, ao certo, os motivos que o levaram a deixar São Paulo, mas, o que diz Cesário Mota Jr. parece-nos seja a dedução imediata e lógica (32).

(31) — O jornal "O Estado de São Paulo", de 15 de dezembro de 1892, publicou esta nota: "Instituto Bacteriológico — Chegou a esta cidade o dr. Félix Le Dantec, professor da Faculdade de Ciências de Dijon e ex-preparador do Instituto Pasteur de Paris, que foi contratado pelo Governo de São Paulo para estabelecer e dirigir o Instituto Bacteriológico desta Capital."

(32) — Sérgio Meira defendendo o dr. Le Dantec, diz:

"Todos os que estiveram em contato com M. Le Dantec sabem como êste habilíssimo bacteriologista sentia-se contratado com qualquer referência à parte pecuniária do contrato celebrado em Paris, sabem mais, que um simples desejo de proceder os estudos sobre febre amarela manifestado com certa amistosidade pelo velho Pasteur, foi a ordem expressa que determinou o distinto profissional a embarcar para o Brasil. Finalmente não ignoram a perfeição e limpeza dos primeiros trabalhos feitos no Laboratório de Bacteriologia e podem dar o mais cabal testemunho da sofreguidão e heroísmo com que êle se atirava aos hospitais de Santos e desta Capital para colhêr nos próprios doentes tudo quanto despertasse suspeita de conter o micróbio amarelígeno, sendo de notar-se que o próprio M. Dantec não desconhecia o enorme perigo de ser infeccionado, por isso que não estava acimado, acrescento ainda que não havia muito tempo, o Instituto Pasteur, perdera um de seus auxiliares, no Egito, onde fôra comissionado pelo Instituto para estudar a epidemia que então devastava o reino africano.

Desgostado e desgostoso o incansável microbiologista teve necessidade de interromper os seus estudos magistralmente iniciados, regressando para a Europa, legando-nos o pesar de continuar na ignorância sobre a natureza dêsse implacável inimigo cujas mortíferas devastações se traduzem pelo nome de "febre amarela".

III

Le Dantec, "hábil e ilustre professor", chegou a São Paulo no mesmo ano da criação do nável Laboratório, ou melhor, no dia 15 de dezembro, tomando posse de sua direção, no mesmo mês. ("O Estado de São Paulo", de 15-12-1892).

O professor Le Dantec, autor de várias obras científicas de importância sobre o parasitismo intracelular e protozoários, muitas das quais feitas na Ásia, onde esteve comissionado, montou o Laboratório e iniciou suas atividades.

Estudou diversos casos de febre amarela e preparou meios de cultura indispensáveis aos estudos bacteriológicos.

Le Dantec conseguiu isolar, do vômito preto, um bacilo que se mostrava constante e que após estudá-lo, acreditou ter chegado a algumas conclusões positivas. Dêsse bacilo do bacteriologista francês é que Olinto Dantas escreve, comentando a terapêutica do "tifo amarelo": "ou se trate do micróbio descoberto pelo eminente dr. Domingos Freire" (mais adiante tratamos particularmente do dr. Freire); "ou de um que se diz encontrado pelo insigne bacteriologista Le Dantec, que, me afirma colega competente, levou para a Europa belas preparações, mas até hoje em absoluto silêncio."

De fato, Le Dantec, com licença do Govêrno, se retirou de São Paulo, levando consigo as culturas de bacilos que hipoteticamente julgava ser da febre amarela, pretendendo prosseguir seus estudos em Paris.

Ao abandonar o cargo de diretor do Laboratório de Bacteriologia, foi substituído em 6 de abril de 1893, por Adolfo Lutz, sobre o qual assim se expressou: "é um brasileiro capaz de dirigir o Laboratório", frase esta que muito contribuiu para que Cesário Mota o nomeasse substituto (33).

O biologista francês deixou a direção do Laboratório em 5 de abril de 1893, sendo, como já vimos, substituído por Adolfo Lutz, já nomeado sub-diretor em 18 de março, quando regressou de sua viagem às ilhas do Havaí, para onde fôra a convite do professor Paul G. Unna, de Hamburgo, estudar a lepra no Leprosário de Molucaí. Lutz permaneceu nesse posto, em caráter interino, até 18 de setembro de 1895, quando, então, foi nomeado diretor efetivo.

O Laboratório de Bacteriologia, em 1892, nada ou quase nada produziu, visto ter sido criado em meio do ano e o dr. Le Dantec ter assumido sua direção somente em dezembro. Não houve tempo para grandes coisas.

Já no ano seguinte, os trabalhos tiveram bom ritmo, com algumas dificuldades naturais de princípios de uma instituição, como sejam, organização e instalação. No resumo dos trabalhos efetuados de 1892 a 1908, por Adolfo Lutz, podemos ler que também a mudança de sede foi um sério obstáculo

(33) — Publica "O Estado de São Paulo" em 6-4-1893 "Instituto Bacteriológico. Em substituição ao dr. Le Dantec assumiu o cargo de diretor do Instituto Bacteriológico, o dr. Lutz, vice-diretor."

para o desenvolvimento dos trabalhos já iniciados, devido ao levantamento de poeiras: "por mais cuidado que se tivesse tido, o ar do Laboratório ficou muito contaminado por poeiras ricas em germes". Isso obrigou os pesquisadores a refazerem as culturas contaminadas e por conseguinte, a repetirem as sementeiras.

Outro problema era a falta de animais de laboratório tão necessários e indispensáveis para o prosseguimento das diversas experiências iniciadas.

Enquanto Le Dantec era diretor e mesmo depois de seu afastamento, quando Adolfo Lutz assumiu o posto, era médico auxiliar Artur Vieira de Mendonça, preenchendo desta forma, o quadro estabelecido por lei.

O dr. Vieira de Mendonça, com o afastamento de Le Dantec, automaticamente passou a subdiretor, no lugar de Lutz, que, por sua vez galgou a direção.

Foram ainda nomeados em 1893, no dia 27 de abril, o dr. J. Roxo e, a 1.º de novembro, o dr. Coriolano Barreto Burgos. O dr. Roxo faleceu no ano seguinte, no dia 15 de novembro, com perfuração do intestino, acometido de febre tifóide, sobre o que assim disse o dr. Adolfo Lutz:

"Foi muito sentida a perda deste colaborador assíduo e companheiro apreciado não só pelo pessoal do Laboratório, mas também por todos os empregados da Inspeção de Higiene.

Não podemos atribuir este triste acontecimento a uma infecção do Laboratório, como foi suposto por alguns, mas temos razões para supor que a moléstia foi apanhada na ocasião de visitar algum doente em observação clínica".

O dr. Burgos, na mesma ocasião, em 1894, solicitou sua exoneração. Já nesta época existiam dois cargos de servente.

No ano de 1893, as atividades do Instituto Bacteriológico tiveram relativo vulto. Principalmente a epidemia de cólera, que surgiu na Capital e em alguns outros pontos do Estado, sorveu quase que a total atividade do incipiente Instituto.

A malária, a lepra, a hidrofobia, a febre amarela, a febre tifóide, a peste bubônica, a difteria, a tuberculose e diversas outras moléstias preocuparam a direção do Instituto, além dos exames de água, de escarro, de saliva, de sangue, de fezes, de urina, de suco ganglionar e uma série enorme de outros, solicitados pelo próprio Governo ou mesmo por particulares.

O surto de cólera havia surgido na Hospedaria dos Imigrantes, sendo destacado, em comissão, o dr. J. Roxo, para o serviço de desinfecção, no período de 14 de agosto a 12 de novembro de 1893.

Em 1.º de dezembro Lutz escrevia ao secretário do Interior o seu relatório sobre a cólera, dizendo que, por solicitação de médicos da Imigração, havia procedido ao exame de dejeções líquidas com a suspeita de se tratar da cólera asiática.

Apesar de, no Laboratório, não ter, até aquela data, se preocupado com o problema colérico, Lutz, baseando-se em trabalhos e investigações sobre epidemias mais atuais, surgidas na Europa, conseguiu, em meios de cultura, um desenvolvimento enorme do bacilo vírgula.

Assim, 10 horas mais tarde, após os exames, foi possível a afirmação quase absoluta de que a moléstia suspeita era, de fato, cólera-morbo.

Estribando-se nas descrições de renomados autores, o diagnóstico foi confirmado, já que o bacilo vírgula isolado no Instituto tinha os mesmos caracteres dos descritos nas obras científicas, e idêntico aos de uma cultura de cólera existente no Laboratório. Esta última cultura, oriunda do Instituto Pasteur de Paris, tinha a seguinte inscrição: "Cholera de Calcutta", que, certamente, descendia das culturas originais de Robert Koch, que esteve estudando a cólera na Índia.

Não restava mais dúvida. Além desses exames de laboratório, o dr. Lutz levou a efeito a autópsia, solicitada pelo corpo médico da Imigração, de duas meninas, o que lhe permitiu fazer esta afirmação definitiva: "Em consequência, tanto dos resultados da autópsia como do exame bacteriológico, chegamos à conclusão que a menina faleceu de cólera asiática legítima", referindo-se a um dos dois casos.

Os primeiros casos de cólera asiática observados foram em 11 de agosto. Tratava-se de imigrantes recém-vindos da Europa pelos vapores "Rei Umberto", "Colombo" e "Provence", que saíram de Nápoles a 20 de julho anterior.

O surto, então, espalhou-se pela cidade, com um total de 23 mortos em agosto, 28 em setembro, para diminuir em seguida. Em outubro somente dois óbitos se registraram.

Daquelas vinte e três mortes de agosto, 11 ocorreram na Hospedaria dos Imigrantes e as outras doze no Hospital de Isolamento do Cambuci, dos quais, 9 vieram da Imigração.

O dr. Jaime Serva (34) diz:

"O pânico, que tão desagradável notícia trouxe a nossa população, tem sido dominado pela confiança que a todos tem inspirado as acertadas resoluções tomadas pelos poderes competentes para debelar o mal e tal é a confiança que, podemos dizer, não trouxe isto a menor alteração aos nossos hábitos e aos interesses gerais da sociedade; em nada, por ora, foi perturbada a marcha dos nossos negócios nem sofreu de forma alguma o movimento da cidade, vindo provar isso que nossa população está confiante no alto pessoal ao qual está entregue a nobre missão de providenciar sobre a higiene e salubridade do meio em que vivemos.

De fato, graças às acertadas medidas tomadas pelo Governo e pelas autoridades sanitárias representadas pela Diretoria de Higiene, que incansáveis têm procurado circunscrever o mal por todos os lados ao seu alcance, dando verdadeira batalha a tão ingrato e cruel hóspede, é de supor e tudo faz erer que não tenhamos a lamentar a explosão de uma epidemia dessa ordem entre nós".

Pelas palavras de Jaime Serva, vemos quão amplas foram as medidas tomadas pelo Serviço Sanitário e particularmente pelo Instituto Bacteriológico e foram tão eficazes, que logo foi a epidemia circunscrita e debelada, como notamos pelos 2 óbitos ocorridos em outubro, depois dos 51 registrados nos dois meses anteriores.

— 1 —

ALGUMAS RARIDADES

Do relatório do ano de 1893, destacamos alguns dados interessantes. Diz que o Instituto nada recebia pelos exames que realizava, porque parecia

(34) — Médico do Serviço de Demografia.

imperioso torná-lo merecedor da confiança dos médicos e acostumá-los a se dirigirem ao Instituto "nos casos raros ou diagnóstico difícil".

Foram recebidos para exame alguns tumores e aquêles de maior curiosidade científica, depois de estudados, ficaram acrescentados à coleção do Instituto. Dentre essas anomalias, merece destaque um tumor dermóide, da cavidade abdominal de um pato, com grande quantidade de penas em formação, que corresponde, em relação aos mamíferos, aos tumores repletos de pêlos.

Outra peça curiosa foi remetida pelo dr. Faria Rocha. Tratava-se de uma tênia pequena, de uma criança. Foi identificada : *Taenia flavopunctata*, idêntica a uma tênia do rato, bastante vulgar em São Paulo, com o nome de *T. leptcephala* ou *diminuta*. Não obstante ser comum no rato, ela só havia sido encontrada como hospedeira do homem, quatro vêzes, sendo êste o quinto caso conhecido.

Outra tênia, nada comum, *Hymenolepis nana*, foi localizada nas fezes de uma criança de São Paulo. Êste achado merece destaque pelo fato de ter sido, até aquela data, encontrada sòmente no Egito e na Itália. Belgrado, Buenos Aires, Estados Unidos e São Paulo, foram os quatro únicos lugares que constatarem êsse fato uma única vez.

— 2 —

NOVO SURTO DE CÓLERA

O pessoal do Instituto, durante o ano de 1894, foi aquêle que já mencionamos : os drs. Vieira de Mendonça, Coriolano Barreto Burgos e J. Roxo. Até novembro permaneceram os três médicos, sendo que, por falecimento do dr. Roxo e exoneração do dr. Burgos, o Instituto ficou apenas com o dr. Mendonça. Novos médicos foram nomeados sòmente no ano seguinte, em 1895.

Novamente, em fins do ano de 1894, surgiu outra invasão da cólera asiática, que tomou de assalto boa parte do interior do Estado. Surgiu sob forma epidêmica em São Simão e Cachoeira, e pouco depois, na Capital.

Em São Simão logo desapareceu, prosseguindo, no entanto, a grassar nas margens do Paraíba e na Capital do Estado, durante os dois últimos meses de 1894 e janeiro de 1895.

Êste surto de cólera asiática do vale do Paraíba teve origem em Cachoeira, alastrando-se daí para as cidades vizinhas. Não se sabe bem como apareceu, mas presume-se tenha sido trazido por imigrantes que, por algumas horas, pararam em Cachoeira, deixando à beira da estrada de ferro, dejeções que foram infiltradas na terra ou levadas para o rio Paraíba, pelas chuvas abundantes daquelle dia.

Devido às notícias da doença naquela cidade, o dr. J. J. da Silva Pinto Jr., diretor-geral do Serviço Sanitário, mandou à Cachoeira o dr. Henrique Thompson, que embarcou no dia 20 de novembro, diagnosticando lá, a cólera asiática. No dia seguinte chegou o dr. Lutz, que, realizando exames microscópicos, constatou os bacilos vírgula que vieram confirmar a observação primitiva.

A epidemia se alastrou para Cruzeiro, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Lorena, São José do Barreiro, Queluz, Taubaté e outros pontos do Estado.

Casos de São Carlos do Pinhal, Taubaté, Barueri e Guaratinguetá foram examinados e positivados, com exceção dos das duas últimas cidades, talvez, como diz Adolfo Lutz, pela demora que sofreram guardadas as dejeções.

O surto era gravíssimo.

Na Hospedaria dos Imigrantes, durante a noite de véspera de Natal, começaram a aparecer doentes. Dos 5 mil imigrantes que lá existiam, cerca de dois mil apresentaram vômitos e diarréias. Seria a cólera? Foram feitos exames de dejeções e, felizmente, não foi constatado o bacilo vírgula. A disenteria não era colérica, mas muito semelhante. Os dois mil doentes tinham sido apenas intoxicados pelo bacalhau que haviam comido naquele dia. Morreu um dos enfermos que não resistiu ao envenenamento.

Os dois surtos de cólera-morbo aparecidos em São Paulo, êste de 1894 e o do ano anterior, vieram dar razão às palavras de Marcos Arruda, que, anos antes, haviam sido escritas, profetizando um surto desta moléstia, caso não fôsem tomadas as providências higiênicas que tanto apregoava. (Ver o relatório de 1886 da Inspetoria de Higiene, no início dêste trabalho).

— 3 —

CROUP

Nesse ano de 1894, foram constatados 4 doentes de difteria e mais 3 no início de 1895. Sete casos positivos. Era um dos pequenos surtos da moléstia, que, de quando em vez surgia em São Paulo e que rapidamente se extinguia.

Foram feitos belos trabalhos de pesquisas, em 1895, versando sobre aquela doença, também conhecida por *croup* e que apesar de em São Paulo aparecer esporadicamente em forma de pequenos surtos que não podiam ser considerados graves, não era o problema merecedor de descuido. "... não deixa de ter sua importância," disse Adolfo Lutz no relatório de 1895, que termina com estas conclusões:

"Sendo as membranas da faringe sempre contaminadas com micróbios da saliva e às vezes muito antiga e alterada, o exame direto torna-se menos conclusivo e convém empregar o processo das culturas. Por êste modo obtivemos nestes últimos 2 anos, 19 resultados positivos, sem contar os casos onde mais tarde foi feita a autópsia. O bacilo da difteria só faltou nas culturas quando as membranas tinham sido expostas ao contato de antissépticos, quando eram limitadas às tonsilas e, finalmente, no caso, já referido, de angina pseudomembranácea no sarampo. É forçoso concluir que os casos de difteria, observados em São Paulo, não diferem, por sua etiologia, dos casos observados em outros lugares e são causados pelo bacilo de Loeffler. Das outras bactérias, acusadas como causadoras de processos diftéricos ou crouposos, podemos reconhecer apenas uma certa importância aos estreptococos que, já por si, podem produzir anginas violentas, mas não podemos aprovar o estabelecimento de uma difteria a estafilococos, a bacilo *coli*, etc., baseados apenas sobre o fato que êstes micróbios foram os únicos a nascer nas culturas de uma ou outra membrana tirada da bôca de um doente.

Convém também, mencionar aqui, que as denominações *croup* e "difteria" não se referem a moléstias diferentes, mas designam o mesmo processo patológico, cuja virulência e intensidade são muito variáveis. Por isso seria melhor abandonar completamente o nome *croup*, que já quase não se usa mais na medicina científica moderna."

Outros trabalhos se realizaram. Foram estudadas as febres tifóide e amarela, a pneumonia, e feitos estudos diversos sobre micróbios, parasitos, bactérias patogênicas, cromogênicas, fosforescentes e saprófitas, além dos plasmódios de Laveran e uma série de outros trabalhos de importância.

Dêsses estudos, entretanto, os que merecem destaque, são os referentes à febre tifóide que se manifestava, no ocaso do século passado, com grande intensidade, sendo, por isso, considerada, entre as moléstias agudas, a de maior importância em São Paulo.

“O número de casos fatais só pode ser apreciado lembrando-se que a metade dos médicos (sobre os atestados dos quais se baseia a estatística da mortalidade) continua a classificar esta moléstia como febre palustre, até nos casos onde houve manifestamente peritonite por perfuração do intestino. Mas, o número de casos que saram depois de prolongada moléstia será, talvez, dez vezes superior ao dos casos fatais e, comparado com a da população, mostra uma porcentagem que dá muito que pensar”.

Como dissemos antes, neste ano de 1895, foi feita a substituição ao dr. Roxo, sendo nomeado, para seu lugar, o dr. João Teixeira Álvares, em fins de Janeiro. Em princípios de outubro saiu a nomeação do dr. Johannes Paulsen, para a vaga do dr. Burgos. O dr. Teixeira Álvares, antes de ser nomeado assistente nos últimos dias de janeiro, já vinha trabalhando desde o princípio do mês, dentro do Instituto.

— 4 —

O PROBLEMA DA ENCADERNAÇÃO

A coleção anátomo-patológica continuou se enriquecendo de tumores e outros mais objetos patológicos.

A biblioteca igualmente se avolumou, contendo quase tódia a literatura médica moderna, no que diz respeito à bacteriologia e moléstias tropicais. Havia assinatura de jornais e revistas científicas do Brasil e do estrangeiro.

Se a biblioteca era pequena, cabe a maior dose de culpa à verba destinada a êsse fim, bastante reduzida e à despesa de encadernação. Sobre a encadernação, é interessante notar a displicência e demora das oficinas oficiais, como mostra o relatório de 1906 do Instituto, em que o dr. Adolfo Lutz, relembrando o officio n.º 348 de 25 de julho daquele ano, faz notar que o dr. Gustavo de Godói, secretário do Interior, manda que se encaderne os volumes do Instituto Bacteriológico, no “Diário Oficial”, já que era gasto dinheiro para êsse fim, em oficinas particulares.

A determinação do secretário do Interior foi acatada e no dia 28 do mesmo mês foi solicitada, nas oficinas do “Diário Oficial”, a encadernação de exemplares dos periódicos: “Archiv fur Schiffs-und TROPEN-Hygiene”; “Archiv fur Protistenkunde”; “The Journal of Tropical Medicine” e “The Lancet”, que até o dia 8 de janeiro do ano seguinte, isto é, 1907 (data da reclamação do dr. Lutz), não haviam sido devolvidos. Quatro volumes que dentro de um prazo de praticamente um ano, não foram encadernados!

Por esta razão eram enviados às oficinas particulares todos os volumes que reclamavam encadernação, devido serem obras de constantes e necessárias consultas, não podendo de forma alguma “dormirem o sono da eternidade” nas oficinas do Estado, como aconteceu a vários volumes do “Brasil Médico”, enviados em 3 de junho de 1904, para serem encadernados. Os volumes do “Brasil Médico” estavam naquelas oficinas há quase três anos.

IV

O ano de 1896 representa para o Instituto Bacteriológico, o marco inicial de nova fase.

É agora que se instala, definitivamente, com sede própria, construída para receber o Instituto que até esta data se sentia "afogado" em prédios não adequados, acanhados e impróprios.

O novo prédio foi construído nos terrenos do Hospital de Isolamento, hoje Hospital Emílio Ribas, na estrada do Araçá, depois avenida Municipal e em nossos dias Avenida Dr. Arnaldo (entre as atuais avenidas Dr. Arnaldo e Rebouças e praça Clemente Ferreira). A mudança se fez nos princípios de novembro de 1896, entretanto, sem antes estarem terminadas as rês de água e gás, por falta de tubulação, o que dificultou o normal andamento dos laboratórios.

O edifício havia sido, anteriormente, planejado para que fôsse dotado de amplas instalações, suficientes para atender às necessidades do Instituto que, dia a dia, vinha sofrendo as conseqüências do aumento ininterrupto de serviços, dentro da antiga sede, já incapaz de acomodar novas instalações.

A construção ficou a cargo da Superintendência de Obras Públicas, cujo diretor era o dr. Inácio Wallace da Gama Cochrane (filho do médico inglês Thomas Cochrane), obedecendo ao plano do engenheiro sanitário e do diretor do Instituto.

Vamos mostrar como era o novo prédio.

É Adolfo Lutz quem fala :

"Eis, em poucos traços, a disposição do novo Laboratório. No primeiro andar tem uma grande sala com quatro janelas em direção ao sul, calculadas para receber quatro lugares de praticantes ; uma quinta janela é dirigida para oeste. Em caso de necessidade, podia-se acomodar mais uma mesa.

As mesas são bastante grandes para serem ocupadas por dois praticantes em caso de necessidade e têm a forma de *bureau ministre*, com muitas gavetas para papéis, preparações microscópicas, culturas, etc. São cobertas de vidro para evitar estragos e facilitar a limpeza. Atualmente existem quatro mesas das quais uma é destinada para o diretor, servindo as outras para o uso dos ajudantes.

Além destas mesas, possui a sala um armário para culturas e meios nutritivos e estufa a gás, regulada para a temperatura do corpo humano. Do lado do sul há mais um quarto para o diretor e a sala de recepção, convenientemente mobiliada, contendo também um armário para jornais de medicina e bacteriologia. Do lado do norte existe o patamar que dá entrada para uma sala com duas janelas que serve de escritório e biblioteca. Contém dois armários com livros, uma secretária e uma máquina de escrever. Há mais um quartinho onde estão colocados mais dois armários grandes, um deles servindo de galeria com paredes isoladoras e outro para cultura de gelatina, a qual deve ser regulada pela temperatura mais alta que a gelatina nutritiva possa suportar sem derreter-se. Há mais uma grande mesa de trabalho encostada à parede, onde são colocados os aparelhos seguintes : um micrótomo, um filtro Pasteur e um aparelho ligado ao encanamento de água ; abrindo uma torneira, fornece uma corrente de ar, podendo servir para a pulverização de éter nos micrôtomos de congelação e para os trabalhos de vidro. Produz, ao mesmo tempo, um vácuo que se pode utilizar nos processos de cultura anaeróbia.

Abaixo d'êste quarto há um outro, feito com paredes duplas para isolação mais perfeita, onde existe um armário de ferro completamente isolado, podendo receber uma tonelada de gelo e munido de um tanque para água resultando da fusão d'êste. Esta água é aproveitada para resfriar uma serpentina na qual circula a água que vai do encanamento para um tanque situado em baixo da estufa de gelatina. Pelo contato com êste tanque, o ar que entra na estufa fica resfriado e depois é levado outra vez à temperatura de 25°, mesmo quando a temperatura do ambiente é mais elevada.

Há um número suficiente de torneiras de água com bacias e bicos de gás para iluminação e trabalhos, em todos os lugares onde se podem tornar necessários.

Na altura do primeiro andar, ao lado do oeste, há um alpendre em parte coberto e fechado dos lados com vidraças, munido de gás e tanque de água, podendo, assim, servir para qualquer trabalho que não convenha fazer em quarto fechado.

Ao rés-do-chão do lado do sul, há dois quartos para empregados e uma grande peça correspondente à sala de microscopia, contendo a coleção de peças anatômicas e servindo, também, de depósito geral. Do lado do norte existe o quarto já mencionado, contendo o depósito de gelo e dois quartos escuros para trabalhos fotográficos com os aparelhos necessários para projeção e engrandecimento de fotografias e execução de fotografias de objetos microscópicos.

Abaixo do alpendre há um cômodo que pode servir de oficina, onde existe uma pequena turbina movendo um aparelho de centrifugação e outras pequenas máquinas.

Para oeste da casa estende-se uma área calçada e fechada com muros, onde é colocado o chalet, servindo de gaiola para animais de experiência; contém também uma cozinha, um quarto para empregado e um pequeno cômodo onde o ar deve ficar sempre livre de micróbios, sendo para êste fim, lavado e filtrado. Êste lugar servirá para certos trabalhos delicados, como colheita de sêrum, inoculações, etc.

A mobília da casa antiga foi completamente reformada e sômente a da sala de recepção e as mesas de trabalho foram compradas novas (35) ou feitas de propósito. A mudança foi feita sem despesa alguma, pelo pessoal e com os veículos do Desinfetório Central.

O consêrto da mobília velha, a colocação das prateleiras necessárias, assim como a construção dos aparelhos referidos foi determinada em combinação e executada debaixo da orientação do cidadão John Sherrington (36), engenheiro e por muitos anos gerente de uma grande casa de máquinas. É devido a sua vasta experiência, combinada com grande dedicação, que foi possível executar êstes trabalhos de um modo satisfatório com trabalhadores e matérias-primas provenientes desta cidade."

Em 1900, a "Revista Médica de São Paulo" publica esta descrição do Instituto:

"Construído em terrenos do Hospital (Hospital de Isolamento), compõe-se de dois pavimentos. No superior, encontram-se, à esquerda: sala de visitas, o gabinete do diretor e o salão ou laboratório em que trabalham os ajudantes.

À direita: a biblioteca e secretaria, uma pequena sala em que estão a grande geleira e o maçarico, que recebe a ventilação por meio de turbina.

Em seguida ficam um pequeno laboratório de química e sala destinada à preparação dos meios de cultura e limpeza dos vasilhames.

Ao fundo d'êsses compartimentos fica uma varanda ou terraço, com duas grandes pias e um aquário.

No pavimento inferior, à esquerda, ficam: a sala do zelador (que aí reside), um grande salão, que é o depósito de grande quantidade de vidros, reativos, aparelhos, drogas, etc. À direita: o *water-closet* e banheiro e um pequeno compartimento destinado à experimentação em animais.

Existem também: uma casa para conservação de substâncias que devem ser refrigeradas e dois compartimentos destinados a microfotografias.

(35) — A mobília nova do Instituto foi comprada de Carlos Scholz & Companhia pelo preço de Cr\$ 1.600,00.

(36) — Em abril de 1898, dia 22, o dr. Adolfo Lutz pedia ao diretor do Serviço Sanitário que se pagasse à viúva Sherrington, a importância de 490\$200, por trabalhos executados em 1897, por seu marido.

Em correspondência com a varanda superior, existe uma outra varanda, onde se encontra uma turbina que move o centrífugo (aparelho para separação de matérias sólidas em meio líquido).

Ao fundo do edifício está um grande pátio (biotério), onde estão os diversos animais em experiência, alguns soltos e outros em gaiolas, conforme as espécies.

Os principais aparelhos de que dispõe o Instituto são: estufa de Roux, de D'Arsonval, forno de Pasteur, duas geleiras, micrótomos diversos, quatro microscópios de Zeiss e Leitz, aparelhos de fotografias e grande número de pequenos objetos necessários a Instituto desta natureza.

Em armários encontram-se muitos órgãos e peças anatômicas.

É iluminado a gás e dispõe de abundância d'água, como tôdas as partes do Hospital".

Lemos ainda, em publicação do Serviço Sanitário, de 1906, esta descrição do Instituto Bacteriológico:

"O prédio em que funciona o Instituto Bacteriológico está situado em terrenos do Hospital de Isolamento. É um edifício de dois andares, em uma área com algumas construções menores. Tem entrada independente e está separado por um espaço bastante largo dos edifícios mais vizinhos que fazem parte do Hospital.

Recebe gás e água por meio dos encanamentos da cidade.

A sua construção data de 1896, tendo sido inaugurado em princípios de outubro dêsse ano."

A inauguração não foi em outubro, como diz o autor, mas em novembro.

"Antes disso, o Instituto Bacteriológico funcionava em prédio alugado, no centro da cidade, pela diretoria do Serviço Sanitário.

Em 1902 foi adicionado um pequeno sobrado destinado ao estabelecimento provisório de um laboratório de fermentações.

A sala de microscopia, voltada para o sul, é muito espaçosa e tem luz abundante, sem receber os raios diretos do sol. Possui uma grande estufa de Roux, uma geleira, uma estufa de aquecimento, um lavatório e quatro "bureau ministres" com bastante espaço e mais algumas mesas pequenas e armários para instrumentos e meios nutritivos.

Nas salas destinadas à biblioteca e às coleções, há três armários com livros e um com jornais, um grande armário e outros pequenos para coleções de peças patológicas.

Na sala de química há um armário e estantes para drogas.

No quarto dos serventes há dois autoclaves, uma estufa de parafina, mesas e armários.

No andar inferior, debaixo da sala de microscopia, há outra igual que serve de depósito geral, recebendo drogas, instrumentos e coleções menos usadas. Há dois quartos escuros para trabalhos fotográficos, um quarto bem isolado especialmente preparado, que serve para experiências de peste, dois quartos para moradia do zelador, latrinas e um espaço que pode servir para experiências.

No andar superior há um alpendre fechado, em continuação à sala de microscopia e outro aberto pelo qual se pode passar para o laboratório de fermentações e donde desce uma escada para a área.

Por baixo dêstes alpendres existe outro quarto de experiências e uma galeria onde há vários aparelhos movidos por uma turbina de água e entre êles um centrífugador.

Na área existem várias gaiolas para animais de experiência, em parte comunicando com espaços fechados com cerca de arame e um galpão podendo servir de estrebária para alguns animais. Tem mais duas áreas menores servindo para cães, com disposições necessárias para manter êsses animais em observação."

Isto era o Instituto Bacteriológico. Pequeninno, comparado com o que é hoje o hodierno "Adolfo Lutz".

No ano de 1896, em que foi inaugurado o novo Instituto, São Paulo era uma cidade bastante reduzida em superfície, fazendo-se paralelo com a

área atual. A cidade mal atingia as raias da avenida Paulista. Tudo era campo com algumas casas semeadas aqui e ali. O Instituto estava, portanto, longe, muito distante do centro. Era quase uma viagem em se considerando que os meios de transporte, que além de difíceis, eram bastante precários (37).

A condução foi um obstáculo para a fiscalização das obras. Não tinha o Instituto um veículo próprio, apesar de ter sido prometido pelo Governo, na ocasião da escolha do terreno.

— 1 —

NOVA REFORMA

Com a lei n.º 432, de 3 de agosto de 1896, que reorganizou o Serviço Sanitário, o Instituto Bacteriológico deixou de ter as funções de "preparo e acondicionamento de produtos necessários à vacinação preventiva e aplicações terapêuticas que interessarem à saúde pública", ficando à seu cargo estudos de problemas de diagnósticos de doenças infeto-contagiosas, isto é, um laboratório de pesquisas :

"Art. 21 — Ao Instituto Bacteriológico compete :

§ 1 — O estudo da microscopia-bacteriológica em geral e especialmente em relação à etiologia das epidemias, endemias e epizootias mais freqüentes no Estado.

§ 2 — Os exames microscópicos necessários à elucidação do diagnóstico clínico.

Art. 22 — Os trabalhos do Instituto serão executados por autorização da Diretoria Sanitária e o Instituto estará sempre pronto a elucidar questões que forem propostas pelos inspetores ou municipalidades, fundamentando-as por escrito.

Art. 23 — Encarregar-se-á de trabalhos particulares que serão pagos de conformidade com uma tabela aprovada pelo Governo.

Art. 24 — O Instituto terá o seguinte pessoal :

1 diretor (médico)

3 ajudantes

1 zelador

2 serventes

Art. 25 — Nos seus impedimentos, será o diretor substituído por um dos ajudantes designado pelo diretor do Serviço Sanitário."

Vê-se que o parágrafo 2 do artigo 27 da lei 240 já não mais existe.

Segundo as próprias palavras do dr. Lutz, era esta a finalidade do Instituto que dirigia :

"O Instituto Bacteriológico encarrega-se de fazer exames e análises relativas a qualquer assunto de sua competência. Esta não se limita à bacteriologia pura, mas estende-se a toda microscopia clínica, à patologia e anatomia patológica do homem e dos animais domésticos e ao estudo de qualquer processo infeccioso ou de origem parasitária. Compreende-se também o estudo de questões da higiene, da técnica ou da agricultura que se referem à bacteriologia ou à microbiologia em geral.

Estes exames serão feitos gratuitamente quando requisitados pelas autoridades, por estabelecimentos de caridade ou por doentes indigentes, sempre quando se tratar de

(37) — No dia 16 de fevereiro de 1897 Adolfo Lutz, faz a seguinte reclamação :

"O trecho da av. Paulista compreendido entre as ruas Augusta e Consolação fica em péssimo estado no tempo das chuvas. Sendo este o único caminho para o Instituto Bacteriológico, a situação não pode continuar." Julgou conveniente que o intendente de obras, "que tão solícito se tem mostrado em atender aos diversos melhoramentos nesta Capital", mandasse colocar guias e pedregulhos nos passeios no trecho referido, que ficaria assim, em condições de ser transitado.

especial interesse científico ou de utilidade pública. Nos outros casos os exames e análises serão remunerados.

O Instituto se reserva o direito de recusar exames e estudos que não prometem resultados correspondentes ao trabalho necessário ou que não têm interesse público ou que ocupariam tempo demasiado, prejudicando assim, trabalhos oficiais ou mais urgentes.

Damos em seguida, alguns exemplos de exames que poderão ser feitos neste Instituto :

1.º Exames relativos à higiene, técnica, etc. . Exame bacteriológico de água, gelo, bebidas, gêneros alimentícios, drogas, materiais para curativos, sem referência ao número e às espécies de microrganismos que contiverem. Experimentação de desinfetantes, de aparelhos de filtração e desinfecção, etc. Exames de patologia humana e animal. Exame anatómico, microscópico e bacteriológico dos órgãos e do sangue, das secreções e excreções provenientes do homem ou animais acometidos de moléstia infecciosa ou parasitária. Verificação de bacilos de Koch, de pneumococos, de bactérias de influenza, etc., nos escarros, do bacilo Loeffler em membranas crouposas, dos plasmódios de Laveran, do parasita da febre de Texas, de bactérias e embriões de filária no sangue, de amebas, coccídios e ovos de entozoários nas dejeções. Exames soroscópicos em casos suspeitos de febre tifóide.

Pesquisas de cilindros, hemátias, glóbulos do pus, embriões de filária, etc., na urina.

Exame histológico de tumores e fragmentos de tecidos removidos na ocasião de operações, etc." (38) (39).

— 2 —

A FEBRE TIFÓIDE

No início dêste ano de 1896, foi nomeado o dr. José Martins Bonilha de Toledo, em virtude de haver o dr. João Teixeira Álvares solicitado exoneração.

Os trabalhos de laboratório continuaram, como sempre, em bom ritmo, tendo diminuído um pouco de intensidade, pelas dificuldades já expostas, que residiam na construção da nova sede.

Entretanto, isto não foi motivo para serem relegados estudos diversos, como por exemplo, os da febre tifóide, os mais importantes do ano.

Foram vistos três casos fatais.

Era mais um avanço do mal.

A febre tifóide se avantajava a olhos vistos, numa proporção alarmante, provocando cerca de trezentos óbitos por ano. Seria o mesmo que a

(38) — Os preços cobrados pelo Instituto, foram estes :

"Os exames e análises serão pagos na razão seguinte :

Exames microscópicos diretos, verificação de bacilos de Koch, Loeffler, Hansen, de gonococos, pneumococos, etc., pesquisas de hematozoários e ovos de entozoários, experiências soroscópicas, etc., 20\$000.

Exames por meio de culturas, exames microscópicos de tumores por meio de cortes, verificação da hidrofobia por inoculação de animais : 30\$000-50\$000.

(Quando as pesquisas tornam necessário o emprêgo de animais de experiência êstes deverão ser fornecidos ou pagos pelo requerente).

Análises de água e outros trabalhos mais complicados com necessidade de viagens, etc., serão pagas mediante ajuste prévio, conforme o tempo e trabalho exigido.

Os objetos para exame devem vir bem acondicionados de modo a evitar qualquer contaminação dos invólucros pelo conteúdo e acompanhados de um pedido por escrito, definindo claramente a natureza do exame pedido. Deve-se evitar expressões vagas como "para análise", "para exame" quando se trata de pesquisas de um só organismo, como bacilo de Koch e de Loeffler ou hematozoário de Laveran.

Os pedidos devem ser assinados pela pessoa que requer o exame e se responsabiliza pelas despesas. Não se aceitarão objetos mal acondicionados ou não acompanhados de um pedido por escrito".

(39) — Eis o primeiro exame feito no Instituto, que descobrimos ter sido cobrado, conforme comunicação de Lutz ao dr. Emilio Ribas nestes termos: "Devolvendo-vos o officio junto, cumpre-me cientificar que no exame procedido foi encontrado o bacilo de Koch. Outrossim proponho-vos cobrar pelo exame 20\$000." Este officio fo escrito em 17 de janeiro de 1899.

perda de quase uma vida por dia, ou ainda de duas mortes por mil habitantes, num espaço de 12 meses.

"Febre remitente", "febre remitente palustre", "febre remitente tifóide", e "tifo malárico" eram os diagnósticos dos médicos. Isto tudo não passava de declarações errôneas, pois que na verdade nada mais era que febre tifóide.

Talvez não houvesse família, que não tivesse sentido os efeitos da febre tifóide e pago à morte a sua taxa na forma de um, dois ou mais elementos. Não raro, pessoas tinham a moléstia mais de uma vez.

Tornou-se assustadora a situação.

Os imigrantes constituíram as maiores vítimas. Os austríacos foram os mais atingidos. Aportaram e contraíram a febre, logo de início.

Formaram eles em São Paulo um núcleo que batizaram de Armstaetter, que foi um dos mais perigosos focos da chamada "febre paulista".

A doença aparecia concomitantemente aqui e ali e de preferência nas zonas mais sujas. Felizmente a água fornecida à população não havia sido ainda contaminada, e eis porque Adolfo Lutz achou de bom alvitre combater os passeios e piqueniques, tão comuns, nos lugares da cidade de onde vinha aquêle precioso líquido e ditar normas de combate e extermínio das moscas, bastante abundantes e responsáveis, em parte, pela transmissão da febre tifóide.

Dentre outros trabalhos, destacam-se os do dr. Bonilha de Toledo, que durante o ano de 1896 trabalhou, vamos dizer, em ritmo acelerado. Viu a febre tifóide e a febre amarela. Estudou uma série de bacilos, entre os quais citaremos "bacilo prodigiosus"; "bacilo vermelho de Kiel"; "bacilo vermelho do ar"; "estreptococo vermelho do ar"; "cocobacilo vermelho do ar", que foi isolado pelo dr. Lutz; "tórulo vermelho"; "bacilo roscó"; "bacilo amarelo do ar"; "bacilo amarelo M", isolado da bile de um amarílico; "sarcina amarela", etc., quase todos isolados da água e do ar por êle mesmo.

— 3 —

O MORMO

Em março de 1896, o diretor da Companhia de Viação Paulista comunicou ao Instituto Bacteriológico a existência de animais doentes (do serviço de bondes) que foram examinados e depois autopsiados, tendo o dr. Lutz a oportunidade de verificar várias lesões características do mormo. No dia 21 do mesmo mês, o dr. Artur Mendonça isolou do pus de origem nasal, o bacilo do mormo, vindo, assim, positivar o que a autópsia já havia definido.

Era esta a primeira vez que se diagnosticava o mormo em São Paulo. Provavelmente não fôsse a primeira vez que a moléstia se manifestava na Capital, como diz o próprio Lutz (há anos havia surgido animais doentes e cujo diagnóstico não poderia ser outro senão o mormo), mas, evidenciada bacteriológicamente, era sem dúvida, esta epizootia da Viação Paulista, a primeira.

"Não conhecemos exemplo de mormo humano entre nós, mas será bom que os clínicos se lembrem da possibilidade de aparecer fatos desta ordem e também convém to-

mar medidas para prevenir a extensão desta moléstia que não só produz prejuízos materiais, mas também é um perigo constante para o homem."

Com estas palavras, finaliza o dr. Lutz o seu relatório sobre o mormo em São Paulo.

— 4 —

INGRESSA VITAL BRAZIL

Em 1897, em 1 de julho, tomou posse o dr. Vital Brazil Mineiro da Campanha (40), (41), nome mais tarde célebre pelos estudos magníficos que fez sobre o ofidismo. O dr. Vital Brazil foi nomeado em substituição ao dr. Johannes Paulsen, que pediu exoneração em janeiro.

O quadro funcional cresceu. O dr. Lutz em vista da maior amplidão das novas instalações, distância da cidade e necessidade da manutenção da agora relativamente grande criação de animais de laboratório, conservou dois serventes (42) e o zelador Savério Felice. Foi criado um lugar de escriturário, o primeiro do Instituto, cargo este que nasceu em virtude do aumento constante dos serviços da secretaria, isto é, escrituração de officios, relação de contas, recebimento de dinheiro no Tesouro e demais trabalhos de escritório, que eram até então, feitos pelos próprios médicos e pela diretoria, em detrimento das pesquisas científicas. O cargo foi criado e no dia 5 de janeiro de 1897 foi nomeado para ocupá-lo, Francisco Gaspar Martins.

Foi no comêço do ano construído pelo "hábil marceneiro" Samuel Piegaia (43), um viveiro para passarinhos e gaiolas para animais, além de diversos armários e estantes para livros (44).

Foi arborizada a área, com diversas espécies de árvores, cujas mudas foram doadas pelo jardim de aclimação da Comissão Geográfica.

Finalmente neste ano, no dia dez de fevereiro, foi feita a ligação definitiva do gás, o que permitiu a regulagem dos aparelhos que dêle dependiam. A estufa, depois de algumas irregularidades, começou a funcionar bem. Veio o gás, mas faltou a água, ou por outra, havia água mas sem pressão suficiente para ser impulsionada nos encanamentos.

No relatório correspondente a este ano, diz ainda Adolfo Lutz, que a repartição sentia muita falta de um carro com seus respectivos animais e

(40) — Vital Brazil foi nomeado em 14 de junho e tomou posse somente no dia 1.º de julho.

(41) — Das "Memórias do Instituto Butantã":

"Batalhou rudemente, mas venceu esmagadoramente, vendo baixar progressivamente a mortalidade por ofidismo, nos vinte mil casos anuais do Brasil, de trinta para dois por cento, impondo o rigor de sua técnica em época em que os primeiros tratamentos específicos apenas começavam a aparecer.

Não contente de ter legado ao Brasil a glória de ter sido o primeiro país do mundo a ver resolvido o seu problema de ofidismo, ataca frontalmente o araneísmo e o escorpionismo e os risca da lista das intoxicações contra as quais a ciência era impotente, dando, ainda aqui, primazia a sua pátria.

Mas não foi só. A peste como a febre tifóide, a varíola corao o tétano e a difteria, encontram-se sempre nas trincheiras da primeira linha. E no livro da História Médica Brasileira, poucas linhas se lêem com a beleza e o valor daquelas em que deixou gravadas as suas conquistas. Poderá repetir como o poeta o "erigi monumentum aere perennius" erigi o monumento perene como o bronze; "non omnis moriar", não morrerei de todo . . .".

(42) — Em 19 de janeiro entrou em exercício o servente Fraugott Peter, em substituição a Sebastião Rufo Tavares.

(43) — Em 23 de fevereiro de 1897 foi proposta a nomeação de Samuel Piegaia, como marceneiro do Instituto, com os vencimentos de 200\$000 mensais.

(44) — Samuel Piegaia trabalhou 23 dias e ganhou 184\$000.

cocheiro, já prometidos, como dissemos antes, por ocasião da construção do novo edifício.

Era também de necessidade premente, pelo fato de o Instituto anunciar o início da preparação de sôro antiofídico, uma cocheira e cavalos (45), (46).

— 5 —

A FEBRE PAULISTA

Os estudos do dr. Bonilha de Toledo, sôbre bacilos do ar e da água, continuaram em 1897, com a colaboração do dr. Mendonça.

O dr. Vital Brazil estudou, junto com o dr. Lutz, a coloração dos cílios e a seroscopia da febre tifóide, quando então, foi iniciado, por êles o estudo da soroterapia antivenenosa, para tratamento de mordeduras de cobras. Infelizmente, o número de cobras venenosas à disposição era mínimo e também a falta de um cavalo para imunização provocou a solução de continuidade dos trabalhos. Foi iniciada, então, uma campanha para conseguir exemplares de cobras ou mesmo veneno extraído de répteis mortos.

Foi ainda o dr. Lutz quem, em 1897, encontrou pela primeira vez no Brasil, flagelados nas fezes, em disenterias humanas, tanto livres como enquistados.

A febre tifóide continuou sua marcha implacável e, durante o ano, foram internados, no Hospital de Isolamento, 52 enfermos.

São do Boletim de Estatística Demógrafo-Sanitária êstes dados: em 1897 o número total de óbitos foi de 5.719, que, em relação aos 200.000 habitantes da Capital, nos dá o índice de 28,6 por mil habitantes. Daquele total concorreu a febre tifóide com 233.

Além dos casos declarados de febre tifóide, na estatística, nota-se a existência de declarações como "febre remitente palustre", "febre intermitente", "febre não especificada", "caquexia palustre", diagnósticos êstes com o seguinte número de óbitos, respectivamente: 144, 57, 5, 18 e 8. Devem os primeiros ser somado às febre tifóide, pois que estava provado que os casos de "febre remitente" nada mais eram que a própria febre tifóide.

O total somado com as "febres não especificadas", atingia a cifra de 385 casos fatais. Mais de uma morte por dia!

Segundo a opinião do dr. Lutz, "São Paulo continua a ser uma das cidades mais flageladas pela febre tifóide, a qual reina, por assim dizer, sempre em forma de epidemia branda."

(45) — Em 31 de dezembro de 1897 o dr. Lutz mandou êste officio ao diretor do Serviço Sanitário

"Para acomodar os animais que servem para experiências nos trabalhos dêste Instituto, os quais não podem ficar ao rigor do tempo, é preciso mandar-se fazer uma cocheira e mais serviços como cerca de arame em tôda a volta e diversas divisões, cujas obras estão alçadas aproximadamente em 500\$000, peço-vos autorização para mandar fazer as mesmas obras até essa quantia. O cálculo para fazer a cocheira de cerca de arame e os trabalhos a que se refere o officio 58, foi êste:

Serviço de pedreiro	
14 metros quadrados de calçada de cimento	
1 parede de tijolo c/ 3 mts. de comp. por 0,70 mts. de altura.	
Colocação de 500 telhas	
Idem de vigotas	
Cimento, tijolo, etc., por.....	150\$000
500 telhas	120\$000
Madeira	60\$000
55 mts. de cerca de arame trançado forte	170\$000
Total.....	500\$000

(46) — Em 8 de julho, Adolfo Lutz comunicava ao diretor-geral do Serviço Sanitário, que recebera um cavalo e dois muares enviados pelo Desinfetório Central, segundo ordem daquele mesmo diretor-geral.

Quanto à febre amarela, esta se apresentou com intensidade menos acentuada durante este ano. Foram internados, no Hospital de Isolamento, apenas 41 enfermos e faleceram, no mesmo espaço de tempo, 28 dèles.

Os estudos encetados sobre febre tifóide, foram talvez, na história do Instituto Bacteriológico, os que provocaram maiores celeumas. O diagnóstico de malária era comumente feito pelos clínicos da Paulicéia, que desconheciam, evidentemente, a verdade sobre a famosa "febre paulista". Não sabiam da inexistência da malária na cidade de São Paulo, como provou Adolfo Lutz em memorável campanha, na qual ficou de um lado, praticamente só, enquanto que do outro, se conservaram os médicos clínicos da cidade, que repeliavam a novidade.

Lutz sofreu por isso, críticas, por vêzes violentas, de seus colegas não bacteriologistas, que teimavam e defendiam com ardor, seus pontos de vista contrários. Mas, cedo ou tarde, a verdade impera. Pouco a pouco a opinião de Lutz predominou, defendida por provas científicas que não admitiam refutação. Daqui por diante diminuíram os diagnósticos de impaludismo, para subir os de febre tifóide, cujo bacilo descoberto por Eberth se fazia presente nos exames microscópicos. O prof. Eberth, êle mesmo, a quem Adolfo Lutz remeteu três culturas, não teve dúvida em reconhecer o microrganismo que havia identificado.

— 6 —

O DR. SANARELLI

No Instituto Bacteriológico, os estudos antiamarílicos já vinham sendo feitos desde 1894. Realizaram-se inúmeros exames bacteriológicos, dos quais resultou a conclusão de Lutz, na qual afirmava que o sangue dos amarílicos podia ser facilmente invadido por outros bacilos que não os motivadores da moléstia, sendo principalmente o estafilococo e o estreptococo, além de germes com a morfologia do bacilo *coli* comum. Entretanto, nenhum dèles era o responsável pela febre amarela.

Decidiu ainda Lutz, que todos os processos conhecidos não eram capazes de evidenciar o organismo responsável pela doença.

Eclodiu, nesse meio tempo, uma notícia auspiciosa: havia sido descoberto o bacilo causador do mal. Era trabalho do dr. Sanarelli (47), que deu ciência de sua descoberta em junho de 1897 e não em maio (48), como observamos pela leitura de uma carta do dr. Francisco Fajardo (falecido em 1906), e dirigida ao dr. Lutz, datada de 18 de março daquele ano, que diz: "Amigo e mestre dr. Lutz. Recebi ontem sua estimada carta, bem como outra do Sanarelli; êste vai fazer sua comunicação em maio próximo; ê decisivo em relação ao micróbio. Se eu tivesse tempo . . . etc."

(47) — Giovanni Sanarelli nasceu em Monte San Savino (Itália), em 1865. Formou-se em medicina pela Universidade de Siena, em 1889, especializando-se, posteriormente, em Higiene e Baeteriologia, na Alemanha e Paris.

Em 1895 foi para Montevidéu assumindo a direção do Instituto de Higiene local. Em 1898 voltou à Itália para lecionar Higiene na Universidade de Bologna e em 1926 lecionava a mesma cadeira em Roma.

(48) — Provavelmente o professor Sanarelli tenha adiado, como fez mais de uma vez, a sua esperada conferência. Sua palestra não foi, como diz a carta, em maio, mas sim em junho. Uma comunicação do dr. Bonilha de Toledo ao diretor do Serviço Sanitário (o dr. Bonilha de Toledo, com a ausência do dr. Lutz e do dr. Mendonça, assumiu a direção do Instituto Bacteriológico) diz que o dr. Adolfo Lutz e o dr. Arthur Mendonça partiram para Montevidéu, segundo ordem que receberam, no dia 2 de junho de 1897.

De fato, no início dêste ano, Sanarelli noticiou que havia descoberto o bacilo da febre amarela e com o qual se podia reproduzir a moléstia.

A explanação do fato ficou prometida em uma conferência que Sanarelli pronunciaria em Montevidéu, onde trabalhava, e que, entretanto, foi por duas vêzes adiada. Neste interregno, no Rio de Janeiro, o dr. Havelburg, também, chegou a algumas conclusões a respeito e fêz uma palestra expondo a questão da origem da febre amarela.

Baseando-se na descrição do bacilo feita pelo conferencista, o dr. Lutz achou que o organismo citado era apenas um dos bacilos *coli*, bastante virulentos quando isolados de amarílicos.

Foi então que o professor Sanarelli resolveu fazer sua esperada conferência. Era o mês de junho em Montevidéu. Para o Uruguai e depois Buenos Aires, foram Lutz e Artur Mendonça, que, além de ouvirem a palestra, verificaram "in loco", as diversas fases das experiências do dr. Sanarelli (49).

A difteria, em 1897, apresentou 91 doentes internados no Hospital de Isolamento, dos quais faleceram 33. Os soros provenientes de Bern deram ótimos resultados.

A cólera asiática desapareceu completamente, não havendo neste ano, nem um caso sequer.

A cólera de galinhas, o mormo do cavalo e o herpes *tonsurans* do gato foram estudados com vantagens.

Assim terminou o ano de 1897, quando o Instituto Bacteriológico gastou uma verba para seu sustento científico, de menos de 10 contos de réis (50), (51) e (52).

(49) — No dia 25 de março de 1897 o dr. Lutz mandou o seguinte officio ao dr. J. J. da Silva Pinto Jr., diretor do Serviço Sanitário:

"Tendo recebido informação segura que o professor Sanarelli pretende fazer no próximo mês de maio em Montevidéu uma conferência na qual exporá os pormenores da sua descoberta, chamo a vossa atenção sobre a conveniência de fazer representar o nosso Instituto nesta ocasião a fim de ficarmos habilitados quanto antes a fazer um juizo sobre o valor da utilidade prática da referida descoberta".

(50) — Parceladamente foi esta a despesa do Instituto Bacteriológico durante o ano de 1897:

Janeiro	811\$200
Fevereiro	888\$800
Março	948\$700
Abril	1:218\$760
Maió	814\$000
Junho	659\$430
Julho	388\$100
Agosto	582\$120
Setembro	398\$300
Outubro	552\$480
Novembro	1:037\$340
Dezembro	1:296\$490
Total	9:595\$720

(51) — Um dos itens das despesas do mês de junho foi de 2 cadernos de passes de bonde. A êste respeito o diretor do Serviço Sanitário, J. J. da Silva Pinto Jr., pediu explicações ao dr. Lutz:

"Em resposta a vossa reclamação sobre a conta prestada (verba de expediente) do mês de junho, tenho a dizer que sempre foi costume ter 2 livros de passes, mensais, para pagar as passagens de bondes aos serventes, quando vão para a cidade tratar de negócios do Instituto, sendo a distância bastante grande não podem ir a pé sem perderem muito tempo e visto os ordenados serem pequenos não se pode exigir que gastem ainda alguns mil réis de bondes para trabalho desta Repartição, que exige irem diariamente 2 e mais vêzes para a cidade. Quanto ao banco de marceneiro tenho a dizer que se fazem muito trabalho de marcenaria para completar a instalação do Instituto e que êste banco se tem tornado necessário. Será mais econômico de poder fazer êstes trabalhos no Instituto do que mandar fazê-lo na cidade e se fiz aquisição pelo preço de 100\$000 só foi por achar o preço razoável".

(52) — Foram estas as despesas do ano de 1898:

Janeiro	965\$240
Fevereiro	637\$700

— 7 —

AINDA O DR. SANARELLI

Sem dúvida alguma, durante o ano de 1897, o fato mais relevante foi a descoberta do bacilo de Sanarelli. Vamos ver o papel reservado ao Instituto Bacteriológico a respeito do bacilo icteróide, que suscitou tantas discussões.

Nos fins do século passado, quando a febre amarela dominava amplamente, não poderia deixar de ter vasta repercussão qualquer enunciado que se referisse àquela doença. Foi justamente o que aconteceu. O professor Sanarelli anunciou ao mundo que conseguira isolar o causador da febre amarela e que era capaz de reproduzir a moléstia com a inoculação do micróbio que havia descoberto: o bacilo icteróide. A notícia repercutiu favoravelmente, chamando a atenção do mundo científico.

Os resultados dessa nova descoberta foram impressos nos "Annales de l'Institut Pasteur". Este trabalho redigido pelo próprio Sanarelli, retrata, pormenorizadamente, suas pesquisas, que vinham sendo feitas desde fevereiro de 1896, no Lazareto da Ilha das Flores, no rio da Prata, perto de Montevidéu. O trabalho publicado apresenta em seu final, um resumo que convém reproduzirmos em parte:

"Les résultats de cette première partie de recherches nous permettent quelques conclusions fondamentales, se rapportant à l'étiologie et à la pathogénie de la fièvre jaune.

La fièvre jaune est une maladie infectieuse, due à un microorganisme bien défini, susceptible d'être cultivé dans nos milieux nutritifs artificiels et qu'on peut retirer non seulement du cadavre, mais aussi pendant la vie du malade de fièvre jaune."

Esse microrganismo bem definido, não é nada mais que o bacilo icteróide descoberto pelo próprio Sanarelli. No mesmo artigo dos "Anais do Instituto Pasteur", confirmando esta assertiva, diz o autor, depois de narrar suas experiências e observações:

"Ces constatations faites à l'île de Flores, et trois mois d'études à Montevideo m'ayant confirmé dans l'idée que j'avais en main le microbe spécifique . . ." Não há duvida, portanto, sobre a descoberta de Sanarelli e a convicção daquele bacteriologista italiano em afirmar ser o seu bacilo icteróide, o produtor da febre amarela.

Hoje sabemos que a febre amarela é uma virose, fato já observado por Marchoux e mais tarde comprovado por Stokes, Bauer e Hudson, médicos da Fundação Rockefeller, que em expedição à Africa do Sul, em 1928, conseguiram infectar macacos dos tipos *rhesus* e *cynicus*.

Isto põe abaixo as teorias de Noguchi (53), que se baseavam nos leptospiros, e a de Sanarelli, com o seu bacilo icteróide (do grupo paratífico).

Março	618\$900
Abril	1:023\$800
Maió	1:091\$000
Junho	417\$500
Julho	434\$550
Agosto	346\$640
Setembro	323\$300
Outubro	381\$660
Novembro	680\$700
Dezembro	670\$980
Total	7:591\$970

(53) — Hideo Noguchi, sábio japonês, nasceu em 1876 e morreu em 1928.

— 8 —

A TEORIA DO DR. SANARELLI

O dr. Lutz e o dr. Mendonça, de regresso do Uruguai, escreveram um relatório, onde deixaram suas impressões sobre aquilo que puderam observar.

Nesse relatório não é deixado transparecer qualquer idéa contrária aos estudos do dr. Sanarelli. Ao invés mesmo de criticar, já que os trabalhos a que assistiram eram perfeitamente científicos e quem os fazia era um homem de idoneidade comprovada por trabalhos anteriores, fazem alusões à veracidade da descoberta de Sanarelli.

Acharam que não podiam refutar as idéias expostas a não ser por meio de outras idéias baseadas em experimentações. Acharam, também, que a simples descoberta de um bacilo e imputá-lo como o causador da febre amarela, não era o suficiente; precisava ser provada a sua ação patogênica, o que tiveram a oportunidade de observar com as injeções de bacilo icteróide em animais que, por sua vez, apresentaram os sintomas da febre amarela. Isto desarmou qualquer um que quisesse contradizer o prof. Sanarelli.

Textualmente, eis o que diz o relatório :

“Experimentando com o seu bacilo em várias espécies de mamíferos, Sanarelli conseguiu produzir processos mórbidos, típicos para cada espécie, mas diferentes de uma para outra. Estes processos reproduzem em vários animais, parte dos fenômenos observados no homem acometido de febre amarela. Assistimos a um certo número destas experiências e vimos peças anatómicas provenientes de outros; tivemos ocasião, assim, de verificar em vários pontos, a exatidão das descrições de Sanarelli e como os outros fatos foram presenciados por pessoas competentes, podem ser considerados como estabelecidos.

Levando em conta as circunstâncias em que foi descoberto, cresce a probabilidade de representar o agente causador da febre amarela. Entretanto as provas não eram ainda completamente suficientes para afastar qualquer dúvida. Mas estas dúvidas não podem continuar, diante das provas fornecidas pelas 5 experiências feitas no próprio homem. Não podemos falar de observação pessoal, mas os médicos que tiveram ocasião de observá-las reconheceram os sintomas típicos da febre amarela. De mais, em Montevideú não se tem levantado uma só voz para contestar estas experiências, que foram julgadas absolutamente comprovantes e decisivas.

À vista dos fatos expostos, é incompreensível que se acusasse Sanarelli de ter apenas produzido uma septicemia e esta insinuação só poderá iludir a um público completamente ignorante em medicina e bacteriologia”.

No fim do relatório, ainda escrevem :

“Também não convém esquecer o papel que as mósas e os insetos que chupam sangue podiam ter na propagação da moléstia.

Terminando aqui o nosso relatório, resumimos o seguinte :

Do estudo dos fatos apresentados pelo dr. Sanarelli, parece resultar que o germe por ele descrito é o causador da febre amarela.

Os sintomas são produzidos pelas substâncias, provavelmente extremamente tóxicas para o organismo humano, que este germe elabora depois de sua penetração no sangue.

A verificação deste germe é um trabalho de alto valor científico, mas, pelo menos até hoje, sem aplicação prática para diagnóstico e terapia”.

Não nos resta, portanto, dúvidas quanto à aceitação, talvez não integral, das teorias de Sanarelli, pelo mundo científico e particularmente por Adolfo Lutz.

Em todo o globo as pesquisas se redobraram neste campo, inclusive no Instituto Bacteriológico. Aqui, as experiências se sucederam, sendo que Artur Mendonça, Vital Brazil e Adolfo Lutz, trabalhando sós ou em conjunto, conseguiram isolar o bacilo icteróide oito vêzes, até junho de 1898, usando para isso, de processo que lhes pareceu mais viável: retirar por meio de seringa, da veia cubital, de 10 a 20 cc. de sangue e distribuí-lo em tubos de ágar.

Lutz continua a crer no bacilo de Sanarelli, em 1898, quando diz que não se pode duvidar do papel etiológico daquele organismo, até aquela data encontrado sômente no sangue dos amarelicos e cujas propriedades patogênicas estavam bem estabelecidas (54).

Em outras partes do mundo, novas experiências foram feitas. Em Nova York, Rio de Janeiro, Cuba, etc., foi confirmada a descoberta.

O número 7 da "Gazzetta Medica di Torino" diz que a Real Academia de Turim, em 4 de fevereiro de 1898, se reuniu e que durante esta sessão o prof. Foá (55) comunicou o resultado de suas experiências sôbre o bacilo de Sanarelli. Expõe o dr. Foá que se trata do bacilo mais virulento até agora conhecido, e mais adiante diz que, se êle não for o agente patogênico da febre amarela, pelo menos é uma grande aquisição da Patologia experimental.

Estava, por fim, lançada a nova teoria etiológica.

— 9 —

O SÔRO DO DR. SANARELLI

Sanarelli foi mais adiante e conseguiu o sôro que protegeria e curaria o homem da febre amarela. Foi nova surpresa.

Em 1898, veio a São Paulo o bacteriologista do momento, desembarcando em Santos no dia 8 ou 9 de fevereiro.

Assim anuncia a "Revista Médica de São Paulo", em seu primeiro número: "A convite da classe médica de São Paulo, acaba de chegar a esta Capital o professor Sanarelli que, em Montevidéu, dirige o Instituto de Higiene Experimental e que no mês de julho do ano próximo passado, enriqueceu a ciência médica com a descoberta de mais um microrganismo patogênico — o bacilo icteróide — também conhecido pela denominação de bacilo Sanarelli.

Ê cedo ainda para aquilatar-se do valor desta descoberta que tão direta e interessadamente reflete sôbre as condições higiênicas dêste grandioso Estado, cujo progresso sente-se ameaçado por constantes devastações epidêmicas nos seus centros de maior fertilidade e população.

O ilustre bacteriologista vem continuar neste Estado, os seus estudos sôbre a febre amarela e a "Revista Médica" está convencida que muito teremos a lucrar com a presença do ilustre discípulo de Pasteur, profissional de

(54) — Em 31 de outubro de 1898, o dr. Adolfo Lutz escrevia ao diretor do Serviço Sanitário, dizendo que o Instituto Bacteriológico havia levado a cabo diversas experiências sôbre o bacilo de Sanarelli. Contando os resultados, confirmava as comunicações do prof. Sanarelli afirmando que êstes mesmos resultados falam em favor da tese que a febre amarela é causada pelo bacilo icteróide. Apenas sôbre o sôro é que o dr. Lutz não acreditou muito, segundo observações clínicas e experimentação de laboratório.

(55) — Pio Foá, célebre patologista italiano, nasceu em 1848 e morreu em 1922. Foi professor em Modena e Turim.

reconhecida competência nestes assuntos tão delicados, competência que já estava firmada antes de encetar os seus estudos sobre o tifo icteróide.

Estamos certos que o professor Sanarelli encontrará, no corpo médico paulista, o mais amistoso acolhimento, justa homenagem que lhe é devida, não só por seu merecimento, como pela gentileza que teve de tão pressuroso atender ao convite que lhe foi feito pela classe médica de São Paulo".

A viagem do dr. Sanarelli a São Paulo foi motivada, como vimos, pelo convite da classe médica paulista, que desejava fôsem realizadas aqui, as primeiras aplicações de seu sôro antiamarílico, do qual falava maravilhas (56).

No dia 8 de março de 1898, Sanarelli pronunciou uma conferência, em italiano, na Sociedade de Medicina e Cirurgia, versando sobre o seu sêrum. Inicia êle assim: "A serumterapia constitui hodiernamente a senda a trilhar, para se atingir o tratamento específico da febre amarela." E continua falando. Conta como conseguiu o produto, as experiências que fêz e, com isso, locupletou várias laudas de papel.

As primeiras aplicações do sôro, que dizia de faculdades curativas e preventivas, foram feitas em São Carlos do Pinhal e lá, diz o próprio Sanarelli:

(56) — O dr. Sérgio de Paiva Meira escreveu, também, uma saudação ao dr. Sanarelli, quando de sua chegada a São Paulo. Infelizmente a previsão do dr. Meira não se realizou, quando dizia que Sanarelli seria glorificado através das gerações futuras pelos estudos sobre a febre amarela, assim como a difteria havia perpetuado o nome de Bhering.

Foi assim redigido o convite dirigido ao prof. Sanarelli:

"Ilmo. sr. prof. Sanarelli.

Foi com verdadeiro júbilo que os abaixo assinados, representantes da classe médica de São Paulo, souberam que havieis manifestado o desejo de vir a esta capital a fim de realizar as primeiras experiências de inoculação de sôro-antiamarílico. Já antes que a admirável descoberta do bacillo icteróide viesse consagrar o vosso nome como um benemérito da ciência, nós tínhamos na mais subida conta, e rendiamos o preito de nossa homenagem ao sábio autor das investigações sobre "Febre tifoide experimental".

Sereis sempre bem vindo entre nós. Em nenhum outro ponto encontrarieis, como aqui, condições tão favoráveis ao prosseguimento de vossos brilhantes trabalhos.

Embora ainda não tenha sido visitada pelo terrível flagelo, a Capital de São Paulo, que possui um Hospital de Isolamento montado segundo os preceitos da hygiene moderna, recebe constantemente nas épocas epidêmicas, doentes de febre amarela vindos do litoral e de várias localidades do interior do Estado.

O acesso a êstes pontos contagiados é fácil, visto como se acham ligados à Capital por via férrea.

Vasto campo, pois, se oferece aqui para completar as observações em que vos empenhastes com tão extraordinário successo.

O que vos podemos garantir é o mais franco e cordial acolhimento por parte da Corporação Médica e até mesmo do Governô, que vê na solução do problema da febre amarela, a questão mesma do progresso e do futuro do Estado.

Anciosos aguardamos o momento de poder manifestar-vos pessoalmente os nossos sentimentos de aprêço e afeição sincera."

São Paulo, 27 de dezembro de 1897.

Colegas e admiradores.

Dr. J. J. da Silva Pinto, diretor do Serviço Sanitário; Dr. Augusto César de Miranda Azevedo, professor de Hygiene na Faculdade de Direito e presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo; Dr. A. Vieira de Carvalho, diretor do Hospital de Misericórdia e da Policlínica de São Paulo e diretor do Instituto Vacinogênico; Dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico; Dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento; Dr. Jaime Serva, médico demografista; Dr. Diogo de Faria, diretor do Serviço de Desinfecções; Dr. Bittencourt Rodrigues, médico da Policlínica de São Paulo; Dr. Matias Valadão, médica da Policlínica; Dr. Bonilha de Toledo, médico do Instituto Bacteriológico; Dr. V. Brazil, médico do Instituto Bacteriológico; Dr. Alfredo Medeiros, adjunto do Instituto Vacinogênico; Dr. Amâncio de Carvalho, lente de Medicina Pública na Faculdade de Direito de São Paulo; Dr. A. Florence, médico oculista da Policlínica; Dr. Américo Brasileiro F., membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo; Dr. Guilherme Alvaro, inspetor sanitário; Dr. João Américo Soares Batista; Dr. Viriato Brandão; Dr. Sérgio Meira; Dr. L. P. Barreto; Dr. Galvão Bueno; Dr. Carlos J. Botelho; Dr. A. Campos Sales; Dr. Clemente Ferreira; Dr. Paula Lima; Dr. Cunha Vasconcelos; Dr. José Redondo; Dr. Teodoro Baima; Dr. Faria Rocha; Dr. Emílio Ribas; Dr. Vieira de Melo. (Seguem-se muitas outras assinaturas).

"Encontrei apenas duas crianças, Luís e Assunta (internadas no Hospital de Isolamento) removidas de uma casa onde faleceu o pai, de febre amarela. Ambos os doentinhos apresentavam os sintomas característicos da infecção. Submetidos imediatamente ao tratamento, os resultados foram quase que imediatos."

O dr. Sanarelli ainda diz muito. Conta e reconta os bons resultados do sôro anti-amarelo.

Mas, em setembro de 1898, o dr. Vital Brazil, comentando as experiências de São Carlos do Pinhal, dá valor zero ao sôro do dr. Sanarelli. Diz o dr. Vital :

"São Carlos do Pinhal, cidade do interior do Estado onde grassava, com certa intensidade, o tifo amarelo, foi o lugar escolhido para os primeiros ensaios da serumterapia.

Não acompanhamos o professor Sanarelli desde o começo de suas experiências, mas tivemos ocasião de observar alguns de seus doentes, que apesar de tratados desde o começo da moléstia, com fortes doses de sôro, atingiram ao último período da moléstia com todos os sintomas, vindo alguns d'elles a succumbir.

Dos trinta casos tratados pelo prof. Sanarelli, pelo sôro anti-amarelo, faleceram dez e restabeleceram-se vinte ; o que dá uma mortalidade um pouco superior a 33%. Ora, tal mortalidade não fala, absolutamente, em favor da especificidade do tratamento empregado."

Diz ainda o dr. Vital que, em muitas epidemias, onde nunca houve interferência do sôro, a mortalidade era menor que esta de 33%.

Continuando diz :

"Se o sérum anti-amarelo tivesse uma ação terapêutica realmente eficaz e especifica, deveria, quando aplicado em tempo e em doses suficientes, impedir de modo claro e positivo, o desenvolvimento da moléstia. Isto não observamos em São Carlos."

O dr. Sanarelli, dos seus soros, havia afirmado que principalmente dois d'elles, o A e o E (referimo-nos aos soros obtidos da imunização de 2 cavalos e de 1 boi, aos quais denominou A, E e F) eram bastante ativos, no ponto de vista bactericida. A êste respeito o dr. Vital Brazil fez várias experiências no Instituto Bacteriológico e verificou que nem o A, E ou F tinham valor bactericida. Assim termina Vital :

"O sérum anti-amarelo não revelou poder algum bactericida, nem "in vitro" nem quando aplicado no tratamento dos animais inoculados com o bacilo icteróide, pois quase todos os animais que foram tratados pelo sôro anti-amarelo, succumbiram, tendo nós conseguido isolar o bacilo icteróide em todos êles."

Estava, assim, derrotado o sôro do dr. Sanarelli.

Ainda a respeito do sérum de Sanarelli, o dr. Clemente Ferreira também fez um relatório, mas destituído de base experimental, na qual se fundou Vital Brazil. O dr. Clemente Ferreira julgou o sôro eficaz, pelo menos aparentemente, pois que êle apenas retratou aquilo que teve oportunidade de observar em São Carlos do Pinhal. Muito provavelmente, as pessoas que Clemente Ferreira viu curarem-se da febre amarela, depois de terem tomado o sôro, fôsem das que o destino tinha lhes preservado a vida, independente da ação do sôro.

Somente em 1900 é que, baseado em novas experimentações, o dr. Adolfo Lutz, categoricamente, denuncia as teorias de Sanarelli. Negou-as,

portanto, dizendo que o bacilo icteróide podia, acidentalmente, invadir o sangue dos amarílicos, sem, entretanto, ser o responsável pela moléstia.

— 10 —

A LUTA PELA PRIMAZIA

Com a exposição dos fatos pelo dr. Giovanni Sanarelli, como geralmente acontece, teve comêço a luta pela primazia da descoberta. Apareceram vários bacteriologistas e mesmo não bacteriologistas que quiseram se vangloriar de terem realizado os mesmos trabalhos de Sanarelli, antes que este os tivesse feito.

Assim apareceu Sternberg, (57) com o seu bacilo X ; o dr. Felipe Caldas e seu sôro, e, depois, o dr. Domingos José Freire Júnior, com o seu *Cryptococcus xanthogenicus*. O dr. Freire Júnior nasceu no Rio em 1842 onde morreu em 1899 ; formou-se, no Rio, em 1866, e foi lente catedrático de Química Orgânica e Biológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Mesmo o dr. Adolfo Lutz confessou ter visto o bacilo de Sanarelli, mas não desejava prioridade e nem ao menos pretendia participar da descoberta. Diz êle que numa cultura, havia visto o bacilo, mas por se tratar de um microorganismo de forma banal e como era raro em comparação com a gravidade da moléstia, não lhe deu importância.

O bacilo de Sternberg não era o mesmo que o de Sanarelli e não coincidia nos pontos essenciais.

O caso do médico gaúcho, dr. Caldas, foi mais grave. Afirmou ter visto e isolado o germe da febre amarela e produzido um sôro curativo. Antes de mais nada é de se notar que o citado médico não era bacteriologista.

A comunicação do dr. Caldas foi, segundo o dr. Lutz, feita demoradamente, de propósito, pois aguardava as comunicações de Sanarelli, já que tinha em mente corrigir as declarações absurdas que havia feito. Esta atitude pareceu, ao dr. Lutz, revoltante e sem escrúpulos.

Sôbre o sôro do dr. Caldas, foi feito pelo diretor do Instituto um relatório que conclui o seguinte :

- “1.º — O sr. dr. Caldas não provou que isolou o germe da febre amarela.
- 2.º — Não provou que suas culturas, posto que impuras, contivessem o germe produtor dessa moléstia.
- 3.º — Não provou que os animais inoculados apresentassem uma infecção ou intoxicação análoga à da febre amarela.
- 4.º — Não provou que dispunha de um método de verificação da propriedade ou valor imunizante do sêrum dêstes animais.
- 5.º — Não provou que os dados indicados nas suas instruções tenham qualquer base racional.
- 6.º — Não provou que as experiências clínicas (4 casos) demonstrassem uma ação terapêutica do sêrum.”

Sôbre o dr. Freire, o dr. Lutz diz :

“Assim, vimos também o dr. Freire substituir o seu *Cryptococcus xanthogenicus* (dotado de propriedades mais paradoxas), por um simples estafilococo e uma comissão

(57) — General George M. Sternberg (1838-1915).

nomeada para examinar os trabalhos do dr. Freire aceitar esta metamorfose sem a menor hesitação. Estando estabelecido, pelos trabalhos de outros investigadores, que os estafilococos são freqüentemente encontrados nas autópsias de indivíduos falecidos de febre amarela (e de outras moléstias infecciosas), tornou-se possível para a comissão de verificar a presença do estafilococo, o que não se teria dado com o criptococo original. Todavia, se a comissão acreditar ter provado que o micrococo descrito é o causador da febre amarela, a maior parte dos bacteriologistas há de ser de opinião diferente" (58) (59).

A história do dr. Freire está, vamos dizer, intimamente ligada à do dr. Sternberg. É este o caso :

O dr. Domingos José Freire Júnior dizia que tinha isolado em 1880, de humores e tecidos de doentes de febre amarela, o microorganismo responsável, ao qual deu o nome de *Cryptococcus xanthogenicus*. Sobre este micróbio, escreveu êle vários fascículos, defendendo sua existência, e, em 1885 ou 1886, escreveu uma obra definitiva sobre suas pesquisa : "Teoria microbiana da febre amarela", que, por sinal, não foi bem aceita pelos cientistas da época.

Esta obra, entretanto, chamou a atenção de um homem. Era o dr. Sternberg, médico norte-americano e diretor do Laboratório de Bacteriologia de Baltimore. Atraído pelas pesquisas do dr. Freire, aportou a nosso país em 1887, mas desencontrando-se daquele a quem procurava. O dr. Freire tinha ido à Europa.

Durante a ausência do pseudodescobridor da etiologia amarílica, o dr. Sternberg, no Rio de Janeiro, fez algumas pesquisas, não tendo, de forma alguma, encontrado aquilo que o dr. Freire garantiu ter visto.

De regresso de Paris, de onde trouxe um bacilo que afirmava ser o causador da febre amarela, contradizendo a si próprio, pois negava suas afirmações anteriores, o dr. Freire fez algumas demonstrações ao dr. Sternberg, que se retirou para os Estados Unidos, convencido de que "os trabalhos do dr. Freire não tinham o rigor científico preciso em tais assuntos".

Este médico norte-americano, em seguida foi ao México, onde a febre amarela grassava francamente e foi aí que apresentou a sua teoria, dizendo : "há um micróbio nos intestinos, sempre constante, do qual muito desconfio".

Este micróbio, entretanto, nada tinha a ver com o problema.

(58) — O dr. Melo Barreto em 1896 diz : "Qualquer que seja o germe produtor da febre amarela, o criptococo de Freire, o tórulo de Lacerda, o que não se pode mais pôr em dúvida é que este princípio morbígeno encontra o seu "habitat" conveniente no solo úmido saturado de matérias orgânicas fermentescíveis, sob a influência de uma temperatura que lhe é favorável.

Na nossa opinião não padece a mínima dúvida que o princípio amarílica invade o organismo humano, quer pelo ar atmosférico, quer pela água".

Esta opinião era acatada pelo dr. Luís Pereira Barreto.

(59) — O dr. Freire em 1883 foi autorizado, pelo Governo, a proceder à vacinação contra a febre amarela. Aplicando sôro segundo seu método, vacinou, a três por dois, a população do Rio de Janeiro, evidentemente sem o menor resultado.

IX

Mil novecentos e nove. Tem comêço mais um período de vida do Instituto Bacteriológico.

O dr. Lutz que durante, praticamente, 16 anos o havia administrado, não volta mais. Transferiu-se definitivamente, para o Instituto Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro. É Carlos Luís Meyer (96) quem o substituiu na direção da já tradicional casa de pesquisas, a partir de 1 de novembro de 1908.

No ano de 1909 não houve modificação do pessoal. Além do dr. Carlos Meyer, agora diretor interino, trabalhavam os ajudantes efetivos Adolfo Carlos Lindenberg e Teodoro da Silva Baima e o ajudante interino Eduardo Rodrigues Alves (96 a).

Continua em seu pósto de zelador, o antigo funcionário Savério Felice.

Ainda funcionavam o servente Francisco Faraco e os desinfetadores Getulino Vieira Pinto e José Benedito Marcondes Machado. O único funcionário novo foi o auxiliar Raul Nestor de Freitas, que começou a trabalhar no dia 4 de dezembro, recebendo os vencimentos de 150\$000 mensais.

Permanece sem titular o cargo de escriturário, do qual continua o dr. Carlos Meyer a fazer as vêzes, isto é, tôda a escrituração, e indo ao Tesouro receber os vencimentos dos funcionários e a verba destinada ao expediente.

Sóbre epidemias nada há que relatar.

Durante o ano foram feitos 892 exames microscópicos, sendo dêstes, 250 de sangue, 139 de esscaros, 78 de urina, 154 de cortes histológicos, 31 de fezes, 36 de ratos, 37 de tumores, 42 de secreções de úlceras e diversos outros em menor número.

— 1 —

LEISHMANIA TROPICA

O dr. Adolfo Lindenberg continuando seus trabalhos sóbre a dermatologia, em março revelou a presença da *Leishmania tropica* nas úlceras de Bauru, sendo esta a primeira vez que no Brasil se constata a existência do Botão do Oriente. Mais tarde, em julho, consegue reproduzir a moléstia em macacos e em agosto, culturas daquêle protozoário, isolando, desta forma, o microrganismo cujos caracteres eram os mesmos observados por Nicolle, em Tunis, África do Norte.

(96) — Nomeado inspetor sanitário em 5 de junho de 1900. Depois de sair do Instituto Bacteriológico foi nomeado diretor da Seção de Estatística Demógrafa-Sanitária, por decreto de 17-4-1916. Aposentou-se em 11 de dezembro de 1930.

(96a) — Médico formado no Rio de Janeiro. Nasceu em Guaratinguetá a 23 de junho de 1881. Formou-se em 1905. Ajudante substituto da Seção de Estatística Demógrafa-Sanitária nomeado por ato 9 de abril de 1908, no lugar de dr. Xavier da Silveira. Nomeado ajudante do Instituto Bacteriológico em 6 de novembro de 1908 e ajudante da Seção de Proteção à Primeira Infância por decreto de 17 de novembro de 1911. Nomeado diretor do Instituto Pasteur por decreto de 4 de janeiro de 1917. Aposentou-se por decreto de 7 de outubro de 1947, ainda no Instituto Pasteur.

Êstes estudos do dr. Lindenberg foram impressos nos "Archives de Parasitologie", cujo texto foi redigido por êle mesmo.

Escreve naquela revista francêsa :

"Détermination du Champignon. Ce parasite, dont la morphologie nous révèle un mycélium fin, continu, ramifié, dépourvu de gaine et susceptible de se terminer par des chaînettes de fragments, semblables à des Microcoques et à des Bacilles, doit évidemment rentrer dans le genre *Discomyces*. Il s'agit d'une espèce absolument nouvelle comme parasite des mycétomes et nous lui donnons le nom de *Discomyces brasiliensis*.

No fim do trabalho há um resumo condensado em quatro itens, que transcrevemos :

1.º On trouve au Brésil une variété de mycétomes produite para un champignon non encore décrit, le *Discomyces brasiliensis*, n. sp.

2.º A l'inverse de ce que l'on observe généralement dans les mycétomes, cette variété peut se localiser dans l'autres parties du corps, en laissant le pied indemne.

3.º Le début du grain, dans les tumeurs jeunes, se fait toujours au milieu d'une cellule géante, ce qui prouve le rôle important de cet élément dans la constitution de la lésion.

4.º Le *Discomyces brasiliensis* a son optimum cultural à la temperature ordinaire. Ce fait contraste avec ce qu'on sait de la biologie des Champignons pathogènes, dont l'optimum est à 37°. Il concourt cependant à démontrer l'origine saprophytique des espèces qui produisent les mycoses humaines".

Foi ainda o dr. Lindenberg que em agosto conseguiu identificar o *Spirochaeta pertenuis*, sendo portanto o primeiro a mostrar a identidade da boubá com a framboesia tropical, sôbre o que o dr. Lindenberg escreveu vários trabalhos.

O dr. Teodoro Baima se dedicou ao estudo da dermatologia e histologia dos tumores e o dr. Carlos Meyer continuou vendo os hematozoários e fêz trabalhos de microfotografia.

— 2 —

O ALASTRIM

Em 1910 permaneceu o mesmo quadro de funcionários, acrescentado de mais dois elementos que foram pedidos, devido ao grande aumento de serviços entregues aos desinfetadores. São êles : José Elói Pupo e Pedro Vidal, o primeiro desinfetador e o segundo fiscal.

Foi sugerida pelo dr. Carlos Meyer, a redação de um regimento interno, inexistente até o momento, já que as outras repartições públicas o possuíam.

Finalmente, depois de insistentes pedidos, o secretário do Interior concedeu licença para as reformas na seção onde estavam colecionados os materiais de anatomia patológica, biotério, etc. . Foi aproveitada a oportunidade não só para serem feitas as reformas como também ampliar as instalações destinadas aos animais e às experimentações sôbre a cólera-morbo.

Depois de passado mais de um lustro foi contratado um escriturário, Raúl Nestor de Freitas, no dia 12 de janeiro e que já vinha trabalhando no Instituto, como auxiliar, desde 4 de dezembro do ano anterior.

As moléstias que comumente surgiram em São Paulo continuaram a se manifestar de forma a não dar preocupações ou foram extintas, o que se deu com a febre amarela, flagelo doutros tempos.

Em 1910, o que se destacou foi o aparecimento do alastrim que surgiu em vários pontos do Estado e entre nós, moléstia desconhecida. Era muito semelhante à varíola devido à erupção cutânea, mas foi distinguida desta e identificada pelo dr. Emílio Ribas, como sendo o alastrim, moléstia já observada em 1904 no sul da África, onde é conhecida por *Milk-pox*, devido à leitosidade das vesículas dos enfermos (97).

A nova doença foi estudada pelo dr. Ribas, que dela tirou conclusões precisas e os estudos bacteriológicos ficaram a cargo dos drs. Teodoro Baima e Adolfo Lindenberg, no Instituto Bacteriológico.

O número de exames neste ano cresceu consideravelmente, elevando-se a 1.400, total que se subdivide assim : 235 de sangue, 109 de urina, 283 de escarro, 218 de ratos, 327 de cortes histológicos, 51 de sôro-diagnose de sífilis, 44 de sôro-reação de Vidal, 43 de fezes, etc. .

— 3 —

AMPLA REFORMA

Em 1911 foi feita a reforma do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, autorizada pelo decreto n.º 2.141 de 14 de novembro.

Por ser dependência do Serviço Sanitário, obviamente o Instituto Bacteriológico sofreu seus efeitos. Foi, com ela, totalmente reformado o pessoal, com a criação de cargos novos e redistribuição de seus funcionários, segundo a orientação do dr. Carlos Meyer quando respondeu a uma circular do diretor-geral do Serviço Sanitário (circular de 20 de dezembro do ano precedente), na qual pedia sugestões a respeito (98).

(97) — "El alastrim es una enfermedad infecto-contagiosa de gran tendencia epidémica y de caracteres vesículo pustulosos, producida por un virus filtrable de muy cercano parentesco con la viruela, de la que constituye una forma clínica modificada.

Posiblemente ha sido Eduardo Jenner quien primero llamara la atención sobre esta variedad de viruela al describir formas atípicas de esta afección por su evolución, por su muy baja mortalidad y por la gran escasez de lesiones residuales. En el año 1867, Anderson describe en Jamaica una enfermedad homologable al alastrim. En 1895 Turner, en Africa, vuelve a ocuparse de este padecimiento y poco después, Korte, en 1904, la estudia en El Cabo designándola con el nombre de kaffir milk pox, o sea viruela lechosa de los cafres. Seis años más tarde, en 1910, Ribas la señala en Brasil de donde no tarda en emigrar a las Guayanas y algunas islas de las Antillas."

(98) — "20 de dezembro de 1910

Cidadão

Respondendo à vossa circular de 10 do corrente mês, cumpre-me dizer-vos que o Instituto Bacteriológico, que já tão grandes serviços tem prestado ao Estado e continua a prestar, aumentando sempre os seus trabalhos, não só para ocorrer as necessidades da Repartição de Higiene, como para seguir de perto os progressos sempre crescentes que este ramo da ciência vai tendo no mundo científico, necessita de uma verdadeira remodelação, quer no seu pessoal efetivo, quer nos aparelhos e materiais necessários e imprescindíveis ao seu completo funcionamento.

Os atuais aparelhos que estão funcionando em sua maior parte há dezoito anos, em uso cotidiano, acham-se por este motivo, uns completamente estragados e outros em mau estado, devendo ser substituídos por outros modernos que se adaptam mais aos novos estudos da época atual.

Junto encontrarei uma lista do que mais estritamente necessita este Instituto.

Oficialmente, o Instituto tem apenas um diretor, três ajudantes, um zelador e um servente; entretanto para podermos dar conta dos nossos trabalhos e isso mesmo com grande esforço, conseguimos, devido à nossa boa vontade e nítida compreensão das necessidades de um estabelecimento desta ordem, mais quatro pessoas destacadas do Desinfetório Central e um auxiliar de escripturação contratado.

Somos de parecer que todo o pessoal do Instituto deve ser efetivo, sendo as suas vagas, menos as de serventes, providas por concurso, devendo ser este o seu quadro: 1 diretor, médico; 3 assistentes médicos; 1 zelador; 2 auxiliares técnicos; um preparador e colecionador, fazendo também os trabalhos de fotografia e microfotografias; 1 secretário e bibliotecário que conheça diversas linguas, a fim de poder fazer a correspondência para o estrangeiro e 3 serventes.

Ficou sendo este o novo quadro :

- 1 diretor (médico)
- 3 assistentes
- 2 auxiliares de laboratório
- 1 preparador e colecionador
- 1 escriptuário (3.º)
- 2 serventes

Era esta a lotação destes cargos :

O diretor era o dr. Adolfo Lutz, comissionado no Instituto Oswaldo Cruz e substituído interinamente por Carlos Luís Meyer.

Como assistentes continuaram os drs. Carlos Luís Meyer, Adolfo Carlos Lindenberg e Teodoro da Silva Baima. O quarto assistente, dr. Eduardo Rodrigues Alves, em caráter interino, abandonou o posto em 17 de novembro (6 dias após a reforma), por ter sido nomeado, naquela data, ajudante da Secção de Proteção à Infancia. Este cargo mudou de denominação, isto é, antes chamava-se ajudante, para ser agora assistente.

O escriptuário, ao mesmo tempo bibliotecário, era Raúl Nestor de Freitas.

O preparador e colecionador ficou sendo o antigo desinfetador Getulino Vieira Pinto, também fotógrafo do Instituto. O cargo de desinfetador estava agora extinto.

O zelador continua sendo o mais antigo funcionário da casa, Savério Felice.

José Benedito Marcondes Machado e José Elói Pupo, também ex-desinfetadores, passam a ocupar os dois lugares de auxiliar de laboratório.

Não nos deve parecer demasiado o número deste pessoal, porquanto, além de todo o serviço atual do Instituto, temos necessidade urgente de organizarmos também, um laboratório especial de patologia e anatomia patológica ; de fazermos o estudo de tudo o que interessar nas zonas do Estado, aproveitando-se o tempo quando não houver serviço urgente na Capital ; de fazermos um curso prático de bacteriologia para os funcionários do Serviço Sanitário do Estado e de procedermos aos exames necessários para elucidação de diagnósticos clínicos, gratuitamente aos pobres.

Também convém fazer-se anualmente uma publicação, sem prazo fixo, dos trabalhos realizados no Instituto, ou de combinação com outros estabelecimentos congêneres, sem prejuizo das publicações que forem julgadas oportunas sobre os resultados ou descobertas obtidas.

A organização do Gabinete de Fotografia e Microfotografia, é de grande vantagem para illustração destes trabalhos.

Há conveniência de fazer-se o estudo de certos assuntos no Instituto de Manguinhos e de ser enviada anualmente ou de 2 em 2 anos à Europa, a exemplo do que se faz nesse Instituto, para estudos especiais das diferentes seções de que se compõe este estabelecimento, um dos médicos.

Os vencimentos do pessoal devem ser aumentados, pois, quem conhece o que são os trabalhos técnicos destes laboratórios, a natureza, o conhecimento e a prática que devem ter dos mesmos, o tempo dispensado a este serviço e as responsabilidades dos seus cargos, não pode deixar de dar, senão o valor que merecem, ao menos um "quantum" que os ponha ao abrigo das necessidades mais comuns a um cidadão que, cumprindo com os seus deveres, tem família a sustentar. Nesse sentido, lembramos os seguintes vencimentos mensais : diretor — 900\$000 rs ; assistente — 800\$000 rs. ; zelador : 300\$000 rs. ; auxiliar técnico : 300\$000 rs. ; preparador, colecionador e fotógrafo : 300\$000 rs. ; escriptuário e bibliotecário : 250\$000 rs. ; servente : 150\$000 rs.

O Instituto deverá ter um regulamento interno que ficará sujeito à vossa aprovação. Obtida estas reformas e nomeado o pessoal efetivo, poderá o Instituto Bacteriológico de São Paulo, que foi o ponto de partida de quase tudo o que se tem trabalhado no Brasil em patologia indígena, reconquistar a posição que lhe cabe de direito.

Saúde e fraternidade

O diretor interino

a) Dr. Carlos L. Meyer

Ao dr. Emílio M. Ribas''

Os dois serventes eram o já conhecido Francisco Antônio Faraco e Otilio Leme; éste que entrou em exercício em 12 de dezembro, retirou-se em janeiro seguinte.

Com a nomeação efetiva do novo escriturário, Oduvaldo Viana, o auxiliar em comissão, Raúl Nestor de Freitas foi dispensado. Este funcionário sofreu do dr. Carlos Meyer severas críticas quanto à sua inoperosidade e incompetência, dizendo que, apesar de existir escriturário, era éle próprio, dr. Meyer, quem redigia a maior parte dos officios e que a biblioteca ficou abandonada e por ser organizada. Oduvaldo Viana, que entrou em exercício em 24 de novembro de 1911, iniciou com decisão seus trabalhos.

O fiscal Pedro Vidal foi dispensado devido à extinção de seu cargo.

Foi neste ano votado o acréscimo da verba destinada à biblioteca, até éste momento de 5 contos de réis. O aumento foi de 3 contos, sendo agora, portanto, 8 contos, diferença esta que foi aplicada na aquisição de novos livros e assinaturas de outras revistas de interesse.

Continuaram a surgir diversos casos de alastrim no interior do Estado, mas nenhuma morte por esta moléstia foi observada.

Em Santos appareceu pequeno surto de meningite cerebrospinal, trazida por imigrantes vindos da Síria. A moléstia foi prontamente identificada pelo dr. Teodoro Baima, que seguiu para aquella cidade litorânea, com êsse fim. Alguns casos mais appareceram e os doentes foram isolados, sendo desta forma circunscrito o surto.

Foram feitos, neste ano, 928 exames, sendo 507 de sangue, 120 de urina, 126 de escarro, 74 de fezes, 17 de sôro-reação de Widal e outros em menor número.

A moléstia de Chagas continuou a ser motivo de estudos, principalmente com respeito a sua transmissão.

Em 1912, o dr. Carlos Meyer entrou em gôzo de licença de 6 meses, em 19 de junho, sendo designado para substituí-lo, na directoria do Instituto, o assistente Adolfo Carlos Lindenberg que aí permaneceu até 3 de dezembro, quando o dr. Meyer reassumiu a direção. O dr. Lindenberg, por sua vez, também, entrou em gôzo de licença de seis meses, em 6 de dezembro, para tratamento de saúde.

O dr. Manuel Pais de Azevedo (99) foi nomeado assistente interino, entrando em exercício em 13 de fevereiro.

Com a saída do servente Otilio Leme, em princípios de janeiro, sua vaga foi preenchida por Ozório Ferreira Pinto, que entrou em exercício em 5 de janeiro.

Com referência ao prédio, foi feita a caiação das paredes externas e limpeza das internas e algumas de maior urgência.

Foi concedida licença para o Instituto adquirir, até 13.240,15 francos, materiais e aparelhos científicos há muito reclamados.

Os exames neste ano foram num total de 1.015 : 411 de sangue, 183 de urina, 136 de escarro, 135 de ratos, 43 de fezes, etc. .

(99) — Exercício no Bacteriológico em 3 de fevereiro de 1912. Exonerou-se por decreto de 25 de fevereiro de 1915. Inspetor Sanitário, em comissão, contratado por portaria de 10 de junho de 1924, com os vencimentos de 980\$000 (contrato válido por seis meses). Novamente contratado em 10 de dezembro de 1924, ganhando 1:500\$000, sem direito a clinicar. Anátomo-patologista da Inspectoria de Profilaxia da Lepra contratado a 21 de agosto de 1925. Pediu demissão em 31 de dezembro de 1927.

— 4 —

O CONTRATO DO DR. FICKER

De sua licença de seis meses, reassume o dr. Lindenberg em 10 de junho de 1913, sendo na sua ausência contratado para substituí-lo o dr. Otávio de Moraes Veiga, a partir de 19 de maio. Em 1 de abril entrou, também, para o Instituto Bacteriológico, o emérito professor alemão da Universidade de Berlim, dr. Martim Ficker (100), contratado por um ano, nos seguintes termos :

“São Paulo, 5 de maio de 1913.

Térmo de contrato que com o Governô do Estado, faz o prof. Martim Ficker, como abaixo se declara.

Aos três dias do mês de abril de 1913, nesta secretária, compareceu o sr. Martim Ficker, de nacionalidade alemã, professor da Universidade de Berlim, pessoa “sui juris” e disse perante o exmo. sr. dr. Altino Arantes, secretário de Estado dos Negócios do Interior, que se propunha a prestar ao Estado de São Paulo os seus serviços técnicos e profissionais de bacteriologia, no Instituto Bacteriológico do Estado, ou onde preciso fôr, nesta Capital e mediante as condições seguintes :

I

O contratante perceberá o ordenado mensal de 3.000 marcos que lhe serão pagos no último dia de cada mês, no Tesouro do Estado, pelo câmbio do dia, segundo a taxa adotada pela Caixa de Conversão do Governô brasileiro, a contar de 1 de abril corrente.

II

O Estado pagará ao contratante por uma só vez, como ajuda de custo, para as suas despesas de vinda e volta, a quantia de 4.000 marcos já recebida em Berlim, por intermédio do Banco Comércio e Indústria desta Capital e da qual dá quitação.

III

O contratante se obriga a desempenhar todos os deveres e serviços que pelo decreto n.º 2.141 de novembro de 1911, são afetos às funções que vai desempenhar, de acôrdo com as instruções do Governô do Estado ou da diretoria do Serviço Sanitário.

IV

O Estado manterá no Instituto Bacteriológico durante a vigência dêste contrato, ou enquanto for preciso, pessoa que entenda a língua alemã, para servir de interprete.

(100) — Conta-nos a “Gazeta Clínica” em número de 1938 :

“... um dos mais notáveis entre os cientistas estrangeiros que hospedamos e um dos que mais intimamente se tem adaptado ao nosso país e mais interesse tem mostrado pelos problemas de nossa pátria...

O prof. Ficker, filho de um pastor protestante, nasceu na pequena cidade de Schland na Saxônia (Alemanha) e formou-se em medicina na Universidade de Leipzig, indo depois clinicar na sua cidade natal de onde saiu para iniciar sua carreira universitária, primeiro como assistente do grande bacteriologista Fluegge, em Breslau, e depois do notável higienista Hoffmann, em Leipzig, onde conquistou a livre docência em Higiene e Bacteriologia com o seu trabalho, ainda hoje considerado fundamental, sobre “A duração da vida e a morte dos micróbios patógenos”.

Depois de af se distinguir também no terreno dos trabalhos práticos concernentes ao exame bacteriológico das doenças contagiosas e das águas fluviais, foi nomeado chefe de serviço do Instituto de Higiene da Universidade de Berlim, recebendo logo depois o título de professor. Foi aí que, durante dez anos de permanência entre seus trabalhos sobre o bacilo da febre tifóide e sobre Higiene Escolar, descobriu um novo processo muito prático de executar a reação de Widal, para o diagnóstico do tifo e paratifo, depois universalmente conhecido e aplicado sob o nome de “Typhusdiagnostikum”, de Ficker.

Em 1913 foi o prof. Ficker, por indicação do dr. Osvaldo Cruz, convidado pelo Governô de São Paulo para vir dirigir o Instituto Bacteriológico, onde se ocupou sobretudo das questões relativas ao tifo, à disenteria e ao abastecimento d’água de São Paulo, verificando, pela primeira vez, entre nós, certos tipos de disenteria, introduzindo a vacinação anti-tífica e relatando ao Governô sobre seus minuciosos e numerosos exames de nossas águas potáveis e a necessidade de melhorar o seu abastecimento.”

V

O presente contrato terá vigor por um ano, terminando a 31 de março de 1914. Este prazo poderá ser prorrogado por acôrdo das partes. Aceitas, como foram, estas condições, lavrou-se o presente, que, lido e achado conforme, perante as testemunhas abaixo, vai por todos assinado. Eu, Sebastião Félix de Abreu e Castro, chefe de seção, o escrevi. Eu, Alvaro de Toledo, diretor-geral, o subscrevo.

a) Altino Arantes, Martim Ficker, prof. a. d. Universität Berlin. Testemunhas: Carlos Chaves, M. Ferreira dos Santos.

— 5 —

A APOSENTADORIA DE LUTZ

O dr. Adolfo Lutz, que continuava no Instituto Oswaldo Cruz, pediu sua aposentadoria do cargo de diretor do Instituto Bacteriológico, em 30 de setembro, de 1913 quando o dr. Carlos Luís Meyer foi nomeado diretor efetivo, e cuja vaga de assistente foi ocupada, também em caráter efetivo, pelo dr. Manuel Pais de Azevedo, há algum tempo assistente interino.

Sobre a retirada do dr. Lutz, o dr. Carlos Meyer diz :

“É ocasião oportuna e nunca será demais registrar em documento oficial a perda sofrida não só pelo Instituto, como pelo Estado de São Paulo, com a retirada do dr. Adolfo Lutz da diretoria desta seção, onde trabalhava desde 1893.

Aqui muito concorreu êle para a resolução das mais momentosas questões condizentes com a saúde pública do Estado.

Para não nos externarmos em maiores citações, basta lembrar o papel que desempenhou nas epidemias de cólera do vale do Paraíba em 1893 e a peste bubônica em 1899 ; na elucidação do diagnóstico das febres denominadas paulistas, que de conformidade com o seu modo de pensar entraram para a febre tifóide ; nas notáveis experiências sobre a transmissão da febre amarela pelo *Stegomyia fasciata*, etc., etc., além dos seus notáveis estudos de entomologia tão reputados nos meios científicos europeus.

Como homenagem ao grande cientista os assistentes deliberaram colocar o seu retrato em uma das salas do Instituto, tendo para isso obtido o assentimento do exmo. sr. secretário do Interior (101), pelo seguinte officio :

Cidadão dr. diretor interino do Instituto Bacteriológico.

Associando-me à justa homenagem da colocação do retrato do dr. Adolfo Lutz, diretor dêsse Instituto, em uma das salas dêsse estabelecimento, tenho a honra de vos comunicar que o dr. Secretário do Interior, não só a autoriza como a ela também se associa, conforme officio em que a esta diretoria responde a vossa solicitação.

Saúde e fraternidade

O diretor-geral

a) Dr. E. M. Ribas.”

O dr. Otávio de Moraes Veiga foi, a 11 de junho, nomeado assistente em comissão (102).

(101) — ‘Exmo. sr. dr. Altino Arantes

M. D. Secretário dos Negócios do Interior do Estado de São Paulo.

Os assistentes do Instituto Bacteriológico, desejando prestar justa homenagem ao illustre sábio dr. Adolfo Lutz, diretor dêsse Instituto, pelos relevantes e inestimáveis serviços prestados a êste estabelecimento e ao Estado de São Paulo, vos pedem permissão para colocar o seu retrato em uma das salas do Instituto, cujo nome aquele emérito cientista tanto elevou no estrangeiro e dentro do país.

Saúde e fraternidade

O assistente e diretor interino

a) dr. Carlos L. Meyer”

(102) — Justamente no dia seguinte à volta do dr. Adolfo C. Lindenberg a quem estava substituindo.

Novo problema surge com a escrituração. Oduvaldo Viana entrou em 9 de janeiro em gôzo de licença de 60 dias, reassumindo no dia 12 de março (103). Durante sua ausência foi substituído por Benedito Leite Pentecado (escriurário da diretoria do Serviço Sanitário) no período de 14 a 21 de janeiro e em seguida de 22 de janeiro até 12 de março, pelo fiscal sanitário Alexandre Monteiro César, quando Oduvaldo Viana reassumiu. Este escriurário, entretanto, a partir do dia 29 de mesmo mês de março, deixou de comparecer ao serviço, sem, ao menos, dar uma satisfação, explicando o porque de sua atitude deselegante (104). Foi por isto demitido do cargo, ou melhor, por abandono dêle. Seu último substituto, Alexandre Monteiro César, a partir de 2 de abril, continuou no pôsto, quando em 9 de junho foi nomeado um escriurário efetivo, Alcebíades Arantes, que assumiu no mesmo dia.

— 6 —

CURSOS DE BACTERIOLOGIA

Foram encomendados e chegaram de Hamburgo e Berlim, os materiais autorizados pelo secretário do Interior, os quais iriam servir para os cursos práticos de bacteriologia clínica sob a orientação do dr. Martim Ficker, aos inspetores sanitários. Os cursos foram iniciados em novembro, cujo programa foi organizado pelo mestre alemão. Foram mensais com 2 horas diárias (das 14 às 16 hs) para uma turma de 6 inspetores sanitários, e compreendiam 20 lições teórico-práticas.

Era êste o programa :

<p style="text-align: center;">I Lição</p> <p>Técnica microscópica</p> <p>Estudos sôbre culturas puras</p> <p><i>Exame de algumas preparações coloridas</i></p> <p>1.º Bacilo <i>coli</i> (fucsina)</p> <p>2.º Estafilococo <i>albus metilenblau</i></p> <p>3.º Vibrião (fucsina)</p> <p><i>Exame de bactérias vivas em gotas pendentes</i></p> <p>1.º Espirilo <i>volutans</i></p> <p>2.º Bacilo <i>coli</i></p> <p>3.º Estafilococo <i>albus</i></p> <p style="text-align: center;">II Lição</p> <p>Técnica microscópica</p> <p>Coloração pelo Gram</p> <p>I — <i>Culturas puras de :</i></p> <p>1.º Bacilo <i>subtilis</i></p> <p>2.º Estafilococo <i>albus</i></p> <p>II — <i>Misturas de colorações pelo Gram positivo e negativo</i></p> <p>1.º Estafilococo <i>albus</i> e bacilo <i>coli</i></p>	<p>2.º Bacilo <i>subtilis</i> e v. <i>finkler</i></p> <p>3.º Saliva</p> <p>4.º Fezes</p> <p style="text-align: center;">III Lição</p> <p>Exercícios em métodos de cultura</p> <p>I — Inoculação em batatas</p> <p>II — Isolamento de bacilo <i>coli</i> das fezes humanas normais por meio de placas de gelatina</p> <p>III — <i>Prodigiousus</i>. Experiência de infecção por contato</p> <p style="text-align: center;">IV Lição</p> <p>I — <i>Estudos sôbre bacilos esporulados</i></p> <p>1.º Vivos . . . gotas pendentes</p> <p>2.º Coloração dos esporos</p> <p>II — Análise quantitativa e qualitativa do ar</p> <p style="text-align: center;">V Lição</p> <p>Exposição de placas</p> <p>I — Estudos sôbre bactérias ciliadas</p>
--	---

(103) — Oduvaldo Viana teve sua licença terminada no dia 9 de março quando devia reassumir, azendo-o, entretanto, somente no dia 12. Além destas duas faltas, deixou de comparecer ao serviço mais quatro dias, até o fim do mesmo mês. A partir do dia 29 deixou definitivamente de trabalhar, apesar de ter solicitado, em requerimento, autorização para nova licença, desta vez sem vencimentos, por um prazo de três meses. O requerimento do escriurário foi enviado ao dr. Emílio Ribas no dia 28 de março, para que a licença começasse a vigorar em 1.º de abril.

(104) — Oduvaldo Viana não esperou. Entrou em licença por conta própria no dia 29 de março. O dr. Carlos Meyer acusou ao diretor do Serviço Sanitário êste fato, no dia 5 de maio, sendo posteriormente, em junho, demitido o faltoso.

- 1.º Câmara escura
- 2.º Coloração
- II — Análise quantitativa da água
 - 1.º Água de abastecimento
 - 2.º Água de rio
- III — Análise quantitativa do leite
 - 1.º Antes de esterilizado
 - 2.º Depois de esterilizado

VI Lição

Estudos sobre germes piogênicos

- I — Estafilococo *pyogenes aureus*
 - a) ao microscópio
 - b) em culturas
 - c) experiência animal
- II — Meningococo
- III — Gonococo
- IV — *Pyocyanus*

VII Lição

Experiências sobre desinfecção

VIII Lição

Pneumonia

IX Lição

Anaeróbios
(Tétano)

X Lição

Cólera

- 1.º Cultura pura
- 2.º Exame de fezes
- 3.º Exame da água (cólera)
- 4.º Diagnose
 - a) Aglutinação
 - b) Reação de Pfeiffer

Vibrião de Metchnikof

XI Lição

Tuberculose

Exame microscópico do escarro

Experiência em animal

Processo de sedimentação

XII Lição

Actinomicose

Lepra

XIII Lição

Difteria e pseudodifteria

- a) Cultura pura
- b) Coloração e método de Neisser
- c) Diagnose

XIV Lição

Tifo

- 1.º Cultura pura e bacilo *coli*
- 2.º Microscópio — culturas
- 3.º Exame de fezes
 - a) Diagnóstico
 - b) Isolamento do bacilo tífico
 - c) Identificação: microscópio, culturas, aglutinação

XV Lição

Tifo (cont.)

Reação de Widal

Pesquisas do bacilo tífico na água

Paratifo

Culturas puras

Exame de fezes

Reação de Widal

XVI Lição

Envenenamento pela carne

Bacilo *enteritidis* Gärtner*Proteus**(Botulinus)*

Disenteria

- 1.º Disenteria amébrica
- 2.º Disenteria bacilar

- a) Shiga
- b) Flexner
- c) Y

XVII Lição

Peste

XVIII Lição

Protozoários

Espiroqueta *pallida*
(Câmara escura, etc.)

XIX Lição

Tripanossoma

- 1.º Shizotripanossoma *Cruzi*
- 2.º Nagana
- 3.º *Leishmania*

XX Lição

Parasitas intestinais

XXI Lição

Vacina antitífica

XXII Lição

Malária

Halteridium

— 7 —

VACINA ANTITÍFICA

Em 1913, foi novamente substituído pelo dr. Adolfo Lindenberg, o dr. Carlos Meyer, quando em gozo de férias, de 10 a 26 de dezembro.

O dr. Martim Ficker, autoridade incontestada em febre tifóide, iniciou seus estudos a respeito, fazendo exames de fezes, hemoculturas etc. e preparando, auxiliado por Teodoro Baima, uma vacina antitífica polivalente, que foi largamente aplicada em São Paulo inclusive em doentes do Hospital de Isolamento, onde mais de cem pessoas foram vacinadas, o que fez desaparecer, lá, completamente, o mal.

Pelo fato de, na Europa, a vacina antitífica ter dado resultados magníficos, foi sugerido à diretoria do Serviço Sanitário, a sua aplicação em São Paulo como medida profilática. A idéia foi aceita e posta em prática sob a orientação dos drs. Ficker e Baima.

O Instituto fez, durante o ano de 1913, 3.022 exames, sendo 219 de urina, 218 de fezes, 313 de escarros, 549 de sangue, 1.500 de ratos, e outros.

O dr. Teodoro Baima estudou a boubá, pesquisando o *Treponema pertussis* de Castellani e empregando o cloridrato de emetina na terapêutica, pela primeira vez em São Paulo. Um caso por ele examinado no Hospital de Isolamento, sofreu aquela medicação e saiu do nosocômio, aparentemente bom.

O dr. Lindenberg continuou estudando as dermatomicoses. Isolou o *Microsporium lanosum* de um caso de herpes circinado e estudou a blastomicose da bôca, não conseguindo, entretanto, sua cultura.

— 8 —

AS OPINIÕES DE FICKER

Logo depois da vinda do professor Martim Ficker, o dr. Emílio Ribas pediu a êle, que narrasse por escrito, sua opinião sobre o Instituto Bacteriológico. O dr. Ficker escreveu suas impressões e as remeteu ao dr. Guilherme Álvaro, então diretor-geral do Serviço Sanitário, em caráter interino, substituindo o dr. Ribas.

Êste trabalho do dr. Ficker é um pouco longo e minucioso, mas por ser do grande importância, pois, não só mostra os defeitos como também aponta aquilo que seria de interesse ser feito o transcrevermos em parte. Mostraremos os pontos falhos, assim julgados pelo dr. Ficker e também o resumo final de seu trabalho.

Vejamos a opinião abalisada do mestre Martim Ficker :

“O Instituto Bacteriológico já não satisfaz as aspirações que se exige de um instituto bacteriológico moderno. Deve-se considerar uma circunstância especialmente feliz a qual se deve aos cuidados e inteligência dos atuais assistentes e empregados dêste Instituto o não ter se dado, em virtude do modo primitivo de sua instalação, a transmissão de moléstias contagiosas aos assistentes e serventes.

1 — Mesmo em meios leigos, não se achará possível que eu escreva, que no único laboratório, no qual se acham as quatro mesas de trabalho do Instituto, não existem também instalações para se lavar as mãos.

2 — Falta um espaço de acôrdo com as exigências da moderna higiene para trabalhar com germes altamente infecciosos (peste, cólera, mormo). O quarto destinado a êste

trabalho fica no porão e é tão úmido, baixo e escuro, que é de todo impossível procederem-se ali a pesquisas que, às vezes, duram horas, como por exemplo nos muito frequentes diagnósticos de peste.

Devido à impossibilidade de trabalhar nesse quarto, os exames de peste são feitos na sala geral de trabalhos. Compreende-se bem, que sendo isso inadmissível e representando um perigo iminente para a transmissão do germe aos assistentes, aos criados, às moscas, etc., não pode um diretor de instituto assumir qualquer responsabilidade pelo exame regular de material altamente infeccioso.

3 — Os animais inoculados com peste não têm gaiolas protegidas contra as moscas e pulgas.

4 — O quarto da peste é tão acanhado que ali não se podem instalar as estufas necessárias, meios de cultura, materiais de vidro, instrumentos, etc. .

5 — Ao quarto da peste falta um cômodo adjacente para o exame dos animais de experiência, de modo que este serviço é feito na sala geral de trabalhos.

6 — Na única sala de trabalhos bacteriológicos do Instituto, sala do laboratório, não se pode fazer trabalho com o vácuo, visto faltar água corrente.

7 — Sendo o soalho do laboratório, de madeira, com as tábuas mal ajustadas, está ele exposto ao perigo das infecções e não pode ser desinfetado convenientemente.

8 — Nas mesas de trabalho faltam disposições para trabalhar com luz artificial, para o que não existe nem canalização de gás, nem corrente elétrica.

9 — O laboratório não dispõe de nenhuma chaminé para dar saída aos gases e vapor d'água.

10 — O número de mesas de trabalho (quatro !!) é insignificante.

11 — O Instituto não tem uma sala destinada às balanças. As pesagens delicadas são feitas num compartimento em que, às vezes, se trabalha com água em ebulição e que, além disso, serve de corredor de passagem. Isto não só prejudica a exatidão das pesagens como também a própria balança.

12 — A sala da biblioteca é muito pequena, não havendo mais espaço para instalar jornais e livros a encadernar.

13 — Faltam na biblioteca quase completamente a literatura higiênica e bacteriológica, a literatura sobre epidemiologia e profilaxia das moléstias infetuosas, sobre serviços sanitários estrangeiros, desinfecção, etc. . Mesmo a literatura bacteriológica experimental acusa a deficiência de obras e jornais fundamentais indispensáveis para acompanhar de perto a ciência.

14 — Falta uma sala de leitura para estudo das revistas correntes.

15 — Falta uma sala para os serviços de escrita. O escriptorário trabalha atualmente na sala da biblioteca, na única mesa que ali existe, de modo que está sempre ocupada quando ali se vai escrever, ler ou consultar qualquer obra.

16 — Falta um escritório para o diretor ; este não pode executar trabalhos escritos com sossego, porque a sala atual é também ocupada pelos assistentes.

17 — Falta um laboratório para o diretor, falta mesmo quartos isolados para os trabalhos práticos : atualmente trabalham todos os assistentes na mesma sala, o que lhes perturba o serviço.

18 — Falta uma sala para os trabalhos químicos. Na microbiologia e serologia modernas se tornam necessárias tantas manipulações químicas, que não se pode dispensar uma sala de laboratório especialmente destinada a esse fim.

19 — Como na sala de trabalhos, também na sala de lavatórios faltam saídas para os vapores de gás. Como toda a esterilização a vapor se faz nas salas de trabalho, onde não há saída para os gases e vapores, forma-se um calor insuportável e a acumulação de gases é prejudicial à saúde.

20 — Falta uma sala especial para estufas ; o quarto atualmente destinado a esse fim serve ainda para outros trabalhos, além de servir de corredor de passagem, de modo que se torna muito difícil manter as estufas em temperatura constante.

21 — Falta uma sala para guardar os meios de cultura.

22 — Falta uma sala de espera para os doentes de moléstias infetuosas que são enviados ao Instituto para retirada de material para exame. Até agora esses doentes são recolhidos à sala de espera comum, que serve ao mesmo tempo de guarda roupa dos

assistentes. É impossível proceder-se a uma desinfecção regular desse cômodo; podendo-se dar uma transmissão de germes infetuosos, nesta sala de espera comum.

23 — Faltam salas para depósito de materiais de vidro e drogas.

24 — Falta uma sala maior para coleções (preparações antomopatológicas, insetos preparados, etc.).

25 — Falta um espaço para guardar e desinfetar os aventais dos assistentes e serventes, eventualmente contaminados.

26 — O espaço atual destinado à limpeza e desinfecção das mãos, também não corresponde às exigências, por modestas que sejam.

27 — Falta um espaço para autópsia de cadáveres altamente infetuosos.

28 — Falta um espaço para experiências em animais maiores (cabras, carneiros, burros, macacos, etc.).

29 — Falta um forno para cremação de cadáveres. Não se pode admitir que cobaias e outros animais pestosos sejam levados ao forno de desinfecção do Hospital, que é muito distante. O forno crematório para animais altamente infetuosos deve se achar muito próximo do lugar dos trabalhos. Não se pode de outro modo assumir a responsabilidade pela ocasional propagação de germes infetuosos.

30 — A câmara escura e o aparelho para microfotografia estão instalados no porão, em um quarto tão pequeno, baixo e abafado, que é impossível uma permanência ali, por algum tempo. Como, às vezes, é necessário o exame durante horas, com o aparelho de polarização na câmara escura, para diagnóstico de carcinoma, gravidez, etc., torna-se de todo impossível proceder-se a esses exames nesse quarto.

31 — Os estábulos e gaiolas para criação e conservação dos animais inoculados, são de todo insuficientes, tanto em número e em dimensões, como também na execução que é muito primitiva, permitindo a propagação de germes, de modo que, trabalhando-se por exemplo com tuberculose, só se pode fazê-lo correndo perigo de vida.

Os defeitos do Instituto Bacteriológico, quanto à sua organização e a outros respeitos ainda, se evidenciam no projeto de organização abaixo, que eu fui levado a propor, em virtude das seguintes considerações."

Seguem-se, longamente, estas considerações que resumimos em alguns pontos, aliás síntese esta feita pelo próprio prof. Ficker. Acreditava êle que a reorganização que se segue, seria a ideal, ao menos provisoriamente.

"I — Acentuação das investigações científicas sôbre a luta contra as moléstias infetuosas.

1. Fundação de uma seção puramente científica para a pesquisa das moléstias indígenas e tropicais.

2. Criação de uma seção para o estudo científico da lepra.

3. Investigação científica das epizootias.

4. Criação de uma seção serológica (sérum-diagnóstico).

II. — Ampliação das atividades práticas em relação à luta contra as moléstias infectuosas.

1. Ampliação da seção de exames bacteriológicos a todos os casos suspeitos de moléstias infetuosas, se possível, à disposição livre dos médicos.

2. Criação de um posto para a diagnose da sífilis por meio da reação de Wassermann e exame microscópico.

3. Exame constante dos ratos (peste) e dos insetos portadores de germes infetuosos.

III — Ampliação do Instituto em um instituto de higiene prática e científica.

1. Anexação de uma seção para exames e formular pareceres sôbre os gêneros alimentícios (fiscalização do leite, da carne, etc.).

2. Anexação de uma seção de exames e informações sôbre questões referentes a abastecimentos de águas e esgotos.

3. Criação de um posto de informações (coleção de literatura médica e higiênica) para tôdas as questões de higiene prática.

4. Investigações científicas sôbre a higiene.

IV — Instrução

1. Ministrar conhecimentos aos estudantes de medicina (higiene e bacteriologia).
 2. Curso de aperfeiçoamento para os médicos do Governo.
 3. Criação de uma escola de desinfetadores.
 4. Cursos para enfermeiros.
 5. Curso de aperfeiçoamento para parteiras (higiene infantil, higiene do leite, profilaxia da febre puerperal).
 6. Conferências científicas populares.
 - a) Profilaxia das moléstias venéreas.
 - b) Profilaxia de outras moléstias contagiosas.
 - c) Higiene infantil e do leite.
 - d) Higiene da alimentação, etc..
- V — Instrução popular : criação do museu de higiene."

Foi esta a representação feita pelo dr. Martim Ficker, ao diretor-geral do Serviço Sanitário, cujas partes menores foram observadas na reforma executada em 1914, isto é, no ano seguinte. Em 1916 o dr. Teodoro Baima, então diretor do Instituto, em seu relatório, faz lembrar ao diretor-geral, da necessidade de se obedecer aos planos do dr. Ficker, evidentemente não em tôda a sua extensão, mas as partes urgentes e de necessidade premente. O grande Instituto que o dr. Ficker planejou, seria ainda uma utopia.

— 9 —

A REFORMA

Em 1914 o dr. Martim Ficker reformou seu contrato por mais um ano.

O auxiliar de laboratório José B. M. Machado entrou em licença em 6 de novembro, sendo contratado para substituí-lo a partir de 16 do mesmo mês, com os vencimentos de 200\$000 mensais, Antônio José de Almeida.

Reformas substanciais foram feitas neste ano. Foram as que já nos referimos acima.

O relatório de 1914, descreve-as pormenorizadamente :

"Fizemos a transformação lembrada no ano anterior da área contígua à sala de esterilização e lavagens, em uma sala para o mesmo fim, com todos os requisitos higiênicos e científicos, ficando aí instalados as autoclaves, fornos de Pasteur, fogareiros e mais aparelhos de esterilização e bem assim, uma pia com uma mesa de mármore para lavagens, duas mesas fixas com suportes de ferro e um armário para conservação do material de uso diário.

A antiga sala de esterilização e lavagens foi completamente transformada em uma sala asséptica para trabalhos delicados onde não estarão sujeitos às poeiras atmosféricas; neste compartimento foi logo executado, com ótimo resultado, o preparo da vacina antitífica e outras.

Nesta sala fizemos colocar um lavabo de ferro esmaltado para limpeza e desinfecção das mãos.

Tendo sido reforçada a corrente elétrica, fizemos substituir por lâmpadas elétricas a instalação de gás da sala do diretor, da secretaria e biblioteca e das três salas recentemente preparadas".

Tudo isto foi feito, além de radical modificação no biotério e residência do zelador, sendo ainda construída uma horta para sustento dos animais e um grande número de pequenas modificações e reformas que vieram melhorar, consideravelmente, as condições de trabalho do Instituto Bacteriológico.

Podemos perfeitamente observar a influência do dr. Martim Ficker, nesta ampla reforma. Os defeitos do Instituto foram por êle mostrados por escrito, e como vemos, muita coisa acusada pelo professor alemão, foi corrigida.

— 10 —

SURTO DE FEBRE TIFÓIDE

Os cursos de bacteriologia clínica continuaram funcionando, sempre de baixo da orientação do dr. Ficker, que, ao mesmo tempo, lecionava, assim como os assistentes e, mesmo, o diretor do Instituto.

Durante o ano, muitos médicos de São Paulo e acadêmicos de medicina freqüentaram o Instituto, com o fito de estudar. Dentre os estudantes de medicina, encontrava-se o sexto-anista Otávio de Carvalho, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que preparando sua tese de formatura (que versou sobre a febre tifóide e febres paratíficas), fez muitos exames de sangue, conseguindo isolar e identificar diversas raças de bacilos típicos.

Como se sabe, o dr. Ficker se dedicou quase que exclusivamente ao estudo das águas de São Paulo, fazendo exames os mais variados dos rios e córregos que cortam a cidade, águas de reservatórios para distribuição domiciliar, fontes públicas, etc., isolando grande número de germes patogênicos, inclusive o bacilo tífico, isolado da água de um das torneiras do Instituto no dia 28 de maio de 1914.

Em São Paulo, neste ano, apareceu uma epidemia de febre tifóide. Esta epidemia deu margem a estudos que resolveram muitos problemas inerentes à moléstia, feitos pelo dr. Martim Ficker e Teodoro Baima. Foi constatada a existência do bacilo de Eberth nas águas de abastecimento público e o dr. Baima estudou o papel das môscas na transmissão do dito bacilo, chegando a conclusões positivas. O dr. Otávio Veiga constatou também, o bacilo tífico nas alfices vendidas no mercado municipal. Até nas fossas e esgôto do Instituto Bacteriológico, os microrganismos da febre tifóide foram encontrados

Graças às vacinas preparadas por Martim Ficker, a epidemia não teve maiores conseqüências. Em 1914 São Paulo tinha uma população aproximada de 480 mil habitantes, sendo que 2,13% desse número foi vacinado, isto é, cerca de 10.000 pessoas. Foi ainda dado a público instruções sobre a vacina, que se resumiam no modo de usar, lugar de inoculação, doses, reações, imunidade, contra-indicações e conservação. Milhares de doses dessas vacinas foram distribuídas na Capital e interior de São Paulo e mesmo Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro. Tôdas as corporações militares da Capital paulista foram imunizadas, com a vacinação em massa das forças armadas.

Foi ainda, em 1914, constatada a existência de disenterias amebicas e bacilares em São Paulo, com os trabalhos do dr. Ficker e Teodoro Baima, que isolaram e identificaram os bacilos de Shiga e Flexner. Há tempos que, em São Paulo, se discutia a existência ou não dessas disenterias, sendo que sempre foi negada, apesar de o dr. Lutz já ter feito, em 1888 e 1889, estudos sobre as amebas e reunido suas observações em trabalho publicado em 1891, no qual afirmava existir tal agente patogênico na cidade de São Paulo.

A Seção de Demografia Sanitária do Serviço Sanitário sempre opinou desta forma: "a disenteria amébrica e bacilar de caráter endo-epidêmico é coisa que não existe na nossa Capital". Martim Ficker e Teodoro Baima contrariaram esta assertiva e provaram o contrário (105).

Os exames microscópicos desta vez alcançaram o número de 2.124, sendo 753 de sangue, 64 de urina, 187 de fezes, 361 de escarro, 195 de água de lavagem de verduras, 376 de águas, etc.

— II —

RETIRA-SE O DR. FICKER

Em 1915, em 25 de fevereiro, o dr. Manuel Pais de Azevedo exonerou-se e a 1 de março entrou em exercício o farmacêutico Bruno Rangel Pestana (106), para substituí-lo. Bruno Rangel Pestana era ajudante do Instituto Butantã desde 1907. O dr. Otávio de Moraes Veiga também afastou-se em 12 de março, ocupando seu lugar o dr. Alexandrino de Moraes Pedroso (107), na mesma data.

O dr. Ficker de novo renovou seu contrato com o Estado de São Paulo, por tempo indeterminado e rescindível em qualquer época, o que fez em 20 de novembro por ter que seguir para a Europa, a fim de tomar parte na contenda bélica que no momento se travava entre sua pátria, a Alemanha, e demais nações do globo. O dr. Ficker não chegou ao seu destino, pois o navio em que viajava foi aprisionado por belonaves britânicas e foi feito prisioneiro na Grã-Bretanha, durante vários meses, sendo pôsto em liberdade, por ocasião de uma troca de prisioneiros.

O servente José Soares faleceu em 21 de janeiro, sendo substituído por Antônio José de Almeida, a partir de 1 de março daquele ano.

O escriturário afastou-se temporariamente, sendo destacado para exercer aquelas funções em caráter interino, o funcionário do Hospital de Isolamento, Bráulio Gomes, no dia 17 de julho. O novo escriturário ficou no Instituto Bacteriológico até somente 26 do mesmo mês, pois que foi requisitado para trabalhar na diretoria-geral do Serviço Sanitário, no dia 24. Em troca foi mandado o funcionário que já conhecemos, Benedito Leite Penteado, terceiro escriturário da diretoria-geral, que demorou no Instituto até 28 de agosto, data que marcou a volta do escriturário efetivo.

A epidemia de febre tifóide continuou. As vacinações se multiplicaram. A ação imunizadora da vacina preparada no Instituto Bacteriológico se fez sentir.

(105) — Diz Teodoro Baima: "A existência da disenteria amébrica, sob forma endemo-epidêmica, na Capital de São Paulo, é infelizmente um fato inconcusso. Provam-nos as verificações dos que se entregam a pesquisas microscópicas para elucidação de diagnósticos; confirmam-no as observações de quase todos os profissionais clínicos, concretizadas em um rescripto escrito por jovem e distinto professor da nossa Faculdade de Medicina, sobre o "Movimento da Medicina em São Paulo em 1905", dado a estampa em um matutino da Capital da República." O dr. Baima se refere ao dr. Rubião Meira.

(106) — Bruno Rangel Pestana nasceu na Capital do Estado de São Paulo, a 15 de setembro de 1881. Formou-se em Farmácia, pela Faculdade de Farmácia anexa à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1902. Em 1907 integrou o quadro do Instituto Seruntherápico. Transferiu-se para o Instituto Bacteriológico em 1915. Chefe da Subdivisão de Bromatologia e Química em 1940, quando da criação do Instituto Adolfo Lutz; e, em 1951, com a re-orma do estabelecimento passou a diretor da Diretoria de Bromatologia e Química, em cujo cargo aposentou-se depois de quase 50 anos de exercício. Devida a suas múltiplas atividades, foi-lhe conferido o título de Servidor Emérito.

(107) — Exonerou-se, a pedido, em 2 de setembro de 1919.

A FEBRE PAPPATACI

Neste mesmo ano foi observado pelos drs. Ficker e Baima, em Carioba (estabelecimento fabril e agrícola a 3 km de Americana) um surto de febre *pappataci*, transmitida por flebôtomos. Chegaram a esta conclusão depois das experiências realizadas no Hospital de Isolamento com indivíduos que para isso se prestaram, isto é, que se deixaram picar por várias espécies de mosquitos. Inclusive a sra. Lisa Ficker, espôsa do dr. Ficker, (laureada pintora e desenhista, um dos valores das tendências pictóricas contemporâneas), serviu de cobaia. (108, 109).

Este diagnóstico de febre *pappataci*, talvez tenha sido feito muito às pressas e sem sólida base experimental, visto esta febre não se manifestar em nosso meio. Trata-se de uma doença febril de curta duração, 3 a 4 dias, clinicamente semelhante à influenza. É causada por um vírus veiculado por um psicodídeo hematófago, o *Phlebotomus pappatasi* e conhecido vulgarmente por mosquito palha.

Esta doença existe exclusivamente na Europa, África e Ásia, principalmente nas bordas do Mediterrâneo e desconhecida entre nós.

Portanto, a febre *pappataci* descoberta por Martim Ficker em Americana, talvez tenha sido outra virose (quem sabe?) que não a febre *pappataci*.

Preparou-se o local, em 1915, para os futuros estudos anti-rábicos.

(108) — Pessoas que se prestaram às experiências, sobre flebôtomos, realizados no Hospital de Isolamento em 1915 :

- 1) Antônio José de Almeida, com 22 anos de idade, brasileiro, solteiro, residente em São Paulo (Capital), à rua Anhaia n.º 121. Foi picado por três flebôtomos infetados no doente n.º 1 de Vila Americana (Carioba), em 20 de abril de 1915 ;
- 2) Senhora Ficker, alemã, residente provisoriamente em São Paulo, à rua Cincinnati Braga n.º 36. Foi picada por 4 estegomias infetados no doente n.º 1 de Vila Americana (Carioba), em 20 de abril de 1915 ;
- 3) Francisco Antônio Faraco, com 48 anos de idade, italiano, casado, residente em São Paulo, à rua Teodoro Sampaio n.º 1, Vila Cerqueira César. Foi picado por um flebôtomo infetado no doente n.º 2 de Vila Americana (Carioba), em 20 de abril de 1915 ;
- 4) Henrique Grunoser, com 40 anos de idade, alemão, casado, residente em São Paulo à rua Tabor n.º 1, bairro do Ipiranga. Foi picado por 4 estegomias infetados no doente n.º 2 de Vila Americana (Carioba), em 22 de abril de 1915 ;
- 5) Giovanni Susic, com 20 anos de idade, austríaco, solteiro, residente em São Paulo, à rua Hipódromo n.º 233. Foi picado por 4 exemplares de *Culex fatigans*, infetados no doente n.º 2 de Vila Americana (Carioba), em 21 de abril de 1915. Por ordem dos srs. drs. Lindenberg e Ficker, retirou-se em 30-4-1915 ;
- 6) José Elói Pupo, com 35 anos de idade, casado, brasileiro, residente em São Paulo, à rua Teodoro Sampaio n.º 86, Vila Cerqueira César. Foi picado por 2 exemplares de *Culex fatigans* infetados do doente n.º 2 de Vila Americana (Carioba), em 23 de abril de 1915 ;
- 7) Ernesto Eduardo Hermann, com 53 anos de idade, alemão, viúvo, residente em São Paulo, à rua Nova de São Joaquim (Vila São Joaquim), n.º 5, Brás. Foi picado por 4 exemplares de *Culex fatigans* infetados do doente n.º 4 de Vila Americana (Carioba), em 24 de abril de 1915. Não ficou no Hospital.
- 8) Ricardo Hoske, com 28 anos de idade, solteiro, alemão, residente em São Paulo, à rua Triunfo n.º 27. Foi picado por 2 exemplares de *Culex fatigans* infetados do doente n.º 4 de Vila Americana (Carioba), em 26 de abril de 1915 ;
- 9) Gregório Sinzinger, com 28 anos de idade, solteiro, alemão, residente em São Paulo, à rua Triunfo n.º 27. Foi picado por 5 estegomias infetados no doente Otto Mersenburg, residente à rua Prates, 71, Bom Retiro, em 7 de maio de 1915 ;
- 10) José Döbacklam, com 26 anos de idade, solteiro, alemão, residente em São Paulo, à avenida Tifadentes, 106. Foi picado por 6 exemplares de *Culex fatigans* infetados no doente Júlio Meca, residente à rua Condessa de São Joaquim, n.º 43, em 8 de maio de 1915.

(109) — São Paulo, 7 de maio de 1915.

Exmo. Sr. Dr. Guilherme A. Silva

DD. Diretor do S. Sanitário.

Solicito-vos dignes providenciar no sentido de ser fornecida adiantadamente pelo Tesouro do Estado uma verba especial de 200\$000 para pagamento a 10 pessoas que se submeteram por enquanto às experiências por picadas de flebôtomos no Hospital de Isolamento para verificação da transmissão da febre *Pappataci* por esse inseto.

Atenciosas saudações

O Diretor

(a) Dr. Carlos Meyer.

Em 1898, no Estado de São Paulo, a febre amarela atingiu seu clímax.

Campinas, onde ela surgiu por volta de 1888 (60), (61), foi o berço das experiências e, por conseguinte, das medidas novas de profilaxia inauguradas por Emílio Ribas, quando lá, desde 1896 (62), vinha lutando resolutamente para a extinção do mal.

Em se falando de febre amarela, jamais poderemos esquecer o nome de Emílio Marcondes Ribas (63). Foi êle o ponto culminante no combate àquela virose no Brasil e um dos principais vultos de todo o mundo, chegando mesmo a ser cobiçado por uma nação estrangeira, a França, que viu nêle uma capacidade, apesar de ser aquêle país o cadinho da humanidade onde a maioria das idéias novas e revolucionárias, em qualquer ramo da atividade humana, vinha à luz do dia.

Essa mesma França que tinha em suas mãos uma das mais belas equipes de cientistas, nos diversos campos da medicina, como Calmette (1863-1933), Roux (1853-1933), Yersin (1863-1943), Bouchard (1837-1915), Grancher (1843-1907), Widai (1862-1929), Launois (1856-1914), Richet (1850-1935), Gley (1857-1930), Dieulafoy (1839-1911), Jaccoud (1830-1913), Huchard (1844-1910), Metchnikof (64), Reclus (1847-1914), Brouardel (1837-1906), Nocard (1850-1903), Fournier (1832-1914), Raymond (1844-1910), Berthelot (1827-1907), Foix (1882-1927), Broca (1859-1924), Championnière (1843-1913), Jeanselme (1858-1935), sômente para citar alguns, rodeados de todo o conforto científico e do maior centro de pesquisas do globo, o Instituto Pasteur e tantos outros laboratórios e hospitais, não teve dúvidas de tentar conquistar para si o nosso notável Emílio Ribas, "o esquecido".

Disse Francisco Borges Vieira, em conferência que pronunciou em Campinas :

"Campinas foi o campo de batalha de um general arguto e brilhante, conseguiu triunfar sôbre o mal amarílico, usando processos que só mais tarde se consagrariam no estrangeiro e entre nós e ficariam firmados em bases experimentais e epidemiológicas, processos que viriam permitir o saneamento de diversas cidades paulistas, de Havana, do Rio de Janeiro, do canal do Panamá e outros lugares, em luminosa seqüência".

(60) — Foi esta a mortalidade por febre amarela em Campinas desde 1895 :

1895, 81 óbitos ; 1896, 788 ; 1897, 321, 1898, 3 ; 1899, 2 ; 1900, 2 ; 1901, 0 ; 1902, 2 ; 1903, 9 ; 1904, 0.

(61) — Segundo Licurgo do Santos Filho, em Campinas, em 1899, centenas de pessoas faleceram e outras abandonaram a cidade que, por alguns anos, ficou como cidade morta. "Nos meses de abril e maio de 1889, chegaram a morrer por dia, em Campinas, 25 a 40 pessoas."

(62) — Emílio Ribas ingressou no Serviço Sanitário em 11 de setembro de 1895.

(63) — Vide biografia de Emílio Ribas nota n.º 6.

(64) — Élie Metchnikof não era francês, mas quase tóda a sua atividade científica se desenrolou em França, no célebre Instituto Pasteur de Paris.

Metchnikof nasceu em Panassovca, Província de Carcov, na Rússia, no dia 16 de maio de 1845 e morreu em Paris no dia 16 de julho de 1916. Depois de estar na Alemanha e Suíça e ter lecionado em Odessa fixou-se em Paris, onde chegou a 15 de outubro de 1888.

É de se notar que o método usado em Campinas foi ainda o da desinfecção e isolamento dos amarílicos, além de outras medidas de caráter higiênico que foram, é certo, a morte da terrível virose.

Foram medidas empíricas, como diz Borges Vieira, mas salvadoras. Mais tarde vieram a ser confirmadas em Cuba por Reed, Carroll, Agramonte e Lazear.

Os mais notáveis estudos sobre febre amarela, foram realizados depois de 1902, o que nos permitirá voltar ao assunto, pouco mais adiante, quando este trabalho tiver atingido a altura daquele ano.

A febre tifóide caiu bastante de atividade, com uma diminuição de óbitos importando, talvez, em 25%. Campinas, que outrora foi um dos principais focos desta doença, sentiu sensivelmente sua diminuição, apresentando, agora, casos esporádicos. Este fenômeno é provavelmente advindo da profilaxia da cidade, feita por Emilio Ribas, quando de sua ação contra a febre amarela.

Os estudos dos venenos de cobra e de seus respectivos soros foram continuados, sendo que a cargo do dr. Vital Brazil ficou toda a experimentação a respeito. Várias pessoas fizeram doação de diversas espécies de serpentes vivas e venenosas (65). Os doadores foram: Manuel Martins, Francisco Garroux, dr. Maurício Janmot (66), Francisco Matoso, Miguel de Alvarenga e Diogo de Faria. Foi oferecida recompensa a quem levasse uma cobra ao Instituto (os doadores acima, gratuitamente, levaram suas presas), o que facilitou a obtenção daqueles répteis e permitiu certa regularidade na extração do veneno. Foi, também, inaugurado uma coleção de ofídios, já bastante variada, que serviria, como diz o dr. Lutz, para fins de classificação.

(65) — Em officio de n.º 145 o dr. Lutz assim escreve ao dr. Emilio Ribas: "Sendo muito animadores os resultados das experiências feitas com o sêrum de pequenos animais imunizados neste Instituto, contra o veneno ofídico e que nos leva a convicção de podermos obter dentro de pouco tempo um sêrum preventivo e curativo, convém para completar os estudos iniciados sobre este assunto e para imunizar grandes animais, adquirir-se um número maior de cobras podendo fornecer grande quantidade de veneno, bem como exemplares de espécies que são raras ou não se encontram neste Estado, como por exemplo o urutu e a surucucu.

Constando haver em grande abundância cobras venenosas em alguns dos Estados do norte e do sul da República, rogo-vos que providenciéis, se julgardes acertado, no sentido de serem solicitadas por intermédio do Governo, aos respectivos governadores dos outros Estados as seguintes informações:

- 1.ª Quais as espécies venenosas existentes no Estado ?
- 2.ª Quais as espécies mais abundantes ?
- 3.ª Qual a época e os lugares mais favoráveis para serem apreendidas ?
- 4.ª Poderá o Governo estadual encarregar-se de mandar ao Instituto Bacteriológico de São Paulo, um número maior de cobras vivas das diversas espécies venenosas aí existentes ?

Quando não houver meios de obter exemplares vivos de uma espécie menos frequente a remessa de peles ou de exemplares bem conservados também será de grande utilidade para o estudo da distribuição das espécies.

- 5.ª Qual a frequência das mordeduras de cobras e a mortalidade observada nesse Estado ?

§ No caso de não haver pessoas práticas de apreender cobras, o Instituto poderá fornecer as instruções e os instrumentos necessários.

§ Aproveitando a oportunidade será conveniente ser solicitado as seguintes informações em relação à febre amarela, febre tifóide, malária e beribéri que também constituem ainda estudos para este Instituto.

- 1.ª Qual a frequência de tais moléstias no Estado ?
- 2.ª Quais são os pontos e a época que são observadas com maior frequência ?
- 3.ª Qual a sua mortalidade relativa ?"

(66) — A 2 de junho de 1899 o dr. Lutz mandou uma carta ao dr. Maurício Janmot: Ilmo. sr. dr. Maurício Janmot.

Participando-vos que recebi as cobras que enviastes ao Instituto, cumpre-me apresentar os meus cordiais agradecimentos e aproveito a oportunidade para comunicar-lhe que a gaiola vai de novo ser despachada para aí. Sem mais assunto, subscrevo-me."

Em 1898 foi remetido ao Instituto Bacteriológico uma porção de um preparado que recebeu de seu autor o nome de "Salva Vidas" (67). Era uma alcoolatura da planta chamada "cipó de lagarto", que seu preparador considerou eficaz contra mordedura de cobras ou outros animais peçonhentos. Este líquido foi examinado pelo dr. Vital Brazil, que depois de várias experiências, chegou a esta conclusão: "1.º O preparado denominado "Salva Vidas", não é tóxico nem em doses maiores do que as prescritas pelo seu autor. 2.º É completamente ineficaz no tratamento do envenenamento offídico".

— 1 —

A PESTE BUBÔNICA

O ano de 1899 pertenceu à peste bubônica. Foi um surto originado no porto de Santos, que deu margem a belíssimos estudos que, por sua vez, moveram campanhas difamantes e que ainda gerou um grande acontecimento: a criação do Instituto Seruntherápico, hoje mundialmente conhecido pelo nome de Butantã.

Tudo começou na segunda metade do ano. A mortandade de ratos suspeitos de serem pestosos, fez com que Emilio Ribas (diretor-geral do Serviço Sanitário desde 15 de abril de 1898), decidisse tomar uma série de medidas para evitar o aparecimento de um surto em largas proporções que viria, sem dúvida, provocar uma alarmante situação.

Dentre os médicos do Instituto Bacteriológico, foi destacado para essa missão, o dr. Vital Brazil, que, segundo suas próprias palavras, era o "mais nôvel e obscuro dos ajudantes do Instituto", num repente de modéstia. No dia 9 de outubro partia para Santos, levando consigo, todo o material indispensável a seus estudos futuros, instalando-se no Hospital de Isolamento local.

As pesquisas foram iniciadas com o estudo de ratos vivos, apanhados em locais onde se havia dado a morte de outros. Nesse meio tempo, o dr. Eduardo Lopes da Silva (68), chefe da Comissão Sanitária em Santos, comunicou, no dia 14 de outubro, o aparecimento do primeiro caso suspeito. Era a mulher de nome Rosa Caseiro, residente na rua 15 de Novembro, n.º 39 (Casa Milone, restaurante e botequim), espanhola de nascimento e residente em Santos há três anos.

Todos os sintomas que a enferma apresentava (já estava doente há três dias), eram de moléstia infecciosa e se assemelhavam com os de tifo icteróide (febre amarela), sem, entretanto, ser firmado o diagnóstico. Foi removida, no mesmo dia, para o Hospital de Isolamento, para ser submetida a exames mais detalhados. No dia seguinte outro doente vindo da mesma

(67) — Em 19 de julho 1898, o dr. Adolfo Lutz mandou este offício de n.º 51, ao dr. Emilio Ribas: "Tendo de se efetuar amanhã neste Instituto uma experiência sobre veneno de cobra e o emprêgo do medicamento denominado "Salva Vidas" preparado pelo farmacêutico Francisco Serra Júnior, cumpre-me a honra de vos convidar para assistir a estas experiências".

(68) — O dr. Eduardo da Silva formou-se em medicina no Rio de Janeiro no ano de 1891, colaborando desde então com o dr. Emilio Ribas, no combate à febre amarela. Foi nomeado delegado de saúde de Ribeirão Preto, em 1918, ocupando este cargo até seu falecimento, em 13 de setembro de 1931.

Foi ainda delegado de higiene em Araraquara, em 1893. Ocupou este mesmo posto em São Paulo. O Centro de Saúde de Ribeirão Preto leva hoje seu nome, homenagem esta prestada em 7 de maio de 1943, pelo Decreto n.º 13.353, sendo em 12 de julho do mesmo ano, inaugurada naquele Centro a placa: "Dr. Eduardo Lopes da Silva".

Casa Milone, apresentando calafrios, cefalalgia e febre, foi internado e veio a falecer poucas horas depois, quando dava entrada o terceiro suspeito.

No dia 14 chegou de São Paulo o dr. Adolfo Lutz.

Surgiu o quarto doente 48 horas depois, vindo também da Casa Milone. Junto com o novo doente (4 anos e meio), foi levada toda a família (7 pessoas), ficando internada em separado daqueles que já estavam enfermos.

Dias depois toda a família adoeceu.

Assim continuaram a surgir casos e mais casos, todos suspeitos de peste.

Faleceram nos dias 17 e 18, mais dois doentes, sendo eles autopsiados. A autópsia do segundo (Aristides José Lemos) foi assistida pelo dr. Emílio Ribas, que tinha ido a Santos orientar "in loco", as medidas profiláticas que seriam adotadas.

Finalmente, com todos os exames realizados, a comissão encarregada da verificação do surto declarou oficialmente, no dia 18 de outubro, que a moléstia que grassava em Santos era a peste bubônica. Para isto o Governo paulista mandou publicar a seguinte declaração :

"Pelos exames bacteriológicos e mais investigações nas repartições sanitárias, verificou o Governo que os três doentes, recolhidos no Hospital de Isolamento em Santos, estavam atacados de peste bubônica, confirmando-se infelizmente, as suspeitas que deram lugar às primeiras providências, determinadas pela mesma repartição. O Governo conta firmemente impedir a propagação da moléstia naquela cidade, evitando que ela tome forma epidêmica, graças às enérgicas medidas de que tem lançado mão, obstando que o flagelo se comunique a esta Capital ou a qualquer ponto do interior do Estado.

O Governo confia na calma da população e no seu patriótico auxílio a todas as medidas para isso necessárias".

Foi um Deus nos acuda ! A cidade toda gritou e protestou contra aquela resolução. Não queriam que fôsse peste. Este diagnóstico viria perturbar toda a vida econômica da praça e o prejuízo alcançaria grande vulto, pois que o porto seria evitado e provavelmente interditado.

A cidade não se acalmou. Foi pedida a presença do dr. Rodolfo Chapot Prévost (cirurgião no Rio de Janeiro e falecido em 28 de outubro de 1907). Ao dr. Prévost (também professor da Faculdade de Medicina do Rio e famoso pela operação que praticara, recentemente, num caso de xifopagia) foram feitas demonstrações de um novo caso bem característico (João Fonseca), entrado no Hospital de Isolamento, e que foi por ele estudado. Concluiu também pela peste.

Não se contentaram os santistas e, no dia 22 de outubro, chegou o dr. Osvaldo Gonçalves Cruz (bacteriologista do Instituto de Manguinhos), a convite da Câmara Municipal de Santos, para ver se contrariava o que Vital, Lutz, Ribas e Chapot Prévost haviam decidido. Osvaldo Cruz também confirmou e em 27 de outubro manda ao Governo federal o seguinte telegrama :

"Animais inoculados com cultura pura, proveniente do homem, apresentam sintomas característicos. Do animal doente e do cadáver do animal, isolei a mesma forma bacteriana que do homem. O micróbio isolado do animal e injetado em outros animais, reproduz a mesma moléstia.

Fechei o ciclo pasteuriano para a diagnose da espécie microbiana patogênica. Os critérios clínico, epidemiológico e bacteriológico permitem afirmar categoricamente ser a peste bubônica a moléstia reinante.

Fico completar estudos e preparar material confirmativo do meu asserto".

Oswaldo Cruz fez ainda detalhado relatório ao ministro da Justiça. Depois de discorrer longamente sobre as pesquisas e morfologia do bacilo causador do mal, termina assim :

“1.º — Do organismo dos doentes afetados da moléstia epidêmica, reinante em Santos, foi isolado um cocobacilo de morfologia e biologia perfeitamente determinadas e características.

2.º — Na taxionomia bacteriana, o cocobacilo isolado dos doentes de Santos, corresponde à espécie descrita por Kitasato e Yersin como produtoras da peste bubônica.

3.º — Os caracteres clínicos e epidemiológicos da moléstia que grassa em Santos, quadram-se nos moldes clássicos da peste bubônica.

Do confronto destas proposições, deve-se concluir, pois, que: a moléstia reinante em Santos é a peste bubônica.”

No mesmo dia da chegada do dr. Oswaldo Cruz, isto é, dia 22, o dr. Vital Brazil caiu doente, atingido pela peste que vinha pesquisando. Foi mais uma vítima da moléstia, que, felizmente, não levou a cabo sua ação fatal muitas vezes. O prosseguimento dos estudos foram deixados nas mãos de Oswaldo Cruz, que levou avante o problema.

Apesar de todos os médicos confirmarem o diagnóstico de peste, continuam os ataques violentos, partidos principalmente do comércio santista. Lutz, então, envia a diversos pontos da Europa, culturas e material ganglionar para que as maiores autoridades do Velho Mundo dessem sua palavra. A confirmação foi geral : Metchnikof, do Instituto Pasteur de Paris ; Manson, mestre em medicina tropical em Londres ; Nocht e Dumbar, ambos do Instituto de Higiene de Hamburgo.

Em 24 do mesmo mês de outubro chegou a Santos o dr. Vitor Pereira Godinho, para assumir a direção do Hospital de Isolamento, onde ficou internado Vital Brazil, sob os cuidados profissionais de Oswaldo Cruz, e, agora, do novo diretor do Hospital. A este respeito diz o dr. Vital :

“O dr. Oswaldo Cruz, com a maior solicitude e amizade, acompanhou nosso tratamento — fato que registramos com verdadeiro júbilo e reconhecimento. A este colega e ao dr. Vitor Godinho hipotecamos nossa eterna gratidão pelo que muito fizeram.”

— 2 —

A SAÚDE DE VITAL BRAZIL

Do registro clínico diário do dr. Vitor Godinho, quando diretor do Hospital de Isolamento de Santos, durante a epidemia de peste, salientamos o desenvolvimento da moléstia no organismo do dr. Vital Brazil, que era da forma ganglionar. Vejamos o registro :

“Dr. Vital Brazil, brasileiro, mineiro, cor branca, 34 anos de idade, casado, ajudante do Instituto Bacteriológico em São Paulo, residente atualmente neste Hospital. Adoeceu no dia 22 de outubro, sendo de notar que no dia 20 de corrente tinha tomado uma injeção de 10 cc. de sêrum como preventivo.

No dia 15, à tarde, fizera uma autópsia em rato encontrado morto e o rato achava-se coberto de pulgas que foram mortas a clorofórmio. Algumas delas passaram-lhe para as mãos e para o corpo, sendo de presumir que a infecção se tivesse dado por esse meio. Além disso, o doente, pela natureza de seu cargo e sua competência, tinha feito diversas autópsias anteriormente, quer em cadáveres humanos, quer em ratos ou cobaias.

No dia 22 sentiu mal-estar geral, náuseas, prostrações de forças, dor difusa na região inguinal direita.

Foi-lhe feita uma segunda injeção de 20 cc. de sérum Yersin, depois da qual sentiu-se muito melhor, passando todos os fenômenos gerais, exceto a dor inguinal. À noite nada sentiu, atribuindo tão sensível melhora ao sérum.

Dia 23 — Ao amanhecer não sofria dor alguma, mas, à tarde, sentiu fortes picadas na região inguinal, que, sendo examinada pelo dr. Adolfo Lutz, deixou perceber a existência de dois gânglios engorgitados.

Foi-lhe feita uma nova injeção de 20 cc. de sérum Yersin. Nestes dias, a temperatura tinha sido normal.

Dia 24 — Fenômenos gerais dissipados, sentindo apenas dor forte nos gânglios engorgitados e o doente percebeu que, além daqueles primitivamente engorgitados, e que eram situados pouco abaixo da arcada, havia outros acima dela, também engorgitados.

Temp. às	4 h. da t.	37°2	pulso	104
„ „	6 „ „	38°2	„	106 (inj. 20c c. sérum)
„ „	10 „ „	38°2	„	106

Dia 25 —

Temp. pela manhã		37°4	pulso	96
„ ao meio-dia		37°5	„	104
„ „	1 da t.	37°9	„	100
„ às	3,30 h. da t.	38°2	„	106 (inj. 20 cc. sérum)
„ „	6,30 „ „	38°9	„	110

Às 7 horas da tarde sentiu calafrios. Tomou leite e vinho do Pôrto e transpirou um pouco.

O doente passou todo o dia em estado soporoso. Em todo o caso, sendo acordado, conversava lúcida e mente.

A face apresentava-se vultuosa e corada; olhos injetados. Ligeira icterícia que já era notada desde o dia 23 nas escleróticas.

Dia 26 —

À noite de 25 para 26, o doente dormiu regularmente. Os gânglios apresentavam-se menos engorgitados e menos dolorosos. Temperatura, às 9 horas da manhã, 38°6, com 110 pulsações por minuto.

Nessa hora foi feita uma injeção de 40 cc. de sérum Yersin.

O doente queixa-se de quebramento de fôrças e dores vagas pelo corpo, como os indivíduos infeccionados.

Três horas depois da injeção, isto é, às 12,30 da tarde, temp. 38°9 e, às 3,30, temp. 39°, pulso 110.

O doente acusa dores de cabeça e alguns calafrios, como na véspera.

Temp. às	6,30 h. da t.	38°8	pulso	104
„ „	7,50 „ „	39°3	„	110 (inj. 40cc. sérum sólido)
„ „	11,00 „ „	39°4	„	118

Sentiu algumas dores no lugar da última injeção que fôra feita no flanco direito, por ter sido já muito injetado no dorso.

Apesar da febre, passou a noite regularmente.

Dia 27 —

Pela manhã, temp. 38° com 100 pulsações.

Já não apresenta a mesma sonolência da véspera. Fisionomia menos vultuosa e mais animada.

Durante o dia sentiu certo desânimo; acusou cefalalgia frontal intensa, que só cedia com aplicações de compressas geladas. Havia 3 dias que não evacuava, pelo que foi-lhe prescrito 40 gramas de citrato de magnésia, que produziu-lhe três evacuações.

Temp. ao meio-dia		38°6	pulso	104
„ às	3 h. da t.	38°6	„	110 (inj. 40cc. sérum sólido)
„ „	6 „ „	38°6	„	104
„ „	7,30 „ „	38°3	„	110
„ „	10,00 „ „	38°4	„	104

Dia 28 —

Temp.	pela manhã	37°8	pulso	96	(doente mais animado)
„	às	10 h. da m.	37°2	pulso	96 (cessaram as dores)
„	„	1,30 h. da t.	37°2	pulso	94 (boas condições)
„	„	7,00 „ „ „	37°8	„	98 (inj. 20cc. sêrum sólido)
„	„	8,30 „ „ „	n. 38	„	92
„	„	11,00 „ „ „	38°	„	92

Dia 29 —

Temp.	às	7,30 h. da m.	37°5	pulso	90
„	„	11 „ „ „	37°8	„	92
„	„	3 „ „ t.	37°5	„	94
„	„	7 „ „ „	38°	„	92
„	„	10 „ „ n.	38°	„	90

Dia 30 —

Temp.	às	7 h. da m.	37°5	pulso	88
„	„	2 „ „ t.	37°8	„	96
Temp.	„	5 „ „ „	37°6	„	90
„	„	9,30 „ „ n.	37°6	„	88

Dia 31 —

Temp.	às	6,30 h. da m.	36°8	pulso	78
„	„	1 „ „ t.	38°	„	106

Com esta nova exacerbação de temperatura coincidiu a aparição de dores reumatóides nas articulações túbio-tarsianas e nos punhos, seguindo-se a elas um eritema difuso na região túbio-tarsiana, eritema que, por sua vez, acabou em legítima púrpura com manchas de 10 centímetros de diâmetro, pouco mais ou menos.

Temp. às 8,30 h. da n. 37°4 pulso 88

Dia 1 de novembro —

Temp. às 7,30 h. da m. 36°5 pulso 80

De então por diante, a temperatura não se elevou acima do normal e o pulso regularizou-se, isto é, pôs-se mais em harmonia com a temperatura.

O doente entrou em convalescença, com grande gáudio de seus colegas e proveito para a ciência. Teve alta no dia 4 de novembro.

Devo consignar que foram inúmeras as atenções de vários colegas que pediam, frequentemente, notícias do doente e que foram tomadas providências para que nada lhe faltasse.

Durante sua moléstia, o doente recebeu a visita dos srs. coronel Fernando Prestes, presidente do Estado, dr. José Pereira de Queirós, secretário do Interior, dr. Emílio Marcondes Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Eduardo Lopes, chefe da Comissão Sanitária em Santos e vários amigos médicos.

O dr. Osvaldo Cruz acompanhou a moléstia e tratamento com solicitude e amizade.

Devo, também, consignar que, no transe doloroso por que passou o Estado de São Paulo, o Estado de Minas encontrou-se a seu lado, auxiliando-o a combater o flagelo e mitigando-lhe os sofrimentos. É mineiro o dr. Vital Brazil que fez o diagnóstico bacteriológico da peste e que para o fazer, pôs em risco a sua vida. É mineiro o diretor do Hospital. É mineiro o farmacêutico e, por fatalidade, era mineiro o segundo doente Joaquim Chaves, que foi o primeiro autopsiado.”

— 3 —

A ORIGEM DO SURTO

Concluindo seu relatório sobre a moléstia de Santos, Vital Brazil diz: “A característica epidemiológica, a observação clínica e a prova bacterio-

lógica, nos levam a concluir que a moléstia que estudamos em Santos é, sem dúvida alguma, a peste bubônica”.

Não foi fácil a campanha, pois não havia meios suficientes para dar combate à peste, já que faltava o sôro de Yersin, cuja eficácia já havia sido comprovada. Os pedidos feitos ao Instituto Pasteur de Paris, o único estabelecimento do mundo que preparava tal sôro, não puderam ser atendidos com presteza, visto ser grande o número de solicitações de tôdas as partes do globo.

Justamente na ocasião dessa intranquilidade entra, no porto de Santos, um navio francês que foi a tábua de salvação. Emílio Ribas conseguiu que o comandante do vapor cedesse uma certa quantidade de sôro que carregava por precaução. Esta droga serviu para o início da profilaxia.

Como havia chegado a Santos a peste bubônica ?

No ano seguinte, 1900, no dia 28 de fevereiro, H. Lawrence, cônsul dos Estados Unidos em Santos escreveu, daquela cidade, a seguinte carta ao dr. Adolfo Lutz :

“Amo. sr.

Agradecendo de antemão tôdas as informações que abaixo peço a v.s., tomo a liberdade de dirigir a presente com referência à aparição e completo desaparecimento da peste bubônica nesta cidade.

Tomando em consideração pelo que me foi possível investigar, o aparecimento daquela peste teve lugar um mês depois da chegada do vapor “Rei de Portugal” neste pôrto e se presume que foi importada por dito vapor, transportada pelos ratos, que muito dos quais morreram de um modo muito particular e antes mesmo da declaração oficial.

Existem muitas contradições do que exponho acima, pois que oficialmente se declara que os ratos morriam pelos efeitos venenosos aplicados pelos empregados da Companhia Docas de Santos, pelo que aparece e pelos exames feitos por v. s. reprovam a idéia da aparição da peste conduzida pelos ratos ou que tenha em qualquer caso, existido entre os mesmos e em combinação com a data do aparecimento.

Enfim, me consta que só houveram 41 casos, 15 dos quais faleceram e 26 se salvaram entre as datas da aparição : outubro 15, 99 e conclusão janeiro 27, 1900, quando o porto de Santos foi declarado limpo (69).

Concluo reiterando meus sinceros agradecimentos pelas informações que peço. Sou com estima e consideração de v. s.

a) H. Lawrence. Acting Cônsul dos Estados Unidos da América.”

Em resposta a esta carta, o dr. Lutz escreveu :

“Ilmo. sr.

Cônsul dos Estados Unidos da América.

Em resposta a sua carta de 28 de fevereiro, tenho de vos declarar que, ao meu ver, a peste foi importada em Santos, por um dos vapores procedentes do Pôrto, seja pelo “Rei de Portugal”, seja por um chegado anteriormente.

(69) — O dr. Vítor Godinho, quando diretor do Hospital de Isolamento de Santos, deu a público, no dia 2 de janeiro de 1900, os seguintes dados constantes do movimento de pessoas atacadas pela peste, naquelle Hospital, referentes ao mês de dezembro anterior :

Existiam	14
Entraram	3
Saíram	8
Faleceram	2
Ficam	7

Este número dá o coeficiente de mortalidade igual a 11,76%.

Em janeiro de 1900 existiam 7 pestosos, dos quais 5 saíram e 2 morreram, não restando mais nenhum internado por peste. Neste mês foi de 28,57% o coeficiente de mortalidade.

É perfeitamente verificado que os ratos mortos ou doentes encontrados num armazém da Companhia de Docas, pouco antes do aparecimento da moléstia nos homens, tinham sucumbido à peste e não ao veneno.

Este ponto ficou seguramente estabelecido pelo exame bacteriológico feito por mim e pelos exames clínicos feitos no Laboratório de Análises. Na casa Milone, também foi encontrado um rato afetado de peste.

Em São Paulo, onde examinei perto de 200 ratos, não encontrei nenhum sofrendo da moléstia.

A respeito do número da porcentagem da mortalidade e do tempo de observação dos casos ocorridos, acredito que as informações recebidas pelo sr. estejam corretas.

Com estima e consideração, me subscrevo."

Por esta troca de missivas, podemos observar claramente, qual a origem da peste bubônica manifestada em Santos e qual foi o estrago produzido. De fato, era o mal levantino que já se fazia sentir na cidade do Pôrto — Portugal — e que ameaçava tomar conta da Europa e América.

A respeito da origem da peste em Santos, assim se expressou "O Estado de São Paulo", em sua edição de 17 de outubro daquele ano :

"Procuramos saber donde teria vindo a moléstia para o nosso pôrto de mar, e tudo nos leva a crer que veio da cidade do Pôrto pelo "Rei de Portugal". Este vapor esteve atracado ao cais, dias depois de decretada a quarentena pelo Govêrno federal. Sabendo disso, o dr. Pereira de Queirós, secretário do Interior, telegrafou imediatamente ao dr. Epitácio Pessoa, ministro do Interior da União, pedindo providências. O dr. Epitácio Pessoa respondeu que o "Rei de Portugal" não estava sujeito à quarentena, porque tinha saído do Pôrto no dia 31 de julho e a quarentena era só para os vapores saídos desde 1 de agôsto. Ora, como se sabe, como está verificadíssimo, a epidemia do Pôrto começou no mês de junho, apesar de ter sido oficialmente declarada em 1 de agôsto."

Escreveu a "Revista Médica de São Paulo", tirada a 15 de novembro de 1899 :

"Quis a fatalidade que fôsse o Estado de São Paulo o primeiro acometido — pelo terrível flagelo, que erguia-se ameaçador em Portugal e no Paraguai.

As íntimas relações comerciais entre Portugal e o pôrto de Santos faziam prever, desde que foi declarado o mal naquele país, a possibilidade de infecção do mais importante pôrto de mar do Estado.

As autoridades sanitárias estaduais tomaram, desde logo, as providências que se achavam ao seu alcance, no sentido de evitar a todo transe, a importação do germe.

Infelizmente, porém, a ação de nossas autoridades cessaram quando se tratava da imposição do necessário expurgo aos navios provindos de portos suspeitos.

Ninguém porá em dúvida que o mal veio a bordo de algum navio e, desde então, compreende-se que as autoridades estaduais não sejam responsáveis pela introdução da peste.

O diagnóstico foi firmado com a presteza e segurança ditadas pelo interêsse da saúde pública e a declaração oficial não se fêz esperar.

Reproduziu-se então, a mesma cena observada em outros pontos atacados de peste — um movimento de incredulidade e de revolta. O povo não quer que seja peste, porque não convém a seus interêsses. Alguns médicos mal orientados acorçoam a incredulidade e a revolta popular, sem, entretanto, procurarem ver aquilo que negam.

A verdade científica, documentada, mantém-se calma e serena nesta tempestade de paixões, ciente do papel que representa nos sagrados direitos da higiene pública.

A higiene de São Paulo, dispondo de um pessoal aguerrido pelas lutas que sustentou com as epidemias de cólera, febre amarela e difteria e de grande quantidade de material de defeza, acha-se habilitada a impedir a devastação que seria de esperar, tratando-se de uma moléstia tão perigosa e dessiminável."

— 4 —

O BUTANTÃ

Quando começamos a falar da peste bubônica em Santos, citamos a sua principal consequência: a criação do Instituto Serumterápico, hoje Instituto Butantã.

Em meio a epidemia de nosso principal pôrto de mar, cingido pelas dificuldades de obtenção do sôro de Yersin, preparado pelo Instituto Pasteur de Paris, contra a peste bubônica, o dr. Emílio Ribas não titubeou e sugeriu a criação de um laboratório em São Paulo, que fôsse suficiente para produzir as diversas espécies de soros, preventivos e curativos, ficando, desta forma, o país livre da subordinação a outros, principalmente a França, produtora quase que exclusiva da maioria das drogas que o mundo não podia prescindir.

Ainda grassando a peste no pôrto de Santos, Emílio Ribas, junto ao Governo, fez medrar a idéia e o governador do Estado, coronel Fernando Prestes de Albuquerque, e o dr. José Pereira de Queirós, secretário do Interior convencidos da necessidade do novo centro de pesquisas, deixaram a cargo de Emílio Ribas, Vital Brazil, Adolfo Lutz e Osvaldo Cruz, a escolha do local destinado àquele fim.

Foi escolhida a Fazenda Butantã, à margem do rio Pinheiros, distante da cidade 9 quilômetros, com cêrca de 300 hectares de área. Imediatamente foram encetadas as obras de adaptação e, em 16 de dezembro de 1899, foram encomendados, pelo dr. Lutz, os materiais de laboratório necessários para o início dos trabalhos e comissionado para a direção do novo Instituto, o dr. Vital Brazil. Sua organização foi firmada, entretanto, pelo decreto n.º 878-A, de 23 de janeiro de 1901, com uma verba de 56:000\$000 destinada ao pagamento do pessoal e materiais de laboratório.

No prefácio da obra de Vital, "Memória histórica do Instituto Butantã", lemos algumas linhas interessantes:

"A invasão da peste negra, em 1899, foi o fato onde originou a idéia do preparo do sôro curativo.

.....
.....
.....
.....

Butantã, propriedade agrícola acêrca de nove quilômetros do centro urbano da Capital, a qual estava ligada por péssima estrada, já era conhecida, naquela época, pela excelência dos produtos de látex, vendidos por um depósito da rua Direita, junto à antiga igreja de Santo Antônio. Adquirida a fazenda, para instalação do novo laboratório, o ajudante do Instituto Bacteriológico, que, em Santos, fizera as primeiras verificações do mal levantino e fôra por êle atacado, foi incumbido das primeiras providências, em ordem e sem demora, dar comêço aos trabalhos técnicos do preparo do sôro e vacina contra a peste. Um rancho aberto, ligado ao estábulo, no qual faziam a ordenha, foi rapidamente murado e adaptado aos fins de laboratório. Foi aí, nesse ambiente paupérrimo, onde o desconfôrto corria parrelha com a impropriedade das instalações, que tiveram início os primeiros trabalhos técnicos do Instituto Butantã."

O Instituto Serumterápico, praticamente um apêndice do Instituto Bacteriológico, foi também um centro notável de pesquisas e lá labutaram tantos nomes que ficaram gravados na história de São Paulo, como paradigmas. O primeiro assistente foi o dr. Abdon Petit Carneiro, professor da Universidade de Curitiba e falecido em 1940. Depois do dr. Petit Carneiro, notamos: Dorival de Camargo Penteado; Bruno Rangel Pestana; Carlindo

Valeriani; João Florêncio Gomes (irmão de outros dois conhecidos médicos, Luís e Francisco Salles Gomes); Sérgio Paiva Meira Filho (catedrático da Faculdade de Medicina de São Paulo e filho do primeiro diretor-geral do Serviço Sanitário, dr. Sérgio Florentino de Paiva Meira); Teodureto de Camargo, engenheiro agrônomo; Francisco Iglesias, agrônomo; Augusto Estêves, desenhista e criador das figuras em cêra representativas de cobras e lesões, existentes muitas delas, ainda, no Museu do Instituto; Tarcísio de Magalhães; Álvaro Lemos Torres; Otávio de Moraes Veiga; Sebastião de Camargo Calazans; Joaquim Crisciuma de Toledo; Afrânio do Amaral; Costa Pereira; Paulo de Araujo; Alcides da Nova Gomes; F. Hoehne, botânico e organizador do herbário de plantas medicinais; Arlindo de Assis, ex-diretor-geral do Serviço Nacional de Saúde Pública e criador do método concorrente, consagrado mundialmente, de aplicação da vacina BCG; R. Kraus, ex-diretor do Instituto Bacteriológico de Buenos Aires e diretor do Butantã e ainda do Instituto Soroterápico de Viena; José Bernardino Arantes; José Lemos Monteiro, que morreu contaminado pelo tifo exantemático, quando procurava estudar a doença; Paulo Marrey já falecido, e tantos outros.

— 5 —

O FIM DO SÉCULO

O Instituto Bacteriológico terminou seus dias no século passado, com este quadro de funcionários:

Diretor: dr. Adolfo Lutz.

Ajudantes: dr. Artur Vieira de Mendonça, dr. José Martins Bonilha de Toledo e dr. Vital Brazil Mineiro da Campanha.

Escriturário: Benedito Bayerlein Bick (70).

Zelador: Savério Felice.

Serventes: Adolfo Moreira de Camargo e Marcelio Pucci (71), (72).

Em 23 de novembro de 1899, o dr. Adolfo Lutz solicitou da diretoria do Serviço Sanitário a criação de mais um cargo de servente, em vista do grande aumento do serviço de limpeza e tratamento de animais, indicando para o lugar, Antônio de Felice, que entrou em exercício no dia 26 do mesmo mês.

Eram estes os ordenados anuais do pessoal:

Diretor.....	10:800\$000
3 ajudantes.....	28:800\$000
Zelador.....	2:400\$000
2 serventes.....	2:400\$000

Falta-nos o ordenado do escriturario.

A verba mensal destinada ao expediente era de 200\$000 em 1898, sendo que, em 1899, esta mesma verba foi reduzida para 166\$660.

(70) — Em 17 de janeiro de 1899, o dr. Lutz comunica que o escriturário Francisco Gaspar Martins oi dispensado daquele cargo.

(71) — No dia 22 de abril de 1898, entrou em exercício, o novo servente Adolfo Moreira de Camargo, no lugar de Vicente de Marcos, que saiu a 15 do mesmo mês.

(72) — Por officio n.º 1198 de 7 de julho da diretoria-geral do Serviço Sanitário, acompanhando o título de nomeação, foi dada posse ao servente Marcelio Pucci no lugar de Fraugott Peter. O novo servente foi considerado em exercício desde o dia 1.º do mês, visto ter começado a trabalhar neste dia, mesmo sem nomeação.

VI

Em 1900, várias modificações foram feitas no pessoal. O dr. Vital Brazil, em consequência da criação do Instituto Soroterápico e da sua indicação para dirigi-lo, naturalmente se afasta das lides diárias do Bacteriológico. Apesar disso, continua êle, de vez em quando, a frequentar a Casa, realizando serviços que lhe são solicitados (73).

O dr. Artur Vieira de Mendonça pediu em 11 de fevereiro, sua exoneração, por divergências havidas com o dr. Adolfo Lutz sobre o já conhecido bacilo icteróide do dr. Giovanni Sanarelli (74).

Sòmente em agosto, dia 11, é que ingressou novo assistente, o inspetor sanitário dr. Carlos Luís Meyer.

Em abril, o dr. Bonilha de Toledo esteve substituindo o dr. Lutz na direção do Instituto. Não sabemos ao certo, de quando a quando, mas encontramos papéis assinados por êle, de 19 a 30 daquele mês.

O servente Antônio de Felice, que havia conseguido sua nomeação em novembro de 1899, é dispensado no dia 22 de abril, para dar lugar a Aquilino Fernandes, contratado no dia 5 de maio de 1900.

Era, portanto, êste o quadro que iniciava os trabalhos do Instituto Bacteriológico no novo século :

Diretor : dr. Adolfo Lutz

Assistentes : dr. José Martins Bonilha de Toledo e dr. Carlos Luís Meyer.

Zelador : Savério Felice

Serventes : Adolfo Moreira de Camargo, Marçílio Pucci e Aquilino Fernandes.

(73) — Ao diretor do Serviço Sanitário:

18 de junho de 1900.

Chamo vossa atenção sobre o fato de existirem duas vagas no Instituto Bacteriológico em consequência de ter se retirado o dr. Artur Mendonça e ser transferido para o Butantã o dr. Vital Brazil.

Havendo presentemente muito trabalho, proponho de nomear um novo ajudante logo que se encontrar um candidato que esteja nas condições de prestar serviços.

A segunda vaga não precisa ser preenchida, não havendo por hora necessidade para um terceiro ajudante.

Do outro lado o Instituto precisa muito de um artista (fotógrafo e desenhador) e de um escriptorário, por isso peço-vos de dar as providências necessárias para ser concedida a êste Instituto a licença de empregar a verba para o pagamento de um terceiro ajudante, seja toda ou em parte, para o pagamento de pessoas aptas para êste serviço.

Êsses podiam ser contratados provisoriamente em comissão e definitivamente logo que parecesse conveniente.

Saúda-vos

Saúde e fraternidade

a) Dr. Adolfo Lutz

(74) — O dr. Mendonça era radicalmente contrário à idéia de transmissão da febre amarela através do estegomia. Ele não acreditava no mosquito. Houve divergências que culminou com sua demissão no dia 11 de fevereiro. "O dr. Artur Mendonça, "double" de jornalista, médico e polemista popularíssimo na época, fulminava pelos jornais diários, a nova doutrina:

O mosquito traz nas suas asas o ridículo para a classe médica."

Na sede do Instituto, nenhuma modificação de vulto foi feita durante este ano, sendo apenas executados alguns serviços de reparações e instalação do serviço de inoculações e pintura de algumas paredes internas. Para estas despesas e outros gastos do Instituto, foi votada uma verba de 500\$000 mensais. Somente o pagamento da conta de gás, compra de jornais e livros científicos, consumia cerca de 200\$000 e o restante era destinado a outras despesas, "despesas correntes", como diz o relatório de 1900, o que não permitia gastos extraordinários.

Em 13 de junho, o dr. Lutz, respondendo a um officio do dr. Emílio Ribas, diz que a quantia para o pagamento do pessoal era de 44:400\$000 e que a do expediente e outras despesas era de 500\$000. Achou que estas somas não precisavam ser alteradas para o orçamento de 1901, desejando, apenas, que aqueles 500\$000 fôsem conservados para o ano seguinte.

— 1 —

A FEBRE AMARELA EM SOROCABA

Em 1900, dois trabalhos se destacam : a epidemia de febre amarela em Sorocaba e a conclusão sobre o bacilo de Sanarelli.

No início do ano, em 17 de janeiro, o dr. Emílio Ribas e o dr. Adolfo Lutz embarcaram para Sorocaba a fim de examinar um caso suspeito de peste bubônica. Depois do exame, excluíram a hipótese de peste e concluíram ser febre amarela, segundo os sintomas apresentados pelo doente. Este diagnóstico foi posteriormente confirmado.

Esta moléstia se alastrou por toda Sorocaba e contaminou as localidades vizinhas, principalmente Tietê.

Em Sorocaba morreram neste ano, 743 pessoas atacadas de febre amarela, enquanto que, em Campinas, morreram 2, em Guaratinguetá, 1, em Avaré, 1, em Botucatu, 1, em São Bernardo, 9, em Casa Branca, 25, em Cotia, 1, em Pereiras, 1 e em Vila Bela, 1.

Vê-se, pois, a gravidade do surto sorocabano.

A estatística demógrafo-sanitária de 1900 nada constata a respeito de Tietê.

Este surto de febre amarela, em Sorocaba, foi o segundo de grande vulto, pois que, em 1896, já haviam morrido naquela cidade, 57 pessoas, em contraposição com nenhum óbito no ano anterior (1895). Em 1897, 3 mortos ; 1898, 2 ; 1899, 3 e 1900, 743. A situação era alarmante.

Somente no Hospital de Isolamento de Sorocaba, logo de início, foram internados 902 amarílicos, dos quais morreram 260, de 19 de janeiro até 31 de março. Em abril e maio, entraram para o Hospital mais 66 doentes e morreram outros 29. Em junho, entraram 6 e faleceram 6. Vemos, portanto, que no primeiro semestre de 1900 foram vítimas da febre amarela, 295 doentes internados no Hospital de Isolamento de Sorocaba.

No início da epidemia, era diretor do Hospital o emérito médico sorocabano dr. Álvaro Soares (75), que o administrou de 19 de janeiro até 10

(75) — Aluísio de Almeida na "Folha Popular", de Sorocaba, escreve sobre o dr. Álvaro Soares "Álvaro César da Cunha Soares nasceu em Sorocaba na chácara cuja sede ainda existe ao fim da rua de seu nome, em 6 de julho de 1861. Filho de Manoel José Soares que foi vice-cônsul de Portugal e d. Guilhermina Clotilde da Cunha Soares, ambos portugueses.

de fevereiro. Foi, depois, substituído pelo dr. Flaminio Botelho que ficou até 20 de março e o dr. Vitor Godinho até abril. Em maio e junho, era diretor o dr. Valentim Browne (76).

O dr. José Bento de Paula Sousa, chefe da comissão sanitária em Sorocaba, sobre esta epidemia que atingiu cerca de três mil pessoas, disse :

“Na opinião dos homens criteriosos e mais antigos na localidade, os meses de outubro, novembro e dezembro haviam sido excessivamente quentes e anormalmente chuvosos, de modo a determinarem uma cheia do rio Sorocaba, como não havia notícias há quarenta anos.

Foi igualmente notado por êsses observadores um aparecimento exagerado de mosquitos, chamados pernalongos, que, mesmo de dia, não cessavam de ser importunos.

Nestas condições, é verificado o primeiro caso de febre amarela, em 23 de dezembro, a rua das Flores, n.º 19, numa padaria que não primava pelo rigor do asseio.

Cumpre observar que êste doente foi tratado durante nove dias em seu domicílio e tinha um círculo de relações muito extenso entre os seus patrícios alemães.

Êste doente foi internado no Hospital de Isolamento do Serrado a 24 e faleceu a 25.

Dois dias depois da sua morte, a 27, são verificados mais três doentes, moradores a rua Brigadeiro Tobias n.s 6 e 10, rua próxima à primeira.

No fim de 10 dias, são verificados e internados mais doze (12) doentes das seguintes ruas ; Flores, Penha n.º 159, Rosário, Ponte, Direita e Morros n.º 41.”

— 2 —

A RESPONSABILIDADE DO MOSQUITO

Também, com respeito à febre amarela, Adolfo Lutz nega a participação do bacilo icteróide na etiologia amarílica.

Em fins de 1899 e início de 1900 surgiram alguns casos de febre amarela na Capital de São Paulo, os quais foram examinados e autopsiados. As pesquisas do bacilo de Sanarelli quase sempre foram negativas. Êste fato, ao lado das aglutinações com sangue de doentes ou de cadáver não dando nenhuma vez resultado positivo, veio firmar mais a dúvida de Lutz.

No Rio de Janeiro, o dr. Terni pesquisando o bacilo icteróide, não conseguiu isolá-lo do sangue dos amarílicos, mas sim das suas fezes e mesmo das águas da cidade, o que quer dizer que o célebre bacilo era apenas um elemento accidental na moléstia e longe de ser o causador dela.

Matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio, onde se formou em 1888. Apresentou sua tese a 18 de setembro e a defendeu a 15 de dezembro daquele ano. Eis o título : “Estudo clínico do impudismo nas crianças.” Sabemos de dois exemplares apenas, no Gabinete de Leitura Sorocabano e no Centro Sorocabano de Letras.

Desde 1890 a Intendência o emprega na debelação da varíola, o que êle consegue. Seus serviços à coletividade chegam à altura do heroísmo nas primeiras febres amarelas (1897) e principalmente na segunda (1899-1900).

Contou-nos o sorocabano prof. dr. José Ribeiro Neto, que Álvaro Soares era muito delicado de consciência. Sofrera uma moléstia da pele e cismava que fôsse ficar leproso.

Faleceu em São Paulo a 12 de novembro de 1937.”

O dr. José Ribeiro Neto, que Alufcio de Almeida cita em seu trabalho, é também outro illustre clínico sorocabano e professor, em disponibilidade, da nossa Faculdade de Medicina Veterinária.

(76) — Os arquivos de Higiene e Saúde Pública dizem :

Dr. Valentim Butler Browne nasceu em Salvador — Bahia — a 25 de janeiro de 1862. Filho do dr. Theobald Butler Browne, irlandês e d. Elvira da Rosa Proença. Formou-se em medicina pela Faculdade da Bahia, em 1888. Casou-se com d. Francisca Ferraz de Almeida Prado.

Entrou para o serviço público em 1892, quando foi nomeado delegado de higiene em Jaú, em substituição ao dr. Marcos Tullis.

Foi aposentado inspetor sanitário da Capital por decreto de 8 de novembro de 1930, depois de haver prestado a São Paulo, durante cerca de 40 anos, serviços relevantes.”

Nesse meio tempo, o Instituto Bacteriológico já estudava a nova hipótese surgida. Era a transmissão da febre amarela pelo mosquito, que o médico cubano Carlos Juan Finlay vinha afirmando.

Foi este outro fator contra o bacilo de Sanarelli. Lutz não achou uma conciliação entre os dois elementos, o bacilo e o mosquito, já que aquêle era raro no sangue e, portanto, difícil de o mosquito transmiti-lo. Também não era viável a idéia de o mosquito ir buscar nas águas da cidade ou em seus esgotos, o bacilo icteróide para levá-lo ao homem. Assim fala Lutz: "não acreditamos nos quadros fantásticos de mosquitos emergindo o líquido das latrinas e levando na tromba contaminada, o bacilo de Sanarelli, que inoculavam por picada."

De fato. Em Cuba a comissão norte-americana encarregada de estudar a febre amarela, composta por Reed, Carroll, Agramonte e Lazear, não confirmou a teoria do bacilo de Sanarelli, desviando sua atenção para a estupefata conclusão de Finlay, que se resumia no papel de transmissor, dado ao mosquito. Em fins de 1900, aquela comissão comunicou o resultado de suas pesquisas, comunicação esta que deixa transparecer a veracidade do fato. "Pareciam indicar a realidade deste modo de transmissão".

— 3 —

O PESSOAL

No dia 23 de fevereiro de 1901, o dr. Vital Brazil foi nomeado diretor efetivo do Instituto Serumterápico, onde já trabalhava e residia, deixando, portanto, de colaborar, definitivamente, com o Bacteriológico. Foi indicado para substituí-lo o dr. Carlos Luís Meyer, que já vinha trabalhando desde fins do ano anterior e nomeado efetivo no lugar de Vital, na mesma data em que este ocupou a direção, também efetiva, do Butantã.

Entrou em exercício a 21 de maio, o desinfetador Ramon Pineda Infanti.

O dr. Bonilha de Toledo, por ato de 2 de janeiro de 1901, assinado pelo Governo, foi à Europa estudar a cultura dos fermentos vînicos pelo sistema Pasteur. No dia 4 daquele mês, o dr. Emílio Ribas remete ao dr. Adolfo Lutz o officio n.º 16, redigido nestes termos:

"Cidadão dr. diretor do Instituto Bacteriológico.

Levo ao vosso conhecimento, para os devidos fins, que foi comissionado pelo Governo, por ato de 2 do corrente, o dr. José Martins Bonilha de Toledo, ajudante dêsse Instituto, para ir à Europa adquirir os elementos necessários à criação do novo gabinete para a cultura dos fermentos vînicos, pelo sistema Pasteur.

Saúde e fraternidade.

a) Emílio M. Ribas".

Os estudos sobre fermentação, iniciados por Bonilha de Toledo na Europa, foram continuados no Instituto Bacteriológico, depois de seu regresso, em 5 de novembro, quando reassumiu.

O escriptuário Bayerlein Bick pediu exoneração, sendo nomeado para substituí-lo Antônio Argentino Teixeira Leomil, que iniciou suas funções em 12 de março. O servente Aquilino Fernandes, por motivos de família, também deixa o Instituto, em 30 de setembro, sendo substituído a 1.º de outubro, por Fraugott Peter, que já havia sido, anos antes, servente do Instituto.

O ano de 1901, para o Estado de São Paulo, foi dos mais satisfatórios, em relação a moléstias. Nenhuma epidemia surgiu e as doenças que, durante os anos anteriores, tinham provocado grandes estragos, desapareceram quase que totalmente no primeiro ano deste século.

A febre amarela, que grassou, de forma grave, em Sorocaba, no ano anterior, desapareceu do Estado. Com as outras moléstias aconteceu o mesmo ou ao menos, diminuíram consideravelmente de intensidade.

Em 1902, o dr. Bonilha de Toledo continuou vivamente estudando a fermentação.

No primeiro dia do ano, entrou para o Instituto, o dr. Ivo Bandi, ex-auxiliar do prof. Terni, contratado pelo Governo, pelo prazo de dois anos.

O escriturário Teixeira Leomil, em 19 de junho, entrou em licença, por motivo de moléstia da qual veio a falecer poucos dias depois. Seu lugar não foi preenchido, sendo o serviço reservado ao escriturário, feito pelo assistente Carlos Meyer, durante o resto do ano.

Novo cargo foi criado. Era o de desenhista, que foi ocupado por Gabriel Zucchi, em 21 de agosto. (77) O desinfetador Ramon Pineda Infanti pediu demissão em 15 de fevereiro e o substitui Getulino Vieira Pinto, desde 1.º de março.

Foi ainda nomeado, auxiliar do dr. Bonilha de Toledo, o desinfetador Santo Passarelli.

Foi neste ano construído uma nova sala destinada ao laboratório de fermentação, a cargo do dr. Bonilha.

Quanto ao gás, o dr. Lutz comunicou ao diretor-geral do Serviço Sanitário, o seu enorme uso cujo destino era estranho à iluminação, o que acarretava grande despesa para saldar a respectiva conta. Por isto pediu providências para um abatimento de 25 % no preço, ao que tinha direito. Em junho de 1901, o dr. Lutz já havia sido cientificado da resolução de se fazer o abatimento, segundo um acôrdo realizado em 6 de maio do mesmo ano e publicado no dia 10 de mesmo mês de maio, no "Diário Oficial". Apesar

(77) — "São Paulo, 14 de agosto de 1902.

Cidadão

Sendo de grande conveniência para os trabalhos do Instituto contratar-se uma pessoa habilitada para fazer desenhos que se tornam necessários, aproveito a oportunidade para propor-vos o cidadão Gabriel Zucchi que se acha nas condições de desempenhar este cargo e que se satisfaz mediante a quantia de 200\$000 mensais.

Saúde e fraternidade.

a) Dr. Adolfo Lutz"

Ao dr. Emílio Ribas

"São Paulo, 21 de agosto de 1902.

Cidadão dr. diretor do Instituto Bacteriológico Declaro-vos, para os devidos fins, que conforme vossa proposta, ficais autorizado a contratar o cidadão Gabriel Zucchi para servir como desenhista desse Instituto, recebendo 200\$000 réis mensais e que deveis dispensá-lo logo que terminem os trabalhos necessários a essa seção.

Saúde e fraternidade

O diretor

a) Dr. E. M. Ribas"

"São Paulo, 3 de setembro de 1902.

Cidadão

Comunico-vos que, de acôrdo com o vosso officio n.º 1303 de 21 de agosto do corrente ano, contratei o cidadão Gabriel Zucchi naquela mesma data, para servir como desenhista deste Instituto, com o ordenado de 200\$000 mensais.

Saúde e fraternidade.

a) Dr. Adolfo Lutz"

disso, a São Paulo Gas Company não mandou fazer os encanamentos pré-estabelecidos, sem comunicação com os de iluminação.

Este abatimento se fazia necessário, visto a verba destinada ao expediente não ser grande e mesmo incapaz de suprir as despesas do Instituto, junto com o pagamento da conta de gás. Foi pedida uma verba suplementar, mas, o Congresso negou-a, continuando aquela soma reduzida de 500\$000.

— 4 —

O DR. LAS CASAS

Em agosto, o secretário do Interior oficiou ao diretor do Serviço Sanitário seu interesse em serem feitas, no Instituto Bacteriológico, experiências relativas à tuberculose, a fim de serem aprovadas ou repelidas as pesquisas feitas pelo dr. Las Casas dos Santos, médico na cidade de Santos, que julgava ter descoberto a cura da "peste branca".

Os drs. Adolfo Lutz, Vital Brazil, Dorival Penteadó (assistente do Instituto Serumterápico), Bonilha de Toledo, Ivo Bandi e Carlos Meyer, constituíram a comissão nomeada para os estudos.

Antes de serem iniciados os trabalhos, a comissão e o dr. Las Casas discutiram pormenores, estabelecendo-se assim, as disposições gerais (78).

(78) — Disposições estabelecidas e aceitas pela comissão composta dos drs. Adolfo Lutz, Vital Brazil, Bonilha de Toledo, Dorival de Camargo, Ivo Bandi e Carlos Meyer e pelo dr. Las Casas dos Santos para cada série de experiências que vão ser feitas em cobaias para julgar-se a eficácia do medicamento empregado pelo dr. Las Casas, na cura da tuberculose.

1.^a — As experiências serão feitas no Instituto Bacteriológico, na presença dos membros da comissão designada, sendo as inoculações e aplicações feitas pelo próprio dr. Las Casas ou por pessoa por ele designada por escrito e sob sua exclusiva responsabilidade. Para este fim será designada uma hora certa que será entre 11 e 1 da tarde.

2.^a — Deverão estar presentes sempre pelo menos dois dos membros da comissão e no caso de força maior poderão ser substituídos por outros colegas designados "ad hoc".

3.^a — Os animais serão guardados no Instituto, no quarto particular destinado para este fim, que não será aberto senão na presença dos membros da comissão e do dr. Las Casas ou por pessoa por ele designada, como seu substituto, devendo quer um, quer outro, comparecer diariamente à hora designada, não só para a boa marcha da observação, como para se poder fazer a limpeza necessária.

4.^a — A ração diária será indicada pelo dr. Las Casas tanto em relação à quantidade como à qualidade e, em sua presença, e dos membros da comissão, distribuída aos animais.

5.^a — As experiências serão continuadas até a um termo de 90 dias no mínimo depois da inoculação, ou 30 dias após a morte de todas as testemunhas, havendo nesta data, reunião da comissão que examinará os animais sobreviventes, a fim de formar juízo sobre os resultados obtidos e resolver sobre a oportunidade de continuar a experiência.

6.^a — Os animais inoculados que morrerem durante a experiência serão autopsiados, fazendo-se um protocolo e guardando-se as peças de maior importância.

7.^a — As cobaias serão consideradas curadas se além de apresentarem um estado geral satisfatório, não apresentarem na autópsia lesões tuberculosas.

8.^a — Em caso de dúvida as partes alteradas serão aproveitadas para exame histológico e experiências de inoculação.

9.^a — Cada animal terá a sua papeleta na qual serão registrados os sinais característicos e o número de ordem e bem assim o peso e temperatura tomados de 8 em 8 dias.

10.^a — O peso será comparado, mas não poderá servir de base exclusiva, a qual será unicamente fornecida pelo resultado do exame anátomo-patológico.

11.^a — O período de sobrevivência às testemunhas e o estado geral dos animais tratados, servirão de base para a apreciação da eficácia relativa do tratamento empregado.

12.^a — Em casos de absoluta necessidade poderão ser alteradas estas disposições mediante uma declaração por escrito e assinada pelas duas partes.

13.^a — Quando o dr. Las Casas entender que as experiências estão sendo prejudicadas pela não observância das disposições mencionadas, ou outras, reclamará imediatamente e por escrito, providências ao dr. chefe da comissão ou a quem suas vezes fizer, visto como quaisquer alegações importunamente feitas sobre o assunto não deverão alterar os termos do parecer que tiver de emitir a comissão.

Igualmente as reclamações serão atendidas quando a comissão as considerar justas; em caso contrário ela levará o fato ao conhecimento da diretoria do Serviço Sanitário, expondo os motivos pelos quais julgo não dever aceitá-las.

a) Dr. A. Las Casas dos Santos;

Dr. Adolfo Lutz

Tudo foi acertado e sendo as disposições aceitas, os constituintes da comissão e o dr. Las Casas firmaram o documento.

No dia 15 de agosto, foram iniciados os trabalhos pelo dr. Las Casas, em presença de todos os outros médicos e como presidente da comissão o dr. Lutz. Tudo estava sendo feito com o maior cuidado, quando o dr. Las Casas, no dia 17, trouxe um seu empregado (segundo êle, de tôda a confiança), que cometeu irregularidades que foram levadas ao conhecimento do dr. Vital Brazil, no momento chefe da comissão (79), visto o dr. Lutz estar no Rio de Janeiro.

No dia 25, o dr. Carlos Meyer, que acompanhava a aplicação do medicamento do dr. Las Casas, em cobaias, percebeu que o empregado daquele médico pegara um pedaço de papel, no qual embrulhou, apressadamente, um pequeno volume que lhe pareceu, assim de repente, um frasco de vidro, que foi guardado no bôlso interno do paletó do citado empregado.

Deduzindo o ajudante do Instituto, que o empregado ocultamente dava alguma droga às cobaias, para nelas produzir um estado patológico que viria diminuir a resistência dos animais ao germe inoculado, interrogou o ajudante do dr. Las Casas.

O empregado, negando-se a mostrar ao dr. Meyer e, depois, ao dr. Bonilha de Toledo, aquilo que havia embrulhado e colocado no bôlso, foi proibido de entrar, de acôrdo com o dr. Las Casas, no recinto onde estavam guardadas as cobaias, dêste dia em diante. As gaiolas dos animais foram examinadas e substituída sua alimentação, quando, então, o dr. Las Casas observou, num dos pires onde se colocava o alimento dos animais, pequenos cristais que foram retirados para exame, que seria feito pelo dr. Bonilha.

No dia 26, o dr. Meyer, escrevendo ao dr. Vital Brazil, disse que o empregado, depois de proibida a sua entrada no recinto das experiências, escreveu uma carta ao dr. Las Casas confessando que havia, de fato, escondido um vidro que continha uma substância que, segundo suas palavras, não era prejudicial e nem atrapalharia as experiências.

O dr. Bonilha de Toledo não conseguiu descobrir a composição dos cristais, pela ínfima quantidade dêles, isto é, apenas três.

O dr. Vital comunicou o fato à diretoria do Serviço Sanitário e no dia 30 de agosto, o Governo ordenou que fôsem suspensas as experiências.

Dr. Bonilha de Toledo

Dr. Dorival Camargo

Dr. Ivo Bandi

Dr. Carlos Meyer

Falta a assinatura do dr. Vital Brazil.

(79) — 19 de agosto de 1902.

Comunico-vos que, tendo de seguir para o Rio de Janeiro em serviço do Instituto, designo para substituir-me como chefe da comissão o cidadão dr. Vital Brazil e para preencher o lugar deste, o cidadão dr. Adolfo Lindenberg.

Saúde e fraternidade.

Aos cidadãos dr. Las Casas dos Santos e drs. membros da comissão que acompanham as experiências do dr. Las Casas.

Dr. a) Adolfo Lutz.

VII

Como dissemos páginas antes, é neste ano de 1902 que são realizadas as mais importantes experiências sobre febre amarela, feitas no Hospital de Isolamento, pelo Serviço Sanitário, com a colaboração do pessoal do Instituto Bacteriológico.

Depois de ter sido considerada infundada a teoria de Sanarelli e das experiências realizadas em Cuba, chegou-se à conclusão da transmissibilidade da febre amarela pelo mosquito. Era a teoria de Carlos Juan Finlay (80) que estava confirmada.

Tendo chegado às mãos de Emilio Ribas, que mantinha correspondência com as autoridades sanitárias norte-americanas, os resultados das experiências de Havana, julgou ele de interesse à saúde pública, repeti-las aqui em São Paulo, cidade que se caracterizou como o primeiro lugar do mundo em que se tiraram conseqüências práticas das pesquisas de Cuba.

Depois de resolvida a realização das experiências em nossa cidade, elas foram divididas em duas etapas: primeiro, verificar-se-ia o papel do mosquito na transmissão da febre amarela, e depois, seria provado ou não a importância dos *fomites* como fator contagiante.

Deve-se, antes de mais nada, notar que as experiências de Havana vieram confirmar o que Emilio Ribas já havia observado, em 1898, em Campinas, quando estudava os culicídeos, suspeitando de uma de suas espécies.

Aristides Agramonte, Walter Reed, James Carroll e Jesse W. Lazear (81, 82), deram conhecimento de suas pesquisas, ao Congresso Panamericano de Havana, em fevereiro de 1901, e seus resultados foram publicados em *The Journal of the American Medical Association*, portanto, depois do saneamento de Campinas.

Em dezembro, quando foram iniciadas as experiências, todos os médicos que acompanhariam os estudos assinaram uma declaração por escrito, nos seguintes termos:

“Declaração feita pelos funcionários do Serviço Sanitário abaixo assinados e pela comissão de clínicos que foram convidados para acompanhar as experiências sobre a transmissão da febre amarela pelos estegomias.

Sendo de grande importância, repetir em nosso país, as experiências feitas em Cuba sobre a transmissão da febre amarela pelo “*Stegomyia fasciata*”, em pessoas que voluntariamente a isso se prestaram

(80) — Carlos Juan Finlay (1833-1915).

(81) — Carroll e Lazear fizeram-se picar por estegomias infetados, tendo o segundo falecido no dia 25 de setembro de 1900 em conseqüência da mcléstia e Carroll também adoeceu, de forma grave, no quinto dia depois da inoculação propositada.

(82) — Reed 1851-1902; Carroll 1854-1907; Lazear 1866-1900 e Agramonte 1869-1931).

(83), foram os abaixo-assinados convidados pela diretoria do Serviço Sanitário, para assistirem às primeiras experiências.

Os mosquitos utilizados para esse fim, são exemplares criados de larvas, não tendo chupado sangue antes ou depois da ocasião escolhida para a infecção dêles e para infeccioná-los, aproveitou-se propositalmente, um caso leve de febre amarela em um doente que teve alta no 8.º dia de moléstia.

Esta foi diagnosticada pela comissão sanitária de São Simão na doente de nome Alexandrina, tendo sido os mosquitos aplicados nesta, pelo dr. Carlos Meyer (84), ajudante do Instituto Bacteriológico, nos dias 30 de novembro e 1 de dezembro do corrente ano, nos 1.º e 2.º dias de moléstia.

Êstes exemplares foram trazidos a esta Capital pelo mesmo doutor, no dia 2 do corrente e conservados no Instituto Bacteriológico, onde foram alimentados convenientemente, isto é, com mel diluído e tâmaras secas.

Durante êste tempo, a temperatura foi geralmente de 21º a 23,º o que se pode considerar inferior à temperatura que provavelmente reinava em Cuba, quando ali se fizeram experiências e, porisso, foi julgado necessário ajuntar aos 12 dias, tidos como prazo mínimo para tornar infeccioso o mosquito, mais 3 dias.

Êste prazo talvez seja insuficiente, porém não foi estendido, já pelo grande risco que se correria de perder os mosquitos infeccionados, conservando-os por muito tempo, como porque pôde se repetir a aplicação dos mesmos mosquitos nos mesmos pacientes, depois de alguns dias.

Compreende-se que, tratando-se de uma experiência preliminar, não se escolheram as condições que mais favoreciam um resultado positivo (como o emprêgo de um número de mosquitos tendo chupado repetidas vêzes, ou em vários casos e mesmo em casos graves) procurando-se, pelo contrário, as condições para produzir uma infecção de pouca gravidade, o isto não se dispôr de um tratamento específico.

(83) — Domingos Pereira Vaz, André Ramos, Januário Fiori e Oscar Moreira Marques assinaram o seguinte documento, antes de se sujeitarem às experimentações :

"Declaro que me sujeito espontaneamente a prestar-me às experiências sôbre febre amarela, deixando-me picar por mosquitos que tenham sugado sangue de doentes dessa moléstia, não obstante os perigos a que me exponho e que detalhadamente me foram descritos pelo sr. dr. diretor do Serviço Sanitário, inclusive o do sacrificio da vida, tendo o sr. dr. diretor me referido o fato de haverem falecido em Cuba diversos indivíduos que se sujeitaram a esta experiência, pelo que firmemente vou sujeitar-me a essa experiência no interesse de contribuir para solução de um problema que interessa grandemente à humanidade e especialmente ao Brasil e com o qual se preocupam atualmente os homens de ciência.

São Paulo, 24 de julho de 1902".

(84) — O dr. Carlos Meyer de São Simão, mandou esta carta ao dr. Lutz :

"1 de dezembro de 1902.

Amo. e cola . dr. Lutz

Recebi ontem sua carta e o caixote contendo tubos. Não houve ontem entrada alguma para o hospital. Das 3 doentes que lhe comuniquei por último, deixei de fazer aplicação dos mosquitos em uma que tinha bradicardia — o pulso chegou ontem a 42 e agora verifiquei que tinha razão, porque soube neste momento que ela morreu esta noite. O Nicola teve ontem outra vez febre e as outras duas mulheres, Elisa e Alexandrina vão em boas condições. Ontem consegui 23 chuparem em Elisa (total 43) e 16 em Alexandrina (total 23) experiência, pois é uma mulher forte, de 46 anos de idade e que estava no verdadeiro início da moléstia — era vizinha do barbeiro que foi removido ontem com 5 d. de moléstia. Consegui fazer 20 mosquitos chuparem nela. Uma outra, Maria Jacinta, de 6 horas de moléstia, velha, T 39,8 P 52. Consegui só 3 mosquitos chupados. Uma outra, preta, Alexandrina, de 20 anos, caso característico com 1 dia de moléstia, entrou à noite e às 9 h. Consegui ainda fazer 6 mosquitos chuparem. Como as vasilhas para guardar são poucas e como ontem nada havia de novo e já haviam morrido 6 mosquitos que estavam na câmara úmida à espera de aplicação, eu ontem à noite umedecei um pouco o papel de filtro e creio que por isso muitos não quiseram chupar hoje. Tenho esperança de amanhã obter muitos chupados. Como se estão apresentando êstes casos novos é de supor que em poucos dias tenha já bastantes infeccionados (mosquitos) e por isso desejava saber que o modo de ir enviando-os para lá. Aqui o lugar é pequeno e faltam-me tôdas as comodidades para êles ; não sei se poderão ir despachados ; enfim o senhor me mandará dizer o que pensa a respeito. O calor está insuportável. Desejando-lhe seu pronto restabelecimento, peço recomendar-me à exma. família, ao dr. Ribas, aos meus e aceite saudades do amigo col. grato.

(a) Carlos L. Meyer"

Tendo as experiências em Cuba mostrado que, observando-se as condições necessárias (aplicação num doente de febre amarela característica, no 2.º dia de moléstia e conservação dos mosquitos num ambiente e temperatura elevada, durante 12 dias no mínimo), a aplicação de dois mosquitos dava aproximadamente 47% dos resultados positivos, não se quis exceder este número de mosquitos.

Em conclusão, não tendo escolhido as condições favoráveis, um pequeno número de resultados negativos não poderão, naturalmente, servir de prova absoluta e definitiva contra a transmissibilidade da febre amarela, pelo "*Stegomyia fasciata*", convido então, fazerem-se outras experiências em circunstâncias mais favoráveis.

São Paulo, 15 de dezembro de 1902.

aa) Presidente dr. L. Pereira Barreto (85); A. G. Silva Rodrigues; dr. Adriano de Barros; dr. E. M. Ribas; dr. Adolfo Lutz; dr. Cândido Espinheira; dr. Vitor Godinho; dr. Carlos L. Meyer".

Depois de assinado este documento inicial, foram principiados os trabalhos cujo transcorrer foi relatado em atas. Reproduziremos tôdas, pois que através de sua leitura, percebemos nitidamente o desenrolar das experiências.

— 1 —

A 1.ª SÉRIE DE EXPERIÊNCIAS

ATA DA PRIMEIRA SESSÃO

"Ata da 1.ª série de experiências feitas no Hospital de Isolamento para certificação da transmissibilidade da febre amarela pelos estegomias.

Aos 15 dias do mês de dezembro de 1902, pelas 11 horas da manhã, achando-se presentes os drs. Emilio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do Hospital de Isolamento, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e a comissão de clínicos que foi convidada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências, composta dos drs. Luís Pereira Barreto, A. G. Silva Rodrigues e Adriano de Barros, foram lidas as declarações escritas e assinadas pelos pacientes em como se sujeitavam às experiências sob a sua livre vontade e exclusiva responsabilidade. Em seguida foi lida e por todos assinada uma declaração expondo as condições em que a experiência ia ser feita. Logo depois, fêz-se com que dois mosquitos picassem no braço do dr. Emilio Ribas e, ao mesmo tempo, outros dois picassem no braço do dr. Adolfo Lutz, seguindo-se a mesma operação quanto aos pacientes Oscar Marques Moreira e Domingos Pereira Vaz, com dois mosquitos para cada um. Foi verificado por todos que os mosquitos picaram bem, em vista da quantidade de sangue que se observava no abdome d'elles e pelos sinais evidentes que deixaram sobre a pele, no lugar das picadas. Os pacientes Oscar Marques Moreira e Domingos Pereira Vaz que parece não se acharem em condições de imunidade quanto à febre amarela, ficaram recolhidos ao Hospital de Isolamento. O dr. Ribas sofreu a picada de dois mosquitos que haviam picado a doente Alexandrina no dia 1 de dezembro, quando tinha a temperatura de 37°6 e o pulso 102; o dr. Lutz sofreu a picada de um mosquito infeccionado no dia 30 de novembro, quando a temperatura da doente era de 39°4 e o pulso 105 e um mosquito do dia 1 de dezembro nas condições dos quais picaram o dr. Ribas; o paciente Oscar Moreira sofreu a picada de dois mosquitos nas mesmas condições daqueles que picaram o dr. Lutz; e o paciente Domingos Vaz sofreu a picada de um mosquito infeccionado no

(85) — Luís Pereira Barreto foi senador estadual e deputado federal por São Paulo, além de ter sido presidente do senado do Estado. Nasceu em Resende, Estado do Rio de Janeiro, em 11 de janeiro de 1840. Faleceu em São Paulo. Formou-se em Medicina, na Bélgica, e revalidou seu diploma na Faculdade do Rio de Janeiro, em 1865, indo, em seguida, clinicar em Jacareí e, posteriormente, em São Paulo. Escreveu além de obras médicas, trabalhos sobre filosofia, política e religião.

dia 30 de novembro, quando a doente tinha a temperatura de 38°8 e o pulso 102 e outro mosquito nas condições dos que picaram o dr. Ribas.

Feito o que, lavrou-se a presente ata que vai por todos assinada.

São Paulo — 15 de dezembro de 1902.

Nota. Os mosquitos picaram nos braços do dr. Ribas e dr. Lutz às 11,30 horas e, nos outros pacientes, ao meio-dia.”

ATA DA SEGUNDA SESSÃO

“Aos 18 dias do mês de dezembro de 1902, pelas 11,30 horas da manhã, achando-se presentes o dr. Emilio Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do Hospital de Isolamento, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e a comissão de clínicos que foi convidada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências composta dos drs. Luis Pereira Barreto, A. G. Silva Rodrigues e Adriano de Barros, foi por todos verificado que nenhuma das pessoas que se deixaram picar pelos estegomias no dia 15 do corrente haviam apresentado alteração na saúde. Ao meio-dia, os drs. Emilio Ribas e Adolfo Lutz e os cidadãos Oscar Marques Moreira e Domingos Pereira Vaz fizeram-se picar novamente pelos estegomias, sendo que este último paciente foi picado pelos mesmos dois mosquitos que serviram no dia 15. O paciente Oscar Moreira só foi picado pelos mosquitos infeccionados em Alexandrina no dia 30 de novembro p. p. e que também serviu para ele no dia 15 do corrente, visto que o outro do dia 1 de dezembro não quis picar. Os drs. Emilio Ribas e Adolfo Lutz deixaram-se picar cada um por um mosquito infeccionado no doente Nicola Razzoti no dia 24 de novembro, 1.º dia de moléstia em que a temperatura auxiliar era de 39°5 e o pulso 116, não se conseguindo que outros mosquitos infeccionados no dia 25 no mesmo doente, que então tinha a temperatura de 38°2 e pulso 104, picassem bem, pois que só um destes o fez levemente no braço do dr. Adolfo Lutz. Todas as pessoas presentes verificarem as picadas dos mosquitos pelos sinais que deixavam sobre a pele e pelo sangue que continham no abdome. O caso de Nicola Razzoti foi de marcha longa e de caráter grave; entretanto, nada se poderá coligir se no prazo provável de incubação, os drs. Emilio Ribas e Adolfo Lutz não manifestarem a moléstia, porquanto, em relação a estes cidadãos, não se pode excluir a existência de imunidade adquirida. Em seguida, foi lavrada a presente ata que vai por todos assinada.

São Paulo. — 18 de dezembro de 1902.”

ATA DA TERCEIRA SESSÃO

“Aos 22 dias do mês de dezembro de 1902, pelas 12 horas da tarde, achando-se presentes o dr. Emilio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do Hospital de Isolamento, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e os membros da comissão de clínicos que foram convidados pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências drs. A. G. da Silva Rodrigues e Adriano de Barros, deixando de comparecer o dr. Luis Pereira Barreto, verificou-se que todas as pessoas que se haviam submetido à experiência achavam-se no gozo de saúde. À meia hora depois do meio-dia, applicaram-se os mosquitos no braço do paciente Domingos Pereira Vaz, conseguindo-se apenas que picasse um deles, o que foi infeccionado no dia 30 de novembro em Alexandrina, o mesmo que já lhe havia picado nas duas sessões anteriores. À vista disso, foi resolvido que se fizesse nova applicação às 5 horas da tarde, desistindo os drs. A. G. da Silva Rodrigues e Adriano de Barros do seu comparecimento nesta ocasião. Às 5 horas, pois, achando-se presentes o dr. Emilio M. Ribas, dr. Cândido Espinheira, dr. Vitor Godinho e dr. Carlos Meyer, foram applicados três mosquitos no braço do paciente Domingos Pereira Vaz, sendo um infeccionado em Alexandrina, no dia 30 de novembro (T. 39,4 — P — 105), outro infeccionado em Nicola no dia 24 de novembro (T. 39,5 — P — 116) e o 3.º também infeccionado em Nicola no dia 25 de novembro (T. 38,2 — P-104). Todos os mosquitos picaram bem, o que por todos foi verificado. Em seguida foi lavrada a presente ata que vai por todos assinada.

São Paulo — 22 de dezembro de 1902.”

ATA DA QUARTA SESSÃO

“Aos doze dias do mês de janeiro de 1903, pelas 12 horas da tarde, achando-se presentes o dr. Emílio Marcondes Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do Hospital de Isolamento, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e o dr. Adriano de Barros, um dos membros da comissão de clínicos que foi convidada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências, deixando de comparecer os drs. Luís Pereira Barreto e A. G. da Silva Rodrigues, verificou-se que tôdas as pessoas que se tinham submetido à experiência achavam-se no gôzo de saúde, tendo sido, portanto, negativos os resultados das aplicações dos estegomias nas três sessões anteriores. À meia hora depois do meio-dia, aplicaram-se no paciente Domingos Vaz, quatro mosquitos que se tinham infeccionado em São Simão, no dia 24 de dezembro p. p. alimentando-se com sangue do doente de febre amarela Benjamin Rosanini, que estava no segundo dia de moléstia. Dêstes 4 mosquitos, 2 picaram a Benjamin, de manhã e 2 na tarde do mesmo dia. Um dos infeccionados, à tarde, apenas picou no braço do paciente Domingos Vaz, sendo que os outros três também chuparam sangue. Não tendo os outros mosquitos da mesma procedência querido picar no braço do cidadão Oscar Moreira, foi resolvido fazer-se nova aplicação às 6,30 horas da tarde. Nesta ocasião, achando-se presentes os mesmos cidadãos acima mencionados, apesar de muitas tentativas, não se conseguiu que os mosquitos picassem, pelo que resolveram que o dr. Carlos Meyer fizesse no dia seguinte pela manhã, nova aplicação. Às 7 horas da manhã do dia 13 do corrente, o dr. Meyer conseguiu fazer com que um mosquito infeccionado em Benjamin, na manhã de 24 de dezembro p. p., picasse e chupasse sangue do braço do paciente Oscar e às 7,30 um outro da mesma procedência, infeccionado na tarde do mesmo dia, picasse duas vêzes o braço sem, contudo, chupar sangue. Ao meio-dia, outro mosquito nas condições dos precedentes e infeccionados na manhã do dia 24 de dezembro p. p., picou também por duas vêzes, o braço do paciente Oscar, sem ter chupado apesar de estar em jejum há 53 horas. Em seguida foi lavrada a presente ata que vai assinada por todos os presentes.

São Paulo — 13 de janeiro de 1903.”

ATA DA QUINTA SESSÃO

“Aos 20 dias do mês de janeiro de 1903, pelas 10 horas da manhã, achando-se presentes o dr. Emílio Marcondes Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do Hospital de Isolamento, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e o dr. Adriano de Barros, membro da comissão de clínicos que foi convidada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências, deixando de comparecer os drs. Luís Pereira Barreto e A. G. da Silva Rodrigues, foi resolvido fazer-se nova aplicação de estegomias infeccionados em doentes de febre amarela. Às 11 horas da manhã, foram aplicados no paciente Januário Fiori, quatro mosquitos infeccionados em São Simão, no doente Joaquim Tarquínio no dia 1.º de janeiro, 1.º dia de moléstia. Um dêles foi infeccionado de manhã, quando a temperatura do doente era de 39°2 e o pulso 88 e os outros três foram infeccionados à tarde, em que a temperatura era de 40° e o pulso 94. Todos picaram bem, como se verificou não só pelos sinais que deixaram no braço, como pelo sangue que continham no abdome. As larvas dêstes estegomias vieram de Itu para São Paulo; aí se desenvolveram, sendo os mosquitos, depois, enviados para São Simão, a fim de serem infeccionados. À 1 hora da tarde, foram aplicados no braço do paciente André, 6 mosquitos infeccionados no mesmo doente Joaquim Tarquínio, em São Simão. Dêstes mosquitos, um foi infeccionado na manhã do 1.º dia de moléstia, quando a temperatura do doente era de 39°2 e o pulso 88 e os outros 5 foram infeccionados no segundo dia, quando a temperatura era de 38°9 e o pulso 88. Todos picaram bem e chuparam sangue. Em seguida lavrou-se esta ata que vai assinada por todos os presentes.

São Paulo — 20 de janeiro de 1903.”

A primeira série de experiências estava concluída.

Seus resultados podemos apreciar pelo relatório escrito em 20-2-1903 pelos clínicos dr. Luís Pereira Barreto, Antônio Gomes da Silva Rodrigues

e Adriano Júlio de Barros, que acompanharam os trabalhos, a convite do Serviço Sanitário.

Eis o relatório em suas partes principais :

“Ilmo. sr. dr. Emílio Ribas, muito digno diretor de Higiene Pública do Estado de São Paulo.

A comissão por vós nomeada para acompanhar as experiências instituídas no nosso Hospital de Isolamento, sob a vossa iniciativa com o fim de decidir com todo o rigor científico se, sim ou não, a febre amarela se transmite pela picada dos mosquitos pernalongos, vem hoje dar-vos conta da honrosa tarefa de declarar-vos, com a máxima isenção de ânimo, que não podiam ser mais brilhantes, nem mais fecundos pelo seu alcance prático, os serviços que por vosso intermédio o Estado de São Paulo acaba de prestar à ciência e à humanidade.

A comissão não pode deixar de, em primeiro lugar, apontar a correta hombridade com que procedestes, expondo com tódta a lealdade, aos arrojados indivíduos que se submetiam às experiências, os grandes perigos a que se iam expor.

Não tentamos uma só experiência, sem primeiro ter uma expressa declaração por escrito de cada paciente de que se prestava à demonstração experimental.

E não pudemos deixar passar em silêncio o edificante fato : fostes vós e o dr. Lutz os primeiros a dar o exemplo, fazendo-se ambos picar e picar bem, por vários mosquitos infeccionados pelo sangue de doentes de febre amarela.

Primeira observação : — Domingos Pereira Vaz, paranaense, de 22 anos de idade, solteiro. Este corajoso moço foi picado no dia 12 de janeiro, meia hora depois do meio-dia, por quatro pernalongos da espécie “*Stegomyia fasciata*”, os quais todos haviam sido infeccionados, picando um doente de febre amarela característica e bastante grave, no dia 24 de dezembro em São Simão. Do dia 12 a 14 de janeiro, observando regime sóbrio e debaixo de tódta vigilância, passou êle sem a menor alteração na sua saúde.

Ao cair da noite do dia 14, porém, sentiu-se ligeiramente incomodado com calafrios e vômitos : — vomitou 3 vezes até às 10 horas da noite.

No dia 15 amanheceu ainda indisposto, levantando-se tarde, conservando a temperatura inferior a 37°; na tarde dêsse mesmo dia, às 4 e 45 minutos, acentuou-se o mal-estar geral, sobrevindo-lhe dores de cabeça, fotofobia, horripilações, quebramento de membros, dores generalizada por todo o corpo, raquialgia forte. Nesse momento o termômetro acusou apenas 37°2. Em seguida logo começou a temperatura a subir e com ela, foram progressivamente se agravando todos os sintomas ; tornou-se patente a hiperemia das conjuntivas, desenhou-se a característica congestão cutânea da região toráxica e clavicular e apresentou-se extrema sensibilidade na região epigástrica.

Foi este caso típico da forma benigna da febre amarela. A ausência de albumina nas urinas poderá parecer a alguns espíritos mais exigentes, um sério motivo de dúvida quanto à exatidão do diagnóstico.

Para os que, porém, estão rompidos na prática da observação de doentes de febre amarela, não pode aqui subsistir a mínima sombra de dúvida. O “facies” do amarelento é um quadro “sui generis”, patognômico, que jamais se pode confundir com qualquer outro. O brilho especial das córneas, a sufusão conjuntival, o aspecto vultuoso da face acompanhando o cortejo habitual dos outros sintomas, não permitem ao clínico, hesitação. É quadro que uma vez visto, nunca mais se apaga da memória.

Segunda observação : — Januário Fiori. Italiano, residente no Brasil há 11 anos, solteiro, com 23 anos de idade. Este moço foi picado no dia 20 de janeiro às 11 horas da manhã, por quatro mosquitos infeccionados em São Simão (730 quilômetros pela estrada de ferro), foram criados em São Paulo, de larvas colhidas na cidade de Itu e sugaram o sangue de um doente de febre amarela grave, no primeiro dia da moléstia, confirmada e bem caracterizada. No dia 23 de janeiro, do meio-dia em diante, começou Januário Fiori a sentir-se indisposto. Às 7 horas da tarde ainda tomou chá, porém, sem apetite. Às 7,30 sentiu cefalalgia. Acusava então fortes calafrios, cefaléia super-orbitária e dores nas pernas. Às 9 horas já era bem visível a hiperemia das conjuntivas, da face e do tórax.

Este caso não admite hesitações de diagnóstico. Nada absolutamente faltou para ser completo o quadro mórbido da febre amarela. Ficou definitivamente demonstrado e fora de tódta possibilidade de contestação, que um pernalongo — *Stegomyia fasciata* — pode conduzir a febre amarela a grande distância e transmiti-la do individuo doente ao

indivíduo são. A experiência feita aqui na Capital de São Paulo remove para sempre, tôdas as objeções. Não temos aqui o concurso tumultuário das agências climatológicas ou mesológicas, como as que se dão em muitas localidades flageladas para embaraçar as conclusões. As belas experiências dos médicos americanos em Havana, não obstante o resultado final positivo da extinção dos mosquitos não conseguiram fazer calar tôdas as controvérsias, só pelo fato de ser aquela populosa cidade um lugar que em reinava a febre endêmica, havia mais de um século. Objetava-se que os casos experimentais ali observados não constituíam uma prova absoluta, porque os indivíduos podiam ter contraído a infecção por um outro canal que não o dos mosquitos. Essa objeção em São Paulo seria simplesmente um caso de improbabilidade científica.

Não existe aqui circunstância alguma que possa baralhar os fatores do problema e diminuir a força de um "veredictum" experimental concludente. O problema a ser resolvido achou-se aqui reduzido aos termos os mais simples que se possa desejar em uma experimentação em que o determinismo científico só tem a palavra. Tôdas as cautelas foram aqui tomadas para que os indivíduos que iam sujeitar-se às experiências, ficassem isoladas e sob imediata vigilância de um pessoal solícito, como é o do nosso Hospital de Isolamento. Todos se achavam em magníficas condições de saúde quando se submeteram á prova experimental.

Terceira observação: — André Ramos, Pardo, brasileiro, de 40 anos de idade, casado. Foi picado no mesmo dia que Fiori, a 20 de janeiro à uma hora da tarde por 6 mosquitos infeccionados em São Simão, no mesmo doente que infeccionou os que serviram para prova precedente, sendo um, do primeiro dia de moléstia.

No dia 24 sentiu dores nas pernas e estômago e raquialgia, bem como ardor nos olhos. Notou-se hiperemia intensa das conjuntivas e do tórax. Passou mal a noite de 25, acusando fortes dores de cabeça e no estômago e ansiedade precordial.

Neste doente, o exame de urina revelou a presença de albumina. Foi êste um segundo caso de forma benigna de febre amarela".

De tudo quanto observou a comissão concluiu que a transmissibilidade da febre amarela é devida aos mosquitos.

"... é um fato positivo adquirido para a ciência e que dêste fato resulta a necessidade da higiene privada e pública deixar a defensiva para tomar-se enérgicamente a ofensiva.

Eis em resumo o que de maior urgência pareceu à comissão comunicar-vos (86).

— 2 —

A 2.^a SÉRIE DAS EXPERIÊNCIAS

A segunda série das experimentações sôbre febre amarela foi mais longa.

Sua realização foi também no Hospital de Isolamento, para a qual foram utilizados vários indivíduos que se apresentaram espontaneamente para servir de cobaia. Eram em número de três: Malagutti Giuseppe, Ângelo Paretto e Siniscalchi Giovanni.

(86) — De Domingos Pereira Vaz, conseguimos as seguintes notas.

"Vaz 15/1

Às 4,45 hs. começou a sentir-se mal com dor de cabeça e dores generalizadas que durante o dia já tinha (ilegível). Mau estar, inapetência. Raquialgia.

6,30 — 38.2 104

7,00 — 38.6 110

8,00 — 38.7 118"

Êstes dados correspondem às horas, temperatura e pulso.

Existem ainda outras anotações sobre Domingos Vaz que nos conta:

"Domingos Pereira Vaz, brasileiro, paranaense, de 22 anos, solteiro.

Foi picado no dia 12 de janeiro por 4 mosquitos sendo 2 infeccionados em Benjamim na manhã de 24 de XII e 2 infeccionados no mesmo doente na tarde do mesmo dia. Temperatura e pulso das duas ocasiões iguais — 39°2 — 92. O doente Vaz foi picado à meia hora da tarde do dia 12 e novamente por três dos mesmos quitos à 1.15 h. da tarde de 15-1". Seguindo estas anotações, existe uma longa lista demonstrativa da temperatura e pulso do paciente, durante os dias em que esteve enfermo, isto é, de 15 a 26 de janeiro".

Dêsses três italianos sabemos :

Malagutti Giuseppi era filho de Malagutti Antônio, branco, de 31 anos de idade, mecânico, italiano, nascido na cidade de Emília, viuvo, residente na rua Américo Brasiliense 5 e chegado ao Brasil em 31 de março de 1902 como imigrante, tendo partido de Gênova no vapor "Minas".

Ângelo Paroletti, filho de João Paroletti, branco de 43 anos de idade, pedreiro, italiano, nascido em Milão, solteiro, residente na rua Líbero Badaró 117 e chegado ao Brasil em 15 de junho de 1902 pelo vapor "Aquitaine", vindo de Gênova.

Siniscalchi Giovanni, filho de Fu Paschoali, branco, 41 anos de idade, professor, italiano, nascido na Lombárdia, casado, residente na rua Conselheiro Crispiniano 12 e chegado ao Brasil em 30 de agosto de 1901, vindo igualmente de Gênova, como passageiro de 3.ª classe.

Nestas experiências houve 11 sessões cujas atas, como fizemos com as primeiras, reproduziremos :

ATA DA PRIMEIRA SESSÃO

"Aos 20 dias do mês de abril de 1903 pelas 9 horas e 20 minutos da noite, achando-se presentes o dr. Emílio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do Hospital de Isolamento, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e a comissão de clínicos que foi convidada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências feitas com o fim de provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, composta dos drs. Luís Pereira Barreto, A. G. da Silva Rodrigues e Adriano de Barros, foi introduzido no quarto convenientemente preparado para êsse fim no Pavilhão II do Hospital de Isolamento o cidadão italiano Malagutti Giuseppi. Êste quarto está protegido contra a entrada e saída de mosquitos por meio de tecido de arame colocado sobre as venezianas, que abrem para o lado de fora, permitindo assim abrir-se as vidraças para o lado de dentro. As venezianas ficaram lacradas a fim de não poderem ser abertas durante a noite pelos pacientes. Na véspera, 19, foi feito o expurgo do quarto por meio do enxôfre. Em um dos cantos foi colocada uma estufa à gás com chaminé, com o fim de elevar-se a temperatura do quarto em ocasiões de estar muito baixa. Aberta a caixa existente no quarto, por Malagutti Giuseppi, êste retirou daí dois sacos que continham as roupas servidas pelos doentes de febre amarela Pascoal Ceraballo e Francisco Ceraballo, procedentes de São José do Rio Pardo, que tendo enfermado nesta Capital, foram removidos para o Hospital de Isolamento, falecendo o primeiro a 18 e o segundo a 23 de fevereiro do corrente ano. Em seguida o paciente abriu os sacos e dêles retirou tôdas as peças de roupa, que apresentavam na maior parte, manchas de sangue, vômito preto, etc., e com elas preparou com suas próprias mãos o leito em que deveria dormir, espalhando depois o restante pelo soalho do quarto. A temperatura do ambiente do quarto nesta ocasião era de 20° centígrados, a mesma que de manhã foi observada pelo dr. Cândido Espinheira. Foi determinado ao paciente que no dia seguinte de manhã, antes de lhe ser aberta a porta do quarto, reunisse tôda a roupa, quer da cama, quer existente sobre o soalho, introduzisse-a novamente nos sacos e os colocasse dentro da caixa. Feito o que foi fechado o quarto, ficando um empregado de prontidão a fim de acudir a qualquer chamado e de verificar em horas diferentes da noite, se o paciente estava ou não deitado sobre o leito. Nada mais havendo a fazer-se, foi lavrada esta ata que vai por todos assinada.

São Paulo — 20 de abril de 1903.

Declaramos em tempo que o dr. Luís Pereira Barreto não se achava presente à noite, tendo vindo durante o dia, a fim de verificar a disposição do quarto.

São Paulo — 20 de abril de 1903."

ATA DA SEGUNDA SESSÃO

"Aos 21 dias do mês de abril de 1903, pelas 9,30 horas da noite, achando-se presentes o dr. Emílio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Cândido Espinheira, diretor

do Hospital de Isolamento e dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico, foram introduzidos no quarto destinado às experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas pelos doentes desta moléstia, os italianos Malagutti Giuseppe e Ângelo Paroletti. As roupas que de manhã, sob fiscalização direta, haviam sido introduzidas pelo paciente Malagutti Giuseppe, nos sacos e estes colocados na caixa, foram daí retiradas pelos dois pacientes, que com elas prepararam os respectivos leitos, espalhando o restante pelo soalho. Foi verificado por diversas vezes durante a noite antecedente, que o paciente Malagutti Giuseppe achava-se deitado no leito, como tinha sido por ele preparado. A temperatura do quarto de manhã era de 20° e à noite de 21°, sendo a do exterior de manhã de 12° e à noite de 10°. Em seguida foi fechado o quarto observando-se as mesmas determinações feitas na véspera e lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos presentes.

São Paulo — 21 de abril de 1903.”

ATA DA TERCEIRA SESSÃO

“Aos 22 dias do mês de abril de 1903, pelas 9,30 horas da noite, achando-se presentes o dr. Emílio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico, foram introduzidos no quarto destinado às experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, os italianos Malagutti Giuseppe e Ângelo Paroletti. As roupas que de manhã, sob fiscalização direta, haviam sido introduzidas pelos pacientes nos sacos e estes colocados na caixa, foram daí retiradas pelos dois mesmos pacientes, que com elas prepararam os respectivos leitos, espalhando o restante pelo soalho. Foi verificado por diversas vezes durante a noite antecedente, que os pacientes achavam-se deitados nos leitos que haviam preparado. A temperatura do quarto de manhã e à noite era de 20°, sendo a do exterior de manhã de 6° e à noite de 16°. Em seguida foi fechado o quarto observando-se as mesmas determinações dos outros dias, e lavrou-se esta ata que vai assinada pelos presentes.

São Paulo — 22 de abril de 1903.”

ATA DA QUARTA SESSÃO

“Aos 23 dias do mês de abril de 1903, pelas 9 horas da noite, achando-se presentes o dr. Emílio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do mesmo Hospital, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico, dr. Artur P. Ripper, inspetor sanitário e o dr. Adriano de Barros, um dos membros da comissão de clínicos que foi convidada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, foram introduzidos no quarto preparado para estas experiências os italianos Malagutti Giuseppe, Angelo Paroletti e Giovanni Siniscalchi. As roupas que de manhã, sob fiscalização direta haviam sido introduzidas pelos paciente Malagutti Giuseppe e Ângelo Paroletti nos sacos e estes colocados na caixa, foram daí retiradas pelos três pacientes que com elas prepararam os seus respectivos leitos, espalhando o restante pelo soalho. Foram empregados nos travesseiros, três fronhas que serviram a doentes de febre amarela em Taubaté e que se achavam manchadas com vômitos pretos; estas fronhas chegaram daquela localidade ontem, 22 do corrente, à noite. O paciente Angelo Paroletti vestiu um paletó que se achava entre as peças de roupa e que havia servido durante a moléstia a um dos doentes donde procederam as roupas. Foi verificado por diversas vezes durante a noite precedente, que os pacientes dormiam nos leitos como haviam preparado. A temperatura do quarto de manhã era de 20° e à noite de 21°, sendo a do exterior de manhã 15° e à noite 16°. Em seguida foi fechado o quarto, observando-se as mesmas determinações dos outros dias e lavrou-se esta ata que vai por todos os presentes assinada.

São Paulo — 23 de abril de 1903.”

ATA DA QUINTA SESSÃO

“Aos 24 dias do mês de abril de 1903 pelas 9 horas da noite, achando-se presentes o dr. Emílio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto

Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do mesmo Hospital, dr. Vital Brasil, diretor do Instituto Serumterápico de Butantã, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e dr. A. G. da Silva Rodrigues, um dos membros da comissão de clínicos que foi convidada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, foram introduzidos no quarto preparado para estas experiências os italianos Malagutti Giuseppe, Ângelo Paroletti e Giovanni Siniscalchi. As roupas que de manhã, sob fiscalização direta, haviam sido introduzidas pelos três pacientes, nos sacos e éstes colocados na caixa, foram daí retiradas pelos pacientes que com elas prepararam os leitos em que deveriam dormir, espalhando o restante pelo soalho. O paciente Ângelo Paroletti tornou a vestir o mesmo paletó com que dormiu na véspera. Foi verificado por diversas vèzes durante a noite antecedente que os pacientes se achavam deitados nos respectivos leitos. A temperatura do quarto de manhã era de 21° e à noite 23°,5, sendo a do exterior de manhã de 14°,5 e à noite de 15°. Em seguida foi fechado o quarto, observando-se as mesmas determinações dos outros dias e lavrou-se esta ata que vai por todos os presentes assinada.

São Paulo — 24 de abril de 1903.”

ATA DA SEXTA SESSÃO

“Aos 25 dias do mês de abril de 1903, pelas 8,30 horas da noite, achando-se presentes o dr. Emilio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do mesmo Hospital, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico, dr. Teodoro Baima, inspetor sanitário e o dr. Adriano de Barros, um dos membros da comissão de clínicos enviada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, foram introduzidos no quarto preparado para as experiências, os italianos Malagutti Giuseppe, Ângelo Paroletti e Siniscalchi Giovanni. As roupas que de manhã, sob fiscalização direta, haviam sido introduzidas pelos três pacientes nos sacos e éstes colocados na caixa foram daí retiradas pelos mesmos pacientes que com elas prepararam o leito em que deveriam dormir, tendo antes, todos éles sacudido bem tódas as peças de roupa. Foi verificado por diversas vèzes durante a noite antecedente que os três pacientes se achavam deitados nos respectivos leitos. A temperatura do quarto de manhã era de 25° e à noite de 23°,5, sendo a do exterior de manhã de 15° e à noite de 16°. Em seguida foi fechado o quarto observando-se as mesmas determinações dos outros dias e lavrou-se esta ata que vai assinada por todos os presentes.

São Paulo — 25 de abril de 1903.”

ATA DA SÉTIMA SESSÃO

“Aos 26 dias do mês de abril de 1903, pelas 9 horas da noite, achando-se presentes o dr. Emilio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do mesmo Hospital e dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico, foram introduzidos no quarto preparado para as experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, os italianos Malagutti Giuseppe, Ângelo Paroletti e Giovanni Siniscalchi. As roupas que de manhã, sob fiscalização direta, haviam sido introduzidas pelos três pacientes nos sacos e éstes colocados na caixa, daí foram retiradas pelos mesmos pacientes que com elas prepararam os respectivos leitos, espalhando o restante pelo soalho, vestindo depois cada um uma camisa de dormir nova, que havia sido colocada de mistura com as roupas usadas. Foi verificado por diversas vèzes durante a noite antecedente que os pacientes dormiam nos seus respectivos leitos. A temperatura do quarto de manhã era de 26° e à noite de 23°, sendo a do exterior de manhã de 16° e à noite de 18°. Em seguida foi fechado o quarto observando-se as mesmas determinações dos outros dias e lavrou-se esta ata que vai assinada por todos os presentes.

São Paulo — 26 de abril de 1903.”

ATA DA OITAVA SESSÃO

"Aos 27 dias do mês de abril de 1903, pelas 8 horas da noite, achando-se presentes o dr. Emílio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do mesmo Hospital, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e os drs. Luís Pereira Barreto e Adriano de Barros, membros da comissão de clínicos que foi convidada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não de febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, foram introduzidos no quarto preparado para estas experiências os italianos Malagutti Giuseppe, Ângelo Paroletti e Giovanni Siniscalchi. As roupas que de manhã, sob fiscalização direta, haviam sido introduzidas pelos três pacientes nos sacos e éstes na caixa, foram daí retiradas pelos mesmos pacientes, que com elas prepararam os seus respectivos leitos depois de sacudirem bem tôdas as peças, espalhando o restante sobre o soalho, principalmente próximo aos leitos. Em seguida abriram três frascos que se achavam hermêticamente fechados e lacrados, contendo um dêles urinas de doentes de febre amarela em Casa Branca e outros dois, vômitos pretos e fezes sanguinolentas procedentes de Ribeirão Preto e espargiram estas substâncias sobre as roupas. Foi verificado por diversos vêzes, durante a noite antecedente, que os pacientes dormiam em seus respectivos leitos. A temperatura do quarto de manhã era de 23° e à noite de 22°, sendo a do exterior de manhã 17° e à noite 16°. Foi depois fechado o quarto, observando-se as mesmas determinações dos outros dias e lavrou-se esta ata que vai assinada por todos os presentes.

São Paulo — 27 de abril de 1903."

ATA DA NONA SESSÃO

"Aos 28 dias do mês de abril de 1903, pelas oito horas da noite, achando-se presentes o dr. Emílio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e os drs. A. G. da Silva Rodrigues e Adriano de Barros, membros da comissão de clínicos convidada pela diretoria do Serviço Sanitário, para assistir e acompanhar as experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, foram introduzidos no quarto preparado para estas experiências os italianos Malagutti Giuseppe, Ângelo Paroletti e Giovanni Siniscalchi. As roupas que de manhã, sob fiscalização direta, haviam sido introduzidas pelos três pacientes nos sacos e éstes na caixa, foram daí retiradas pelos mesmos pacientes, que com elas prepararam os seus respectivos leitos, depois de sacudirem bem as peças. O paciente Malagutti Giuseppe vestiu o paletó com que Ângelo Paroletti havia já dormido duas noites e os outros vestiram as camisas que estavam de mistura com a roupa. Uma das vidraças do quarto ficou aberta durante a noite. Foi verificado por diversas vêzes durante a noite antecedente que os pacientes dormiam em seus leitos. A temperatura do quarto de manhã era de 21°,5 e à noite de 23°, sendo a exterior de manhã de 18° e à noite também de 18°. Em seguida foi fechado o quarto, observando-se as mesmas determinações dos outros dias e lavrou-se esta ata que vai assinada por todos os presentes.

São Paulo — 28 de abril de 1903."

ATA DA DÉCIMA SESSÃO

"Aos 29 dias do mês de abril de 1903, pelas 8,30 horas da noite, achando-se presentes o dr. Emílio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do mesmo Hospital, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e os drs. A. G. da Silva Rodrigues e Adriano de Barros, membros da comissão de clínicos que foi convidada pela diretoria do Serviço Sanitário, para assistir e acompanhar as experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, foram introduzidos no quarto preparado para estas experiências os italianos Malagutti Giuseppe, Ângelo Paroletti e Giovanni Siniscalchi. As roupas, que de manhã, sob fiscalização direta, haviam sido introduzidas nos sa-

cos e êstes na caixa, foram daí retiradas pelos mesmos pacientes, que com elas prepararam os seus respectivos leitos, depois de terem sacudido bem as peças. O paciente Giovanni Siniscalchi dormiu com o paletó que havia servido durante a moléstia a um dos doentes de febre amarela donde procederam as roupas. Foi determinado que ficasse aberta uma das vidraças que deveria ser fechada durante a noite, caso a temperatura ficasse inferior a 21°. Foi verificado por diversas vêzes durante a noite antecedente, que os pacientes dormiam em seus leitos. A temperatura do quarto de manhã era de 22° e à noite de 23°, sendo a do exterior de manhã de 16° e à noite de 17°. Em seguida foi fechado o quarto, observando-se as mesmas determinações dos outros dias e lavrou-se esta ata que vai assinada por todos os presentes.

São Paulo — 29 de abril de 1903.”

ATA DA DÉCIMA PRIMEIRA SESSÃO

“Aos 10 dias do mês de maio de 1903, tendo sido verificado pelo dr. Emílio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do mesmo Hospital, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e os drs. A.G. da Silva Rodrigues e Adriano de Barros, membros da comissão de clínicos convidada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, que os pacientes Malagutti Giuseppe, Ângelo Paroletti e Giovanni Siniscalchi continuavam em estado de perfeita saúde como se achavam durante todo o tempo das experiências, deram-se as mesmas por terminadas, visto ter decorrido o prazo de 10 dias completos da data em que os mesmos estiveram pela última vez em contacto com as roupas que serviram para a experiência, considerando-se êste período de tempo, bastante suficiente para excluir a possibilidade da incubação da febre amarela. Em vista do que, os pacientes foram dispensados de permanecerem no Hospital de Isolamento onde se achavam até agora para observação. O dr. Luís Pereira Barreto verificou também o perfeito estado de saúde dos três pacientes, no dia 8 do corrente. Em seguida foi lavrada esta ata que vai por todos assinada.

São Paulo — 10 de maio de 1903.”

Aquêles mesmos três clínicos que haviam feito o relatório sôbre as primeiras experiências de febre amarela transmitida pelo mosquito, fizeram outro relatório, em 15 de junho de 1903, desta vez com respeito aos “*fomites*”. Assim iniciam :

“Ilmo. sr. dr. Emílio Ribas, m. d. diretor do serviço Sanitário do Estado de São Paulo.

No desempenho do honroso convite que nos dirigistes para acompanharmos a segunda série de experiências instituídas com o fim especial de resolver o problema do contágio ou não contágio da febre amarela pelas roupas usadas pelos doentes dessa moléstia e em resposta ao vosso officio de 19 de maio do corrente ano, viemos hoje, apresentar-vos os resultados de nossas observações.

Além do pessoal de serviço do nosso Hospital de Isolamento, composto de indivíduos entre os quais figuram estrangeiros e nacionais ali empregados como enfermeiros, tais como A. César de Lima, natural de São Paulo, Antônio Rodrigues Farina e Juan Gonçalves, ambos espanhóis, Agnes Brown, inglesa, Maria Mercedes e Celestina do Vale, de São Paulo, os quais estiveram todos expostos, durante o decurso das experiências, aos mais immediatos riscos de contágio pelas roupas sujas, se contágio houvesse, mereceriam mais especialmente a nossa atenção três cidadãos de nacionalidade italiana, que se prestaram de boa vontade a servir de pedra de toque na verificação do verdadeiro maquinismo da transmissão da febre amarela. Êstes três cidadãos, pela data recente de sua vinda ao Brasil diretamente da Itália, não podiam de todo ser considerados como aclimatados, mas, ao contrário, dotados da mais ampla receptividade.”

O relatório continua descrevendo o andamento das experiências, cujo desenrolar já conhecemos pelas atas transcritas.

Mais adiante o relatório nos conta :

"Dia 1.º de maio — Damos por terminadas as experiências, foram retiradas do quarto tôdas as roupas sujas ; verificamos que os pacientes se achavam em muito melhores condições de saúde do que quando entraram para o Hospital ; desenhava-se na fisionomia de todos êles a mais viva alegria ; a linguagem de todos era a do justo orgulho de triunfadores. Por precaução, todavia, entendemos ser conveniente que permanecessem no Hospital de Isolamento por mais 10 dias a fim de continuarem sob a nossa imediata observação. No dia 10 de maio verificamos pela última vez que Malagutti, Paroletti e Siniscalchi continuavam no mais satisfatório estado de saúde e que nenhum motivo havia para justificar apreensões quanto à possibilidade de qualquer incubação. Tiveram alta nesse dia e nesse mesmo dia retiraram-se os três do Hospital, radiantes de alegria e proclamando o excelente passadio que lhes proporcionou o Hospital durante o período de reclusão.

Do que acabamos de expor resulta que é completamente infunda a crença na transmissão da febre amarela pelos "fomites".

Qualquer que seja o germe dessa moléstia, êsse germe perde a faculdade germinativa tôdas as vêzes que não encontra as condições favoráveis do seu meio natural.

As experiências dos norte-americanos em Havana e as nossas aqui feitas no Hospital de Isolamento, demonstram que só no organismo do mosquito encontra o germe amarílico, as condições necessárias para a sua evolução."

— 3 —

O MATERIAL USADO

As roupas que foram usadas nestas experiências, das quais se serviram os três italianos, durante 10 dias, foram estas : 19 lençóis ; 21 fronhas ; 13 toalhas ; 6 cobertores ; 4 colchas ; 7 camisas de dormir ; 1 paletó ; 5 guardanapos ; 1 par de meias ; 1 lenço ; 1 chapéu ; 1 par de botinas ; e 1 encerado.

Todos êstes objetos perfazem um total de 81 peças.

Os objetos de amarílicos, também usados pelos três compatriotas, provenientes de Ribeirão Preto, foram enviados daquela cidade pelo inspetor sanitário local, dr. Eduardo Lopes, no dia 18 de abril, por intermédio do desinfetador Antônio de Lima, com documentos comprobatórios mandados a 20 do mesmo mês e assinados por dois médicos da cidade, os drs. Francisco Augusto César e Carlos Mauro.

Igualmente de Taubaté vieram objetos que tomaram parte nas experiências. Eram roupas que delas já tomamos conhecimento. Estas roupas também vieram acompanhadas de documentos comprobatórios, assinados por médicos e pessoas de destaque, como testemunhas de serem elas provenientes de amarílicos.

O papel vindo de Taubaté é datado de 22 de abril de 1903 e vem assinado pelo dr. Augusto Pacheco, inspetor sanitário ; dr. Urbano Figueira, inspetor sanitário e dr. Francisco Rodrigues de Camargo, inspetor sanitário. Como testemunhas : dr. José Alfredo Granadeiro Guimarães, clínico ; Félix Guisard, vereador e o farmacêutico José Malhado Filho.

A urina vinda de Casa Branca também está documentada. O papel vem datado de 18 de fevereiro (esta data está errada, por um lapso de quem regeu o papel. Trata-se de 18 de abril e não de fevereiro).

Êste documento está firmado pelo farmacêutico Fernando Musa e pelo advogado e redator do jornal "Tribuna Livre", dr. João Silveira. Por último assinou o inspetor sanitário dr. Cláudio de Sousa, quem tirou, por meio de sonda, a urina da bexiga do amarílico Manuel dos Santos.

VIII

Em 1903 um fato lamentável aconteceu. O dr. Bonilha de Toledo, que vinha se dedicando, exclusivamente, ao estudo das fermentações, no dia 24 de abril faleceu, contaminado pela febre amarela. Substituiu-o o dr. Adolfo Carlos Lindenberg, que iniciou seus serviços no dia 9 de maio.

O servente Adolfo Moreira de Camargo exonerou-se no dia 30 de setembro e foi substituído por Max Peter a partir de 1 de outubro. O auxiliar do dr. Bonilha de Toledo, Santo Passarelli, depois da morte daquele, retirou-se no dia 7 de maio, ocupando sua vaga o desinfetador José Benedito Marcondes Machado.

Ainda não foi lotada a vaga de escriturário.

Terminou, neste ano, o contrato do dr. Ivo Bandi, que deixou de ser assistente do Instituto em 31 de dezembro de 1903.

Sòmente agora foram executados as reformas nos encanamentos de gás, há dois anos prometidas.

Em 1904, com a saída do dr. Ivo Bandi, cujo contrato findara, foi nomeado para substituí-lo, o dr. Artur Palmeira Ripper, que iniciou seus trabalhos no dia 22 de janeiro. Neste mesmo ano foi contratado, interinamente, o dr. Afonso Splendore e mais tarde o dr. José Pereira Barreto.

O dr. Splendore (87) foi contratado para preencher a lacuna deixada pelo dr. Lindenberg, enquanto este estêve licenciado para prestar serviços em São Luís, Estado do Maranhão, de 29 de janeiro a 10 de setembro de 1904, quando reassumiu. No dia 9, portanto, retirou-se o dr. Splendore. Em 29 de novembro, novamente entrou em licença o dr. Lindenberg (88) e para substituí-lo, nesta segunda ausência, foi nomeado o dr. Pereira Barreto.

Os dois novos médicos começaram a prestar serviços, respectivamente, em 1 de março e 6 de dezembro.

Por falta de verba, foi dispensado o servente Max Peter.

(87) — Do "Diário de São Paulo", do dia 3 de maio de 1953:

"A morte do professor Afonso Splendore, que acaba de ocorrer, representa uma sensível perda para a ciência médica. Nascido em Fagnano Castello, Itália, a 25 de abril de 1871, o comendador Splendore após formar-se em medicina pela Universidade de Roma, em 1898, veio para o Brasil fixando residência nesta Capital, aqui se consorciando com a Sra. Marieta Schiffini. Grande parte da atividade científica do prof. Splendore desenvolveu-se nesta cidade sendo notáveis os estudos das doenças tropicais que realizou aqui. Nesta Capital foi fundador do laboratório de bacteriologia do Hospital Humberto I, diretor do laboratório da Beneficência Portuguesa, e sócio fundador da sociedade científica "Ars Medica". Entre outros títulos, contava o de sócio da "Société de Pathologie Exotique" de Paris e da "Sociedad Dermatologica" de Buenos Aires. Nos congressos médicos de Higiene realizados em Roma, Paris, Londres, teve o cargo de relator oficial por parte do Brasil. Foi professor universitário na Itália e durante a guerra de 1914 prestou serviços médicos como voluntário, alcançando o posto de coronel. Os mais divulgados dos seus trabalhos são o estudo da leishmaniose e da boubã".

(88) — "O presidente do Estado concede ao dr. Adolfo Carlos Lindenberg, ajudante do Instituto Bacteriológico, cinco meses de licença, para tratar de negócios de seu interesse, nos termos do art. 9.º § 3.º da lei n.º 495, de 30 de abril de 1897.

Palácio do Governo de São Paulo, 23 de novembro de 1904.

a) Jorge Tibiriçá.

J. Cardoso de Almeida".

Em 16 de maio o diretor do Serviço Sanitário solicitou por meio de carta, ao dr. Adolfo Lutz, que oficiasse as modificações que julgasse convenientes ao Instituto Bacteriológico, a fim de serem apresentadas ao Governo, pois que seria proposta a revisão do Código Sanitário. A resposta do diretor do Instituto seguiu no dia 15 de junho, na qual o dr. Lutz apresentava uma ampla reforma do pessoal do Instituto e sugeria fôsse o artigo 24 da lei n.º 432, de 3 de agosto de 1896, modificado. Aquêlê artigo seria substituído por êste de autoria do próprio Lutz :

“Art. 24 — O Instituto terá o seguinte pessoal :
1 diretor (médico)
3 ajudantes
1 zelador
1 escriturário que deve tomar conta da biblioteca
1 desenhador ou fotógrafo
3 serventes.”

— 1 —

NA ILHA DE SÃO SEBASTIÃO

A malária destaca-se em 1904, sendo o que se observou, principalmente, na ilha de São Sebastião. De acôrdo com o relatório :

“Nesta ilha já existiam alguns focos epidêmicos de forma benigna, sendo porém, pouco intensos. A forma maligna (estivo-outonal ou tropical) foi importada pela tripulação de uma canoa que pernitoou num foco de impaludismo situado na desembocadura do canal da Bertioiga.

Em consequência disso, deram-se vários casos fatais em diferentes pontos da ilha, espalhando-se a moléstia a ponto de formar uma epidemia geral. O caráter desta, na falta de tratamento apropriado, era muito grave, tornando-se a moléstia não raras vezes fatal.

Na ocasião da primeira epidemia, em 1904, o diretor do Instituto acompanhou o dr. diretor do Serviço Sanitário numa viagem onde se visitou Vila Bela e vários pontos da ilha de São Sebastião e, também, a cidade do mesmo nome, situada em frente à Vila Bela, do outro lado do canal.

Com o auxílio do dr. Celestino Bourroul (89) foram examinados 48 doentes dos quais um grande número já tinha sido tratado e outros sofriam de moléstias diferentes, principalmente a hipoemia tropical. Em 27 casos as preparações de sangue coloridas pelo método de Romanowsky revelaram a existência de hematozoários ; 15 vezes, formas pertencentes à infecção tropical só e 4 vezes, de mistura com a forma benigna ; 8 vezes só se observaram hematozoários de terçã benigna.”

— 2 —

O PÓ DE PIRETRO

Os estudos sôbre a febre amarela e o mosquito transmissor não pararam com as experiências feitas no Hospital de Isolamento.

No Instituto Bacteriológico foram pesquisados, também, os meios de extermínio do mosquito, tanto alado como ainda em forma de larva ou ninfa. Quanto aos primeiros, obtiveram-se ótimos resultados com o emprêgo de vapores de enxôfre queimado ou fumaça de pó de piretro. Para as larvas,

(89) — O dr. Celestino Bourroul era em 1903 6.º anista da Faculdade de Medicina da Bahia. Filho do médico Paulo Bourroul.

concluíram ser suficiente uma camada de querosene e essência de terebentina, sôbre as águas.

Sôbre o piretro, hoje largamente usado nos inseticidas modernos, o dr. Emílio Ribas, no dia 6 de fevereiro de 1904 mandou ao dr. Lutz um officio nestes têrmos :

“Cidadão dr. diretor do Instituto Bacteriológico.

Remetendo-vos uma lata do primeiro pó obtido da colheita das flores de piretro, enviada pelo dr. Secretário da Agricultura, recomendo-vos informeis a esta diretoria o resultado das experiências que fizerdes com o mesmo pó.

Saúde e fraternidade.

O diretor

a) E. M. Ribas.”

As experiências solicitadas pelo dr. Ribas foram feitas, dando resultado positivo. O estudo do pó de piretro foi feito usando-se mosquitos de várias espécies, não resistindo nenhum dêles ao citado pó, pois morreram todos.

Os resultados das experiências sôbre o supracitado pó estão, desta forma, descritos :

“Experiência com o pó de piretro enviado pela Secretaria da Agricultura.

No dia 19 de fevereiro de 1904, às 11,45 de manhã foram colocados os tubos de vidro, (cilindros com as extremidades fechadas com tela de arame) contendo mosquitos de diversas espécies, dentro de uma grande estufa de 2m³ de capacidade, depois de bem calafetada com papel grosso. Em duas pequenas tampas de lata se colocaram 5 gr. de pó, 2,5 em cada e acendeu-se, verificando-se o seguinte resultado : 10 minutos depois, os mosquitos contidos no tubo que estava colocado verticalmente caíram todos e os do outro tubo colocado horizontalmente também caíram, ficando apenas 2 voando. 45 minutos depois havia apenas um voando neste último tubo e uma hora depois, estavam todos caídos, conquanto ainda apresentassem sinal de vida. 3 horas depois foram retirados os cilindros da estufa e conservados ao ar livre a fim de se verificar se alguns dêles ainda conseguiria voar porquanto apresentavam ainda sinais de vida. Às 11 horas do dia 21, examinando-se os 2 tubos verificou-se que todos os mosquitos estavam mortos.

2.ª EXPERIÊNCIA

2-2-04 — 11 hs. da manhã.

11 hs. — fechou-se a estufa contendo 2 tubos iguais aos da 1.ª experiência — acendendo de 1.º o pó.

11,15 — T. horiz. — mosq. tontos porém ainda querendo voar.

11,30 — T. horiz. alg. voando estonteados.

T. vert. todos caídos.

3 horas depois verificou-se que conquanto caídos, ainda estavam vivos e que expostos a um ar puro começavam alguns a voar, pelo que, se deixou novamente na estufa até o dia seguinte.

No dia seguinte, 1 de março, às 10 horas da manhã foram encontrados todos mortos.

Conclusão.

Pa. emprego rápido 3 hs. deve-se empregar 2 gs. por M. C. e pa. mais demora (24 hs.) basta 1 gr. pa. M. C.” (90).

(90) — “5 de março de 1904.

Cidadão

Comunico-vos que pelas experiências realizadas neste Instituto com a amostra de pó de piretro que enviastes acompanhando o vosso officio n.º 149 de 6 de fevereiro próximo passado, chegou-se a verificar que os mosquitos submetidos à ação da combustão dêste pó, na proporção de 2 gramas para cada metro cúbico, em um espaço completamente fechado, morriam no prazo de três horas. O mesmo resultado se obteve no espaço de 24 horas empregando-se na proporção de um grama para cada metro cúbico. Foram utilizados para estas experiências, mosquitos de diferentes espécies, inclusive o *Stegomyia fasciata*.

— 3 —

O FIM DE UM REINADO

A febre amarela em São Paulo teve sua carreira encerrada em 1903.

Em 1904 e mesmo nos anos seguintes, nenhuma epidemia houve.

Os louros desta campanha maravilhosa cabem a Emílio Marcondes Ribas, principalmente. Graças à sua capacidade de sanitarista de escol e à campanha profilática de extermínio aos mosquitos, pôs um paradeiro à mortandade que o *Stegomyia fasciata* provocava.

Em 1904 o relatório do Instituto Bacteriológico se limita a dizer que não há febre amarela. Foi um mal do passado, considerado epidemicamente.

“Faltou-nos êste ano, felizmente, tôda a ocasião de ocuparmo-nos com êste assunto, visto não ter havido epidemias, quer na Capital quer no interior do Estado.

Ê êste o primeiro ano, desde a existência dêste Instituto que êste fato se dá e atribuímos êste brilhante resultado às providências tomadas pela diretoria do Serviço Sanitário e baseadas nas novas noções sôbre a sua transmissão, resultantes dos estudos feitos em Cuba e entre nós.”

Ê um fato histórico, como diz muito bem d. M. Sabina de Albuquerque. São Paulo foi o primeiro lugar em todo o mundo, que adotou, com resultados surpreendentes, a nova profilaxia anti-amarelílica, que, por sinal, no Rio de Janeiro, não foi bem aceita. Para o esclarecimento do povo Lutz foi entrevistado pela “Gazeta de Notícias” da Capital Federal, a pedido de Oswaldo Cruz, reportagem esta que retrata a campanha paulista.

Depois do de São Paulo, veio o saneamento do Rio de Janeiro, realizado por Oswaldo Cruz. Outros lugares se seguiram “em seqüência luminosa”, repetindo as palavras do prof. Francisco Borges Vieira.

São Paulo estava, pois, livre da febre amarela. Ê verdade que ela continuou surgindo de tempos em tempos, muitas vêzes em caráter grave, mas não era como antes de 1903, hóspede permanente que, durante todos os anos, e em vários lugares, concomitantemente, ceifava número por vêzes enorme de vidas preciosas.

— 4 —

EM PARIS

Quando em 1905 o dr. Adolfo Lutz foi à Europa, no dia 6 de setembro, o dr. Carlos Luís Meyer foi designado para substituí-lo durante seu impedimento, segundo comunicação por escrito, de Emílio Ribas, em 13 do mesmo mês.

O dr. Lutz foi designado para representar o Estado de São Paulo no Congresso de Tuberculose a ser realizado em Paris, em 1 de setembro, de onde regressou em princípios de 1906, reassumindo a direção do Instituto Bacteriológico no dia 13 de fevereiro.

Tanto por estas experiências, como pela comparação feita de outras anteriores de diversas amostras chegamos à conclusão que êste pó nacional é muito ativo e corresponde a tudo o que se pode exigir.

Junto vos remeto o officio n.º 52, de 4 de fevereiro, da Secretaria da Agricultura.

Saúde e fraternidade.

a) Dr. Adolfo Lutz

Ao dr. Emílio M. Ribas

No dia 30 de outubro exonerou-se o dr. Palmeira Ripper, sendo nomeado para preencher sua vaga, o dr. Teodoro da Silva Baima, que começou a trabalhar em 1 de novembro.

Sobre a viagem de Adolfo Lutz a Paris, o dr. Emílio Ribas recebeu elucidativo e amplo relatório, discorrendo longamente sobre o desenrolar das sessões.

O dr. Lutz chegou à Capital da França dois dias antes de se iniciarem os debates, para os quais haviam sido inscritos 3.500 pessoas de todo o mundo. O primeiro dia, sessão inaugural, caracterizou-se apenas pela abertura dos trabalhos, com discursos, etc. . A sessão foi aberta pelo presidente da República, que proferiu um discurso seguido de outros, que se "perderam pelo vasto edifício".

No dia seguinte, terça-feira, tiveram comêço os trabalhos científicos. Foram êstes : 1.º — Patologia médica, com o presidente prof. Bouchard, 2.º — Patologia cirúrgica, com o presidente prof. Lannelongue ; 3.º — Preservação e assistência das crianças, com o presidente prof. Grancher ; 4.º — Higiene social, preservação e assistência dos adultos, com o presidente prof. Landouzy.

— 5 —

OS ANOS DE 1906, 1907 e 1908

Em 1906, como já dissemos, o dr. Lutz reassumiu a direção do Instituto, no dia 13 de fevereiro, depois de perto de seis meses de ausência.

Pedi em 25 de julho, o dr. José Pereira Barreto, sua exoneração, que foi concedida e nomeado para seu lugar, que por sua vez estava substituindo o dr. Adolfo Carlos Lindenberg — em gôzo de licença — o dr. Américo Brasileiro de Almeida Melo e Filho, que tomou posse em 1 de agosto de 1906.

Continuaram o zelador Savério Felice, o servente Fraugott Peter, o desenhista Gabriel e os desinfetadores Getulino Vieira Pinto e Benedito Marcondes Machado. Ainda não foi nomeado novo escritorário, continuando as sua funções a serem exercidas pelo dr. Carlos Meyer, que durante o ano expediu 138 officios à Diretoria Geral do Serviço Sanitário.

Quanto às pequenas reformas, solicitadas em 1905 e de certa urgência, deixaram de ser executadas por falta de verba. Apenas uma caixa d'água foi instalada, em janeiro, devido a constante falta daquele precioso líquido, falta esta que vinha prejudicando os serviços. Para esta caixa com capacidade de 500 litros, aprovada pelo secretário do Interior, o dr. Emílio Ribas permitiu um gasto de 150\$000. Êste dinheiro tinha que pagar, e pagou, além da caixa (de ferro com tampo de arame), seus respectivos encanamentos e torneiras, e até a mão de obra.

Com respeito a moléstias, em 1906, merece destaque somente, o aparecimento de alguns casos de meningite cerebrospinal, aparecidos em imigrantes chegados no início do ano, pelo vapor "Provence".

Depois de exames, o diagnóstico foi firmado e daquela doença alguns sucumbiram. Eram êstes os primeiros casos de meningite cerebrospinal epidêmica autopsiados em São Paulo.

No ano de 1907, no dia 8 de janeiro, o dr. Adolfo C. Lindenberg reassumiu seu posto. Em 4 de agosto o dr. Lutz foi ao Estado do Pará, em comissão

do Governo estadual, estudar a peste de cadeiras (quebra-bundas), substituindo-o o dr. Carlos Meyer até 30 de dezembro, quando Lutz regressou de sua viagem ao Norte. Seguiu junto com o dr. Lutz, o desinfetador Getulino Vieira Pinto.

Em 30 de agosto foi dispensado o desenhista Gabriel Zucchi (91).

Em 1908 o quadro de funcionários permaneceu o mesmo, com exceção de Fraugott Peter, que faleceu em 16 de março, sendo substituído por Celestino Marinelli, no dia 19. No fim do ano, em 1 de novembro, o diretor entrou em gozo de licença de 6 meses, para tratar de interesses particulares, sendo substituído, interinamente, pelo ajudante Carlos Meyer (92) e para seu lugar, também em caráter interino, foi nomeado novo assistente, o dr. Eduardo Rodrigues Alves, que assumiu o lugar no dia 9 de novembro.

(91) — "Exmo. sr. dr. presidente do Estado de São Paulo :

Gabriel Zucchi, ex-desenhista do Instituto Bacteriológico desta Capital prestou seus serviços durante 5 anos ininterruptamente, sem nunca merecer censura ou repreensão de espécie alguma por seus superiores. Mas de repente foi despedido do emprego, de um instante para outro, sem explicação aceitável — ex-abrupto... Assim uma família de sete pessoas ficou na rua, sem teto, nem pão!... Ainda uma moedinha, filha do suplicante, espera na longínqua Itália, que o pai vá buscá-la para reuni-la ao lar doméstico.

Mas não é mais possível ao pai extremo ir em socorro da filha e subtraí-la aos perigos que fatalmente hão de insidiar a honra de uma donzela, que nos primeiros anos confiada aos desvelos dos avós, pela morte destes, ficou só e abandonada.

O suplicante, pelos serviços assíduos e conscienciosos prestados ao Estado de São Paulo — com os desenhos que foram muito apreciados nos vários centros científicos europeus e americanos — como disse o ilmo. sr. dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, invoca a V. Ex. uma gratificação ou ao menos um subsídio que o habilite a trazer algum alívio às suas misérrimas condições atuais, confiando muito na generosidade magnânima e na justiça do benemérito cidadão que preside aos destinos de São Paulo.

São Paulo — 3 de outubro de 1907.

a) Gabriel Zucchi

Rua Antonio Carlos 5".

Este papel foi despachado com as seguintes palavras :

"À Diretoria Sanitária para informar. Secretaria do Interior. São Paulo, 8 de outubro de 1907. a) A. Godói" Esta petição de Gabriel Zucchi foi remetida pelo dr. Emilio Ribas ao diretor do Instituto Bacteriológico, em 10 de outubro, e o dr. Carlos Meyer respondeu pelo ofício 615 de 14 do mesmo mês, abaixo transcrito :

"14 de outubro de 1907.

Cidadão

Respondendo ao vosso ofício n.º 391 de 10 do corrente, que ora devolvo, tenho a informar-vos o seguinte :

O cidadão Gabriel Zucchi, contratado para desenhista deste Instituto, de acordo com o vosso ofício 1303 de 21 de agosto de 1902, exerceu esse cargo até 30 de agosto do corrente ano.

Quanto à censura, repreensão ou elogios que disse merecer, ao dr. Adolfo Lutz, diretor deste Instituto, compete dizer, por terem sido os trabalhos feitos sob sua imediata orientação.

Quanto à sua dispensa, esta diretoria, repelindo os termos em que foi feita esta reclamação, informa que procedeu de acordo com o próprio ofício autorizando a sua nomeação, cuja cópia vos envio e pelo qual devia ele ser dispensado "logo que terminassem os trabalhos necessários a esta seção". Acresce mais que tendo sido suspensa a verba destinada ao pagamento do desenhista, foi resolvido, de acordo com o sr. Gabriel Zucchi, que ele continuasse ainda por algum tempo a fim de concluir alguns trabalhos iniciados, percebendo apenas os vencimentos de cento e cinquenta mil réis (150\$000) mensais, que seriam pagos pela verba de expediente enquanto ela comporasse esse desfalque.

À vista das razões acima expostas e não havendo na ocasião mais necessidade de seus serviços, foi ele dispensado de conformidade com o ofício acima citado e com vossa ciência.

Quanto à gratificação ou subsídio solicitado pelo sr. Gabriel Zucchi, nada pode dizer esta diretoria, por não ser isso de sua alçada.

Saúde e fraternidade.

a) Dr. Carlos L. Meyer".

Ao dr. Emilio M. Ribas

(92) — São Paulo, 3 de novembro de 1908.

Cidadão dr. Carlos Meyer.

Tendo entrado a primeiro do corrente em gozo de licença o dr. Adolfo Lutz, diretor dessa seção, de acordo com o art. 25 da lei de 432 de 3 de agosto de 1896, vos designo para substituí-lo.

Saúde e fraternidade.

O diretor interino

a) Dr. José Bento de Paula Sousa.

Neste mesmo ano de 1908, no dia 9 de junho, retirou-se o servente Marinelli, entrando para seu lugar Francisco Antônio Faraco, no dia seguinte.

Continua vago o lugar de escriturário. Sobre isto diz Lutz :

“Apesar de haver verba votada no orçamento para um amanuense neste Instituto, esta vaga ainda não foi preenchida e como nos anos anteriores não podemos deixar de chamar vossa atenção sobre a necessidade indeclinável de um funcionário encarregado unicamente deste serviço.

Para o desempenho deste cargo basta o conhecimento de línguas e uma boa caligrafia, sendo preferível a prática de escrever com máquina, como está sendo adotado entre nós.

Está no interesse dos trabalhos entreter relações por meio de correspondência com outros Institutos e também permutar o mais possível as publicações.

O que fica exposto e ainda mais o serviço de rotular coleções e tratar da biblioteca, justifica a necessidade deste funcionário.”

Esta notificação foi dirigida ao diretor do Serviço Sanitário.

— 6 —

A EXPOSIÇÃO NACIONAL

Em comemoração ao centenário da abertura dos portos ao comércio exterior foi inaugurada, no Rio de Janeiro, a Exposição Nacional que ficou aberta ao público de 12 a 28 de setembro de 1908 (93), (94).

(93) — São Paulo, 4 de agosto de 1908.

Cidadão dr. diretor do Instituto Bacteriológico.

Pretendendo o Governo publicar um “Guia do Pavilhão do Estado de São Paulo na Exposição Nacional”, recomenda-vos a entrega dos necessários dados e fotografias com que concorreris àquele certame ao sr. Henrique Prault, funcionário da Secretaria da Agricultura, encarregado de tal publicação, por intermédio desta diretoria.

Saudações

O diretor interino

a) Dr. José B. de Paula Sousa.

“11 de setembro de 1908.

Cidadão

Comunico-vos que os objetos deste Instituto que têm de figurar na Exposição Nacional, acham-se encaixotados em 7 volumes e prontos a serem despachados. Devem acompanhar os referidos objetos o dr. Carlos Meyer, ajudante e o desinfetador Getúlio Vieira Pinto.

Saúde e fraternidade.

a) Dr. Adolfo Lutz.

Ao dr. José Bento de Paula Sousa.

(94) — Era esta a comissão organizadora aclamada em 28 de novembro de 1907, para organizar a Exposição Preparatória do Estado de São Paulo à Exposição Nacional, em comemoração do centenário da abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional, em 11 de agosto de 1908, na Capital Federal: dr. Carlos J. Botelho (Secretário da Agricultura), presidente honorário; dr. Manuel Pessoa de Siqueira Campos, presidente efetivo; dr. Augusto da Silva Teles, diretor da Seção de Indústria; cel. José Paulino Nogueira, diretor da Seção de Comércio; dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, diretor da Seção de Agricultura; dr. Raul Rezende de Carvalho, tesoureiro; dr. João Pedro Veiga Filho, secretário geral; dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo, arquiteto. E era esta a Comissão executiva: dr. Antônio de Barros Barreto, presidente; dr. Augusto Ferreira Ramos; dr. Sérgio Meira. Eram ainda presidentes das comissões seccionais, os seguintes: dr. Gustavo de Godói, Educação; dr. Maximiliano Emilio Hehl, Belas Artes; dr. Freitas Vale, Artes Liberais; Eugênio Lefèvre, Manufaturas; dr. J. Brant de Carvalho, Máquinas; dr. Edgard de Sousa, Electricidade; dr. José Luis Coelho, Transportes; dr. Antônio Candido Rodrigues, Agricultura; dr. João de Sampaio Viana, Horticultura; dr. Afrodísio Coelho, Silvicultura; dr. Guilherme Florence, Minas e Metalurgia; dr. João Pedro Cardoso, Cartografia; dr. Ed. Krug, Pesca e Caça; dr. Emilio Ribas, Higiene; dr. Ataliba Vale, Engenharia Sanitária; dr. H. von Ihering, Antropologia; dr. João Zeferino Ferreira Velloso, Comércio; dr. José Luis de Almeida Nogueira, Economia Social; cel. Paul Balagny, Cultura Física; sra. Elizabeth Malfatti, Trabalhos de senhoras; dr. Joaquim Miguel Martins de Siqueira, Café; dr. Renato Hottinger, Alimentação e Higiene dos animais domésticos. O Serviço Sanitário foi representado na Exposição Nacional, pelo Desinfetador Central, Instituto Bacteriológico, e Instituto Seruniterápico de Butantã. O Catálogo na referida exposição, do Instituto Bacteriológico apenas diz: “Instituto Bacteriológico — Peças antômicas de moléstias de animais domésticos e outras. Entozoários e outros parasitas. Insetos transmissores de moléstias. Publicações.”

Para a Capital da República seguiram o dr. Carlos Meyer, na ocasião diretor do Instituto Bacteriológico, os demais ajudantes e o desinfetador Getulino Vieira Pinto.

No pavilhão de São Paulo foi instalada a mostra do Serviço Sanitário, sendo que, em uma de suas seções, era apresentado, pelo Instituto, bela coleção de objetos, por sinal muito apreciada. Foi exposta uma coleção de peças anatômicas de animais, principalmente de gado e outros animais domésticos. Foram também mostrados coelhos infeccionados por material de suspeitos de tuberculose e ratos contaminados pela peste.

Foi ainda apresentada uma coleção de peças parasitadas pelos esporozóários e helmintos. Os dípteros, sugadores de sangue, também não foram esquecidos, assim como culturas de bactérias cromogênicas do ar e da água.

Esta bela exposição mereceu, do júri encarregado do julgamento dos pavilhões, uma sugestiva medalha de ouro.

— 7 —

O ÚLTIMO RELATÓRIO DE LUTZ

Estão aqui os primeiros 16 anos de vida do Instituto Bacteriológico. Dezesseis anos sob a orientação sábia de Adolfo Lutz. Dezesseis anos que representaram para São Paulo uma situação sanitária mais estável, o conforto, o sossego e a felicidade do povo paulista. Dezesseis anos que simbolizam o extermínio e o controle de muitas moléstias e, por conseguinte, a baixa considerável da mortalidade humana e mesmo animal.

Foram 16 anos de atividades que deram a São Paulo vida nova.

Depois deste espaço de tempo, o Instituto Bacteriológico perdeu seu diretor, que podemos dizer, foi o precursor da bacteriologia na capital paulista.

Seguiu Lutz para o Rio de Janeiro, a fim de trabalhar, lado a lado e a convite de Osvaldo Cruz, então diretor do Instituto de Manguinhos.

Em 1 de novembro de 1908, tendo sido licenciado, seguiu para a Capital Federal onde ficou até o fim de sua vida, dando ao Instituto que o chamara, novas feições. "Osvaldo (95) tinha por ele uma profunda admiração que era compartilhada por quantos estavam em condições de apreender o seu valor pessoal e apreciar os seus eruditos e originais ensinamentos. Lutz era o protótipo desses cientistas hoje cada vez mais raros que aliam uma profunda cultura a uma soma formidável de conhecimentos especializados e, além do mais, possuía uma capacidade de trabalho inesgotável". Relembra Henrique de Beaurepaire Rohan Aragão.

Lutz em 1908, antes de se retirar para o Rio, deixou um relatório sobre suas atividades, ou melhor, das atividades do Instituto Bacteriológico que dirigia, desde sua fundação até 1908, isto é, a sua gestão. Se bem que um resumo sucinto, fugindo a pormenores, mostra as diversas atividades suas e de seus companheiros de labuta.

Muitas partes desse relatório será interessante mostrarmos, porque são pontos de menor projeção, dentro de cada ano, que deixamos de citar no correr deste trabalho. Eis :

(95) — O dr. Osvaldo Gonçalves Cruz comunicou sua investidura na diretoria do Instituto de seu nome (Manguinhos), no dia 30 de abril de 1908, para cujo lugar fôra nomeado por decreto de 19 de março do mesmo ano. O dr. Cruz entrou em exercício do cargo de diretor no dia 20 de março.

“Os estudos relativos à higiene de São Paulo, feitos pelo pessoal do Instituto Bacteriológico são numerosos e de grande responsabilidade.

Além dos trabalhos mais importantes, dos quais damos adiante uma nota resumida, bastar-nos-ia citar o papel saliente que êle representou em relação às epidemias de febre tifóide, colera asiática, peste bubônica e febre amarela, que constam dos relatórios apresentados anualmente à diretoria do Serviço Sanitário.

Como sói acontecer quando surge qualquer epidemia, nunca faltou quem procurasse impugnar pela imprensa diária os diagnósticos feitos; resta-nos entretanto, a satisfação de consignar que até hoje todos os diagnósticos feitos pelo Instituto Bacteriológico foram confirmados não só pelas observações posteriores, mas também pelas autoridades estrangeiras mais conhecidas, ao critério das quais os materiais foram submetidos.”

ESPOROZOÁRIOS

“Foram estudados em primeiro lugar os coccídios que dizimavam os coelhos das criações de São Paulo. Encontraram-se duas espécies (cuja diferença constante se verificou) sendo a do intestino o *Coccidium perforans* e a das vias biliares, o *Coccidium ovi-forme*.

Fizeram-se culturas dos “sporocysts” que mostraram diferenças constantes e pelas quais a infecção pode ser reproduzida.

Observaram-se outras espécies, em parte novas, em porcos, cobaias, gatos, cães e corujas, sendo as três últimas espécies do tipo *Coccidium bigeminum*. Outra espécie do tipo “diplospora” observou-se em passarinhos de gaiola. Foram observadas sarcosporídios na musculatura do porco, do gambá, da lebre indígena e da saracura, sendo as três últimas espécies novas.

“Hoemosporídeos” foram observados nas rãs, em várias espécies de lagartos, tartarugas, jacarés e cobras, sendo a maior parte novas.

Gregarinas foram encontradas em muitas espécies de insetos, entre outros, também nas larvas de estegomia, sendo a forma provavelmente idêntica à observada no Rio de Janeiro, pela comissão francesa.

Foram também estudados vários “myxosporídeos e com a forma interessante anteriormente descrita por Lutz com o nome de “*Cysdiscus immersus*”, uma nova espécie de “*Myxobolus de Platichthys brasiliensis*” colhido por Arechavaleta em Montevidéu e outras espécies indígenas. Em colaboração com o dr. Splendore, que trabalhou neste Instituto, participando principalmente dos estudos sobre parasitos animais, foi descrito um grande número de novos microsporídios de peixes, insetos, etc., sendo também encontradas três espécies de vermes e protozoários parasíticos.

Quanto aos esporozoários aliados aos plasmódios ou “hoemamebas” da malária, estudou-se sistematicamente a nossa fauna de aves, encontrando-se muitas espécies em grandes partes novas, em garças, cegonhas, seriemas, saracuras, patos, urus, pombos, tico-ticos, gaviões e corujas. Com êstes estudos alcançou-se a prática necessária para poder obter sempre preparações claras, demonstrativas em casos de malária humana e para êste fim, fez-se um estudo cuidadoso do método de tincão de Romanovsky e de outros processos aliados.

Na mesma ocasião, estudaram-se as larvas de filária, encontrando-se cerca de vinte espécies em muitos animais indígenas.

Quanto aos tripanossomas, foram encontrados no sangue de ratos, corujas, tico-ticos e rãs.”

ANIMAIS SUGADORES DE SANGUE

“Nestes últimos anos o diretor do Instituto dedicou-se especialmente ao estudo de todas as espécies de insetos e outros animais que, habitualmente, se alimentam de sangue, muitas vezes do próprio homem e por isto tornam-se capazes de transmitir moléstias causadas por parasitos do sangue e geralmente propagadas só por êste modo. Reuniu a literatura muito espalhada do assunto e com auxilio do pessoal do Instituto e outras pessoas, organizou uma grande coleção que, além de muitas espécies estrangeiras, contém mais de duzentas nacionais das quais a metade não era conhecida quando principiou seus estudos.

Descreveu 36 espécies novas de mosquitos e forneceu muitas outras ao British Museum, que se acham descritas na monografia clássica de Theobald.

Estudou também grande número de larvas e os seus hábitos biológicos. Entreteve grande correspondência em relação a este assunto e na ocasião de sua viagem à Europa, visitou muitos museus.

Estes estudos versaram principalmente sobre os dipteros ("culicidae", "simuliidae", "tabanidae", "stomoxidae", etc.). as pulgas, os carrapatos e os percevejos.

Foram também estudadas as oestrídas, moscas cujas larvas vivem como parasitos no homem e nos animais domésticos.

Há hoje poucas regiões tão bem estudadas em relação aos insetos parasitos e sugadores de sangue, como o nosso Estado

EXAMES

"Para fazer-se uma idéa do número de exames procedidos neste Instituto, damos em seguida alguns algoritmos que se referem principalmente aos anos de 1900 e em diante, período no qual a escrituração foi feita de um modo mais detalhado.

Foram examinados pelo pessoal do Instituto 7.260 ratos, sendo 3.952 na Capital, 1.904 em Guaratinguetá, 1.000 em Santos, 365 em Pindamonhangaba, 5 em Sorocaba, 4 em Taubaté e 30 em São José dos Campos.

Estes exames foram feitos com o fim de se excluir ou verificar a existência de peste bubônica.

Foram feitos 1.300 exames de escarro e 3 de saliva, alguns em relação à peste, mas a maior parte com o fim de verificar o excluir a existência do bacilo de Koch.

Fizeram-se 886 exames microscópicos de sangue com o fim de verificar a presença de parasitos, principalmente dos hamatozoários do impaludismo e mais 227 exames soroscópicos visando a aglutinação dos bacilos tíficos e paratíficos.

Houve mais 408 exames de fezes, tratando-se em parte da pesquisa do bacilo vírgula de Koch, outras vêzes da de amebas e ovos e larvas de entozoários.

Foram feitos mais :

340 exames de urina, tanto microscópicos e bacteriológicos como químicos ;

123 exames de falsas membranas e outros materiais, em pesquisas do bacilo de Loeffler ;

108 exames de suco ganglionar em casos suspeitos de peste e muitos outros de pus, vômitos, secreções de úlceras, pêlos, manchas em roupas (a pedido do chefe de polícia), líquidos de lavagem de estômago, de hidrocele e espermatocoele, etc. . .

Recebemos em número de 42, cães vivos ou mortos ou os centros nervosos destes, a fim de verificar-se se se tratava de hidrofobia ; em todos estes casos foi feita a inoculação do bulbo (ou outras partes dos centros nervosos) em coelhos e cobaias.

Verificou-se a existência da peste em 3 gatos, sendo 1 em Pindamonhangaba e 2 em Guaratinguetá e a de hidrofobia em outros 3 gatos desta Capital.

Foram feitos 82 exames bacteriológicos de água, sendo a maior parte a pedido de autoridades e por intermédio do diretor do Serviço Sanitário, para determinar sua qualidade em relação ao uso como água potável, verificando-se o número e a natureza dos germes."

AUTÓPSIAS

"Até 31 de julho de 1908 o número de autópsias feitas pelo pessoal do Instituto, atinge a 443.

Eis a lista dos diagnósticos resultantes das autópsias e estudos consecutivos :

Febre amarela, 121 ; cólera mórbus, 62 ; febre tifóide, 92 ; peste bubônica, 28 ; pneumonia pestosa primitiva, 6 ; meningite pestosa primitiva, 1 ; caquexia consecutiva à peste bubônica, 1 ; difteria, 13 ; varíola, 1 ; sarampão, 3 ; impaludismo agudo, 2 ; caquexia palustre, 1 ; pneumonia crupal, 13 ; tifo exantemático, 5 ; meningite cerebrospecial, 4 ; meningite pneumocócica, 1 ; tuberculose pulmonar, 7 ; meningite tuberculosa, 1 ; tuberculose generalizada, 4 ; tuberculose mesentérica, 1 ; peritonite

por perfuração intestinal de úlcera tuberculosa, 2; peritonite simples, 1; enterite amébi-
ca, 3; morféia, 3; infecção purulenta, 2; broncopneumonia, 13; hemorragia pulmonar,
2; espondilite tuberculosa, 1; atrofia do fígado, 2; abscesso retrofaringeo, 1; equi-
nococo supurado do fígado, 1 e hidrofobia, 1.

Deixamos de especificar os outros diagnósticos que constam do quadro junto, visto
não tratar-se de moléstias infecciosas ou de especial interesse."

COMISSÕES

"O pessoal do Instituto desempenhou grande número de comissões das quais algu-
mas determinaram ausências prolongadas da Capital. Seu fim era, ora verificar a natu-
reza de moléstias epidêmicas ou suspeitas que grassavam em várias localidades do inte-
rior do Estado, ora prestar auxílio às comissões sanitárias no tocante a exames microscó-
picos e bacteriológicos e vacinações preventivas, ora dirigir hospitais de isolamento e
dítas comissões sanitárias.

Damos a seguir das 155 comissões que se acham registradas nos relatórios anuais :

Dr. A. Lutz	desempenhou	43 comissões
„ C. Burgos	„	1 „
„ J. Roxo	„	1 „
„ A. Mendonça	„	13 „
„ B. Toledo	„	11 „
„ V. Brazil	„	11 „
„ C. Meyer	„	57 „
„ I. Bandi	„	4 „
„ A. Lindenberg	„	3 „
„ P. Ripper	„	4 „
„ T. Baima	„	7 „
		155

MORFÉIA

"A verificação microscópica do bacilo de Hansen, geralmente aceito como causador
da moléstia, é de grande importância para corroborar os resultados do exame clínico, por
serem os sintomas desta moléstia freqüentemente pouco pronunciados e um tanto equí-
vocos.

Encontrou-se êle facilmente no suco dos tubérculos e nas ulcerações da mucosa na-
sal, como também nos gânglios linfáticos correspondendo à região afetada.

Pela sua forma e modo de reagir à coloração, só pode ser confundível com o bacilo
de Koch, mas esta confusão torna-se quase impossível em vista de sintomatologia dife-
rente das duas moléstias, como também pelo agrupamento característico dos bacilos de
Hansen.

Foram obtidos organismos semelhantes aos descritos por Bordoni Uffreduzzi e
outros, mas não sendo ácidos resistentes, como as culturas do bacilo de Koch, parece que
não podem ser considerados idênticos ao bacilo de Hansen.

Fêz-se também estudos sobre a questão da veiculação dos germes pelos mosquitos :
verificou-se que nos casos examinados êles não passavam ao estômago dos mosquitos,
mesmo quando a picada se dava nos próprios tubérculos.

O contrário deve se dar nos períodos febris, quando os bacilos circulam no sangue,
mas faltou ocasião para verificar êste fato.

Foram feitos exames em mais de vinte doentes suspeitos, sendo alguns dêles solda-
dos da Fôrça Pública ; na maior parte dos casos obteve-se um resultado positivo pelo
exame microscópico direto.

Foram feitas, também, três autópsias em casos de morféia, tratando-se uma vez de
forma anestésica."

MOLÉSTIAS VENÉREAS

"O gonococo de Neisser foi encontrado em grande número de corrimentos uretrais, em vários casos de conjuntivites e de vulvovaginites de crianças e num caso de abscesso para-uretral.

O bacilo de Ducrey-Unna uma vez foi observado num caso de úlcera serpiginosa que já tinha durado muitos meses e em vários casos de úlcera mole simples.

O espiroqueta de Schaudinn ou treponema pálido foi observada como único microrganismo presente numa esclerose extragenital e nas vísceras de um feto morto e macerado e em material de sífilis congênita proveniente da Europa.

Empregou-se também com bom resultado a impregnação pelo nitrato de prata segundo as indicações dadas por Levaditi.

As observações feitas aqui, sobre estas três moléstias e os organismos causadores, estão em completo acôrdo com as observações feitas nos países europeus."

CONJUNTIVITE

"A conjuntivite epidêmica benigna, conhecida pelo nome de "dor d'olhos", é devida ao bacilo de Koch-Weeks, como foi verificado muitas vêzes.

Tivemos também, ocasião de observar uma vez o bacilo de Koch num caso de tuberculose e várias vezes gonococos em inflamações purulentas da conjuntiva."

TUBERCULOSE

"Foram encontrados bacilos de Koch uma vez na secreção conjuntival, uma vez na urina e uma vez nas fezes, em casos de tuberculose conjuntival, vesical e intestinal.

Outros casos, sendo um de cistite e um de linfadenite caseosa, mostraram-se de natureza tuberculosa pela inoculação em cobaias.

Já mencionamos o enorme número de escarros examinados, provando a grande freqüência da tuberculose pulmonar, como também as outras formas de tuberculose humana observadas nas autópsias e os casos de tuberculose bovina verificados por preparações microscópicas diretas ou pela inoculação em cobaias.

Estas moléstias não oferecem particularidades que não sejam observadas em outros lugares, mas entre nós, nota-se raridade do lúpus e de outras formas de tuberculose localizada do gênero humano.

No nosso modo de ver, estas resultam de infecção com tuberculose bovina, mas esta questão não tem sido ainda bastante estudada."

PNEUMONIA

"As pneumonias francas e primitivas são raras entre nós, mas, o número delas aumentou um pouco, depois do aparecimento epidêmico da influenza.

Todos os casos examinados eram devidos ao pneumococo de Frankel.

O mesmo germe encontrou-se nas pneumonias que complicavam a moléstia principal em casos de febre tifóide, cólera, febre amarela, etc., podendo haver associação com o germe da moléstia primitiva (bacilo de Eberth, meningococo) ou com bacilos e cocos aspirados.

Na pneumonia pestosa o bacilo da peste foi geralmente encontrado em culturas quase ou completamente puras.

Nunca observamos pneumonias causadas pelo bacilo de Friedländer."

INFLUENZA

"Foram feitos numerosos exames de escarros de casos de influenza, sendo que muitos destes apresentavam ao microscópio grande número de pequenas bactérias com os caracteres atribuídos por Pfeiffer ao organismo que êle julgou causador desta moléstia.

No período febril de casos bem caracterizados, conseguiu-se isolar do sangue, por três vezes, pequenos bacilos que só se desenvolveram no caldo, quando este estava misturado com sangue. Julgamos que se tratava do organismo descrito por Pfeiffer, mas não o consideramos como causador da moléstia, visto que a sua presença não pode ser verificada — mesmo nos escarros — em muitos casos bem caracterizados, sendo que o seu papel etiológico não está demonstrado por experiências concludentes. Acresce que organismos muito semelhantes são encontrados em outras moléstias das vias respiratórias.

Inclinamo-nos a pensar que o verdadeiro causador ainda não está conhecido, devendo talvez ser procurado entre os micróbios ultravistíveis.”

ENTERITE E HEPATITE POR AMEBA

“As amebas da enterite ulcerosa foram observadas em São Paulo pelo dr. Adolfo Lutz em 1888 e 1889, quando este organismo era ainda pouco conhecido, tendo sido observado apenas no Egito e talvez na Rússia.

No princípio do funcionamento do Instituto os casos eram ainda raros, mas, pouco a pouco aumentaram muito em número, sendo hoje observação freqüente.

As amebas acham-se constantemente quando os sintomas da enterite estão pronunciados e a pesquisa se faz nas mucosidades sanguinolentas das fezes.

A moléstia quase sempre é crônica; pode-se observar formas aparentemente agudas, mas são raras e provavelmente dependentes de uma complicação.

Os abscessos hepáticos, cuja freqüência entre nós aumenta sempre, são pela maior parte devidos a esse organismo. Este é encontrado de um modo quase constante nos tecidos que formam a parede do abscesso. De resto, o pus pode ser estéril ou conter bactérias, mas estas geralmente não são piogênicas. O mesmo fato observamos no pus do abscesso do fígado de um cão, produzido por injeção de óleo de terebentina.

A forma da ameba observada entre nós é diferente de outra não patogênica, muitas vezes observada na Europa, no intestino de pessoas de boa saúde ou sofrendo de outras moléstias.

Todos estes fatos foram verificados em numerosos exames de doentes e várias autópsias de enterite e hepatite amébrica e são hoje geralmente reconhecidos, mas até há pouco foram negados por muitos autores.

Isto era devido à confusão que se fez das duas amebas e por não observarem-se as regras estabelecidas para a procura das amebas no pús e nas dejeções.”

IMPALUDISMO

“Nos primeiros anos não houve ocasião de obter resultados positivos nos exames dos doentes da Capital e dos arrabaldes onde a moléstia, ao contrário do que era geralmente suposto, só se encontra de um modo completamente excepcional.

Com a construção das estradas de ferro de Guarujá e de São Paulo a Santos (nova linha), desenvolveram-se entre os trabalhadores epidemias de malária, geralmente de forma benigna.

O mesmo aconteceu por ocasião da construção de pontes, estradas de rodagem e de ferro, havendo neste caso maior número de formas graves.

Nos últimos anos o impaludismo tomou maior desenvolvimento no litoral, onde houve várias epidemias com formas ora graves ora leves.

Assim, de 1896 em diante, começaram a afluir doentes à Capital de modo que se observou grande número de casos procedentes de Guarujá, Serra de Santos, Porto Ferreira, Rincão, Guatapará, Rio de Janeiro, Paranaguá, Serra Azul e Guariba.

Número muito maior de casos, cerca de quinhentos, foi observado no interior e no litoral deste Estado e no Rio de Janeiro, numa série de viagens feitas, ora com o fim de estudar, ora combinando estas com os interesses da higiene.

Os lugares visitados foram os seguintes: Serra de Santos, Cubatão, rio Butoroca, Salto de Itu, margens dos rios Piracicaba e Tietê, Iguape, Ribeira e Juquiá, Conceição de Itanhaem e Praia Grande, Vila Bela e São Sebastião. Estas viagens foram feitas pelo diretor, sendo aquelas dos rios Piracicaba e Tietê, em companhia do dr. Vital Brazil.

O dr. Carlos Meyer esteve duas vezes nas margens do Mogi-Guaçu, (Rincão, Guataparã e São Luís), Ribeirão Preto, Itapira, Peruíbe e Conceição de Itanhaem.

O diretor e o dr. Carlos Meyer fizeram juntos uma viagem tocando nos seguintes pontos : Ribeirão Preto, Entroncamento, Vassoural, margem do Sapucaí, Batatais.

Fora deste Estado visitaram zonas palustres nas margens da baía do Rio de Janeiro e na região situada entre Santana de Macacu e Porto das Caixas, no Estado do Rio.

O resultado de todas estas observações pode ser resumido assim : observa-se neste Estado o impaludismo tanto na sua forma benigna (terça simples) como na forma grave (malária tropical, febre estivo-outonal).

Quanto à febre quartã, sua existência neste Estado é duvidosa e mesmo se existe, só será observada excepcionalmente.

Não é rara a cominação das duas formas do impaludismo ; observam-se principalmente os gametos da febre tropical e ao mesmo tempo os plasmódios da forma benigna.

Em zonas palustres os hematozoários podem ser encontrados em doentes de febre amarela ou de febre tifóide, mas estes casos são de observação rara e não alteram a sintomatologia destas últimas moléstias.

Quanto à existência da febre tífico-malárica, todas as nossas observações mostram que os casos denominados assim, eram apenas casos de febre tifóide simples, como também se encontram nos lugares onde nunca houve impaludismo. A infecção sob a forma tropical pode bem produzir uma febre contínua ou remitente, mas esta é sempre de duração muito curta e não pode ser confundida com a febre tifóide desde que a curva termométrica fôr bem registrada.

As zonas onde o impaludismo é endêmico estão situadas no litoral ou no interior do Estado, nas regiões dos grandes rios, onde a temperatura média é mais elevada de modo a permitir a cultura do café ou outras plantas ainda mais exigentes.

Nos terrenos mais altos, situados entre duas regiões, só se observa de um modo esporádico e principalmente em estações muito quentes, revestindo a forma benigna.

Por exemplo, nesta Capital, como resulta de numerosíssimas observações clínicas e exames de sangue, o impaludismo absolutamente não é endêmico : falta completamente no interior da cidade e é raríssimo nos arrabaldes.

Entre os rios do interior, o mais infeccionado pelo impaludismo é o Mogi-Guaçu, onde a moléstia não segue somente o curso do rio principal, mas também sobe pelos afluentes e encontra-se, às vezes, em pântanos de dimensões insignificantes. Isto está em contraste com o que se observa na vizinhança da Capital onde existem várzeas imensas, periodicamente inundadas, sem haver focos de malária.

Além da forma endêmica do impaludismo, observam-se também, verdadeiras epidemias nos mesmos lugares ou também em zonas anteriormente indenes.

O aparecimento de uma epidemia é favorecido por vários fatores :

1.º Condições meteorológicas que favorecem a multiplicação dos mosquitos veiculadores e o desenvolvimento dos hematozoários no organismo destes ;

2.º Alterações nas condições topográficas, preparando novos criadouros para as larvas ;

3.º A presença ou introdução de indivíduos infeccionados ;

4.º A existência de aglomeração de indivíduos não imunizados ;

5.º Circunstâncias que facilitam o acesso dos mosquitos aos moradores doentes e sãos.

Assim as epidemias observadas nas margens do rio Sapucaí e na região de Iguape, dependiam principalmente do 1.º fator e em parte também do 2.º (Peruíbe).

O mesmo se pode dizer das epidemias observadas no Salto de Itu e Inham, nas margens do Tietê, perto da cidade de Itu.

Na epidemia que se manifestou na Serra de Cubatão, na ocasião da construção da nova linha inglesa (e na outra que se deu quando foi feita a linha velha), também entraram em jogo os outros fatores : afluência de muitos trabalhadores, em parte já infeccionados, morando no mato cheio de mosquitos, em ranchos abertos ou mal fechados.

Assim, por duas vezes houve uma epidemia num lugar onde os raros moradores, no intervalo, não sofriam de impaludismo.

Em outras epidemias entre trabalhadores, como a de Rincão e Guataparã, o elemento infeccioso já existia no lugar.

O pessoal do Instituto também teve ocasião de fazer na Capital, três autopsias em cadáveres de doentes vindo de fora, tratando-se duas vezes de acessos perniciosos, uma vez complicado com disenteria e uma terceira vez caquexia palustre bem caracterizada. As peças obtidas foram estudadas em preparações microscópicas.

A coloração dos hematozoários mereceu especial atenção do diretor do Instituto que, auxiliado pelo dr. Carlos Meyer, por muito tempo fez estudos comparativos sobre os melhores processos para colorir tanto os hematozoários como a cromatina destes. Obtiveram alguns resultados bons com o processo original de Romanowsky; mas estes resultados eram incertos e inconstantes por ser um processo completamente empírico. Acusava-se a qualidade das cores empregadas, dos insucessos obtidos, quando na realidade a fórmula era defeituosa. Só depois dos estudos de Ziemann, Nocht e outros, chegou-se a compreender melhor as condições necessárias para obter a tingão perfeita.

Na questão do impaludismo os estudos sobre os mosquitos têm sido de importância enorme, indicando tanto a transmissão da moléstia como o modo de combatê-la.

Sabe-se hoje que os mosquitos transmissores desta moléstia pertencem todos ao antigo gênero *Anopheles*, hoje subdividido em uma dúzia de gêneros novos.

No Brasil são representados os gêneros *Cellia* (2 espécies), *Pyrethophorus* (2 espécies), *Microleptoptera* (1 espécie), *Arribalzagaia* (1 espécie), *Myzomyia* (2 espécies) e *Stegomyia* (1 espécie), sendo o último somente encontrado no norte.

O conhecimento de quatro destas espécies era devido unicamente a exemplares colecionados neste Laboratório e, das outras, cinco foram observadas, três entre nós, já no princípio destes estudos.

Quanto ao papel destas diversas espécies, na propagação do impaludismo, não foi ainda possível determiná-lo com toda a certeza.

Nas matas das serras o transmissor foi certamente o *Myzomyia lutzii*, cujas larvas foram encontradas somente na água das bromeliáceas, sendo por isso independentes de pântanos e terras alagadas.

Estas observações foram as primeiras e até hoje as únicas conhecidas, que deram uma explicação das malárias silvestres, mas é quase certo que há mais espécies de anofelídeos fitífios.

É provável que o *Pyrethophorus lutzii*, encontrado na costa e no interior com bastante abundância, seja um dos transmissores mais importantes; o *Pyrethophorus fajardoi* entre nós é muito raro e por isso sem a importância que pode ter talvez em outros lugares. As outras espécies conhecidas no Brasil, parecem faltar nos focos de malária deste Estado."

X

Em 1916 uma série de desinteligências veio provocar várias convulsões, originando uma verdadeira revolução dentro do Instituto.

Tudo começou com o escriturário Alcebiades Arantes e o dr. Alexandrino de Moraes Pedroso.

Foi no dia 7 de fevereiro. O dr. Alexandrino, em carta dirigida ao dr. Carlos Meyer, conta que teve uma série rusga com o escriturário Arantes, por questões de serviço. Este funcionário havia recebido uma ordem que lhe foi transmitida por intermédio do preparador Getulino Vieira Pinto e esta ordem dada pelo dr. Alexandrino não foi cumprida.

O escriturário já era conhecido como homem malcriado e grosseiro, mas acobertado sempre pela desculpa de ser doente. Esta evasiva era sempre pronunciada pelo dr. Meyer que, também, pedia condescendência e paciência com o dito funcionário.

No dia da discussão o dr. Alexandrino, perdendo o contróle de si, frente às atitudes de seu subalterno, disse-lhe alguns desaforos.

O próprio dr. Alexandrino conta, em sua carta :

“Este voltando-se para mim com o indicador alvoroçado e em alta voz disse-me: olha, eu quero que o sr. fique sabendo de uma vez por tódas, que eu a-b-so-lu-ta-men-te não recebo ordens suas aqui dentro, só obedeco ao dr. Meyer. Chamei-o de malcriado e como fôsse grosseiramente tratado, perdi a calma e não posso com precisão, relatar o que se seguiu”.

O dr. Alexandrino, depois dêste 7 de fevereiro não mais compareceu ao serviço, até o dia 10 do mês de março, portanto, por mais de 30 dias, estando, nessas condições, incurso nas penalidades do art. 28, letra “b”, do regulamento da Secretaria do Interior, correspondente ao art. 23 do regulamento do Instituto.

No dia 16 de fevereiro, como o dr. Alexandrino se negava a trabalhar enquanto Alcebiades Arantes estivesse no Instituto, o dr. Carlos Meyer não viu outra alternativa senão relatar o ocorrido ao diretor do Serviço Sanitário, dr. Guilherme Álvaro da Silva. Escreve àquele diretor, naquela data, transmitindo a queixa do dr. Alexandrino Pedroso e ao mesmo tempo solicitando a nomeação de alguém estranho à Repartição, para processar o inquérito que seria instaurado para apurar a verdade.

O inquérito foi aberto e dêle resultou a suspensão do escriturário por 30 dias, devendo o diretor do Instituto marcar o início da pena. No dia 11 de março Alcebiades Arantes deixou de trabalhar.

O secretário do Interior, Elói Chaves, oficiou ao dr. Guilherme Álvaro, esta suspensão, em 4 de março e recomendando que mandasse o diretor do Instituto Bacteriológico manter a ordem e o respeito dentro do estabelecimento, e, ainda, advertisse o dr. Alexandrino Pedroso, por ter se excedido neste caso.

Poucos dias depois o próprio secretário do Interior acusou o dr. Carlos Meyer de irregularidades dentro do Instituto, nomeando o dr. José Bento de Paula Sousa para apurá-las.

Este novo inquérito não chegou a seu termo. As acusações partiram do dr. Manuel Pais de Azevedo que, em fins de 1914, havia tido séria briga com o dr. Meyer, por questões de ordem interna, pelo que pediu demissão em 25 de fevereiro de 1915.

Pelo fato do dr. Pais de Azevedo ter agredido fisicamente o dr. Meyer, e o resultado final do inquérito, como não poderia deixar de ser, redundar em prejuízo do acusador, éste retirou a acusação, sendo posta uma pedra em cima do caso.

Em 13 de março, para as coisas serem acomodadas, o dr. Carlos Meyer afastou-se da direção do Instituto Bacteriológico em gôzo de licença, e, no fim desta, em 31 do mesmo mês, entrou em gôzo de férias regulamentares (tudo isto seja, talvez, uma capa para acobertar resoluções mais sérias, evitando assim, um escândalo certo).

Alcebiades Arantes, depois de cumprida a pena, não mais voltou ao Instituto, sendo transferido para a Secretaria do Interior e para sua vaga foi indicado Bernardino de Campos Araújo, no dia 20 de julho, tendo em 26 pedido permuta com Benedito Leite Penteado, permuta esta concedida a partir de 12 de agosto. Durante a penalidade de Alcebiades Arantes, substituiu-o, a partir de 13 de março, Alfredo Cordeiro Boto, funcionário da Diretoria geral do Serviço Sanitário.

O dr. Carlos Meyer também não regressou ao Instituto (depois de terminadas as suas férias), sendo transferido a pedido para, o Serviço de Estatística Demógrafo-Sanitária e substituído na diretoria por Teodoro da Silva Baima, no dia de seu afastamento (13 de março), em caráter interino, e em 27 de dezembro foi nomeado diretor efetivo por ato do Govêrno do Estado. Neste mesmo dia foi efetivado o assistente Alexandrino de Moraes Pedroso, até agora comissionado.

Sem dúvida alguma a saída do dr. Carlos Luís Meyer prende-se a fator importante. O próprio dr. Guilherme Álvaro, em carta que escreveu ao dr. Teodoro Baima, confessa que há alguma coisa de esquisito nisto tudo.

O dr. Teodoro Baima, quando foi investido das funções de diretor do Instituto Bacteriológico, com gesto amigo (ligado obviamente ao caso do dr. Meyer), recusou o pôsto, o que disse verbalmente ao dr. Guilherme Álvaro, que por sua vez, respondendo a esta negativa do dr. Baima, a êle escreveu em 7 de maio :

“Recebi sua carta e confesso que não acho motivo algum que justifique o que me refere sôbre o abandono da direção do Instituto Bacteriológico e por isso não posso aceitar aquela sua resolução. Foi a meu pedido que tomou a direção do Instituto e a minha orientação não mudou ; acho que lá está muito bem ; para que deixá-la ? Deve continuar onde está e bem, porque foi contando com a auxílio dos amigos que eu me animei a ficar na diretoria do Serviço Sanitário e eu não posso ficar só.

Amanhã saberei do dr. Rebelo, ao certo, o que houve sobre a transferência do dr. Meyer e lho comunicarei. Por certo o que houve foi algum desencontro de datas ou falta de officios oportunos e mais nada.

Disponha do amigo obrigado e colega.”

O dr. Baima respondeu no dia seguinte, desta forma :

“Anteontem (dia 6) tive ocasião de, verbalmente, comunicar-lhe a resolução em que me achava de não continuar na direção interina do Instituto Bacteriológico, da qual, não sei se em boa ou má hora para mim e para o Instituto, fui investido por uma requintada distinção do am.”

Dois meses de exercício, no desempenho bom ou mau, das funções inerentes àquele cargo me tem sobejamente revelado que o sacrifício que o mesmo me impõe está muito além de minhas forças e que assim não poderei conservar-me por mais tempo em uma situação que só me deixei investir, não sem alguma relutância, exclusivamente pela dedicação que devo ao distinto colega e pelo sincero desejo de não recusar o meu modesto concurso à administração acertada e brilhante que o am.º está desempenhando.

Circunstâncias que o colega absolutamente não participa, que por muitos podem ser consideradas nugas, mas que afetam muito de perto à sensibilidade e à minha organização já um tanto exausta, trouxeram-me a convicção inabalável da impossibilidade de minha permanência na investidura que aprouve ao amigo confiar-me.

Assim, pois, pedindo permissão para não entrar em retaliações, descabidas talvez, reitero as solicitações verbais que vos dirigi perante os colegas Godinho e Arantes.

Como simples assistente do Instituto Bacteriológico, julgo desempenhar-me melhormente dos meus deveres e aí continuarei pronto, da melhor vontade a prestar o meu trabalho em tudo quanto me for determinado pelo prezado colega e am.º

Acredite na sincera amizade do seu am.º etc.”

O dr. Baima, além desta, pediu demissão algumas dezenas de vezes, entretanto sem ser nunca concedida.

— 1 —

A VACINA CONTRA A COQUELUCHE E O SERVIÇO ANTI-RÁBICO

Nesse ano de 1916 entrou novo servente, João Adelino de Aguiar que começou a trabalhar no dia 22 de março, pois que na véspera o servente Antônio José de Almeida havia sido demitido de seu cargo, por incorrer em falta gravíssima, segundo o diretor do Instituto. Alguns dias antes de ser demitido já se achava suspenso. Desconhecemos qual seja esta falta.

Criado pelo dr. Guilherme Álvaro, o Serviço Anti-rábico foi anexo ao Instituto Bacteriológico, com o nome de “Pasteur”, para o que foram construídas dependências convenientes, iniciadas no ano anterior (110).

Teve comêço a preparação de vacinas contra a coqueluche, segundo os métodos empregados pelo dr. Kraus, diretor do Instituto Bacteriológico de Viena, logo que aquêle bacteriologista a preparou como o próprio esputo de doentes (111).

Os resultados da vacina contra a coqueluche foram bons, sendo aplicada, com vantagens, na maior parte das vezes.

O dr. Adolfo Carlos Lindenberg deixou o Instituto, para assumir a cátedra de Dermatologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, em 14 de

(110) — Em 25 de abril de 1916 o dr. Alcides da Nova Gomes iniciou seus trabalhos no Instituto, por 3 meses, na seção “Pasteur”.

(111) — A coqueluche matou em São Paulo, de 1887 a 1917, 13.300 crianças

fevereiro desse ano. (112) Sua vaga foi não lotada em virtude de supressão de um dos lugares de assistente, medida esta de economia. Não obstante, continuou êle, durante o ano de 1916, a frequentar o Instituto, se bem que não como funcionário, mas apenas apara continuar seus trabalhos iniciados antes, sôbre a lepra, que vinha fazendo com o dr. Bruno Rangel Pestana. O mesmo aconteceu com o dr. Otávio de Carvalho, que frequentou, cotidianamente, o Instituto, trabalhando no campo da febre tifóide. Ambos com permissão do Govêrno.

— 2 —

O DR. ARTUR MOTA (113)

Em 1917, sòmente o ingresso de mais um assistente (apesar da compressão de despesas), o dr. Antônio Pinheiro de Ulhoa Cintra, modificou o quadro funcional. O dr. Ulhoa Cintra foi nomeado, em comissão, em 1 de outubro, sendo efetivado no último dia do ano, isto é, em 31 de dezembro.

Em 6 de julho o dr. Baima entrou em gôzo de férias regulamentares, sendo substituído na direção do Instituto por Alexandrino Pedroso.

Em 14 de fevereiro ingressou Antônio Vergueiro de Guimarães como escriturário interino, em substituição a Benedito Leite Penteado, no momento em licença e reassumindo sòmente em 5 de dezembro (113a).

A febre tifóide continua a ser o assunto do momento. A vacina preparada pelo Instituto tem tido aceitação ampla pelo povo e foi obrigatória entre as fileiras das forças armadas, sendo ela indispensável para o assentamento de praça.

Desde o início do preparo da vacina antitífica (em setembro de 1913), até fins de 1917, foram preparados 146 mil cm³ e distribuídos cêrea de 56.800 cm³.

Os desentendimentos sôbre a transmissão da febre tifóide também têm seu lugar, advindo daí divergências de caráter grave. O diretor da Repartição de Águas, o dr. Artur Mota, era completamente contrário à transmissão da febre tifóide pela água, sôbre o que escreveu longa dissertação

(112) — São Paulo, 15 de fevereiro de 1916.

Cidadão

Tendo tomado posse ontem do cargo de lente catedrático da Faculdade de Medicina, para o qual fui nomeado por decreto de 10 do corrente, rogo-vos encaminhar ao sr. dr. secretário do Interior, o incluso officio, em que solicito a minha exoneração do cargo de assistente dêste Instituto.

Despedindo-me destarte do Serviço Sanitário, cumpro um gratíssimo dever em agradecer-vos penhorado as atenções com que sempre me distinguistes, permitindo que o simples colega e amigo de amanhã continui a estimar-vos e admirar-vos como o auxiliar de ontem.

Cordiais saudações

(a) Adolfo Lindenberg

Exmo. sr. dr. Guilherme Álvaro

M. D. diretor do Serviço Sanitário.

(113) — Artur Mota nasceu no Rio de Janeiro em 20 de fevereiro de 1879 e morreu em São Paulo no dia 14 de setembro de 1936. Era engenheiro e escritor. Viveu parte de sua infância no Espírito Santo onde aprendeu as primeiras letras. Formou-se pela Escola Politécnica do Distrito Federal e esteve comissionado na Europa durante os anos de 1926 e 1927. Foi professor catedrático da Escola de Engenharia Mackenzie; engenheiro-chefe das obras do cais da ilha das Cobras; diretor de Obras Públicas em São Paulo e diretor da Repartição de Águas e membro da Academia Paulista de Letras. Escreveu várias obras além de diversas colaborações em jornais.

(113a) — O escriturário Benedito Leite Penteado em 14 de fevereiro entrou em licença de 3 meses para tratamento de saúde, sendo que em 14 de maio, esgotado aquele tempo, pediu mais dois meses para tratar de assuntos particulares. Em 14 de julho terminaria esta prorrogação, entretanto em 24 deste mês êle ainda não havia reassumido. Posteriormente pediu êle mais 4 meses e depois mais 2, sempre para tratar de negócios particulares, reassumindo sòmente em 5 de dezembro.

afirmando que as águas de São Paulo não deviam inspirar temor, principalmente as do rio Tietê. Isto veio, como era natural, desautorar a direção do Instituto Bacteriológico que se firmava em ponto de vista todo oposto.

O dr. Teodoro Baima havia sido, junto com o dr. Mauro Álvaro (114), nomeado membro da comissão de estudos dos meios convenientes à melhoria das águas da Capital. Deste pôsto demitiu-se em virtude das atitudes arbitrárias do diretor da Repartição de Águas, que não obedecendo os contratos pré-estabelecidos, ou melhor, que as águas destinadas ao abastecimento da Capital, provenientes do manancial de Cotia (cujos reservatórios estavam sendo construídos), fôsem examinadas "a priori" pelo Instituto Bacteriológico. O dr. Artur Mota a isto não obedeceu, e, não dando importância ao fato, distribuiu aquela água à população, sem a vistoria bacteriológica antes combinada.

Os dois citados membros da comissão renunciaram em 15 de setembro de 1917, de maneira irrevogável.

Dizia o dr. Baima que não tinha nervos para aturar o diretor da Repartição de Águas e que, também, não mais permaneceria na comissão de estudos, porque não queria ser responsável pelo que desse e viesse, ou em outras palavras, não se responsabilizaria por uma epidemia que de uma hora para outra, poderia rebentar, pois que estudos feitos no Instituto Bacteriológico haviam mostrado o perigo iminente.

De fato, o dr. Bruno Rangel Pestana, em estudo sôbre a febre tifóide em São Paulo, resume suas conclusões nos seguintes 10 itens :

I — Não têm os mananciais que abastecem a cidade de São Paulo, a proteção exigida pela hygiene moderna, porquanto, na maioria das vezes, são desprovidos de vales de proteção e nem se fêz, em muitos dêles, a expropriação completa das respectivas bacias, pois há diversos moradores à montante.

II — As águas provenientes dos mananciais têm todos os caracteres de águas superficiais, como demonstram as análises.

III — Na água que abastece certas zonas, encontrou o Instituto Bacteriológico, o bacilo tífico.

IV — Nossas observações levam a concluir que a água é, na cidade de São Paulo, o principal transmissor da febre tifóide.

V — O fornecimento de água, nas condições ditadas pela hygiene moderna, é a medida preliminar a ser adotada na Capital paulista, a fim de resguardá-la das devastações da febre tifóide.

VI — A essa medida poderão seguir-se outras de caráter profilático, com o mesmo intuito.

VII — O leite, legumes crus, frutos e mais alimentos desempenham, na cidade de São Paulo, um papel secundário na propagação da febre tifóide.

VIII — As móscaes podem transmitir o bacilo da febre tifóide; em São Paulo, porém, elas não têm o grande valor que alguns lhes querem dar.

IX — O contato direto entre a rede do abastecimento de águas e dos esgotos, com o fim de proceder a lavagem dos esgotos com água colhida na rede de distribuição, oferece sérios perigos à saúde pública. Maior perigo ainda existe quando trabalham os coletores em carga, ou nos períodos de estiagem, quando são feitas as manobras, em virtude das quais, pela sucção de água do esgôto, esta pode vir aos encanamentos da rede de água do abastecimento.

X — Na rede de abastecimento de águas da cidade de São Paulo, verificam-se contatos com a rede de esgotos, o que se torna uma ameaça à saúde pública.

(114) — Mauro Álvaro de Sousa Camargo, engenheiro chefe da Engenharia Sanitária do Serviço Sanitário.

A FEBRE TIFÓIDE EM CURITIBA

Em fins de 1917, principalmente em outubro, surgiu, em Curitiba, uma grande epidemia de febre tifóide que assolou aquela Capital. Para lá foram destacados higienistas paulistas para, em comissão, estudar a moléstia e iniciar os passos profiláticos que seriam continuados pelos paranaenses. A comissão ficou composta dos drs. Teodoro da Silva Baima, Cincinato Augusto Pomponet, Bruno Rangel Pestana, o acadêmico Sebastião Camargo Calazans e o preparador Getulino Vieira Pinto, ficando o primeiro como chefe da comissão.

Os trabalhos foram coroados de êxito. Esta assertiva baseia-se na estatística: em outubro morreram, vítimas da febre tifóide, 64 pessoas, em novembro, 22 e, em dezembro, apenas 4. É conveniente notar-se que, em julho, agosto e setembro precedentes, haviam morrido, respectivamente: 0, 1 e 11 pessoas.

Lá foram identificados logo os bacilos típicos, nas águas da cidade. A vacinação foi, imeditamente, iniciada e em larga escala, o que depressa jugou a febre tifóide na Capital paranaense. Foram vacinadas, pelo menos, 27 mil pessoas em uma população de 45.000 almas.

A campanha da comissão paulista foi perfeita e rápida (115), pelo que mereceu do dr. Artur Neiva, diretor-geral do Serviço Sanitário de São Paulo, êste officio:

“Em 14 de novembro de 1917.

Sr. dr. Teodoro Baima.

M. D. diretor do Instituto Bacteriológico.

Tenho o gratíssimo prazer de levar ao vosso conhecimento a recomendação que me faz o exmo. sr. Secretário do Interior, para elogiar-vos em nome do exmo sr. dr. presidente

(115) — Em 26 de fevereiro de 1918.

Sr. dr. diretor-geral do Serviço Sanitário.

Cumpre-me vos transmitir hoje, para os devidos fins, a prestação de contas de despesas feitas por mim em Curitiba, como chefe da comissão para ali enviada, dentro da quantia de 2:000\$000 que adiantadamente me foram entregues pelo Tesouro do Estado, no dia 13 de outubro do ano passado.

Tratando-se de uma comissão com fins especiais e cuja natureza e urgência de pagamento de despesas não permitiam sempre obter recibos dos que a ela forneciam material ou prestavam serviços e auxílios de momento reclamados, não me é possível juntar êsses documentos justificativos de tais despesas, como devera. Para êsse fato peço chameis atenção da Repartição fiscal. Pela relação que em três vias junto, verifica-se que foi despendida a quantia de 1:411\$400, pelo que tenho que recolher ao Tesouro do Estado — 588\$600, para o que solicito-vos a competente guia.

Atenciosas saudações

O diretor

a) Dr. Teodoro Baima.”

A tal relação que cita a carta, ter sido enviada em três vias, é esta que se segue:

“South Brazilian Railways C. Ltd.....	44\$600
Officinas de artes gráficas	40\$000
Carpintaria e marcenaria Moderna	45\$000
Carpintaria e marcenaria Moderna	15\$000
Funilaria (caixa de zinco para acondicionar vidros com água)	50\$000
Serviços de operários por trabalhos no laboratório que instalamos.....	250\$000
Despesas com instalação de correntes elétricas, fios, isoladores, etc.	69\$000
Condução e transporte do material e do pessoal médico e desinfetadores	355\$000
Telegramas por motivo de serviço (como pedido de vacinas, etc.)	65\$000
Despesas feitas pelo dr. Cincinato Pomponet em serviço de desinfecção	47\$600
Despesas miúdas várias feitas pelo auxiliar Getulino V. Pinto	90\$900
Despesas com a manutenção e guarda dos animais de experiência.....	339\$300

1:411\$400

588\$600

Saldo a recolher

2:000\$000

do Estado e no seu, pelo "brilhante desempenho" que soubestes dar à comissão que vos foi cometida no Estado do Paraná. É-me sobremaneira agradável fazê-lo, como o faço pelo presente, associando-me entusiasticamente a essa demonstração.

O êxito obtido pela comissão que acabastes de dirigir em Curitiba, veio aumentar a longa série de assinalados serviços já prestados à causa da saúde pública e à ciência, pelo Instituto Bacteriológico, atualmente sob vossa competente e dedicada direção, a qual não pede meças a ninguém para sustentar em tôda a sua integridade, as gloriosas tradições de um centro científico dos mais conspícuos da nossa terra.

As recomendações dos exmos. srs. presidente do Estado e secretário do Interior, são extensivas aos srs. drs. Cincinato Augusto Pomponet, Bruno Rangel Pestana, acadêmico Sebastião Calazans e sr. Getulino Pinto, vossos colaboradores na referida comissão, onde deram excelentes provas de disciplina, zelo e dedicação ao serviço.

Atenciosas saudações

O diretor-geral

a) Artur Neiva

— 4 —

OS JAPONÊSES

Foi ainda, estudado o bócio e aplicado, experimentalmente, o tratamento preconizado por Evans, Middleton e Allen Smith, isto é, o uso do cloridrato de emetina, pois que êstes médicos norte-americanos acreditavam que as amígdalas produzem toxinas que agiam sôbre a tiróide, ou ainda a simbiose de *Endamoeba gingivalis* com determinadas bactérias, a exemplo do *Micrococcus catarrhalis*. Aquêles médicos encontraram em amígdalas (exame microscópico) êsses microrganismos.

Foi também aplicada a adrenalina, visto ser eficaz no tratamento de amebíases intestinais. Foi nulo o resultado.

Iniciou-se neste ano o exame microscópico das fezes dos emigrantes japoneses entrados em São Paulo. Como se sabe, em 1908, foi feita a primeira introdução dêsses emigrantes, num total de 780 pessoas e em 1917, já havia 19.487 amarelos em nosso estado, dos quais a grande maioria iniciou seus afazeres nas lavouras.

Muitos vinham já contaminados do Japão, portadores de moléstias não existentes entre nós, ainda.

Diz a êste respeito o dr. Teodoro Baima :

"A ganância pelo lucro "per capita" da mercadoria (pode-se dizer assim) obscurece-lhe o patriotismo no sentido de selecionar o rebotalho ou escória dos trabalhadores. Daí serem importados indivíduos portadores de afecções muitas vêzes novas para o nosso país e outras que já se tornam nossas, aumentando-lhe o índice de mortalidade já não escassa.

Ao lado de indivíduos aptos para o trabalho, são pescados os párias da saúde que, só no ano de 1913, de uma leva, lançaram às enfermarias de medicina da Santa Casa de Misericórdia, cerca de 11 indivíduos atacados de beribéri.

Vem de molde recordar ainda que, em um japonês de 16 anos de nome Natkek Ritkeker, recém-chegado, falecido na 1.ª enfermaria de medicina da Santa Casa a 25 de abril de 1909, revelou a autópsia, feita pelo dr. Delfino Cintra, a presença no pulmão, do *Distoma* ou *Paragonimus Westermanni*, causador da distomatose pulmonar ou hemoptise parasitária, moléstia endêmica em todo o arquipélago japonês."

— 5 —

A BIBLIOTECA

A biblioteca nesse ano, segundo idéia do dr. Baima, e autorização do diretor-geral do Serviço Sanitário, foi aberta à consultação da classe mé-

dica paulista. A biblioteca já possuía 1.851 volumes num total de 508 autores. Eram êstes trabalhos, dos mais variados assuntos, lá existentes em maior número : História Natural, Entomologia, Parasitologia, Protozoologia, Microbiologia, Bacteriologia, Higiene, Profilaxia, Biologia, Química Geral e Aplicada, Patologia Exótica e Dermatologia.

Aquê total de volumes estava desta forma distribuído, sem contar os periódicos : em francês, 275 ; em português, 128 ; em alemão, 89 ; em inglês, 37 ; em italiano, 33 ; — em espanhol, 10.

Havia assinatura de 97 revistas médicas de todo o mundo. A verba existente era de 4:747\$100 para assinatura de revistas e compra de livros ; 1:328\$500 para encadernação e 800\$000 para aquisição de estantes.

O horário para as consultas ficou estabelecido das 19,30 às 21,30 horas. Êste horário foi obedecido, também, durante o ano de 1918, quando foram retirados, para consulta fora do Instituto, 68 volumes.

Nesse ano de 1918 o número de livros cresceu bastante, alcançando o total de 2.122, até 31 de dezembro, sendo agora 604 autores. Subiram a mais de 100 as revistas assinadas ou permutadas.

Nesse ano, subdivididos em línguas, eis os volumes, sem computarmos as revistas : 315 franceses, 168 portugueses, 91 alemães, 107 ingleses, 50 italianos, e 21 espanhóis.

— 6 —

A GRIPE ESPANHOLA

Em 1918, a 20 de abril, o dr. Alexandrino de Moraes Pedroso foi designado para, em comissão, trabalhar no Instituto de Higiene. Esta comissão teve seu fim em 4 de setembro de 1919, quando o dr. Alexandrino se desligou do Instituto Bacteriológico.

O escriturário Benedito Leite Pentecado entrou em férias no dia 13 de junho, sendo substituído, novamente, por Antônio Vergueiro Guimarães, até 3 de agosto, quando o escriturário efetivo reassumiu. Êste, novamente se afastou, em licença, de 3 a 18 de setembro, sendo substituído, mais uma vez, por Antônio Vergueiro, que, por uma terceira vez, nesse ano, substituiu o escriturário Pentecado, de 30 de novembro a 26 de dezembro.

Getulino Vieira Pinto, preparador do Instituto, por estar doente, pediu licença para tratamento de sua saúde, por três meses, a partir de 1 de julho, ocupando seu lugar, comissionado, o auxiliar de laboratório José Elói Pupo.

O servente João Adelino de Aguiar pediu demissão em 5 de dezembro, sendo nomeado, para seu lugar, Antônio Nestor de Sousa, no dia seguinte.

Os demais funcionários continuaram em seus postos.

Com exceção da diretoria não houve outra qualquer modificação. O dr. Teodoro Baima, nesse fatídico ano de 1918, que a gripe espanhola apanhou de assalto, veio a falecer, atacado por ela, no dia 14 de novembro. Substituiu-o, na diretoria, o dr. Antônio Pinheiro de Ulhoa Cintra.

Todo o mundo sofreu nesse ano a invasão impiedosa da gripe epidêmica que devastou todos os seus rincões. No Brasil não perdoou nem mesmo os mais remotos aglomerados de índios, lá para as bandas do Araguaia.

A devastação foi ampla em todos os Estados do nosso país. A mortandade, no Rio de Janeiro, foi tremenda, onde nem mesmo o transporte dos cadáveres tinha regularidade, faltando-lhes condução, tamanho era o número de mortos.

São Paulo de ante-mão prevenindo-se, movimentou o Serviço Sanitário no sentido de esperar a moléstia, tendo já em mãos os recursos necessários para combatê-la.

O Serviço de Demografia Sanitária, debaixo da orientação do dr. Carlos Luís Meyer, publicou um magnífico trabalho sobre este surto de gripe epidêmica. Diz o volume :

"Tendo conhecimento do que se passava no Rio de Janeiro, onde a pandemia de gripe irrompera de maneira tal a espalhar o pânico pela população, desorganizando todos os serviços, o Governo do Estado resolveu tomar imediatamente tôdas as medidas e providências para o combate do mal que surgiu como era de esperar, uma vez que a profilaxia terrestre era irrealizável contra êle.

A aparição da doença não se fez demorar ; foi violenta e brusca, disseminando-se com extraordinária rapidez por tôda parte, o que ainda tornou mais dignos de louvor, o desvêlo, o patriotismo, e mesmo o sacrifício de que deram reais provas, neste angustioso período por que passou a nossa população, não só o Governo do Estado e as repartições do Serviço Sanitário, como tôdas as associações profanas e religiosas. Cooperaram todos nas medidas de suas fôrças para a debelação do mal, e nesse transe a população de São Paulo deu, mais uma vez, demonstração de sua cultura, obedecendo e seguindo à risca os conselhos emanados das autoridades sanitárias.

O Governo, compenetrado da grande catástrofe que viria cair sobre o Estado de São Paulo, se enérgicas medidas não fossem tomadas, prontamente encarregou do combate ao mal epidêmico, a diretoria do Serviço Sanitário, cercanda-a de todo o apóio de que carecia em semelhante emergência.

Ao contrário do que se deu em outras cidades, o comércio da Capital não chegou a cerrar as suas portas. As fábricas e outros estabelecimentos similares corresponderam ao apêlo do Serviço Sanitário, no sentido da criação de hospitais e farmácias próprias, dando organização ao serviço de socorro aos operários.

Com o intuito de evitar a especulação de medicamentos, o Serviço Sanitário providenciou a sua venda pelos preços de custo, impedindo, assim, a alta e a exploração dos gananciosos. Além disso mais de oitenta e três farmácias, situadas em diferentes bairros da cidade, aviaram, por conta do Governo, as receitas que lhes eram apresentadas pelos faltos de recursos.

Os primeiros casos de gripe epidêmica conhecidos tiveram lugar a 9 de outubro, em pessoas do Hotel d'Oeste, situado no largo São Bento, nesta Capital, onde se hospedaram diversos amadores do jôgo de "foot-ball", procedentes do Rio de Janeiro, e que já traziam incubada a moléstia que aí veio se manifestar.

A 13 de outubro deu entrada no Hospital de Isolamento o primeiro doente de gripe ; era um estudante, também vindo do Rio de Janeiro, e que foi removido da rua Visconde do Rio Branco, n.º 76.

Deliberada a assistência domiciliária aos enfermos, cogitou-se, simultâneamente, da instalação de vários hospitais. Neste intuito, tratou-se, incontinentemente, de se obter, do sr. secretário da Agricultura, a cessão da Hospedaria dos Imigrantes, que se achava vaga, dispondo de leitos e instalações culinárias, com capacidade para abrigar grande número de doentes, para nela ser montado o primeiro grande hospital provisório, ao qual sucederiam outros, à proporção que a necessidade dêles se fôsse impondo."

Além dêste hospital da Hospedaria dos Imigrantes, com capacidade para mil leitos, foram montados, por conta do Governo ou por iniciativa particular, mais 39 outros e 44 postos de socorro, espalhados por tôda a área da cidade.

Esta tremenda epidemia de gripe durou mais ou menos dois meses sendo que, de 16 de outubro a 19 de dezembro, a pandemia atingiu nada menos

que 116.777 pessoas, somente na Capital e, desse total, foi o seguinte o número de óbitos: em outubro, 310, em novembro, 4.580, em dezembro, 432. Estes números nos dão a soma de 5.331 mortos durante a epidemia, sendo curioso notar que as pessoas de 20 a 30 anos foram mais atingidas, com um total de 1.083 mortes, vindo, em seguida, crianças de menos de um ano, com 907 óbitos.

Pois foi em meio a esta catástrofe que perdeu a vida o diretor do Instituto Bacteriológico, o dr. Teodoro da Silva Baima, que, como outros médicos de São Paulo, se desdobrou para colaborar no socorro à população doente. O dr. Baima era o diretor de um dos 40 hospitais formados, ou melhor, diretor do Hospital do Colégio São Luís sito à rua Bela Sintra 189. Eram seus assistentes, nesse hospital, os drs. Aluísio Fagundes e Eduardo Rodrigues Alves, que trataram lá de 137 enfermos, dos quais faleceram 12 sendo o dr. Baima o 13.º, perfazendo destarte o tão evitado número 13 (116).

— 7 —

A ANEXAÇÃO DO VACINOGÊNICO

No dia 30 de janeiro de 1918 o Instituto Vacinogênico passou a fazer parte do Instituto Bacteriológico, como uma dependência, de acôrdo com a nova lei sanitária (art. 24).

REGULAMENTO INTERNO

Art. 1.º — O Instituto Vacinogênico do Estado de São Paulo é destinado aos trabalhos de cultura, preparo e conservação da vacina animal contra a varíola e funcionará como dependência do Instituto Bacteriológico.

Art. 2.º — Estará sempre aparelhado para fornecer tôda e qualquer quantidade de vacina requisitada pelas autoridades competentes.

Art. 3.º — Este Instituto terá o pessoal seguinte: diretor (que é o do Instituto Bacteriológico); 1 assistente; 1 esuriturário (3.º); 4 serventes.

§ 1 — Na ausência do assistente, o diretor do Instituto Bacteriológico designará um de seus assistentes para substituí-lo.

§ 2 — Em caso de premente necessidade, o diretor do Instituto poderá solicitar do diretor do Serviço Sanitário, um profissional extranumerário, tirado do corpo médico sanitário ou contratado e assim também mais auxiliares subalternos.

Art. 4.º — Não será permitido trabalhar no Instituto às pessoas estranhas ao quadro do pessoal, salvo autorização, por escrito, do diretor do Serviço Sanitário ou permissão do diretor do Instituto.

(116) — Respondendo a um offcio da diretoria geral do Serviço Sanitário, o dr. Ulhoa Cintra, diretor interino do Instituto Bacteriológico remeteu a seguinte comunicação:

"Em 25 de abril de 1919.

Senhor diretor

Em resposta ao offcio n.º 246 de 23 do corrente, solicitando os nomes dos funcionários deste Instituto, que prestaram serviços durante a epidemia de gripe, tenho a honra de enviar os solicitados nomes dos funcionários que trabalharam no Instituto durante a pandemia de gripe.

Dr. Antonio de Ulhoa Cintra, feo. Bruno Rangel Pestana e dr. José Bernardino Arantes (inspetor sanitário, destacado como assistente); Benedito Leite Penteadó, esuriturário; Savério Felice, zelador; José Elói Pupo e José Benedito Marcondes Machado, auxiliares de laboratório; Francisco Faraco e João Adelino de Aguiar (este já não é mais empregado do Instituto).

Tenho a honra de apresentar a vossa senhoria os protestos de minha distinta consideração.

A sua senhoria o senhor doutor Artur Neiva

Diretor-geral do Serviço Sanitário.

O diretor interino

a) Dr. Ulhoa Cintra".

Art. 5.º — Ao diretor compete :

- a) Cumprir e fazer cumprir o presente regimento.
- b) Superintender todo o serviço científico, fiscalizando não só a parte técnica e científica da cultura e preparo da vacina, como a parte propriamente econômica e de conservação do estabelecimento.
- c) Corresponder-se com o diretor-geral do Serviço Sanitário sobre qualquer assunto que possa afetar os trabalhos ou interesses do Instituto ou se relacione com as necessidades do Estado.
- d) Assinar toda a correspondência do Instituto.
- e) Fazer as despesas com o expediente, dentro da verba votada, salvo em casos especiais.
- f) Remeter, no princípio de cada mês, à Diretoria Geral do Serviço Sanitário, o atestado de frequência do pessoal e as contas das despesas feitas no mês anterior, solicitando o pagamento destas.
- g) Prestar toda e qualquer informação que o diretor-geral do Serviço Sanitário ou o Governo solicitar.
- h) Propor ao diretor-geral do Serviço Sanitário tudo quanto for necessário ao aperfeiçoamento dos trabalhos do Instituto, quer na parte administrativa, quer na parte científica.
- i) Apresentar anualmente ao diretor geral do Serviço Sanitário um relatório circunstanciado dos trabalhos do Instituto e do que de mais importante houver ocorrido durante o ano.

Art. 6.º — O diretor será substituído, na sua ausência, mesmo temporária e em seus impedimentos, pelo assistente.

Art. 7.º — Ao assistente compete :

- a) Todo o serviço de exame e preparo de animais vaciníferos, inspeção, injeção de tuberculina e inoculação de *cow-pox*.
- b) A colheita das pústulas vacínicas dos vitelos, a pesagem e o enfrascamento da mesma, quando tenha de ser conservada em depósito.
- c) A trituração, tamisação e centrifugação da polpa vacínica.
- d) O enchimento de tubos com polpa vacínica.
- e) Empregar os meios para manter a virulência da vacina, e a sua pureza e boa conservação.
- f) Substituir o diretor do Instituto nos impedimentos temporários e na sua ausência.
- g) Atender a todas as pessoas que procurarem o Instituto, com o fim de se imunizarem contra a varíola.

Art. 8.º — Ao escriturário compete :

- a) Organizar e manter em ordem a biblioteca e o arquivo.
- b) Processar as contas das despesas feitas.
- c) Fazer toda a escrituração do Instituto.
- d) Preparar as folhas de pagamento e a correspondência oficial.
- e) Fazer o serviço do expediente.
- f) Executar os trabalhos que o diretor e o ajudante lhe determinarem.

Art. 9.º — Aos serventes compete :

- a) Todo o serviço de tratamento dos animais em observação e inoculados.
- b) Os trabalhos no laboratório, auxiliando o diretor e o ajudante.
- c) O fechamento dos tubos com polpa vacínica ao maçarico.
- d) A embalagem dos tubos com polpa para expedição.
- e) O asseio rigoroso do estabelecimento e a conservação do jardim.

Art. 10.º — Os empregados deverão estar presentes às horas de serviço, determinadas pelo diretor e ajudante e são obrigados ao plantão, para que forem escalados.

Art. 11.º — Haverá um livro de ponto para todo o pessoal.

Art. 12.º — Pela vacina fornecida para fora do Estado, poderá o Instituto cobrar o que fôr determinado em tabela aprovada.

§ único — A importância dessa venda constituirá renda do Instituto, destinada a melhoramentos e aquisições de livros e aparelhos, a juízo do diretor. Será escriturada em livro próprio, juntamente com a aplicação dada, do que comunicará ele ao diretor do Serviço Sanitário.

Art. 13.º — Os trabalhos do Instituto serão distribuídos pelo diretor, de acordo com as conveniências técnicas.

Art. 14.º — Nos trabalhos de vacinação, colheita e em todas as operações, para o preparo da polpa, até o enchimento dos tubos, os operadores trarão aventais e gorros esterilizados, idênticos meios de assepsia usarão os serventes, quando prepararem as partes dos animais para a inoculação, ou quando auxiliarem os operadores na colheita da polpa.

Art. 15.º — Prevalerão para o pessoal do Instituto as disposições do regulamento da Secretaria do Interior, quanto às substituições, férias, faltas de comparecimento, penas disciplinares e em tudo quanto lhe seja aplicável.

Art. 16.º — As omissões e dúvidas deste regulamento serão resolvidas pelo diretor do Instituto, com aprovação do diretor-geral do Serviço Sanitário e do secretário do Interior.

— 8 —

PESSOAL E BIBLIOTECA

1919. Outras modificações se verificaram no pessoal. Continua como diretor o dr. Antônio Pinheiro de Ulhoa Cintra, nomeado diretor interino em 17 de março de 1919, sendo efetivado em 1.º de outubro.

Em 24 de julho o dr. José Bernardino Arantes (117) foi adido ao Instituto Bacteriológico, quando regressou a São Paulo, depois de um comissionamento no Instituto Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro, de 26 de junho até sua volta (1 mês). Ficou no Bacteriológico até 1 de outubro do mesmo ano de 1919, quando, no dia seguinte, tomou posse do cargo de assistente do Instituto de Butantã. O dr. Arantes já trabalhara no Instituto, desde 20 de abril de 1918, quando inspetor sanitário, e destacado como assistente do Bacteriológico.

Ingressaram mais dois assistentes, o dr. José Pedro de Carvalho Lima (118 e 119) e o dr. Sebastião de Camargo Calazans (120). O primeiro foi

(117) — O dr. José Bernardino Arantes contratado em 21-12-1917 para o cargo de inspetor sanitário, trabalhou na Comissão Rockefeller até fevereiro de 1918 quando foi destacado como assistente para o Instituto Butantã. De regresso do Rio, em julho de 1919, integrou o corpo técnico superior do Instituto Butantã, onde depois de pequena interrupção (1925 a 1927 designado inspetor sanitário da Capital - reforma Paula Sousa), voltou à casa de Vital Brazil aí exercendo, por várias vezes, o cargo de diretor até se aposentar em 1953. Em 1948, relatado no Instituto Pasteur, tornou em princípios de 1951 ao Instituto Butantã.

(118) — José Pedro de Carvalho Lima nasceu em Mococa, Estado de São Paulo, em 14 de fevereiro de 1894. Formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1917. Iniciou sua vida pública como inspetor sanitário e posteriormente em 1919 como assistente do Instituto Bacteriológico do qual foi diretor até 1948 (aposentado nesta data), quando já se chamava Instituto Adolfo Lutz. É professor catedrático de Microbiologia da Faculdade de Farmácia de São Paulo, desde 1937. Foi diretor do Instituto Butantã, do Instituto Pasteur, do serviço de Laboratórios de São Paulo e finalmente diretor-geral do Departamento de Saúde do Estado (atual denominação do Serviço Sanitário), no período de 1944 a 1945.

(119) — Dr. Carvalho Lima antes de ser nomeado assistente do Instituto era inspetor sanitário, trabalhando na 4.ª Delegacia de Saúde, onde fazia o serviço contra a ancilostomose, no Instituto Disciplinar. Apesar de ter sido nomeado em 17 de março, começou a trabalhar somente a 23 de junho.

(120) — Dr. Sebastião de Camargo Calazans, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1913, e, no ano seguinte, transferiu-se para a Faculdade de Medicina de São Paulo, onde concluiu o curso em 1918. Externo-acadêmico do Hospital da Força Pública e interno-acadêmico do Hospital de Isolamento de São Paulo (1916-1918). Em 1.º de março de 1919 foi nomeado inspetor sanitário interino, tendo sido, a 1.º de outubro do mesmo ano, efetivado por concurso, no mesmo cargo; membro da Comissão para debelar a febre tifóide em Curitiba (1917); assistente do Instituto Bacteriológico (1919); diretor interino do Instituto Bacteriológico e Vacinogênico; assistente chefe da Seção de Bacteriologia Experimental e Bacterioterapia do Instituto Butantã (1931); diretor geral do Serviço Sanitário (1937); chefe dos Laboratórios Regionais do Instituto Adolfo Lutz. Comissões desempenhadas: Estados Unidos, a convite da Comissão Rockefeller (1920-1922); organizador do Posto Bacteriológico de Santos, do Instituto Butantã (1926); diretor do Instituto de Higiene "Borges Medeiros", do Rio Grande do Sul (1927-1930).

nomeado, interinamente, em 17 de março, e efetivado em 7 de outubro, quando ingressou o segundo, em caráter já efetivo.

Em 15 de dezembro o dr. Carvalho Lima substituiu o dr. Ulhoa Cintra na diretoria do Instituto, durante seus dias de férias regulamentares, até 7 de janeiro de 1920.

São, portanto, 4 os assistentes: Bruno Rangel Pestana, José Pedro de Carvalho Lima, Sebastião de Camargo Calazans e José Bernardino Arantes.

Como escriturário continua Benedito Leite Penteado, sendo durante o ano substituído, interinamente, por Antônio Vergueiro, durante uma sua licença (121) iniciada em 5 de julho. O auxiliar de laboratório José Elói Pupo foi nomeado, interinamente, preparador e colecionador, em 20 de janeiro, durante licença de Getulino Vieira Pinto, efetivo no lugar e que reasumiu em 6 de março.

A biblioteca continuou se avolumando, pois contava nesse ano, 2.556 volumes, entre livros e periódicos, sendo êstes últimos oriundos do Brasil, 28; da França, 23; da Suíça, 1; dos Estados Unidos, 17; da Grã-Bretanha, 7; da Argentina, 10; da Espanha, 7; do Uruguai, 2; da Itália, 9; de Portugal, 5; da Índia, 2; da Costa Rica, 1; da Venezuela, 1; da Bolívia, 2; de Cuba, 1; e do Paraguai, 1. Eram portanto, 117 revistas médicas recebidas pelo Instituto. Os trabalhos de laboratório foram, nestes números, realizados: exames de difteria, 1.833; exames de escarro, 358; hemoculturas, 235; reações de Vidal, 221; reações de Wassermann, 241; exames bacteriológicos de polpas vacínicas jenerianas, 62; exames de líquido cefalorraquidiano, 12; exames de fezes, 462; e outros de menor número. Animais sangrados: 548; animais inoculados, 208; e preparo de meios de cultura, 33.838.

— 9 —

DISTRIBUIÇÃO DE SERVIÇO

Em 1920 é radical a modificação do pessoal. Em 5 de junho entra o dr. Jesuíno Maciel como assistente contratado e nomeado diretor efetivo em 20 de outubro, no lugar do dr. Ulhoa Cintra que, em 13 de outubro, pediu demissão.

O dr. Carvalho Lima, mais uma vez, assumiu a direção do Instituto, em 24 de setembro, quando o dr. Ulhoa Cintra entrou em férias. Foi Carvalho Lima quem, em 22 de outubro, passou a diretoria a Jesuíno Maciel.

O escriturário Leite Penteado foi demitido em 12 de maio (122), dando seu lugar a Oscar Ferreira de Oliveira, nomeado efetivo na mesma data

(121) — O escriturário Leite Penteado pouco demorou no cargo, pois, suspenso, a princípio, foi posteriormente demitido.

(122) — Em 11 de março de 1920

Senhor diretor-geral

Tenho a honra de comunicar a vossa senhoria que o sr. Benedito Leite Penteado, 3.º escriturário deste Instituto, ausentou-se desde o dia 1.º do corrente, sem meu consentimento.

Aproveito a oportunidade para levar ao vosso conhecimento que o mesmo funcionário de há muito não desempenha a contento, as suas atribuições, dispensando pouco interesse aos serviços que lhe estão afetos, o que tem con corrido para a desorganização dos mesmos.

Tenho a honra de apresentar a vossa senhoria os protestos de minha distinta consideração.

O diretor

a) Dr. Ulhoa Cintra

acima. Êste também não fica, abandonando, em 11 de agôsto, o pôsto, depois ocupado, na mesma data, por Gaudêncio Borba.

O dr. Calazans, desde 19 de setembro estêve nos Estados Unidos, trabalhando, em comissão, na Rockefeller Foundation.

No dia 12 de março foi contratado o assistente dr. Simeão dos Santos Bonfim e dispensado logo, em 15 de julho. A êle estavam entregues os estudos sôbre meningite cerebrospinal. Foi dispensado pelo officio 476, da diretoria-geral do Serviço Sanitário, assinado pelo diretor-geral José de Arruda Sampaio.

Em 1920, os serviços, dentro do Instituto Bacteriológico, ficaram assim distribuídos :

Peste: ocorreram, durante o ano, 10 casos de peste, 7 de forma pulmonar e 3 de forma bubônica. Dos 7 casos de forma pulmonar, 4 foram necropsiados pelo dr. Calazans, serviço efetuado no necrotério do Hospital de Isolamento. Dos 3 de forma bubônica, 2 foram verificados, um pelo dr. Jesuino Maciel e outro pelo dr. Ulhoa Cintra.

Difteria: êste serviço estêve a cargo do dr. Calazans, até setembro, passando a ser feito, com a viagem dêste assistente, pelo dr. Bruno Rangel Pestana.

Meningite cerebrospinal epidêmica: do exame do material recebido estêve encarregado, a princípio, o dr. Simeão Bonfim, dispensado êste assistente contratado, o serviço passou a ser feito pelo dr. Calazans, até seu afastamento, em comissão, época em que os mesmos exames foram transferidos ao dr. Carvalho Lima.

Tifo: dêste serviço estêve incumbido, até setembro, o dr. Calazans, passando, desta época em diante, a ser feito pelo dr. Carvalho Lima, a quem cabia o preparo da vacina antitífica.

Tuberculose: os exames de escarros para pesquisas do bacilo da tuberculose eram praticados pelo dr. Bruno Rangel Pestana.

Lepra: dêsse serviço encarregou-se o dr. Bruno Rangel Pestana.

Ao senhor doutor Artur Neiva
Diretor-geral do Serviço Sanitário."

Em 23 de março de 1920

Senhor diretor-geral

Em referência ao officio n.º 212 de 20 de março, dessa diretoria, tenho a honra de levar ao conhecimento de v. s. que resolvi pedir a suspensão do sr. Benedito Leite Penteado, terceiro escriturário dêste Instituto pelo espaço de quinze dias, por continuar o referido funcionário com a mesma indiferença a se desempenhar de suas atribuições nesta seção.

Incluo a êste a cópia de um dos últimos officios que deveria ter sido dirigido a essa diretoria e pelo qual bem se pode avaliar o pouco caso dispendido na elaboração do mesmo, apesar de prévia advertência.

O diretor

a) dr. Ulhoa Cintra

Ao sr. dr. Artur Neiva
Diretor-geral do Serviço Sanitário."

A suspensão do escriturário foi de 5 a 20 de abril, mas terminada a pena, não regressou ao Instituto, sendo substituído desde o dia 5, por Antônio do Vale. O escriturário Leite Penteado foi demitido no dia 12 de maio, quando foi nomeado Oscar Ferreira de Oliveira que tomou posse somente em 1.º de junho, ocupando o lugar até aqui, Antônio A. do Vale, escriturário contratado. Já em 16 de junho o novo escriturário pede 1 ano de licença, sem vencimentos, tendo, entretanto, faltado desde aquêle dia, sem a licença ser concedida, até 12 de agôsto quando foi nomeado Gaudêncio Borba

Lues : a reação de Wassermann, à princípio, esteve a cargo dos drs. Carvalho Lima e Bruno Rangel Pestana, ficando, depois, este último, o único encarregado do serviço.

Parasitas intestinais : as pesquisas coprológicas foram feitas quase que exclusivamente pelo dr. Bruno Rangel Pestana.

Exames de águas e desinfetantes : foram feitos, em parte, pelo assistente encarregado desse serviço, o dr. Bruno Rangel Pestana, e, na falta deste, pelos demais assistentes.

Polpas de vacina antivariólica : o exame bacteriológico e a dosagem do poder vacinante deste material esteve confiado ao ex-diretor dr. Ulhoa Cintra, até setembro, época em que pediu demissão.

Durante o desenrolar do ano, destacamos o seguinte número de exames :

Difteria : 3.223 ; fezes : 647 ; escarro : 302 ; reação de Vidal : 434 ; hemoculturas : 396 ; reação de Wassermann : 270, etc. .

Continuou a ser feita a vacina contra a coqueluche, sendo neste ano, preparados 447 cm³ e da vacina antitífica foram manipulados 12.479 cm³, e todas estas doses foram distribuídas.

XI

Eram êstes os funcionários do Instituto Bacteriológico em fins de 1920 : diretor : Antônio Pinheiro de Ulhoa Cintra; assistentes efetivos : Bruno Rangel Pestana, José Pedro de Carvalho Lima e Sebastião de Camargo Calazans; assistente contratado : Jesuíno Maciel; escriturário : Gaudêncio Borba; preparador e colecionador : Getulino Vieira Pinto; zelador : Savério Felice; auxiliares de laboratório : José Elói Pupo e José Benedito Marcondes Machado; serventes : Francisco Faraco e Antônio Nestor de Sousa. Trabalhava, ainda, João Adelino de Aguiar, como auxiliar de laboratório, interino, no lugar de José Elói Pupo, que, por sua vez, substituíra Getulino Veira Pinto, licenciado.

Até o dia 5 de agosto fêz parte do pessoal subalterno, como servente contratado, Eugênio de Felice, com o ordenado de 60\$000 mensais, pagos pela verba do expediente, tendo sido dispensado por circular da diretoria-geral do Serviço Sanitário, de n.º 536, com grandes prejuízos para o Instituto, segundo opinião do dr. Ulhoa Cintra.

O zelador Savério Felice continua ganhando a gratificação de 60\$000 mensais pagos por ordem do Secretário do Interior, pelos serviços extras que prestava das 7 às 9 horas da noite, como encarregado da biblioteca. Esta gratificação o dr. Ulhoa Cintra achava justa, pelo fato de o zelador ter sido desalojado de sua residência no Instituto, para seus cômodos serem transformados em laboratórios.

— 1 —

MUITO POUCO DINHEIRO

A verba orçamentária era de 8:000\$000, insuficiente para aguentar as despesas do Instituto, que têm sido maiores que os limites estipulados "a priori" e cuja diferença era sempre coberta pelo dinheiro apurado na venda de vacinas. Desde julho de 1918 até julho de 1920 essa verba extraordinária que provinha da venda de vacinas permitiu ao Instituto fazer uso de 18:000\$000, comprando material de laboratório, livros e tantas outras coisas de urgência ou necessidade.

Em 1920 possuía o Instituto 700\$000 mensais para pagamento de despesas diárias, como alimentação dos animais, carne e sangue para meios de cultura, compra de animais, café, selos, etc. Para estas despesas era destinada uma parte daqueles 700\$000, isto é, 300\$000, sendo os outros 400\$000 utilizados para o pagamento de fornecedores que eram êstes (os principais) : Lo Prete & Salgado (armazém), que fornecia milho, fubá, farelo e material destinado à conservação e limpeza do Instituto; Francisco del Franco que vendia capim para os animais, num valor fixo de 60\$000 mensais; Companhia Antártica Paulista que trazia gelo para os laboratórios, cobrando 38\$000 em média, por mês; Casa Duprat, com materiais de escritório e expediente, e

finalmente, a Companhia de Gás (fornecimento para os laboratórios), variando a respectiva conta de 195\$000 a 230\$000 por mês.

O dr. Ulhôa Cintra sôbre as verbas e o pessoal comenta :

“Diante da elevação de preços de todos os materiais que necessitamos, compreende-se que a verba fixa de 700\$000 mensais, destinados às despesas desta seção não poderá satisfazer os compromissos para o seu regular funcionamento.

Fazendo-se um confronto entre o custo do gás consumido com trabalhos do Instituto, nos meses de 1918 e 1919 com o dos últimos meses dêste ano, vê-se que seu preço é três vêzes mais elevado, embora o consumo tenha sido mais ou menos o mesmo.

Diante do que vai exposto, penso que deverá o Instituto ser contemplado com a verba anual de 12:000\$000 e mais 3:000\$000, para se continuar a manter a assinatura de revistas que fazem já parte da sua utilíssima biblioteca, não se levando em conta que a citada verba de 3:000\$000 chegará tão somente para saldar os compromissos de assinaturas e não para aquisição de novos livros, como seria para desejar.

Resumindo — pessoal efetivo indispensável : 1 diretor, 3 assistentes, 1 escriturário, 1 zelador, 1 preparador e colecionador, 2 auxiliares de laboratório e 3 serventes.

Aproveitando a oportunidade peço permissão a v. s. (dirigindo-se ao diretor do Serviço Sanitário) por ser de estrita justiça, o aumento do ordenado do zelador, para 400\$000 e dos auxiliares de laboratório para 300\$000, ficando assim regularizada a gratificação que o primeiro percebe, tanto mais que os citados aumentos são dignos de todo apóio, por viem beneficiar funcionários antigos e dedicados, principalmente o primeiro que conta 27 anos ininterruptos de serviços prestados ao Instituto, ao qual se dedica todo o dia e ainda mais por ter sido sacrificado, desde que deixou de residir no Instituto, por conveniências de serviços” (123).

— 2 —

À SEMELHANÇA DE FICKER

O dr. Ulhôa Cintra fez ainda redigir longa representação ao dr. Artur Neiva, diretor-geral do Serviço Sanitário, apontando aquilo que lhe pareceu deficiente e ainda mostrando o que deveria ser realizado, como anteriormente já o havia feito o dr. Martim Ficker. Vejamos o que sugeriu o diretor do Instituto :

“Manifestando v. s. o desejo de melhorar a atual organização dos serviços dos Institutos confiados a minha obscura mas esforçada direção, permitiu que viesse externar o meu modo de pensar a respeito da mesma.

INSTITUTO BACTERIOLÓGICO

Como teve ocasião de afirmar o prof. Martim Ficker “o Instituto Bacteriológico já não satisfaz as aspirações que se exigem de um Instituto moderno.”

De fato, instalado há longos anos no atual prédio, não tendo sido até então contemplado com os melhoramentos materiais com que têm sido dotadas as diversas seções do nosso Serviço Sanitário, continua até hoje em franco desacôrdo com os princípios de higiene, não podendo deixar de impressionar desfavoravelmente aos técnicos que o visitam.

PRINCIPAIS FALHAS A REPARAR SOB O PONTO DE VISTA TÉCNICO

Seria para desejar que não continuasse por mais tempo a prática condenável, a que são obrigados os atuais assistentes, isto é, trabalharem em comum, numa só sala, extremamente acanhada para comportar quatro mesas. Não obstante existem um pequeno laboratório para preparo de vacinas e outros serviços técnicos e um laboratório

(123) — Em 1916 o zelador Savério Felice não mais morava no Instituto. Alugou uma casa em frente, por 100\$000 mensais.

de química, também muito modesto, ambos insuficientes em espaço e material, para proporcionarem conforto e operosidade útil aos técnicos que deles se utilizam.

É indispensável, e tanto mais cedo quanto possível, para bem se corresponder aos serviços sempre crescentes do Instituto Bacteriológico, que cada assistente tenha o seu laboratório, onde possa organizar e metodizar os serviços cotidianos, para assim, com mais facilidade, dedicar-se, em parte, às pesquisas científicas. É ainda condenável, sob o ponto de vista técnico, o revestimento do piso da atual sala de trabalhos, madeira com interstícios, de desinfecção não tão fácil, como as dos pisos impermeáveis, adotados em todos os laboratórios congêneres, tanto mais que tal processo de revestimento está em desacôrdo com o que preceitua o código sanitário.

Não tem atualmente o Instituto, um laboratório convenientemente instalado para pesquisas com germes muito infetuosos, tais como peste, cólera, mormo e os exames de peste são feitos em um quarto no porão, acanhado em extremo, não dispondo de estufa, autoclave, enfim, não contando, como acontece em institutos similares, com um laboratório com autonomia técnica indispensável para proporcionar garantias aos que nêle têm que trabalhar. Assim, se amanhã irromper uma epidemia de peste no Estado, e se se tiver que intensificar o serviço de pesquisas nesse sentido, sem o aparelhamento indispensável, como presentemente acontece, o Instituto exporá as vidas dos seus funcionários superiores e subalternos e o diretor não poderá ser responsabilizado pelos desastres que por ventura possam ocorrer.

A sala de preparo de meios de cultura e de esterilização de material é acanhada e situada muito próximo da sala comum de trabalhos técnicos.

A sala onde funcionam as estufas, está sobrecarregada com outros aparelhos e nela se acha parte do arquivo e sendo ainda passagem, não permite que se consigam temperaturas constantes e portanto estufas rigorosamente reguladas como seria para desejar.

Além destes, muitos outros inconvenientes existem, tais como falta de sala para meios de cultura, sala para balanças, instalações mais apropriadas para o biotério, sala exclusivamente para receber e preparar material suspeito (fezes, escarros, etc.), destinado a exames no Instituto.

PESSOAL TÉCNICO

Para o bom aproveitamento de instalações condignas e do farto material que cotidianamente vem ter ao Instituto, seria necessário que fôsse aumentado o número de assistentes, porquanto os atuais estão sempre muito sobrecarregados com os serviços práticos, sabido é que o número de exames cresce dia a dia, tornando cada vez mais escasso o tempo para pesquisas científicas que afetam muitas delas, os interêsses imediatos da Higiene e do Estado.

Infecções como a difteria, febres tifóide e paratifóide, disenteria bacilar, meningite cerebrospinal, lepra, sífilis, tuberculose, para não citar outras, deveriam merecer investigações científicas mais minuciosas interessando principalmente as primeiras, no que diz respeito aos portadores de germes, nos quais deveriam ser feitos exames sistemáticos, cujos resultados seriam de grande alcance para a profilaxia das referidas moléstias. Para o bom desempenho dos atuais serviços afetos ao Instituto Bacteriológico, seria necessário que o seu quadro fôsse acrescido, pelo menos com dois assistentes efetivos.

BIBLIOTECA

Enriquecida com grande número de exemplares e revistas na proficiente administração do nosso saudoso antecessor, Teodoro Baima, continua merecer nossa atenção e tem sido aumentada tanto quanto possível, sendo com as atuais instalações, quase insuperáveis as dificuldades a vencer, para acomodar os exemplares de obras e revistas que a compõem.

Dentro e em breve não teremos mais espaço para novas aquisições e já não nos parece fora de tempo organizá-la como seria mister, fazendo desaparecer o inconveniente de se achar a mesma subdividida, parte na sala da diretoria e parte na secretaria do Instituto, onde consultas frequentes perturbam a boa marcha do serviço do arquivo e do expediente diário. Levada a efeito a projetada reforma das atuais instalações do Instituto Bacteriológico, ficaria a biblioteca convenientemente instalada no atual salão de trabalhos técnicos, suficientemente amplo para comportá-la, presente e futuramente.

INSTITUTO VACINOGÊNICO

Com a última reforma do Serviço Sanitário, foi extinto o lugar de diretor do Instituto Vacinogênico, que passou a ser dependência do Instituto Bacteriológico, ficando, portanto, subordinado à direção deste. Pedimos mais uma vez permissão para manifestar o nosso modo de pensar, contrário à anexação. Com a organização presente, é praticamente impossível ao diretor do Instituto Bacteriológico dedicar-se ao mesmo tempo aos trabalhos de dois estabelecimentos científicos, trabalhos que reclamam tempo, com a agravante de se acharem os referidos Institutos instalados a grande distância um do outro.

No Instituto Bacteriológico os serviços absorvem, mesmo em épocas normais, todo o tempo do diretor que se vê na contingência de prolongar o seu expediente, pela manhã e à noite, como muitas vezes acontece, para bem se desobrigar de múltiplos e urgentes afazeres, pois além dos ônus administrativos que afetam a todo chefe de seção, tem ainda a seu cargo os mesmos serviços técnicos de outrora, quando assistente.

Assim sendo, a ação do diretor do Instituto Bacteriológico sobre o Vacinogênico, tem consistido em dar absoluta autonomia ao esforçado e atual assistente dr. Alfredo Medeiros, que há vinte e sete anos nêle trabalha, tendo já estado à testa do mesmo pelo espaço de cinco anos.

Diante das últimas reclamações aparecidas acusando a pouca eficácia das linfas vacínicas preparadas pelo Instituto Vacinogênico, quis v. s., sendo também desejo do exmo. sr. secretário do Interior, que se esclarecesse a causa e que fôsse intensificado o preparo das linfas vacínicas. Para isso, de acôrdo com v. s., propuz-me a auxiliar os mesmos serviços, em vista da insuficiência do pessoal técnico (um assistente).

Não obstante nos ter v. s. proporcionado auxílio de um assistente extranumerário no Instituto Bacteriológico, tem-me sido necessário freqüentar êste último, fora das horas regulamentares, para evitar o mais possível a desorganização da preestabelecida norma de trabalho.

Apresentando-se-me a oportunidade de acompanhar de perto e por mais tempo os serviços do Instituto Vacinogênico, mais convicto ainda fiquei, da necessidade e vantagens da autonomia técnica e administrativa dos seus serviços, para a boa eficiência e organização metódica dos mesmos.

Subordinado ao Bacteriológico, como se acha, amanhã se por impedimento justo, tiver que se afastar o atual assistente dr. Alfredo Medeiros, teria o diretor que designar um dos seus assistentes para a sua substituição, o que traria como consequência a desorganização dos serviços dos dois Institutos, com a desvantagem de não se encontrar nenhum dos assistentes do Instituto Bacteriológico, conquanto não lhes falta competência, ao par da técnica habitualmente empregada no Instituto Vacinogênico, no preparo da vacina contra a varíola. Seria necessário que o diretor, o único que tem acompanhado os referidos serviços, abandonasse praticamente seu pósto no Instituto Bacteriológico, para se entregar aos trabalhos do Vacinogênico. Isso não se daria se fôsse restabelecida a antiga orientação que dotou o Instituto Vacinogênico com um diretor e um assistente, podendo assim, um suprir a falta do outro, sempre que se verificasse qualquer impedimento.

Para garantia absoluta das linfas preparadas pelo Instituto, seria necessário que um outro técnico se ocupasse exclusivamente com a verificação sistemática da atividade das linfas vacínicas, verificação que absorve muito tempo, para ser efetuada como se exige em institutos congêneres europeus e que deverá ser feita em coelhos e em braço humano. Para esta última, são maiores as dificuldades a vencer, por se apresentarem com muita irregularidade os candidatos à vacinação no Instituto, de modo que o assistente que se encarregasse desse serviço, teria que dispensar muito tempo, procurando nos domicílios, crianças para a mesma verificação.

Presentemente não se pode exigir que um único assistente se encarregue simultaneamente das citadas pesquisas e do preparo da vacina. Quanto à verificação da vacina em braço humano terá êle que se limitar a procedê-la naqueles que, em número reduzido, se apresentarem ao Instituto. Pelo mesmo motivo poderá continuar a ser praticada, sem que se aumente o número de técnicos, a dosagem sistemática da atividade das polpas, condição indispensável para bem se garantir a eficácia das mesmas, antes de serem entregues ao consumo.

V. S. que se fêz e acompanhou a formação da Escola de Osvaldo Cruz, não poderá deixar de aquilatar das dificuldades com que lutamos e teremos que lutar para bem atendermos à relevância dos serviços subordinados ao Instituto Bacteriológico e para ao

mesmo tempo, não descurarmos dos de não menor importância, filiados ao Instituto Vacinogênico.

Por maior que seja a boa vontade e dedicação, não sabemos como atender a solicitações diferentes, lamentando não nos ser facultado o dom de ubiquidade para podermos conciliar os interesses dos dois Institutos, que muito merecem para a importante contribuição que de há muito prestam à higiene e saúde pública do nosso Estado. Terminando, apresento a v. s. os melhores agradecimentos, por ter generosamente permitido que aqui viesse expor a minha modesta opinião, certo que v.s. saberá, com o prestígio que lhe assiste, considerar condignamente tão justas aspirações.

São Paulo, 13 de abril de 1920."

— 3 —

EM 1921 E 1922

Em 1921 nada de notável ocorreu no Instituto Bacteriológico ou fora dele e que lhe diga respeito. Inclusive o pessoal, neste ano, tornou-se estático.

Para não passarmos por ele em branca nuvem, mostraremos em números, os exames efetuados.

Exames de difteria : 2.292 ; fezes, 533 ; escarro, 227 ; reação de Vidal, 837 ; hemoculturas, 842 ; pesquisas de meningococos, 483 ; reação de Wassermann, 273 ; exames para diagnóstico de meningite, 42 ; pesquisas de bacilos de Hansen, 36 ; exames de água, 30 ; necrópsias humanas, 29 e necrópsias animais, 370. Foram sangrados 767 animais e inoculados 352. Prepararam-se 37.037 tubos de meios de cultura.

Além disso foram fornecidos 15.187 cm³ de vacina antitífica (124) e 443 cm³ de vacina contra coqueluche.

Em 1922 surgem algumas modificações. Vem de novo o dr. Alexandrino de Moraes Pedrosa trabalhar no Instituto, em 22 de julho, mas desta vez como diretor. Veio, também, transferido do Instituto Butantã, em 16 de agosto, o dr. Joaquim Pires Fleury (125). Volta dos Estados Unidos o dr. Sebastião de Camargo Calazans, reassumindo seu posto em 27 de novembro (126).

Afasta-se, em maio, o dr. Jesuíno Maciel, tomando a direção da Casa o dr. Rudolph Kraus (anteriormente diretor do Instituto de Higiene de Viena, do Instituto de Higiene de Montevideu e do Instituto Butantã). Transfere este, a direção, pouco depois, em 30 de junho, ao dr. José Pedro de Carvalho Lima, que por sua vez a transfere, em 22 de julho, ao dr. Alexandrino de Moraes Pedrosa, sendo que este permaneceu na diretoria até 17 de outubro seguinte, quando o dr. Carvalho Lima assume, de novo, a direção.

O auxiliar João Adelino de Aguiar deixou o Instituto em 21 de maio.

A biblioteca continua crescendo, contando neste ano 3.125 volumes.

Os exames estão assim distribuídos : material suspeito de difteria, 2.683 ; fezes, 551 ; exames de escarro, 266 ; líquido cefalorraquidiano, 505 ; pesquisas de portadores de meningococos, 801 ; hemoculturas de

(124) — De outubro de 1921 em diante o preparo da vacina antitífica ficou a cargo do Instituto Butantã, sendo para lá enviadas todas as culturas destinadas a isso.

(125) — Joaquim Pires Fleury, farmacêutico formado em São Paulo e médico formado no Rio de Janeiro. Nasceu em São Paulo a 30 ou 31 de janeiro de 1886. Formou-se em medicina em 27 de abril de 1912 (colação de grau). Foi preparador da Faculdade de Medicina. Entrou para o Instituto Butantã em 16 de julho de 1919, percebendo 500\$000 mensais.

(126) — Calazans esteve ausente de 19 de setembro de 1920 a 27 de novembro de 1922.

casos suspeitos de febre tifóide, 569 ; reações de Vidal, 564, e reação de Wassermann, 379.

Foram realizadas, ainda, 24 autópsias humanas.

— 4 —

MODIFICAÇÕES DE PESSOAL

Em janeiro de 1923 foi contratada a primeira mulher para trabalhar no Instituto Bacteriológico. Trata-se da auxiliar de laboratório Maria Arantes, que iniciou seu contrato em 13 de janeiro.

O dr. Joaquim Pires Fleury, ex-assistente do Instituto Butantã, é em 15 de março removido por decreto, para o Instituto Bacteriológico, onde já trabalhava desde o ano anterior, em comissão. Tomou posse em 16 de março.

Em 10 de abril o dr. José Pedro de Carvalho Lima passa a direção do Instituto ao dr. Sebastião de Camargo Calazans, por ter que seguir para os Estados Unidos, comissionado, segundo determinação do diretor-geral do Serviço Sanitário, dr. Geraldo Horácio de Paula Sousa.

Tendo o preparador e colecionador Getulino Vieira Pinto entrado em gôzo de licença, foi nomeado para substituí-lo, Otávio de Queirós, pessoa completamente inexperiente, e como êle mesmo declarou, sem habilitações para exercer aquêle cargo. Êste funcionário foi nomeado pelo dr. Geraldo de Paula Sousa à revelia do diretor do Instituto Bacteriológico. O dr. Carvalho Lima, poucos dias antes de se retirar para os Estados Unidos, em officio dirigido ao diretor-geral do Serviço Sanitário, havia sugerido a nomeação provisória de José Elói Pupo para aquêle lugar, como sempre se fêz, nas administrações anteriores, entretanto, sua proposta não foi atendida e surgiu a nomeação de Otávio de Queirós, que entrou em exercício do cargo em 18 de abril.

Pelo fato de o novo funcionário não ter capacidade para os serviços que lhe competiam, o dr. Calazans (já diretor), designou-lhe novas funções, sendo ainda mais uma vez surpreendido pelo "não" do dito funcionário que alegou, de novo, não ter conhecimentos suficientes para exercer também estas funções. Êste funcionário faltava muito ao serviço, deixando de comparecer comumente.

D. Olga Ferreira de Barros foi a segunda funcionária a trabalhar no Instituto Bacteriológico, tendo se apresentado e começado seus serviços no dia 25 de maio. Era praticante de química do Laboratório de Análises Químicas.

Havia uma terceira funcionária, d. Azália Machado, bacteriologista (127).

Em 14 de junho Getulino Vieira Pinto foi aposentado, sendo Otávio de Queirós nomeado preparador e colecionador efetivo, no mesmo dia. Êste funcionário prestou compromisso e entrou em exercício em 16 do mesmo mês. Continua a faltar desregradamente. Foi mandado em comissão

(127) — Azália Machado em 21 de julho de 1923 foi designada pela Diretoria do Serviço Sanitário para substituir o bacteriologista da Repartição de Águas, na ocasião em licença.

para o Butantã, em 26 de junho, sendo destacado para trabalhar na Seção de Concentração de Soros, para aprender a técnica do serviço.

Ingressou um novo servente, José Alberto Freire, nomeado em 29 de maio, entrando em exercício em 3 de junho. Foi nomeado em substituição a Antonio Nestor de Sousa que, no momento, substituíra José B. M. Machado, auxiliar de laboratório. Retirou-se o novo servente pouco depois. Foi contratado um outro, Dirceu de Camargo, em 10 de agosto, entrando em exercício somente em 6 de setembro. José Alberto Freire volta em outubro, ainda como servente, para substituir, em comissão, Antônio Nestor de Sousa, que substituíra mais uma vez, José Benedito M. Machado.

Em 20 de dezembro o dr. Sebastião Calazans entrou em gozo de férias regulamentares, tendo passado a diretoria do Instituto ao dr. Joaquim Pires Fleury.

Na segunda quinzena de agosto de 1924, dia 19, o dr. José Pedro de Carvalho Lima volta dos Estados Unidos, reassumindo seu posto de diretor do Instituto Bacteriológico.

O pessoal subalterno é quase que totalmente outro em 1924. Mudou o escriturário, ocupando agora o lugar, Alencar Mouth. Uma quarta funcionária ingressa, é d. Elisa Sonnleithner, contratada em janeiro, para exercer as funções de auxiliar de laboratório. D. Olga Ferreira de Barros retirou-se em novembro. É nomeado também, em maio, um outro auxiliar de laboratório, Francisco Marcelino Ribeiro Machado, para substituir José B. M. Machado, em gozo de licença.

Volta em 12 de setembro o preparador e colecionador Otávio de Queirós, após o estágio no Instituto Butantã e em 17 de dezembro foi transferido para o Desinfetório Central, depois de ser severamente repreendido pelo dr. Geraldo H. de Paula Sousa, por seus atos de rebeldia e indisciplina.

Notamos também um novo servente: Francisco Jorge Martins, nomeado em março de 1924.

São estes os mais importantes exames: difteria, 1.585; fezes, 529; tuberculose, 318; meningite cerebrospinal epidêmica, 365; portadores de meningococos, 151; febre tifóide, 2.107; sífilis, 852. Estes e mais outros exames foram realizados no Instituto, durante o ano de 1924, somando um total geral igual a 6.016.

— 5 —

A EXTINÇÃO DO BACTERIOLÓGICO

É agora, em 1924, que são dados os primeiros passos para a extinção do tradicional Instituto Bacteriológico, a casa de Adolfo Lutz, uma das glórias da medicina experimental brasileira. Esta extinção que foi consumada em fins de 1925, teve seus primórdios neste officio de 15 de abril de 1924, dirigido ao dr. Sebastião Camargo Calazans, diretor do Instituto, assinado por Geraldo de Paula Sousa, então diretor-geral do Serviço Sanitário.

“Senhor diretor

De acôrdo com autorização do dr. secretário do Interior, solicito a v. s. promover com urgência a mudança desse Instituto para o edificio que em Butantã ocupava a Escola Veterinária.

Requisitará essa diretoria transporte ao Desinfetório Central que efetuada a transferência, fornecerá diariamente condução ao pessoal, da cidade para Butantã.

Feita a mudança, solicito-lhe pôr o prédio atual dêsse Instituto à disposição da diretoria do Hospital de Isolamento.

Tenho a honra de reiterar a v. s. os protestos de minha distinta consideração."

O Instituto citado no ofício acima é o Vacinogênico que no momento estava subordinado ao Bacteriológico. Esta mudança foi feita em abril mesmo, sendo efetuada a troca das sedes, isto é, o Vacinogênico foi para o prédio da Escola de Veterinária, e a Escola de Veterinária foi para o prédio do Instituto Vacinogênico, na rua Pires da Mota, onde se encontra até hoje.

O ano de 1925 foi o ano fatídico. Distinguiu-se pela extinção, como dissemos antes, da casa cujo renome atravessara já fronteiras.

Foi em 11 de julho assinado o malfadado decreto 3.876, por Carlos de Campos, presidente do Estado, que com a reorganização do Serviço Sanitário, aboliu aquilo que havia de mais nobre e tradicional na Saúde Pública do principal estado da Federação.

Neste primeiro semestre de 1925 e último de vida do Instituto Bacteriológico e que se caracterizou como o semestre da agonia, somente dois novos funcionários foram contratados. Trata-se dos serventes Alfredo Miranda e Benedito José Aniseto, sendo o primeiro contratado em 4 de fevereiro e o segundo em 26 do mesmo mês.

Apoiado nas leis 1.999, de 19 de dezembro de 1924 e 2.028 de 30 daquele mesmo mês e ano, o decreto 3.876 reformou o Serviço Sanitário do Estado. Em seu capítulo 10, que nos interessa mais de perto, diz o seguinte, tratando do Instituto Butantã :

"Art. 58 — Os Institutos Bacteriológico, Soroterápico e Vacinogênico do Serviço Sanitário se localizarão em Butantã e constituirão todos, sob o nome de — Instituto de Butantã — uma seção única do Serviço Sanitário, sob a direção de um mesmo profissional.

Art. 59 — Caberão a essa seção as atribuições dos Institutos de cuja fusão resulta e cooperar com o Instituto de Higiene, de acôrdo com determinação do diretor-geral, na obra de educação sanitária do povo, no tocante à instalação de museus."

Com isto desapareceu o Instituto Bacteriológico, morto por Carlos de Campos, José Manuel Álvares Lobo e Geraldo Horácio de Paula Sousa.

Quais as razões plausíveis para êste ato? Não acreditamos que existam. Seis anos depois voltou a funcionar. Esta é a maior prova de sua indiscutível necessidade.

Artur Neiva, homem de inteligência privilegiada e de cultura eclética, foi um dos que nunca se conformou com a anexação ao Butantã e ainda mais, foi um dos maiores propugnadores do seu restabelecimento, ao lado de Valdomiro de Oliveira, a quem devemos as principais demarches para a reconstituição do Instituto Bacteriológico. Lograram finalmente seus intentos, e no dia 13 de fevereiro de 1931 conseguiram que o decreto 4.891 fôsse assinado, dando vida, de novo, a uma das células mais primordiais da saúde pública bandeirante. Êste decreto foi o óleo canforado, ministrado por mãos hábeis, que veio de novo vivificar o Instituto Bacteriológico que hoje orgulhosamente ostenta o nome de seu patrono, o mestre Adolfo Lutz.

Depois de transferido o Instituto Bacteriológico para o Butantã, o primeiro começou a funcionar como Posto Bacteriológico de Butantã, tendo como assistente-chefe o dr. Lucas Assunção.

É doído vermos a que ponto chegou o rebaixamento da Casa que tantas glórias deu à medicina brasileira. O famoso Instituto Bacteriológico de Sérgio Florentino de Paiva Meira, de Vicente de Carvalho, de Adolfo Lutz, era agora um mero posto de bacteriologia de um Instituto que nasceu de suas entranhas, que foi um seu apêndice. O Butantã, como ninguém desconhece, é fruto da formidável fertilidade do Instituto Bacteriológico que agora não passa de pária na hierarquia administrativa paulista.

XII

“Para ser útil a São Paulo, restabeleça o Instituto Bacteriológico, que pelas suas tradições é um orgulho da medicina experimental brasileira”, Estas palavras são de Artur Neiva, dirigidas a Valdomiro de Oliveira que acabava de assumir a diretoria-geral do Serviço Sanitário, em 18 de julho de 1927, no govêrno de Júlio Prestes de Albuquerque.

Valdomiro de Oliveira tomou logo as medidas cabíveis para o retôrno à vida, do Instituto Bacteriológico, conseguindo, depois de entendimentos com os antigos funcionários, médicos e subalternos, que retornassem ao Instituto, a fim de reiniciarem seus trabalhos. Conseguiu também, com o dr. Afrânio do Amaral, a volta da biblioteca, levada para o Butantã, por ocasião da anexação, em 1925, e diversas outras providências que culminaram com o funcionamento normal do Instituto Bacteriológico, independente do Butantã, mas, sem amparo legal. Tornou-se um Instituto officioso e não oficial. Sômente em 1931 é que foi legalizada a situação, com o decreto n.º 4.891, o que, entretanto, não empana o mérito de ter sido o dr. Valdomiro de Oliveira o autor intelectual da volta da tradicional casa de bacteriologia. Infelizmente não chegou êle a ver seu gesto convertido em ato legal, ainda como diretor do Serviço Sanitário, como o foi pouco depois, quando se achava na Secretaria do Interior o dr. Artur Neiva. O dr. Valdomiro deixou o Serviço Sanitário (diretoria-geral), em 24 de outubro de 1930.

Artur Neiva assume a Secretaria do Interior pouco depois, em 5 de dezembro de 1930 abandonando-a em 13 de fevereiro de 1931. “Quis, entretanto, o destino, que pertencesse a Neiva a glória de repor no seu lugar o Instituto Bacteriológico”, diz Carvalho Lima. De fato, João Alberto Lins de Barros, interventor federal em São Paulo e Artur Neiva, assinaram o decreto n.º 4.891, em 13 de fevereiro de 1931, dando nova estrutura ao Serviço Sanitário, do qual era diretor o dr. Francisco de Sales Gomes, desde 12 de dezembro de 1930.

Eis o artigo 1.º do decreto acima :

“O Serviço Sanitário do Estado, subordinado à Secretaria do Interior, compreende, além de sua diretoria-geral e secretaria, os seguintes serviços e inspetorias :

- a) — Engenharia Sanitária
- b) — Instituto Pasteur
- c) — Fiscalização de Medicina e Farmácia
- d) — Profilaxia da Tuberculose
- e) — Higiene e Assistência à Infância
- f) — Instituto Bacteriológico
- g) — Policiamento da Alimentação Pública
- h) — Higiene Escolar e Educação Sanitária
- i) — Delegacias de Saúde da Capital e do Interior
- j) — Higiene do Trabalho
- k) — Hospital de Isolamento da Capital

- l) — Profilaxia das Moléstias Infecciosas
- m) — Estatística Demográfico-Sanitária e Epidemiologia
- n) — Almoxarifado e Farmácia do Serviço Sanitário
- o) — Profilaxia da Sífilis e Moléstias Venéreas
- p) — Profilaxia da Lepra.”

Mais adiante, sob a rubrica “Do Instituto Bacteriológico”, diz :

“Fica desanexado do Instituto de Butantã, e diretamente subordinado à diretoria-geral do Serviço Sanitário, o Instituto Bacteriológico e todo o material a êle pertencente, inclusive biblioteca.

Art. 41 — O Instituto Bacteriológico será o Laboratório Central do Serviço Sanitário ao qual ficam anexados a Seção de Microbiologia da Inspetoria de Policiamento da Alimentação Pública e os laboratórios dos Centros de Saúde.

Art. 42 — Ao Instituto Bacteriológico compete :

- a) — Fazer todos os exames para esclarecimento de diagnóstico, requisitados pelo Hospital de Isolamento ;
- b) — Atender aos exames necessários à Inspetoria de Profilaxia de Moléstias Infecciosas e demais seções do Serviço Sanitário, da Capital e do Interior do Estado;
- c) — Efetuar pesquisas de caráter geral ou local ;
- d) — Elucidar as questões que forem propostas pela diretoria-geral do Serviço Sanitário ;
- e) — Estudar a etiologia das epidemias e epizootias que se transmitem ao homem ;
- f) — Emitir pareceres sôbre assuntos de epidemiologia e higiene ;
- g) — Fazer os exames bacteriológicos de água, gelo, leite e seus derivados e outros que foram requisitados pela Inspetoria de Policiamento da Alimentação Pública ;
- h) — Fazer necrópsias e exames histológicos, para esclarecimento de diagnóstico, necessários ao Hospital de Isolamento e demais seções do Serviço Sanitário.

Art. 43 — O Instituto Bacteriológico terá o seguinte pessoal :

- 1 diretor (médico)
- 4 assistentes bacteriologistas
- 1 assistente anátomo-patologista (médico)
- 1 zelador
- 1 bibliotecário
- 3 terceiros escriturários
- 10 técnicos de laboratório
- 6 auxiliares técnicos (ou de laboratório)
- 8 serventes
- 1 porteiro

Art. 44 — Nos lugares de assistentes bacteriologistas serão conservados os assistentes do Instituto Bacteriológico anteriores à anexação ao Instituto de Butantã e o assistente microbiologista da Inspetoria do Policiamento da Alimentação Pública.

Parágrafo único — Para os lugares de técnicos de laboratório e auxiliares de laboratório, serão aproveitados, de preferência, os funcionários que já estão trabalhando no Instituto Bacteriológico.”

O NOVO PESSOAL

Vejamos agora os que voltaram ao Instituto e os funcionários novos. Ficou desta forma constituído o quadro, neste novo período de atividades : diretor : José Pedro de Carvalho Lima ; assistentes : Sebastião de Camargo

Calazans, Joaquim Pires Fleury, Luís Salles Gomes, Bruno Rangel Pestana e Urbano Silveira; zelador: Savério Felice; técnicos de laboratório: Eugênio Custódio de Lima, José Elói Pupo (128), Olívia de Godói, Lídia Calazans, Lúcia Queirós Teles, Maria Arantes, Maria José Faraco, Odila Maria Flora Quirino Ferreira, Maria Carolina Andrade e Clotilde de Matos; auxiliares de laboratório: Adrião Neves Moraes, Alexandre Malvestio, José Rosa de Castro Pereira, Gabriel Garcia de Figueiredo, Francisco Jorge Martins e Ana Faraco; bibliotecário: Doraci Augusto Leite; escriturários: Alencar Mouth, Álvaro Sales e José César Lessa; porteiro: Francisco Cavalheiro; serventes: Antonio Amorosino, Francisco Antônio Faraco, Conrado Pereira Pinto, João Mendes, Donato Damato, Jorge Ferri, João Marques Félix da Silva e José Gimenes Camunha; Guarda noturno: Manuel Ressureição Lourenço.

As técnicas de laboratório Clotilde de Matos e Maria Arantes, foram, durante o ano, licenciadas e substituídas respectivamente por Maria José Reys (a partir de 8 de junho) e Leopoldina Custódio de Lima.

O assistente anátomo-patologista do Instituto, passou para a Faculdade de Medicina, por decreto que incorporava à cadeira de Anatomia Patológica daquela Escola, a seção homônima do Instituto Bacteriológico. Era assistente anátomo-patologista o dr. Lourival Santos.

O dr. Sebastião de Camargo Calazans, em 6 de julho, passou para o Instituto Butantã, onde ficou até 4 de agosto de 1947, quando então voltou para o Bacteriológico. Antes, em 22 de junho de 1939, até 22 de setembro de 1941, esteve no Instituto Bacteriológico, comissionado.

Como podemos observar, o Instituto Bacteriológico reiniciou suas atividades com um número bastante elevado de funcionários em comparação com o que sempre existiu. Estes funcionários tinham os seguintes tempos de serviço público em 14 de fevereiro de 1931 (incluindo outras repartições) e recebiam nesta ocasião os seguintes vencimentos anuais: dr. José Pedro de Carvalho Lima — 14 anos — 24:000\$000; dr. Bruno Rangel Pestana — 25 anos, dr. Sebastião de Camargo Calazans — 14 anos, 6 m., dr. Joaquim Pires Fleury — 9 anos, 8 m., dr. Luís Salles Gomes — 7 anos, 6 m., e dr. Lourival Santos — 4 anos: cada um 19:200\$000; zelador: Savério Felice — 37 anos — 7:020\$000; bibliotecário: Doraci Augusto Leite — 5 anos, 5 m., 8:400\$000; escriturários: Alencar Mouth — 7 anos, José Lessa — 3 anos, 2 m., e Álvaro Salles (entrou em 13-2-1931), cada um 7:200\$000; técnicos de laboratório: Maria Arantes — 8 anos, 2 m., Maria José Faraco — 12 anos, 3 m., Maria Carolina Andrade — 5 anos, 11 m., Olívia de Godói — 5 anos, 7 m., Lúcia Queirós Telles — 4 anos, 4 m., Lídia Calazans — 5 anos, 7 m., Odila Maria Flora Quirino Ferreira — 5 anos, 7 m., Clotilde Matos — 5 anos, 10 m., José Elói Pupo — 27 anos, e Eugênio de Lima — 12 anos, 6 m. cada um 9:000\$000; auxiliares de laboratório: Francisco Martins — 7 anos, Ana Faraco — 1 ano, 4 m., Adrião Moraes — 10 anos, Alexandre Malvestio — 7 anos, 8 m., José R. C. Pereira — 7 anos, e Gabriel Figueiredo — 1 ano, 9 m., cada um 6:000\$000; porteiro: Francisco Cavalheiro — 26 anos, 6:300\$000; serventes: João Mendes — 7 anos, 4 m., Jorge Ferri — 5 anos, 8 m., Conrado Pinto — 3 anos, Francisco Faraco — 33 anos, 4 m.

(128) — José Elói Pupo já havia se aposentado. Voltou a trabalhar no Instituto Bacteriológico assumindo o cargo de técnico de laboratório, vindo da Companhia Antártica Paulista.

José Gimenes Camunha — 1 anos, 2 m., Antônio Amorosino — 4 anos e João Marques — (entrou em 14-2-1931), cada um 3:750\$000.

Foi ainda o Instituto subdividido em 7 seções, a saber : 1) Exames de sangue em geral ; 2) Exames microscópicos de fezes e escarros ; 3) Exames para diagnóstico de difteria ; 4) Exames de líquido cefalorraquidiano para diagnóstico de meningite ; 5) Exames bacteriológicos de fezes ; 6) Água, alimentos, desinfetantes, etc. ; 7) Meios de cultura — preparação de material e esterilização.

Respectivamente, foi êste o movimento durante o ano, das seções acima, com exceção da de Meios de Cultura : 1) 14.787. 2) 13.769. 3) 4.649. 4) 824. 5) 1.063. 6) 600.

Com referência à biblioteca, o prejuízo foi enorme, visto ter sido grande o extravio de volumes que foram distribuídos a várias instituições de São Paulo, quando da extinção do Instituto em 1925. Muitos voltaram para o Bacteriológico, depois de cansativa busca, mas muitos outros não foram devolvidos, desfalcando, desta forma, aquela biblioteca que com tanto cuidado vinha sendo organizada e que a malfadada anexação ao Butantã veio malbaratar.

REGIMENTO INTERNO

Organizou-se, ainda, um regimento interno que transcrevemos abaixo :

“Art. 1 — O Instituto Bacteriológico é o Laboratório Central do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo.

Art. 2 — Ao Instituto compete :

- a) — Fazer os exames bacteriológicos para esclarecimento de diagnóstico, requisitados pelo Hospital de Isolamento ;
- b) — Atender aos exames necessários à Inspetoria de Profilaxia das Moléstias Infecciosas e demais seções do Serviço Sanitário, da Capital e do interior do Estado ;
- c) — Efetuar pesquisas de caráter geral e local ;
- d) — Elucidar as questões que forem propostas pela diretoria-geral do Serviço Sanitário ;
- e) — Estudar a etiologia das epidemias e das epizootias que se transmitem ao homem ;
- f) — Emitir pareceres sôbre assuntos de epidemiologia e higiene ;
- g) — Fazer os exames bacteriológicos de água, gêlo, leite e seus derivados e outros que forem requisitados pela Inspetoria de Alimentação Pública.

Art. 3 — Ao diretor compete :

- a) — Cumprir e fazer cumprir o presente regimento ;
- b) — Corresponder-se com o diretor do Serviço Sanitário e com o inspetor-geral da Capital em tudo o que fôr concernente ao serviço da seção ;
- c) — Distribuir o trabalho pelo pessoal do Instituto, de acôrdo com as conveniências técnicas ;
- d) — Verificar diariamente o ponto de pessoal ;
- e) — Assinar tôda a correspondência do Instituto ;
- f) — Apresentar anualmente à diretoria do Serviço Sanitário, um relatório circunstanciado dos trabalhos do Instituto e do que mais importante houver ocorrido durante o ano ;
- g) — Transportar-se ou destacar em comissão, com autorização do diretor do Serviço Sanitário, para qualquer ponto do Estado, ou para fora dêste, o pessoal que julgar conveniente, a fim de colher elementos necessários aos estudos do Instituto ;
- h) — Prestar as informações que lhe forem solicitadas pela diretoria-geral do Serviço Sanitário ou pelo secretário da Educação e Saúde Pública ;

i) — Efetuar as despesas do expediente e da biblioteca do Instituto, dentro da verba para êsse fim votada, prestando contas à diretoria do Serviço Sanitário ;

j) — Propor à diretoria-geral do Serviço Sanitário, tudo quanto fôr necessário ao aperfeiçoamento dos trabalhos do Instituto, não só na parte administrativa como na científica ;

l) — Antecipar ou prorrogar as horas dos trabalhos, de acôrdo com as necessidades do serviço ;

m) — Providenciar sôbre tudo o que fôr necessário ao regular andamento dos trabalhos do Instituto ;

n) — Remeter, no fim de cada mês, à diretoria-geral do Serviço Sanitário o atestado de freqüência do pessoal e as contas das despesas efetuadas ;

o) — Superintender e determinar, dentro dêste regimento, tudo quanto se referir ao Instituto ;

p) — Superintender e acompanhar de perto as pesquisas e trabalhos científicos que se realizarem no Instituto ;

q) — Recusar o material para exame, tôda vez que não fôr enviado em condições ou quando as partes interessadas se recusarem a prestar as informações exigidas ;

r) — Fiscalizar todos os serviços do Instituto, pelos quais é responsável, advertindo e repreendendo os faltosos e propondo à diretoria-geral a suspensão e demissão dos mesmos ;

s) — Propor à diretoria-geral a nomeação do pessoal, sempre que se verificarem vagas ;

t) — Requisitar da diretoria-geral o material indispensável à boa execução dos serviços do Instituto ;

u) — Informar a diretoria-geral de qualquer anomalia que ocorra, nos serviços, pedindo as providências necessárias.

Art. 4 — O diretor será substituído, em seus impedimentos, por um de seus assistentes, para êsse fim designado pelo diretor do Serviço Sanitário.

Art. 5 — Aos assistentes compete :

a) — Estar presentes às horas de trabalho, ao plantão para que forem designados e sempre que fôr necessária sua presença no Instituto ;

b) — Fazer os trabalhos e pesquisas que lhes forem designados e desempenhar as comissões que lhes forem dadas, das quais apresentarão relatório escrito ao diretor do Instituto ;

c) — Auxiliar o diretor em tudo o que se referir aos trabalhos do Instituto ;

d) — Prevenir o diretor dos acidentes ocorridos nos trabalhos do Instituto ;

e) — Pedir providências ao diretor não só quanto às faltas do pessoal como quanto a qualquer outra necessidade dos serviços a seu cargo ;

f) — Substituir o diretor nos seus impedimentos ;

g) — Apresentar ao diretor do Instituto, no fim do ano, ou quando lhes fôr solicitado, um relatório minucioso dos estudos, pesquisas e trabalhos efetuados.

Art. 6 — Aos técnicos compete :

a) — Comparecer diariamente ao Instituto de 12 às 17 horas e sempre que fôr solicitada sua presença ;

b) — Comparecer aos plantões para os quais forem designados ;

c) — Trazer em dia os trabalhos da seção a seu cargo ;

d) — Registrar todos os trabalhos feitos ;

e) — Zelar pelo material da seção ;

f) — Auxiliar o diretor e os assistentes nas necrópsias, trabalhos técnicos e outras pesquisas ;

g) — Desempenhar as comissões que lhes forem dadas ;

h) — Apresentar mensalmente ao diretor, um resumo dos trabalhos realizados ;

i) — Zelar pelas amostras de cultura de sua seção, encaminhando-as para o encarregado do museu.

Art. 7 — Aos auxiliares técnicos compete :

- a) — Comparecer diariamente ao Instituto de 12 às 17 horas e sempre que fôr necessária a sua presença ;
- b) — Comparecer aos plantões para os quais forem designados ;
- c) — Cooperar com os técnicos em todos os serviços que lhes são atribuídos ;
- d) — Preparar, reparar e esterilizar o material de uso nos laboratórios ;
- e) — Preparar pipetas e outros utensílios necessários ;
- f) — Auxiliar os assistentes e os técnicos em tudo quanto fôr necessário ;
- g) — Desempenhar as comissões que lhes forem dadas.

Art. 8 — Ao zelador compete :

- a) — Cumprir as ordens que receber do diretor e dos assistentes ;
- b) — Ter sob sua guarda o material do Instituto, zelar pela sua conservação, inventariando-o em livro para êsse fim destinado ;
- c) — Cuidar do asseio do Instituto, empregando para êsse fim os serventes e demais funcionários subalternos ;
- d) — Fiscalizar e auxiliar os trabalhos dos funcionários subalternos ;
- e) — Remeter ao respectivo destino os officios e papéis que lhe forem entregues para expedir ;
- f) — Fornecer ao diretor uma nota do que for necessário ao Instituto, bem assim uma relação dos objetos e aparelhos que se inutilizarem ;
- g) — Proceder no fim de cada ano a um inventário do que existir no Instituto, fornecendo ao diretor os necessários dados sôbre as aquisições e consumo geral, sendo auxiliado nesse serviço pelos eseriturários e demais funcionários ;
- h) — Impedir agrupamentos ou conversas nos laboratórios durante as horas de trabalho.

Art. 9 — Ao bibliotecário compete :

- a) — Comparecer diariamente ao Instituto, durante o expediente e quando fôr solicitada a sua presença ;
- b) — Comparecer aos plantões para os quais fôr designado ;
- c) — Receber e registrar os livros e revistas adquiridos ;
- d) — Manter em ordem e bem conservados a biblioteca e o arquivo ;
- e) — Fichar convenientemente as obras e revistas existentes ;
- f) — Fiscalizar e eseriturar a retirada de livros da biblioteca, pelo diretor e assistentes ;
- g) — Atender às pessoas que desejarem consultar a biblioteca ;
- h) — Registrar tôdas as consultas feitas ;
- i) — Processar as contas das despesas feitas com a biblioteca ;
- j) — Apresentar anualmente ao diretor, um relatório detalhado do movimento da biblioteca ;
- l) — Fazer qualquer serviço fora do Instituto, como pagar contas, remeter dinheiro, etc..

Art. 10 — Aos eseriturários compete :

- a) — Comparecer diariamente durante o expediente ou quando fôr solicitada a sua presença ;
- b) — Comparecer aos plantões para os quais forem designados ;
- c) — Responder aos exames feitos no Instituto, encaminhando-os devidamente ;
- d) — Registrar os exames feitos, em livros convenientes ;
- e) — Processar as contas das despesas feitas ;
- f) — Fazer tôda a eserituração do Instituto e o serviço de datilografia ;
- g) — Preparar as fôlhas de pagamento e a correspondência oficial ;
- h) — Fazer o serviço do expediente e seu extrato ;
- i) — Executar os trabalhos que lhes forem ordenados pelo diretor e assistentes ;
- j) — Apresentar anualmente um relatório detalhado dos serviços feitos ;

l) — Executar qualquer serviço fora do Instituto, como pagamento de contas, remessa de dinheiro, etc. ;

m) — Substituir o bibliotecário nos seus impedimentos ;

n) — Não permitir agrupamentos ou conversas no escritório.

Art. 11 — Aos serventes compete :

a) — Comparecer diariamente ao Instituto de 8 às 17 horas ;

b) — Auxiliar o zelador, os técnicos e auxiliares técnicos em tudo que fôr necessário ;

c) — Manter as estufas, banhos-maria e outros aparelhos em perfeito estado de limpeza e funcionamento ;

d) — Conservar a repartição e suas dependências escrupulosamente asseadas ;

e) — Zelar pelos animais de experiência e cumprir o que lhes fôr determinado ;

f) — Estar presente nas horas exigidas ;

g) — Comparecer aos plantões para os quais forem designados ;

h) — Fazer plantões de guarda-noturna, quando o diretor julgar necessário.

Art. 12 — Ao porteiro compete :

a) — Comparecer diariamente de 8 às 17 horas e quando fôr solicitada a sua presença ;

b) — Atender a tôdas as pessoas que procuram o Instituto ;

c) — Receber todo o material que, em condições, fôr apresentado para exame ;

d) — Atender aos chamados telefônicos ;

e) — Receber a correspondência e apresentá-la ao diretor ;

f) — Auxiliar os escriturários no registro dos exames ;

g) — Zelar pela limpeza e boa aparência da portaria ;

h) — Zelar pelo relógio de "ponto" e apresentar diariamente ao diretor, a entrada e saída do pessoal.

Disposições Gerais

Art. 13 — Em caso de premente necessidade, o diretor do Instituto poderá solicitar do diretor do Serviço Sanitário, mais profissionais extranumerários e mais auxiliares subalternos.

Art. 14 — Não será permitido trabalhar no Instituto, às pessoas estranhas ao quadro do pessoal, salvo autorização por escrito do diretor do Serviço Sanitário, ou permissão do diretor do Instituto.

Art. 15 — O Instituto está aberto de 8 às 20 horas, inclusive nos domingos, feriados e pontos facultativos.

§ 1.º — Os trabalhos técnicos começarão às 12 horas e terminarão às 17 horas.

§ 2.º — Haverá um plantão de 8 às 13 horas, inclusive nos domingos, feriados e pontos facultativos.

§ 3.º — Estão sujeitos a êsse plantão todos os funcionários do Instituto, inclusive os assistentes e o pessoal do escritório.

§ 4.º — A turma que fizer o plantão de manhã deverá voltar ao Instituto no período da tarde, quando o diretor julgar necessário.

§ 5.º — Sempre que fôr necessário serão antecipadas ou prorrogadas as horas de trabalho.

Art. 16 — Nenhum trabalho, de rotina ou de pesquisa científica, poderá ser feito no Instituto, sem que conste da escrituração do estabelecimento ou sem o conhecimento do diretor.

§ único — Dos trabalhos científicos a serem publicados ou comunicados a associações científicas, deverá sempre ficar arquivada uma cópia no Instituto.

Art. 17 — Ao zelador, técnicos, auxiliares de laboratório, bibliotecário, escriturários, porteiro e serventes, além dos deveres do seu cargo, poderão ser dadas incumbências especiais.

Art. 18 — Os funcionários deverão estar no Instituto nas horas determinadas pelo diretor e assistentes, bem assim nas de plantão, que obedecerão a uma escala para isso organizada.

Art. 19 — O pessoal técnico ou subalterno, contratado ou praticante, terá os mesmos deveres e obrigações dos funcionários efetivos.

Art. 20 — O Instituto terá um relógio de ponto de entrada e saída para todo o pessoal.

Art. 21 — É proibido ao pessoal, fumar nas salas de trabalho.

Art. 22 — A biblioteca do Instituto será franqueada aos profissionais do Serviço Sanitário e poderá ser também aos clínicos, estudantes, etc., em horas para isso determinadas pelo diretor, de modo a não perturbar os trabalhos do Instituto.

§ único — Durante as horas de consultas à biblioteca, para atender aos consultantes estará presente o bibliotecário ou outro funcionário encarregado da fiscalização e da manutenção da ordem.

Art. 23 — As consultas feitas à biblioteca ficarão registradas em fichas especiais.

Art. 24 — Os livros, folhetos manuscritos, estampas ou quaisquer documentos pertencentes à biblioteca só poderão ser retirados pelo diretor e assistentes, assumindo eles a responsabilidade pelos objetos solicitados.

§ único — Só em casos excepcionais poderão ser retirados por outra pessoa mediante ordem escrita da diretoria-geral.

Art. 25 — No que fôr omissivo o regulamento do Serviço Sanitário, prevalecerão para o pessoal do Instituto, as disposições do regulamento da Secretaria da Educação e Saúde Pública, quanto às substituições, férias, faltas de comparecimento, penas disciplinares, em tudo quanto lhe seja aplicável.

Art. 26 — As omissões e dúvidas deste regimento serão resolvidas pelo diretor do Instituto, com aprovação do diretor do Serviço Sanitário e do Secretário da Educação e Saúde Pública.

— 7 —

NOVA MODIFICAÇÃO DO PESSOAL

É mínima a mudança do pessoal em 1932. O escriturário Álvaro Sales abandonou o cargo em julho, tendo sido substituído por Cleno Machado.

A modificação mais importante foi a extinção de um lugar de assistente, ocupado pelo dr. Urbano Silveira (no momento comissionado no Instituto Pasteur) (129). Este lugar foi suprimido com o escopo de ser criado outro no Instituto Pasteur, para que fôsse ocupado pelo mesmo dr. Urbano Silveira. O dr. Urbano estava trabalhando no Instituto Bacteriológico em caráter provisório, pelo fato de o diretor-geral do Serviço Sanitário, João de Barros Barreto, ter extinto o seu cargo anterior, que era justamente o de assistente do Instituto Pasteur, cargo este agora, em 1 de outubro, recomposto.

Ainda as técnicas de laboratório Maria Arantes e Lúcia Queirós Teles licenciaram-se, sendo substituídas por Leopoldina Custódio de Lima. Maria José Reys, que vinha substituindo Clodilde de Matos, deixou o lugar para Filomena de Barros Magaldi, quando a funcionária Clotilde pediu prolongamento de sua licença. Esta mesma funcionária, d. Clotilde de Matos, pediu, em agosto de 1933, demissão de seu cargo, estabelecendo-se por isto, um concurso para preenchimento da vaga. Classificou-se em 1.º lugar, a última substituta, d. Filomena de Barros Magaldi, que logo em seguida foi

(129) — O dr. Urbano entrou em férias de 1.º de julho até 17 do mesmo mês. Em 18, quando deveria reassumir, foi comissionado para trabalhar no Instituto Pasteur.

nomeada para o lugar. Participaram dêste concurso os funcionários efetivos ou contratados, que assim o desejaram.

Ainda em 1933 o zelador Savério Felice, o mais antigo funcionário, que há mais de 40 anos exercia suas funções, requereu aposentadoria em julho. O servente Antônio Amorosino foi nomeado para seu lugar e para o de Amorosino, Cassiodoro Washington Moreno. Francisco Antônio Faraco, também um dos mais antigos serventes, aposentou-se, ocupando seu lugar, o guarda-noturno Manuel Ressurreição Lourenço.

Em 1933 foi novamente dada ao Instituto, uma seção de Anatomia Patológica (antes anexada à Faculdade de Medicina). Desta feita foi contratado para o lugar de assistente anátomo-patologista, em 13 de novembro, o dr. João Batista de Freitas Montenegro, por indicação do dr. José Pedro de Carvalho Lima.

Em janeiro foram nomeados os serventes Benedito Kiliam e João Evangelista de Ataíde Marcondes. O primeiro, em maio, foi removido para a Inspeção de Moléstias Infecciosas, de onde veio, para o Instituto Bacteriológico, outro servente: Crescêncio Natale.

— 8 —

MENINGITE CEREBROSPINAL

Em 1934 salienta-se a epidemia de meningite cerebrospinal epidêmica, surgida em Piraçununga, no segundo semestre do ano, durante a qual o Instituto Bacteriológico desempenhou papel de relêvo, no seu combate.

Em 2 de agosto foram e chegaram àquela cidade os drs. Otávio Gavião Gonzaga, diretor-geral do Serviço Sanitário, José Pedro de Carvalho Lima, diretor do Instituto Bacteriológico e Humberto Pascale, inspetor-geral do Interior. Seguiu ainda Eugênio Custódio de Lima, técnico de laboratório do Instituto Bacteriológico.

Em Piraçununga êsses diretores, em companhia do prefeito da cidade e do dr. Arruda Roso, delegado de Saúde de Campinas, além de médicos da localidade, estabeleceram normas para evitar que o flagelo (meningite) se alastrasse francamente. Fizeram distribuir folhetos elucidativos pela cidade.

Foi então organizado um laboratório que ficou sob a orientação do técnico Eugênio C. Lima, e tomadas outras medidas de caráter preventivo e defensivo. Em Piraçununga ficou também o servente Cassiodoro Washington Moreno, que serviu no preparo de meios de cultura.

Eis o que diz o relatório do Instituto Bacteriológico, a respeito desta epidemia :

“Quem primeiro tomou as providências sôbre a meningite cerebrospinal epidêmica em Piraçununga, foi o capitão Herbert de Vasconcelos, médico do 2.º R. C. D. Quando deu-se o primeiro caso no quartel, êle mandou acampar tôda tropa que estava fora, em lugar bem retirado para assim não contaminarem-se.

Mandou que se fizesse diariamente inalações e gargarejos em todo o batalhão inclusive a tropa acampada.

Comunicou ao Serviço Sanitário e fêz pessoalmente providenciar a inspeção ao local sôbre a meningite cerebrospinal epidêmica. Mandou que interditasse o sítio do sr.

Spoljaric onde deu-se o caso Tomás Spoljaric. O sítio, em tôdas as passagens, ficava de guarda um soldado da policia, não deixando passar fôsse quem fôsse.

A casa do sr. Benedito Mineiro também ficou interdita e todo o gênero alimentício era fornecido pela Prefeitura Municipal até exame confirmado negativo dos suspeitos portadores de germes."

Pelo laboratório formado em Piraçununga, foram feitos 1.044 exames, sendo observado 484 casos portadores, 1 caso portador positivo e 4 exames positivos. Bons e eficientes foram os trabalhos dos funcionários do Bacteriológico em Piraçununga, que o prefeito municipal, Amador Franco da Silva externou seus agradecimentos em nome da população, com palavras as mais elogiosas.

— 9 —

APELOS

Em 1935 e 1936 o diretor, dr. Carvalho Lima, em seus relatórios correspondentes àqueles anos, não se esqueceu, de salientar a precariedade das instalações do Instituto Bacteriológico e sugerir imediatas soluções. Diz êle :

"... as acomodações do Instituto, são praticamente as que existiam há 40 anos atrás..."

"Em 1915, no Instituto Bacteriológico se praticavam pouco mais de dois mil exames por ano. Já por essa época o prof. Martím Ficker, então orientador científico do Instituto, solicitado pelo Governo para elaborar um plano de remodelação, frizava em primeiro plano, a situação precária em que se encontra o prédio e suas instalações.

Hoje, passados 20 anos, o prédio e as instalações são os mesmos, o que significa que a situação do Instituto atingiu a gravidade máxima. No tocante as pesquisas científicas, o Instituto estacionou. Não há esforço capaz de salvá-lo duma iminente fossilização. É uma luta verdadeira contra o gravíssimo problema da falta de espaço. Todos os cantos e recantos são aproveitados para os serviços de rotina.

Urgem providências imediatas."

Em 1936 as palavras foram mais ou menos as mesmas: "Infelizmente o ano decorreu sem que o angustioso problema da adequada instalação do Instituto fôsse resolvido, apesar de há mais de vinte anos se reclamar essa solução".

Em 1937 nova esperança surge com o início da construção do novo prédio. Seria localizado próximo àquele onde até agora funcionava, entre a Faculdade de Medicina e o Hospital de Isolamento. Êste novo prédio é o atual que abriga o Instituto Adolfo Lutz em nossos dias. Em comparação com o velho Instituto Bacteriológico êle é enorme, mas já se tornou tremendamente acanhado, com o ininterrupto crescimento dos serviços a que se dedica. Mais uma vez torna-se necessária sua ampliação.

Em 1937 entraram para o Instituto os seguintes funcionários contratados, pertencentes ao Serviço Especial contra a Febre Amarela: Ana Teresa Arantes, em 9 de abril; Ettore Rugai, em 19 de junho; Elza M. F. do Amaral, em 28 de junho; dr. Augusto Escragnolle Taunay, em 1 de julho; Leopoldina Custódio de Lima, em 8 de julho; Consuelo Montenegro, em 20 de julho; Valdemar Alves de Freitas, em 14 de setembro; Luís Krug, em 16 de outubro; Saul de Camargo Neves, em 28 de novembro; Plácido

de Paula e Silva e Antônio Dibo, em 14 de dezembro, e Antenor Anacleto de Macedo, em 28 de dezembro.

Da Inspetoria de Moléstias Infecciosas, apenas um funcionário trabalhava no Instituto Bacteriológico. Era Henrique Cerquinho S. Correia, desde 2 de setembro.

Houve ainda várias substituições e permutas. São as que se seguem : Alexandre Malvéstio em substituição a Maria Arantes, desde 4 de março. Jorge Ferri em substituição a Francisco Carvalho, de 19 de maio a 19 de novembro. Antônio Vieira dos Santos em substituição a Jorge Ferri, de 19 de maio a 19 de novembro. Zilá Marcondes Faria em substituição a Leopoldina Custódio de Lima, desde 8 de julho. Benedito de Campos permutou com Cândido Silva em 14 de agosto.

O diretor, José Pedro de Carvalho Lima, durante suas férias de 21 a 30 de junho, foi substituído pelo dr. Luís Salles Gomes.

XIII

Em 1938 mais uma reforma vem dar nova estrutura ao Serviço Sanitário que agora passa a chamar-se Departamento de Saúde do Estado.

Trata-se do decreto n.º 9.247 de 17 de junho, assinado pelo interventor federal em São Paulo, Ademar Pereira de Barros e o secretário da Educação e Saúde Pública, Mariano de Oliveira Wendel.

No relatório do Instituto Bacteriológico o dr. Carvalho Lima comenta esta reforma, naquilo que diz respeito ao Instituto que dirigia, pondo em relêvo, ao seu ver, suas deficiências. Vejamos a opinião do dr. Carvalho Lima :

"A reforma na parte do Serviço de Laboratórios de Saúde Pública não satisfaz. Em primeiro lugar, a diretoria do Serviço de Laboratórios precisa ser um órgão à parte, em vez de se confundir com a diretoria do Instituto Butantã. Entre as diretorias dos Institutos e a diretoria do Serviço de Laboratórios deveria haver um órgão coordenador que seria o conselho técnico.

No tocante ao Instituto Bacteriológico, a reforma dos laboratórios foi simplesmente infeliz. O pequeno aumento no corpo de técnicos foi insuficiente. Alguns pontos são básicos para o bom funcionamento do Instituto. De maior importância, a carreira de assistentes, a carreira de técnicos, a carreira de escriturários. Os assistentes foram colocados em situação de inferioridade ; em vez de passarem a assistentes-chefes, criando-se para os novos os cargos de assistentes auxiliares, como foi adotado no Butantã. Não é justo que assistentes que entram para o serviço, sejam imediatamente colocados em condições idênticas às dos assistentes que já trabalham há 20 — 30 anos, com grande bagagem de técnica e de trabalhos científicos.

Quanto aos técnicos, nesse particular, foram satisfeitos. Todavia o cargo inicial deveria ser de auxiliar de 2.ª classe e não o de servente técnico, exigindo-se para a entrada, pelo menos um certificado de curso secundário.

No tocante ao pessoal da secretaria, é urgente um reajustamento no quadro do Instituto. São três terceiros escriturários desde 1926. Os serviços entretanto, aumentaram extraordinariamente e por mais que se procure sanar a dificuldade, utilizando-se na secretaria, pessoal técnico e até serventes, o serviço sofre extraordinariamente e nunca pode estar em dia.

Em resumo, a luta é insana contra a falta de pessoal. A parte técnica dela se ressentiu extraordinariamente porque o número de exames cresce vertiginosamente, acompanhando o progresso de São Paulo e dos seus serviços de Saúde.

Exames como os de Wassermann e Kahn, para diagnóstico da sífilis, que o Instituto praticava três vezes por semana, tiveram que ser feitos diariamente e numa média considerável, ocupando os serviços de nada menos que um assistente e quatro auxiliares, sem contar a parte feita por serventes, como sangramento dos animais que fornecem os elementos necessários às reações e o preparo da vidraria.

O mesmo sucede com os exames para diagnosticar a difteria, febre tifóide, disenterias e muitos outros.

Todo o Estado de São Paulo, por todos os seus serviços e instituições se utiliza do Instituto Bacteriológico : o Departamento de Saúde pelas suas diferentes seções, principalmente o Hospital de Isolamento e o Serviço de Epidemiologia e Profilaxia Gerais, todos os Centros de Saúde da Capital e Postos do Interior, a Força Pública, a Guarda Civil, o Departamento de Educação Física, a Assistência, os Presídios, as instituições de caridade, os reformatórios, o público em geral, os clínicos do interior e da Capital e até os Estados vizinhos, às vezes

E os assistentes e técnicos, comprimidos nos sórdidos laboratórios trabalham com condições para bem servir a São Paulo e ao Brasil, na esperança de que os seus Governos encarem a situação com a atenção que o caso deveria merecer."

— 1 —

RESPONSABILIDADES

Estava assim subdividido o Instituto Bacteriológico, com esta reforma de 1938 :

A cargo do dr. Carvalho Lima estavam as seções de Pesquisas, Hemoculturas e Identificação de Culturas. Com o dr. Bruno Rangel Pestana estavam as seções : A (difteria e tuberculose, cultura) : Odila Maria F. Q. Ferreira ; B (meningite e exame de esterilidade de ampólas) : Lídia Calazans Carvalho ; C (exames bacteriológicos de fezes) : Maria José Faraco ; D (exames parasitológicos das fezes e de escarros) : Gabriel Garcia Figueiredo ; E (exames de água e de desinfetantes) ; F (diversos exames) : Ettore Rugai. Os nomes que secundam cada seção eram os de seus responsáveis, subordinados ao dr. Rangel Pestana.

A secretaria estava a cargo do escriturário Alencar Mouth. Finalmente, o zelador é Antônio Amorosino, responsável pelo prédio, no que dizia respeito à conservação e limpeza. Ainda zela pela portaria, biotério e serventes em geral.

— 2 —

DISTRIBUIÇÃO DO PESSOAL

Nos últimos dias de 1939 estava desta forma organizado o pessoal do Instituto Bacteriológico : diretor : José Pedro de Carvalho Lima ; assistentes bacteriologistas : Alberto França Gomes Martins, Augusto Escragnolle Taunay, Bruno Rangel Pestana, Joaquim Pires Fleury e Luís Salles Gomes ; assistente anátomo-patologista : João Batista de Freitas Montenegro ; assistente micologista : Nicolau Maria Rossetti ; bibliotecário : Doraci Augusto Leite ; terceiros escriturários : Ana Teresa Arantes, Lúcia da Costa Sampaio e Milton Franco de Noronha ; porteiro : Antônio Vieira dos Santos ; zelador : Antônio Amorosino ; técnicos de laboratório : Ana Faraco, Eugênio Custódio de Lima, Filomena de Barros Magaldi Jordão, José Elói Pupo, Lúcia de Queirós Teles, Lídia Calazans de Carvalho, Maria Arantes, Maria Carolina Andrade, Maria José Faraco e Odila Maria Flora Quirino Ferreira ; auxiliares técnicos de 1.^a classe : Adrião Neves de Moraes, Alexandre Malvéstio, Francisco Jorge Martins, Gabriel Garcia de Figueiredo, José Rosa de Castro Pereira e Maria José Reys ; auxiliares técnicos de 2.^a classe : Cassiodoro Washington Moreno, Ettore Rugai, Jorge Ferri, e Leopoldina de Lima Viana ; serventes : Antônio de Paula Maciel, Conrado Pereira Pinto, Crescêncio Natale, Donato Damato, João Marques Félix da Silva, João Mendes, José Gimenes Camunha, Manuel Ressurreição Lourenço, Marcelina Judité Zuim e Zilá de Faria Marcondes ; serventes : Antenor Anacleto de Macedo, Antônio Pacheco de Sousa, Luís Krug, Maria Silva Neto, Olavo Ramos, Plácido Silva e um sétimo lugar ainda vago.

O dr. Joaquim Pires Fleury ficou responsável pelas reações de Vidal e Weil-Félix e pelas hemoculturas em bile, para diagnóstico das febres ti-

fóide e paratifóide. No segundo semestre do ano ficaram também a seu cargo as reações de Wassermann e Kahn.

A seção de vírus estêve a cargo do dr. Luís Salles Gomes, principalmente com respeito à febre amarela, tifo exantemático, varíola e vacina, e linfo granulomatose em geral.

A seção de anatomia-patológica estava sob a orientação do dr. João Montenegro. Era seu auxiliar o dr. Augusto Eseragnolle Taunay, nomeado assistente microbiologista do Instituto Bacteriológico.

A seção de protozoologia ficou com o dr. Alberto França Gomes Martins, nomeado em 23 de agosto de 1938.

O dr. Nicolau Maria Rossetti foi nomeado assistente micologista nos últimos dias do ano, ou melhor em 23 de dezembro, tendo, entretanto, tomado posse somente em 2 de janeiro de 1939.

Havia mais uma seção, orientada pelo técnico Alexandre Malvéstio. Era a de meios de cultura.

A biblioteca ficou a cargo de Manuel Bittencourt Rebelo Júnior, no lugar de Doraci Augusto Leite, agora na chefia da contabilidade e com a colaboração de d. Elza Montenegro do Amaral.

Além destes funcionários efetivos havia ainda outros contratados. Eram :

Datilógrafa : Celina Bulcão de Gusmão.

Auxiliares de laboratório : Angelina Franco Faraco, Dirce Saldanha, Maria Aparecida Moreno e Lourdes da Silva Leite.

Serventes : José Pontes e Salustiano Quintas.

A distribuição dos serviços continuou a ser, praticamente, a mesma do ano anterior. Neste ano de 1939 o dr. Carvalho Lima apresentou ao diretor geral do Departamento de Saúde, um projeto para remodelação dos serviços em geral, que segundo seu modo de ver, tornaria "modelar a atividade do Instituto Bacteriológico."

Eis sua sugestão :

"Os serviços do Instituto seriam distribuídos por três seções : Bacteriologia, Parasitologia e Anatomia Patológica.

À seção de Bacteriologia caberia fazer todos os exames bacteriológicos e sorológicos, necessários aos diagnósticos das moléstias infeto-contagiosas, à verificação dos portadores de germes e dos estados de imunidade, distribuídos pelas subseções seguintes : Esterilização e meios de cultura ; Diagnósticos bacteriológicos ; Diagnósticos sorológicos ; Exames bacteriológicos de água, leite e desinfetantes ; Vírus e epizootias.

A direção dessas subseções caberia aos assistentes, de acordo com a categoria, a capacidade e o tempo de serviço. Seria obrigatório o início pela subseção de esterilização e meios de cultura.

À seção de Parasitologia competiria fazer os exames parasitológicos em geral, distribuídos pelas subseções seguintes : Parasitologia geral ; Protozoologia ; e Micologia.

Inicialmente os assistentes ao entrarem para o Instituto, teriam encargos de rotina, desde os exames para pesquisa de ovos de vermes e protozoários em geral, até exames mais delicados, como provas sorológicas e outros indicados. Só mais tarde se incumbiriam de serviços especializados.

À seção de Anatomia Patológica competiria fazer os exames histopatológicos, as autópsias, a colheita de material para exames histopatológicos.

Os assistentes novos antes de se encarregarem dos principais serviços da seção, teriam o encargo de orientar o serviço de bioterio, autopsiar os animais mortos, inocular ou não”.

Era estagiário do Instituto, em 1939, o dr. Manuel de Britto e Silva. Existiam nesta época 69 funcionários, dos quais 51 efetivos, 7 contratados, 4 comissionados e 7 praticantes.

Foi o seguinte o movimento desses funcionários durante o ano:

Foram nomeados Lúcia da Costa Sampaio, 3.º escriturário do Serviço de Policiamento da Alimentação Pública, para cargo idêntico no Instituto Bacteriológico e Milton Franco de Noronha, 4.º escriturário do Almoxarifado, que veio para o Instituto como 3.º escriturário.

Foram promovidos Cassiodoro Washington Moreno, de servente técnico para auxiliar técnico de 2.ª classe, na vaga de Consuelo Bastos Montenegro, em 26 de julho. Antônio de Paula Maciel, de servente para servente técnico, na vaga de Cassiodoro Washington Moreno, na mesma data acima. Marcelina Judite Zuim, de servente para servente técnico, na vaga de Lúcio Pena de Carvalho Lima, em 14 de novembro de 1939.

Foram exonerados a pedido Lúcio Pena de Carvalho Lima (filho do diretor dr. Carvalho Lima, hoje médico e professor da Faculdade de Farmácia de São Paulo), que ocupava o lugar de servente técnico e Manuel Bittencourt Rebelo Júnior, 3.º escriturário, que serviu durante o ano como bibliotecário. Rebelo Júnior é hoje conhecido comentarista esportivo da nossa radiodifusão.

Foram removidos: Consuelo Bastos Montenegro, auxiliar técnico de 2.ª classe, para o Serviço de Profilaxia da Malária, como 1.º técnico, em 4 de abril; Alencar Mouth, 3.º escriturário, para o Almoxarifado da Divisão Administrativa, como 2.º escriturário, em 20 de junho.

Estavam comissionados: dr. Luís Salles Gomes, em viagem pelos Estados Unidos; Ettore Rugai, auxiliar técnico de 2.ª classe, no Instituto Butantã; Cora Sales, funcionária dos Centros de Saúde, em comissão no Instituto Bacteriológico; Eduardo Pinho de Oliveira, 3.º escriturário do Serviço de Epidemiologia e Profilaxia Gerais, comissionado no Instituto Bacteriológico; Maria da Conceição Nistal, enfermeira do Hospital de Isolamento Emílio Ribas, comissionada no Instituto Bacteriológico; Ana Fortes do Amaral, auxiliar técnico da Divisão Administrativa, comissionada no Instituto Bacteriológico; Ione Quartim de Moraes, 3.º escriturário do Serviço de Fiscalização do Exercício Profissional, comissionada no Instituto Bacteriológico; dr. Sebastião de Camargo Calazans, assistente-chefe do Instituto Butantã, comissionado no Instituto Bacteriológico e Antônio de Almeida Cardone, 2.º escriturário do Serviço de Enfermagem, comissionado no Instituto Bacteriológico.

— 3 —

O NOVO PRÉDIO

A construção do novo prédio foi autorizada pelo governador José Joaquim Cardoso de Melo Neto, que ao mesmo tempo abriu o crédito necessário para o início das obras, a cargo do engenheiro Bóris Potiekhin, mais tarde concluídas pelo escritório Palma Travassos.

Este novo prédio foi a resposta a vários anos de insistentes e ininterruptas reclamações sobre a precariedade do velho edifício e necessidade urgente de nova sede. Vários diretores fizeram sentir a carência de ambiente para o Instituto Bacteriológico, sempre, entretanto, sem uma resposta que mais tarde se concretizasse em pedra e cal. Os diversos governos do Estado permaneceram praticamente insensíveis frente ao angustioso problema de espaço e inconveniência de local que obstavam, obviamente, o progresso e ampliação dos serviços da Casa de Adolfo Lutz. Foi somente em 1937 que o Governador J. J. Cardoso de Melo Neto (130) concordou com a ereção do prédio que hoje é visto entre a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e o Hospital de Isolamento Emílio Ribas, sendo Secretário da Saúde, dr. Francisco Salles Gomes Júnior e diretor geral do Serviço Sanitário, dr. Sebastião de Camargo Calazans.

Foi o projeto primitivamente ideado para abrigar somente o Instituto Bacteriológico, sofrendo posteriormente modificações várias, para que pudesse também, alojar o Laboratório de Análises Químicas, que seria, como foi, fundido ao Bacteriológico. A modificação de maior porte reside no acréscimo de mais um pavimento, destinado à Bromatologia e Química.

Quando em 1938 Ademar Pereira de Barros assumiu o governo do Estado, como interventor federal, e estava a construção bastante avançada, foi ordenada a paralização das obras sob a alegação de que pelo local onde o esqueleto de concreto se mostrava já majestoso, deveria passar uma via pública, para o fácil acesso ao Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina. Pensaram até em demolir aquilo que já estava erguido.

Ademar de Barros, depois de uma visita às obras, ordenou que fôsem concluídas.

Assim nasceu o prédio do Instituto Adolfo Lutz. Um nascimento tão tumultuoso quanto sua vida até aqui.

Finalmente em meios de 1940, o edifício estava em última fase de acabamento, e nos primeiros dias de setembro mudou-se o Laboratório de Análises Químicas e em outubro o Instituto Bacteriológico.

— 4 —

A INAUGURAÇÃO

Em 26 de outubro de 1940 o interventor federal em São Paulo, assinou o decreto n.º 11.526, criando o Instituto Adolfo Lutz, que nada mais era, como dissemos antes, o amálgama dos Institutos Bacteriológico e de Aná-

(130) — José Joaquim Cardoso de Melo Neto nasceu em São Paulo no dia 19 de julho de 1883. Formou-se em direito pela Faculdade paulista onde lecionou até novembro de 1953, quando foi aposentado e homenageado com o título de professor emérito de nossa Faculdade de Direito. Ingressou no magistério em 1917, lecionando as cadeiras que formavam a 5.ª seção, isto é, Direito Administrativo e Ciência da Administração, Económica Política e Ciência das Finanças. Foi diretor da Faculdade e governador do Estado de São Paulo.

lises Químicas. A nova denominação foi em homenagem àquele que glorificou a medicina experimental brasileira e que aqui labutou durante cerca de 16 anos e que agora, em 1940, no dia 6 de setembro, falece no Rio de Janeiro.

Vamos dar a palavra ao dr. Carvalho Lima :

“O nome de Instituto Adolfo Lutz foi por nós lembrado desde que se pensou em fundir diversos laboratórios para constituírem o Laboratório Central de Saúde Pública. Foi por sugestão nossa que Borges Vieira assim o denominou na sua reforma há tempos proposta ao Governo do Estado.

Evidentemente um laboratório que além das suas atribuições atinentes ao diagnóstico das moléstias infecciosas, tivesse outros encargos, como os ligados à Bromatologia e Química, não poderia continuar com a denominação, embora gloriosa e tradicional de Instituto Bacteriológico. Além disso, para nós, quem diz Instituto Adolfo Lutz, pensa em Instituto Bacteriológico, tal foi a proeminência do grande biólogo na vida do velho estabelecimento científico.

A morte de Adolfo Lutz, ocorrido no momento em que se deveria organizar o novo Laboratório Central de Saúde Pública de São Paulo, deu ensejo a que o Governo de São Paulo prestasse ao saudoso mestre a mais significativa e merecida homenagem.

Realizou-se no dia 27 de outubro de 1940, às 10 horas, com toda a solenidade, a inauguração do Instituto Adolfo Lutz, à avenida Dr. Arnaldo, entre a Faculdade de Medicina e o Hospital de Isolamento.

Aquela hora, quando chegou o interventor Ademar de Barros, acompanhado do major Gentil de Castro Filho e de seus auxiliares da Casa Civil, já ali se encontravam, além de grande número de médicos ligados às organizações de medicina ou pertencentes às repartições dependentes do Departamento de Saúde, os srs. Mário Lins, secretário da Educação ; general Maurício Cardoso, comandante da 2.^a Região Militar ; Gofredo da Silva Teles, presidente do Departamento Administrativo ; Guilherme Winter, secretário da Viação ; Humberto Pascale, diretor-geral do Departamento de Saúde ; cel. Mário Xavier, comandante-geral da Força Policial do Estado ; cel. Cristiano Klingelhofer, diretor da Guarda Civil ; J. B. Gomes Ferraz, diretor do Departamento das Municipalidades ; Henrique Jorge Guedes, diretor da Escola Politécnica ; Afonso de Taunay, diretor do Museu Paulista ; Alves Palma, diretor do Serviço de Loterias do Estado ; Paulo de Lima Correia, diretor superintendente da Indústria Animal ; João Paulo Vieira, diretor do Serviço de Combate ao Pênfigo Foliáceo ; Jaime Cavalcanti, diretor do Instituto Butantã ; Lélis Vieira, diretor do Arquivo do Estado ; Juvenal Rodrigues de Moraes, subdiretor da Diretoria de Propaganda ; Alfredo Elis Júnior, diretor da Faculdade de Filosofia ; Carvalho Parreiras, diretor do Serviço de Fiscalização do Exercício Profissional ; Manuel Carlos de Siqueira, diretor do Departamento Estadual do Trabalho ; Eduardo Vaz, Nicolino Morena, Couto Esher ; dr. Salles Gomes, diretor do Departamento do Serviço Social e muitas outras pessoas cujos nomes não puderam ser anotados e entre as quais viam-se senhoras e senhoritas da alta sociedade paulistana.

Ao entrar no “hall” do novo edifício, foi o interventor Ademar de Barros saudado pelo dr. Humberto Pascale, diretor do Departamento de Saúde, que pronunciou um rápido discurso alusivo ao ato e pediu a s. excia. que descerrasse a placa de bronze ali colocada.

A seguir subiram todos, acompanhando o chefe do Governo paulista até ao salão nobre do Instituto onde s. excia. tomou assento à mesa que ia dirigir os trabalhos, tendo a seus lados os srs. general Maurício Cardoso, Gofredo da Silva Teles, Mário Lins, Guilherme Winter e os representantes da família do grande cientista que deu nome à nova instituição, dra. Berta Lutz e Vaiter Lutz, e major Marinho Lutz, filhos e sobrinho do saudoso Adolfo Lutz, recentemente falecido na Capital da República.

Logo depois de tomar assento à mesa e de terem as demais pessoas presentes entrado para o grande salão, o interventor Ademar de Barros considerou inaugurado o edifício e instalado o Instituto Adolfo Lutz, dando a palavra ao diretor dessa instituição, dr. Carvalho Lima.”

O dr. Carvalho Lima fez um longo histórico do velho Instituto Bacteriológico e citou passagens da vida do seu antigo diretor, o dr. Lutz. Falaram ainda o secretário da Educação, dr. Mário Guimarães de Barros Lins e o dr. Gofredo da Silva Teles, presidente do Departamento Administrativo.

NOVAS DIRETRIZES

Diz o relatório do Instituto, referente ao ano de 1940 :

“O decreto que criou o Instituto Adolfo Lutz traçou-lhe diretrizes de grande alcance. Instituiu a carreira de biólogo, uma das nossas maiores aspirações. Até então, um assistente que já contasse 30 anos de serviço e um recém-formado que entrasse para o quadro, percebiam os mesmos vencimentos. Nenhum direito ou regalia a mais, nenhum aumento ou vantagem para quem empregasse o melhor de sua mocidade na manutenção do prestígio do Instituto. As outras carreiras, como a de químico, a de técnico de laboratório e mesmo a de escriturário, muito concorrem para maior estímulo geral. Foi exigido carta de escola superior para biólogos e químicos, e curso secundário para os técnicos. Sem bases de humanidades não se formam técnicos.

A distribuição do Instituto nas três subdivisões : Técnico-administrativa, de Microbiologia e Diagnóstico e de Bromatologia e Química, permitiu repartir os serviços e atribuições, promovendo uma colaboração mútua e eficiente e aliviando a Diretoria de certos encargos burocráticos, que consumiam boa parte de seu tempo. Também a disciplina interna muito se beneficiou com essa divisão do trabalho.

Na parte técnico-administrativa, além dos encargos da Secretaria, ficaram os serviços de Meios de Cultura, Análises Clínicas e Biotério, o que redundou num melhor aproveitamento do pessoal, grande eficiência e controle na distribuição de meios de cultura, vasilhame e animais de laboratório. Para as análises clínicas o Governo estabeleceu preços. O funcionamento do laboratório de análises clínicas, após a regulamentação do Instituto e uma propaganda eficiente, não só beneficiará os Serviços de Saúde Pública e o público em geral, como poderá constituir apreciável fonte de renda para o Estado.

A subdivisão de Microbiologia e Diagnóstico enfeixou três seções : Bacteriologia, Parasitologia e Anatomia Patológica. Em poucos meses tivemos a prova do acerto da medida.

A subdivisão de Bromatologia e Química estabeleceu as seções seguintes : Bromatologia, Química Farmacêutica e Química Aplicada. Nessa subdivisão pensamos criar nova seção : a de controles biológicos. Essa seção, a cargo de biólogo, desempenhará papel proeminente na vida do Instituto. Aí se fará o controle dos produtos biológicos, como soros, vacinas, etc., verificar-se-á a esterilidade dos produtos fabricados pelo Estado ou vendidos no mercado, inclusive do material empregado nas suturas cirúrgicas ; far-se-á o controle biológico dos alimentos, inclusive microscopia alimentar, exames para pesquisa de anaeróbios em geral e botulismo em particular, e será, também, encarregada do controle biológico de água e leite”.

O novo prédio estava assim distribuído :

PORÃO : Almoxarifado, Seção de Desenho, Microfotografia, vestiário de senhoras, vestiário de homens, sala de lanche, copa, cozinha, rouparia e depósito.

TÉRREO : Portaria, Seção de Anatomia Patológica, Seção de Controles Biológicos, Subseção de Registro, Consultório, Laboratório de Análises Clínicas e Subseção de Meios de Cultura e Esterilização.

1.º PAVIMENTO : Sala da diretoria, sala do subchefe da Divisão Técnico Administrativa, Biblioteca e sala de leitura, Seção de Parasitologia, laboratório do diretor e Museu de Cultura e Secretaria.

2.º PAVIMENTO : Sala de conferência, Subseção de Exames Bacteriológicos em Geral, Subseção de Exames Coprológicos, sala do chefe da Subdivisão de Microbiologia e Diagnóstico e Subseção de Vírus e Epizootias, Subseção de Exames Sorológicos e Hemocultura.

3.º PAVIMENTO : Subdivisão de Bromatologia e Química, Seção de Química Farmacêutica e Seção de Química Aplicada.

PESSOAL INICIAL DO NOVO INSTITUTO

Com a criação do Instituto Adolfo Lutz, ficaram estabelecidas as carreiras, com um certo número de funcionários, pequeno ao ver do dr. Carvalho Lima, faltando técnicos e escriturários, principalmente.

Eram êstes os funcionários, distribuídos em suas respectivas seções :

Directoria — dr. José Pedro de Carvalho Lima, diretor (biólogo médico); dr. Hassib Ashcar, assistente (médico); *Subdivisão Técnico-administrativa* — dr. Alberto França Gomes Martins, chefe de subdivisão (biólogo); Doraci Augusto Leite, 1.º escriturário; José Henrique Turner, 2.º escriturário; Lúcia da Costa Sampaio e Milton Franco de Noronha, 3.ºs escriturários; Ana Fortes do Amaral, Celina Bulcão de Gusmão e Lourdes da Silva Leite, 4.ºs escriturários; Elza Montenegro Ferreira do Amaral, Maria Amélia Vasconcelos, José Gimenes Camunha, Renata Scandura, 5.ºs escriturários; Olinda English Hempel, bibliotecário; Ana Teresa Arantes, almoxarife; Eugênio Custódio de Lima, desenhista microscopista; José Elói Pupo, fotomicrografo; Antônio Vieira dos Santos, porteiro; José Marques Félix da Silva, zelador; André Detondo, Antônio Pacheco de Sousa, Antônio Leite de Moraes, Antônio de Paula Maciel, Antenor Anacleto de Macedo, Alfredo Galiazzo, Artur da Silva, Benjamim Correia Romariz, Barnabé Angelo Nuvolara, Crescêncio Natale, Conrado Pereira Pinto, Donato Damato, Eduardo Pereira, Ernani Franco de Campos, Geraldino de Oliveira Filho, João Mendes, José Pontes, João Bernardino dos Santos, José dos Santos Oliveira, Joaquim Guimarães Filho, Luís Krug, Manuel da Ressurreição Lourenço, Marcelina Judite Zuim, Maria da Glória Raposo, Maria da Silva Neto, Mário de Godói, Milton Xavier, Orlando Pandulfo, Olavo Ramos, Placídio de Paula e Silva, Salustiano Quintas, Vail Natale, Zilá de Faria Marcondes, Joaquim Justo Ramos e Juvenal de Oliveira, serventes; *Subdivisão de Microbiologia e Diagnóstico* — dr. Luís de Salles Gomes, chefe de subdivisão (biólogo médico); dr. João Batista de Freitas Montenegro, dr. Joaquim Pires Fleury, e dr. Nicolau Maria Rossetti, biólogos chefes; dr. Augusto Escragnolle Taunay e dr. Ariosto Büller Souto, biólogos de primeira; Lúcia de Queirós Teles e Maria Arantes, biólogas de segunda; Ettore Rugai e dr. Manuel de Britto e Silva, biólogos de terceira; Ana Faraco, Filomena de Barros Magaldi Jordão, Lídia Calazans de Carvalho, Maria Carolina de Andrade, Maria José Faraco e Odila Maria Flora Quirino Ferreira, técnicos de laboratório de primeira; Adrião Neves de Moraes, Alexandre Malvéstio, Antônio Amorosino, Francisco Jorge Martins, Gabriel Garcia de Figueiredo, José Rosa de Castro Pereira e Maria José Reys, técnicos de laboratório de segunda; Angelina Faraco, Cassiodoro Washington Moreno, Dirce Saldanha, Jorge Ferri, Leopoldina de Lima Viana e Maria Aparecida Moreno, técnicos de laboratório de terceira; *Subdivisão de Bromatologia e Química* — dr. Bruno Rangel Pestana, chefe de subdivisão (químico); Cendi de Castro Guimarães, Mário Sales Bueno Penteado e Renato Fonseca Ribeiro, químicos chefes; Erna Maerz, Mário Sampaio Melo e Olívia de Godói, químicos de primeira; Antônio Carlos Seixas, Cândida Fonseca, Celina Fonseca, Lúcia Aché, Maria da Conceição F. Monteiro, Maria José C. Teixeira, Odila

Pedroso Póvoa, Vicentina Cunha Fleury Correia, Admar Vaz Sampaio e Olga de Barros César, químicos de segunda ; Francisco Pedutti, Francisca Rosa, Carmen Speranza Piquet, Catarina Libonati Mormano, Cecília G. de Moura, Laura Abrantes Bueno, Luís Sampaio, João B. F. de Menezes Júnior, Júlia Salvatore Palazzi, Maria de A. Costa Valente, Rute de Lima Correia e Niza Aparecida Penteadó, químicos de terceira ; Antônio Moreira, Virgílio L. Arena e Nelson Cagno, técnicos de laboratório de primeira ; Epaminondas França Filho, Justina Schmidt Junqueira, Olga Hueke e Maria da Conceição Nistal, técnicos de laboratório de segunda ; José da Silva Costa, Carlos Antônio de Barros, Maria de Lourdes Barbosa, Maria Marques César, Maria Rossi, Ana David e Constâncio Pimenta Vaz Guimarães, técnicos de laboratório de terceira.

Além desses funcionários, integrantes dos quadros, haviam outros, adidos ao Instituto Adolfo Lutz, comissionados, ou ainda, antes comissionados e agora fazendo parte do quadro.

Eram : dr. Sebastião de Camargo Calazans, assistente chefe do Instituto Butantã, comissionado no Adolfo Lutz, de 1 de janeiro até 31 de dezembro de 1940 ; Ione Quartim de Moraes, 3.º escriturário do Serviço de Fiscalização do Exercício Profissional, no mesmo período acima ; Ana Fortes do Amaral, auxiliar técnico de segunda, da Divisão Administrativa, de 1 de janeiro a 27 de outubro ; Úrsula de Sousa Fróis, auxiliar de laboratório do Serviço de Leishmaniose, de 1 de janeiro a 31 de dezembro ; Maria da Conceição Nistal, enfermeira do Hospital de Isolamento, de 1 de janeiro a 27 de outubro. Os funcionários do Instituto Adolfo Lutz, comissionados fora, eram : Antônio Moreira, técnico de laboratório, no Serviço de Policiamento da Alimentação Pública, desde 27 de outubro ; Epaminondas França Filho, técnico de laboratório de segunda, no Serviço de Policiamento da Alimentação Pública, desde 27 de outubro. Os funcionários contratados eram poucos. Vejamos : auxiliares técnicos — Angelina Franco Faraco, Dircé Saldanha, Lourdes da Silva Leite e Maria Aparecida Moreno ; Celine Bulcão de Gusmão, datilógrafa ; José Pontes, servente. Todos êles contratados de 1 de janeiro a 27 de outubro de 1940. Os estagiários foram : dr. Manuel de Britto e Silva, de 1 de janeiro a 1 de junho ; Ana de Lima, de 1 de janeiro a 11 de setembro ; André Detondo, de 1 de janeiro a 27 de outubro ; Arnaldo Guimarães Filho, de 1 de janeiro a 31 de dezembro ; Dora de Matos Almeida, de 12 de fevereiro a 27 de março ; Elisiel Bergamini dos Santos, de 25 de setembro a 31 de dezembro ; Gilda Borba, de 9 de julho a 21 de agosto ; João Dibbo, de 17 de junho a 18 de junho ; João G. P. Moreira, de 19 de julho a 31 de julho ; Joaquim Bernardino Arruda, de 3 de dezembro a 23 de dezembro ; Júlio Lanzani, de 4 de novembro a 5 de novembro ; Milton Pássaro, de 1 de janeiro a 27 de outubro ; Valdomiro Siqueira Júnior, de 27 de junho a 11 de setembro e Salustiano Quintas, de 2 de janeiro a 27 de outubro. As substituições foram as que se seguem : Gabriel Garcia de Figueiredo, auxiliar técnico de primeira, substituiu Maria José Faraco, técnico de laboratório de 8 de janeiro a 17 de fevereiro ; Jorge Ferri, auxiliar técnico de segunda, substituiu Gabriel Garcia de Figueiredo de 8 de janeiro a 17 de fevereiro ; José Gimenes Camunha, servente técnico, substituiu Jorge Ferri de 8 de janeiro a 17 de fevereiro ; Francisco Jorge Martins, auxiliar técnico de primeira, substituiu José Elói Pupo de 19 de janeiro a 19 de abril ; Antônio Amorosino, zelador, substituiu José

Rosa de Castro Pereira de 16 de abril a 17 de julho; dr. Manuel de Britto e Silva, médico estagiário, substituiu o dr. Joaquim Pires Fleury, assistente, de 1 de junho a 27 de outubro; Antônio Vieira dos Santos, porteiro, substituiu Antônio Amorosino, zelador, de 16 de abril a 17 de julho; João Marques Félix da Silva, servente, substituiu Antônio Vieira dos Santos, porteiro, de 16 de abril a 17 de julho; Ettore Rugai, auxiliar de laboratório de segunda classe, substituiu Maria José Reys, auxiliar de laboratório de 1.^a classe, de 1 de julho a 1 de outubro; Crescêncio Natale, servente técnico, substituiu Ettore Rugai, auxiliar técnico de 2.^a classe, de 1 de julho a 1 de outubro; Lígia Arantes, técnico de primeira, substituiu Antônio Moreira de 27 de outubro a 31 de dezembro; e Maria Aparecida Guimarães, técnico de segunda, substituiu Epaminondas França Filho, técnico de segunda, de 27 de outubro a 31 de dezembro.

— 7 —

O BIOTÉRIO

A respeito do biotério, conta-nos o relatório de 1940 :

“Um biotério modelo fez parte do plano geral da construção do Instituto. Todavia, a firma construtora deixou para o fim a sua construção. Surgiram as primeiras dificuldades quando se quis localizar o biotério e o diretor do Hospital de Isolamento Emílio Ribas não permitiu afastamento suficiente. Removida essa dificuldade, estavam os alicerces abertos e algumas paredes se levantaram quando a Secretaria da Viação e Obras Públicas suspendeu as obras por falta de verba. Foi um golpe na vida do Instituto. Sem um biotério adequado será impossível o seu funcionamento perfeito. Foi preciso continuar ocupando o antigo prédio do Instituto Bacteriológico, como biotério e aguardar o exercício de 1941, para se cogitar novamente da construção.

No projeto do biotério figuram vários pavilhões para conservação e criação de diferentes animais de laboratório, tais como camundongos, ratos, cobaias, coelhos, macacos, cachorros, aves, carneiros, vitelos e até cavalos, sendo estes para fornecer sangue para meios de cultura. Cogitou-se dum pavilhão especial para os exames de peste, tifo exantemático e febre amarela. Haverá também um necrotério (com sala de autópsia e laboratório anexo para pesquisas de anatomia patológica. Haverá lavanderia, sala para o arquivo, sala para o preparo dos alimentos para os animais e forno incinerador.”

As atividades do Instituto, desenvolvidas durante o ano de 1940, transcreveremos nas páginas seguintes, constantes do relatório daquele ano. Até outubro foram os trabalhos executados no antigo prédio agora servindo como biotério (em nossos dias já demolido) e os demais no prédio novo, recém terminado.

Eis portanto, resumidamente, para terminarmos este volume, os trabalhos científicos e administrativos do Instituto Bacteriológico em seu último ano de existência sob esta denominação.

— 8 —

TRABALHOS DE ROTINA

Durante o ano foram feitos 67.647 exames na Subdivisão de Microbiologia e Diagnóstico e 1.143 (sômente em novembro e dezembro) na Subdivisão de Bromatologia e Química, perfazendo um total de 68.790.

RESUMO DOS PRINCIPAIS EXAMES FEITOS DURANTE 1940

MATERIAL DE NARIZ E GARGANTA		Estreptococos <i>viridans</i>	7
Bacilos diftéricos	7.359	Estreptococos inertes	2
Meningococos (portadores) ..	1.165	Reações de Wassermann	3
Associação fuso-espirilar.....	4	Enterococos	2
Muco nasal (pesq. bacilo de Hansen)	1	Contaminados	4
PUS		SANGUE	
Exame direto	24	Exame direto (pesquisa de hematozoários de Laveran) ..	128
Cultura	27	Reações de Wassermann	18.664
Pesquisa do bacilo de Koch ..	1	Reações de Kahn	18.313
Exame direto (pesq. gonococo) ..	4	Reações de Widal	1.775
Inoculações (pesq. bacilo Koch) ..	1	Reações de Weil Felix	1.778
Direto (Ziehl)	2	R. Wassermann (líquido cefalorraquidiano)	17
Direto (Gram).....	4	HEMOCULTURAS	
FEZES		Hemoculturas	1.402
Exame direto (protozoários e parasitas)	1.813	Bacilos típicos	374
Ovos de parasitas	5.447	Estafilococos dourados	33
Pesq. bacilo Koch	4	Estreptococos do grupo <i>viridans</i>	0
Culturas	482	Estreptococos <i>viridans</i>	4
Bacilos típicos (portadores) ..	135	Estreptococos hemolíticos ..	8
Bacilos disentéricos	812	Estafilococos <i>albus</i>	13
Bacilos disentéricos Y-Hiss ..	114	Bacilos <i>albus</i>	1
Bacilos disentéricos Flexner ..	29	Bacilos do grupo <i>coli</i>	1
Bacilos disentéricos do grupo Flexner	16	Bacilos <i>Coli communis</i>	1
Bacilos disentéricos Shiga ..	19	Pneumococos	14
Bacilos disentéricos Schmitz ..	9	Estafilococos brancos	8
Bacilos disentéricos <i>alkalescens</i> ..	6	Diplococos Gram positivos ..	2
Bacilos disentéricos atípicos ..	2	Diplococos Gram negativos ..	1
Bacilos disentéricos de Harris ..	1	Bacilo paratífico A	1
Bacilos típicos	28	Bacilo paratífico B	2
Paratífico A	1	Estreptococos do grupo inerte ..	1
Paratífico B	1	Estreptococos do grupo hemolítico ..	1
Pesq. bacilo de Koch	17	Estafilocos <i>aureus</i>	1
LÍQUIDO CEFALORRAQUIDIANO		ESCARRO	
Exames diretos	221	Exames diretos	6
Bacilos Gram negativos	23	Pesquisa do bacilo de Koch ..	137
Cocos Gram positivos	22	Inoculações (pesq. bacilo de Koch)	7
Diplococos Gram negativos ..	35	URINA	
Pesquisa do bacilo de Koch ..	101	Exames químicos	103
Diplococos Gram positivos ..	10	Culturas	30
Contaminados	1	Exames diretos (Ziehl)	1
Culturas	325	Exames diretos (Gram)	2
Meningococos	137	Identificação de vermes	1
Estreptococos hemolíticos ..	8	EXAMES DE ÁGUA	
Estreptococos não hemolíticos ..	3	103	
Pneumococos	22	NECROSCOPIAS	
Bacilos de Pfeiffer	39	23	
Estafilococos dourados	13	EXAMES HISTOPATOLÓGICOS	
Diplococos Gram negativos ..	20	195	
Estafilococos	8		
<i>Neisseria catarrhalis</i>	4		

LÍQUIDO DA PLEURA		Autópsias em ratos	21	
Inoculações (pesq. bac. Koch)	1	Cultura de vírus	29	
Culturas	5	Exame em lâminas c/esfregaço de cobaias	180	
Exames diretos	6	Pesquisa de riquetsias em esfregaço de cobaias	603	
Direto (Ziehl)	3	Pesquisa de riquetsias em esfregaço de cobaias para tifo exantemático	166	
Direto (Gram)	3	Pesquisa de riquetsias	307	
Culturas piogênicas	2	Pesquisa de riquetsias para tifo exantemático	2	
Pesquisas de pus	1	Pesquisa de hematozoários de Laveran	3	
ESPERMA		Pesquisa de <i>Leishmania</i> em esfregaço humano	20	
Exame direto (pesq. Gonococos)	1	Reações de Henry	43	
CULTURAS PARA VACINAS.		41	Reações de Weinberg	5
REAÇÃO DE RIVALTA.....		1	Sôro-aglutinação	19
PUS DE PLEURA			Cultura de urina	5
Cultura	1	Gonofixações	21	
CONTRÔLE DE ESTERILIDADE		365	Ultramicropscopia	229
EXAMES DE LEITES.....		27	Desvio do complemento para tuberculose	6
NASOFARINGE			Desvio do complemento para cisticercose	3
Exames diretos (Gram).....	1	Ultramicropscopia (pesquisa de <i>Leptospira</i>)	23	
Culturas	1	Autópsia em macaco	1	
ADUBOS			Exames da Seção de Micologia	367
Pesquisa do bacilo de Koch ..	4	Secagem de vírus	5	
Pesquisa de vermes	4	Esfregaço de úlceras para associação fuso-espirilar	1	
SEÇÃO DE VÍRUS			Tifo exantemático	1
Inoculações em cobaias	243		Moléstia de Weil	1
Inoculações em camundongos ..	1.732	MOLÉSTIA DE WEIL		
Inoculações em coelhos	11	Inoculações em cobaias.....	1	
Inoculações em gatos	6	Pesquisa de <i>Leptospira</i> em rins de cadáver	1	
Inoculações em macacos	4	Pesquisa de <i>Leptospira</i> em sedimento de urina	1	
Inoculações em cobaias (emulsão de carrapato)	2	TIFO EXANTEMÁTICO		
Autópsias em cobaias	191	Inoculações em cobaias.....	4	
Autópsias em camundongos ..	1.171	DIVERSOS		62

SUBDIVISÃO TÉCNICO-ADMINISTRATIVA

A Subdivisão Técnico-administrativa foi confiada ao dr. França Martins. Duas partes integram seus serviços: uma administrativa, outra técnica. A parte técnica compreende as Subseções de Meios de cultura, o Biotério e, a título de experiência, a de Análises Clínicas. A parte administrativa encerra tôdas as atribuições da Secretaria.

MEIOS DE CULTURA — A Subseção, assim denominada, se encarrega não só do preparo de meios de cultura e reativos, como da lavagem e esterilização de todo o vasilhame. Está a cargo de um biologista. Não se retira meio ou vasilhame sem requisição dos biologistas ou químicos responsáveis pelas Seções e Subseções. Nenhuma fórmula pode ser alterada sem aprovação do Diretor. A Subseção dispõe de acomodações adequadas, salas assépticas, abrigos para autoclaves, pias modernas, autoclaves, fornos, mesa especial para manipulação do vasilhame.

RESUMO DO FORNECIMENTO DE MEIOS E VASILHAMES

Meios de cultura fornecidos em tubos	167.056
Meios de cultura fornecidos em placas	26.739
Meios de cultura fornecidos para o Serviço de Leishmaniose	100.000 cc.
Tubos de ensaio fornecidos (todos os tamanhos)	376.868
Pipetas fornecidas (todos os tamanhos)	30.033

BIOTÉRIO — Como já frisamos, por motivos alheios à nossa vontade, não foi construído o biotério do Instituto Adolfo Lutz. O serviço teve que continuar no prédio do antigo Instituto Bacteriológico. Ficou a cargo do dr. Manoel de Britto e Silva que adotou um conjunto de medidas destinadas à padronização dos serviços e melhor controle do uso de animais.

ANIMAIS EXISTENTES EM 31-12-1940

Cobaias	145	Gatos	6
Coelhos	102	Pombos	1
Camundongos	1.728	Carneiros	3
Ratos	213		
Macacos	22	Total de animais existentes	2.220

QUANTIDADE DE SANGUE RETIRADA EM 1940

Cobaias	8.942 cc.
Coelhos	14.910 cc.
Carneiros	7.140 cc.

ANÁLISES CLÍNICAS — A Subseção de Análises Clínicas do Instituto Adolfo Lutz tem como função primordial servir ao Hospital de Isolamento Emílio Ribas. Faz as análises de interesse clínico, não incluídas nas diferentes seções e subseções do Instituto. Dispondo o Instituto de instalações amplas, entendeu o Governo facilitar, aos clínicos e ao público em geral, se utilizarem da subseção de análises clínicas, uma vez pagos os preços devidos e aprovados pelo decreto n.º 11.816, de 15 de janeiro de 1941.

TABELA DOS PREÇOS DAS ANÁLISES CLÍNICAS

AUTOVACINAS	150\$000	ESCARRO	
B I L E		Exame bacteriológico	100\$000
Exame cito-parasito-bacteriológico das biles A, B e C.	200\$000	Outras pesquisas, cada	30\$000
Exames bacteriológicos	100\$000	EXSUDATOS (pus e outros) e	
Exames bacteriológicos	100\$000	TRANSUDATOS	
Exames citológicos	30\$000	Pesquisa de b. de Koch	50\$000
Exames parasitológicos	30\$000	Outras pesquisas, cada	30\$000
CÁLCULOS , análises de	100\$000	Exame bacteriológico	100\$000

FEZES		Contagem de plaquetas e de reticulócitos	50\$000
Cultura	100\$000	Contagem de leucócitos	30\$000
Exame parasitológico	50\$000	Curva leucocitária	80\$000
Identificação de parasitas retiradas das fezes	50\$000	Índice de Velez	50\$000
Pesquisa do b. de Koch	50\$000	Dosagem de hemoglobina	30\$000
Pesquisas de sangue	30\$000	Determinação de grupo sanguíneo	30\$000
GRAVIDEZ, diagnóstico pela urina	150\$000	Velocidade de sedimentação ..	50\$000
INOCULAÇÕES EM ANIMAIS	150\$000	Medida de viscosidade sanguínea	50\$000
LEITE HUMANO		Determinação da resistência globular	50\$000
Exame bacteriológico	100\$000	Pesquisa de hematozoários	50\$000
Exame químico	80\$000	Dosagem de uréia	80\$000
LÍQUIDO CEFALORAQUIDIANO		Dosagem de glicose	80\$000
Exame completo sem punção ..	150\$000	Curva glicêmica	350\$000
Exame completo bacteriológico, sem punção	100\$000	Determinação de pH	100\$000
		Dosagem da reserva alcalina ..	100\$000
		Outras dosagens no sangue (cloretos, colessterina, cálcio, fósforo, etc.) cada	100\$000
		Tempos de sangramento e de coagulação	50\$000
MICOSES		SUCO GÁSTRICO	
Exame micológico direto	50\$000	Exame químico	100\$000
Exame micológico com cultura ..	100\$000	Pesquisa de b. de Koch	100\$000
REAÇÕES SOROLÓGICAS		Exame citológico	30\$000
Sêro-diagnóstico da sífilis: r. de Wassermann e uma reação de floculação	50\$000	TREPONEMAS, pesquisas de..	50\$000
Reações de fixação do complemento (tuberculose, lepra, gonococia, etc.)	100\$000	TUMORES (exame histopatológico)	180\$000
Outras reações de aglutinação e floculação, cada	50\$000	URINA	
Reação de Botelho	50\$000	Exame tipo 1: caracteres gerais, pesquisa dos componentes anormais e sedimentos	30\$000
SANGUE		Exame tipo 2: tipo 1 mais dosagem dos principais componentes normais	50\$000
Exame bacteriológico (menos para bacilo tífico)	100\$000	Exame tipo 3: tipo 2 mais dosagem do amoníaco e do azoto total	100\$000
Exame hematológico	150\$000	Exame bacteriológico	100\$000
Contagem de hemátias	30\$000	Pesquisa do b. de Koch	50\$000
		Pesquisa da folieulina	150\$000

SECRETARIA

Na Secretaria, parte integrante da Subdivisão Técnico-administrativa, os serviços são executados pelas Subseções seguintes sob a orientação do dr. França Martins e; estêve a cargo do sr. Doraci Augusto Leite, 1.º escrivão do Instituto: 1) Expediente; 2) Protocolo; 3) Pessoal; 4) Contabilidade; e 5) Arquivo.

Traçou-se o plano de mais uma Subseção — a de Registro. Para esta, além de mobiliário novo adquirido para tóda a Secretaria, foi estudado e adquirido um sistema "Kardex" completo, a ser adotado em 1941.

Subseção de Pessoal :

FÉRIAS — Todos os funcionários do Instituto gozaram férias relativas ao exercício de 1940, conforme escala estabelecida pelo Diretor. Excetua-se os srs. dr. José Pedro de Carvalho Lima, diretor; dr. Alberto França Gomes Martins, chefe da Subdivisão Técnico Administrativa; e Doracy Augusto Leite, 1.º escriturário, que, por absoluta necessidade de serviço, não puderam gozar férias em 1940.

LICENÇAS

Dr. Joaquim Pires Fleury ...	6 meses
Zilá de Faria Marcondes ...	10 meses
José Elói Pupo	3 meses
Dr. Sebastião de Camargo Calazans	21 dias
Adrião Neves de Moraes .	49 dias
Olga Hucke	56 dias
Maria José C. Teixeira....	35 dias

LICENÇAS-PRÊMIO

Conrado Pereira Pinto	6 meses
Manoel da Ressurreição Lou- rença	4 meses
José Rosa de Castro Pereira .	135 dias
Adrião Neves de Moraes ..	6 meses
Doracy Augusto Leite....	46 dias
Jorge Ferri	76 dias
Odila M. Flóra Q. Ferreira .	89 dias
Maria José Faraco	37 dias
Dr. Sebastião C. Calazans .	71 dias
Maria Carolina de Andrade .	85 dias

— 11 —

BIBLIOTECA

Para a biblioteca foi adquirido um conjunto de estantes de aço, com capacidade para cerca de 20.000 volumes, e também mobiliário novo inclusive mesa para leitura e estantes para revistas.

Numerosos livros foram adquiridos e foram mantidas as assinaturas de 58 revistas científicas.

— 12 —

SUBDIVISÃO DE MICROBIOLOGIA E DIAGNÓSTICO

A Subdivisão de Microbiologia e Diagnóstico foi confiada à direção do dr. Luís Salles Gomes. Corresponde, pròpriamente, à parte técnica do antigo Instituto Bacteriológico. Ocupa-se dos exames necessários ao diagnóstico das moléstias infeto-contagiosas. Foi dividida em 3 seções :

- a) Bacteriologia
- b) Parasitologia
- c) Anatomia Patológica

SEÇÃO DE BACTERIOLOGIA — É biólogo chefe desta seção o dr. Joaquim Pires Fleury. À seção compete os exames bacterioscópicos, bacteriológicos e sorológicos necessários ao diagnóstico das moléstias infeto-contagiosas e à verificação dos portadores de germes e dos estados de imunidade. Compreende as seguintes Subseções : 1) Exames bacteriológicos em geral; 2) Exames coprológicos; 3) Exames sorológicos e hemoculturas; e 4) Vírus e epizootias.

A Subseção de Exames Bacteriológicos em geral fazia os exames para diagnóstico da difteria e das meningites bacterianas, exames de pus, exsudatos, escarros, etc. . Dêsse serviço se encarregaram, no Instituto Bacteriológico, o assistente Bruno Rangel Pestana, e, no Instituto Adolfo Lutz, o biologista dr. Augusto Escragnolle Taunay. Os exames relativos ao diagnóstico da difteria alcançaram o total de 7.359, durante todo o ano. Neste mesmo tempo diagnosticou-se a meningite 598 vêzes e examinados 1.165 portadores de meningococos.

A Subseção de Exames Coprológicos se encarregava dos exames microscópicos e culturas de fezes e das pesquisas de portadores de germes do grupo entérico. Nesta Seção foram feitas 1.747 pesquisas de protozoários e 5.397 pesquisas de ovos de parasitos e ainda 1.003 exames culturais de fezes para diagnóstico de disenteria bacilar.

A Subseção de Exames Sorológicos e Hemoculturas estava encarregada do seguinte :

- a) Reações sorológicas para diagnóstico da sífilis ;
- b) Reações de fixação do complemento em geral ;
- c) Preparo de soros aglutinantes e outros para fins de diagnóstico ;
- d) Exames sorológicos para diagnóstico das infecções tifóides e paratífóide e outras doenças bacterianas ;
- e) As hemoculturas em geral.

Esta Subseção estava a cargo do dr. Joaquim Pires Fleury e de d. Maria Arantes, e, durante o ano, foram realizadas 18.610 reações de Wassermann e 18.077 de Kahn. As reações de Vidal e Weil-Felix foram realizadas com dois antígenos, um alcoólico, morto, T. O. e outro com uma espécie de bacilo tífico vivo, em cultura de 24 horas, isolado de hemocultura de um doente. Estas reações alcançaram os seguintes números : Widal, 1776 e Weil-Felix, também 1776. As hemoculturas atingiram o total de 1.870.

A Subseção de Vírus e Epizootias se encarregou de :

- a) Exames para diagnóstico das moléstias causadas por vírus ;
- b) Exames necessários ao diagnóstico de peste humana e animal e outras epizootias que se transmitem ao homem.

Esta Subseção foi orientada pelo dr. Luís Salles Gomes, chefe da Subdivisão de Microbiologia e Diagnóstico.

A Seção de Parasitologia estêve a cargo do dr. Nicolau Maria Rossetti, que, durante o ano, se dedicou ao estudo das tinhas, fazendo pesquisas nas escola se asilos de São Paulo, podendo observar o enorme número de tinhosos, principalmente as crianças da Casa da Infância que somaram cerca de 70% de doentes.

A Seção de Anatomia Patológica durante o ano praticou 23 necrópsias humanas e examinou 4.357 mosquitos e mais 155 peças diversas.

— 13 —

O SETOR DE QUÍMICA
REUNIÕES CIENTÍFICAS

Há agora a parte referente à Química, introduzida no Instituto, neste ano de 1940, por força da fusão com o Bacteriológico, do Instituto de Análises Químicas.

Estava assim formado o setor de química :

Subdivisão de Bromatologia e Química : debaixo da orientação do dr. Bruno Rangel Pestana, subdividida em 3 seções, a saber :

- 1 - Bromatologia
- 2 - Química Farmacêutica
- 3 - Química Aplicada.

A Bromatologia ficou sob a direção do químico Mário Sales Bueno Penteado. A Química Farmacêutica estava a cargo da química d. Cendi de Castro Guimarães. Finalmente a Química Aplicada sob a orientação do químico Renato Fonseca Ribeiro.

Havia ainda, anexo ao gabinete do diretor, orientado pela biologista d. Lúcia de Queirós Teles, o Museu de Culturas Bacterianas.

Para terminar, diremos que, durante o ano, foram realizadas com regularidade 17 reuniões de caráter científico, quando foram lidos trabalhos pelos funcionários do Instituto Adolfo Lutz.

Estas reuniões foram as seguintes :

1.^a — Em 6 de fevereiro. Fizeram resumo de trabalhos os drs. Augusto Escragnoille Taunay, Nicolau Maria Rossetti e João Batista de Freitas Montenegro.

2.^a — Em 10 de fevereiro. O dr. Luís Salles Gomes fez uma palestra sobre os trabalhos que vem realizando a respeito do vírus do tracoma e sua transmissão. Em seguida o dr. João Montenegro teceu comentários sobre alguns trabalhos sobre alterações dos linfócitos.

3.^a — Em 17 de fevereiro. O dr. Joaquim Pires Fleury analisou e comentou o trabalho de Grasset, sobre a vacinação antitífica pela endo-anatoxina tífica.

4.^a — Em 24 de fevereiro. O dr. Frância Martins leu o trabalho de Genésio Pacheco e Gobert Araújo Costa sobre a conservação de bactérias após dessecação.

5.^a — Em 2 de março. O sr. Ettore Rugai leu o trabalho feito em colaboração com o dr. Bruno Rangel Pestana, intitulado : "Salmonelas isoladas de líquido cefalorraquidiano".

6.^a — Em 9 de março. O dr. José Pedro de Carvalho Lima fez comentários sobre as causas de erro da reação de Friedmann para diagnóstico da gravidez.

7.^a — Em 16 de março. O dr. Sebastião de Camargo Calazans analisou vários trabalhos sobre a avaliação do tamanho de bacteriófagos e vírus, pelos raios X.

8.^a — Em 30 de março. O dr. Augusto Taunay leu o seu trabalho "Aglutinação rápida em lâmina para diagnóstico da febre tifóide". O dr. Frância Martins comentou o trabalho de Maurice Doladille sobre "Desidratação do soro sanguíneo, aplicação ao soro sífilítico". Por fim falou o dr. Nicolau Rossetti, resumindo um trabalho sobre blastomicose.

9.^a — Em 13 de abril. O dr. Joaquim Pires Fleury resumiu o trabalho de Dopter sobre "Etiologia microbiana da infecção meningocócica, multiplicidade dos antígenos e suas conseqüências". A seguir o dr. Luís Salles Gomes leu o trabalho de Thygeson, intitulado "Etiologia do tracoma" e o trabalho de Bussaca "Método de coloração eletiva para a riquetsia do tracoma".

10.^a — Em 20 de abril. D. Maria Carolina de Andrade leu o trabalho em colaboração com o dr. Bruno Rangel Pestana, "Contribuição ao estudo do grupo coliforme e sua significação nos exames de água". O dr. Nicolau Rossetti falou sobre seus estudos e observações sobre tinhas.

11.^a — Em 4 de maio. O dr. João B. Montenegro fez o resumo do trabalho de M. Denicopolu e outros "Sobre certos caracteres epidemiológicos e anátomo-clínicos de tifo exantemático".

12.^a — Em 18 de maio. O dr. João Montenegro comentou o trabalho de Plummer "Sobre a formação de cálculos renais pela sulfopiridina". O dr. Salles Gomes resumiu o trabalho de Artur Grassi e Florêncio Suskind "A transmissão do linfo-granuloma venéreo a cobaias". O dr. Sebastião de Camargo Calazans falou sobre o vírus da poliomielite em águas de esgoto.

13.^a — Em 25 de maio. O dr. Nicolau Rossetti resumiu o trabalho de Seguin, intitulado "O grânulo espiroquetógeno, estudo morfológico e biológico". O dr. Augusto Taunay fez o resumo do trabalho de Franklin Hanger, denominado "Diferenciação sorológica das icterícias hepatogênicas e das icterícias obstrutivas". O dr. João Montenegro comentou o caso de Russell e Lamb de "Endocardite produzida por *Erysipelothrix*". O dr. Sebastião de Camargo Calazans fez comentários sobre trabalhos sobre a influência do suco de alho no crescimento das bactérias.

14.^a — Em 1 de junho. D. Lúcia de Queirós Telles leu o trabalho "Bacilos disentéricos intermediários" feito em colaboração com o dr. Carvalho Lima. O dr. Manoel de Brito e Silva resumiu o trabalho de Van den Bergh e P. Liessens, denominado "Transmissão da mononucleose humana (febre ganlionar de Pfeiffer) ao macaco *Rhesus* com passagens sucessivas de um vírus filtrante".

15.^a — Em 3 de agosto. O dr. Bruno Rangel Pestana fez uma resenha dos trabalhos realizados para isolar bacilos disentéricos das fezes. O dr. João Montenegro comentou o trabalho de Caudry "Métodos citológicos aplicados ao estudo das globias da lepra".

16.^a — Em 10 de agosto. O dr. Bruno Rangel Pestana leu o trabalho de sua autoria sobre "Meningite tuberculosa e seu diagnóstico, frequência do tipo bovino em S. Paulo".

17.^a — Em 24 de agosto. O dr. França Martins leu o seu trabalho "Diagnóstico sorológico das leishmanioses" parte experimental dum seu trabalho anterior. O dr. Luís Salles Gomes falou sobre um caso que observou de infecção simultânea poradenolútica.

RELAÇÃO DE ASSISTENTES E DIRETORES* DO INSTITUTO BACTERIO-
LÓGICO, DESDE 1892 ATÉ 1940, JÁ SOB A DENOMINAÇÃO DE
INSTITUTO ADOLFO LUTZ

*Félix Alexandre le Dantec	15-12-1892/ 5- 4-1893
*Adolfo Lutz	18- 3-1893/ 1-11-1908
Artur Vieira de Mendonça	1893/11- 2-1900
J. Roxo	27- 4-1893/15-11-1894
Coreolano Barreto Burgos	1-11-1893/ 11-1894
João Teixeira Alvares	1-1895/ 1896
Johanes Paulsen	10-1895/ 1-1897
*José Martins Bonilha de Toledo	1896/24- 4-1903
Vital Brazil Mineiro da Campanha	1- 7-1897/16-12-1899
*Carlos Luís Meyer	11- 8-1900/13- 3-1916
Ivo Bandi	1- 1-1902/31-12-1903
*Adolfo Carlos Lindenberg	9- 5-1903/14- 2-1916
Artur Palmeira Ripper	22- 1-1904/30-10-1905
Afonso Splendore	1- 3-1904/10- 9-1904
José Pereira Barreto	6-12-1904/25- 7-1906
*Teodoro da Silva Baima	1-11-1905/14-11-1918
Américo Brasiliense de Almeida Melo e Filho	1- 8-1906/ 8- 1-1907
Eduardo Rodrigues Alves	9-11-1908/17-11-1911
Manuel Pais de Azevedo	13- 2-1912/25- 2-1915
Martim Ficker	1- 4-1913/20-11-1915
Otávio de Moraes Veiga	19- 5-1913/12- 3-1915
Bruno Rangel Pestana	1- 3-1915/11- 7-1925
Bruno Rangel Pestana	13- 2-1931/15- 9-1951
*Alexandrino de Moraes Pedroso	12- 3-1915/ 4- 9-1919
*Alexandrino de Moraes Pedroso	22- 7-1922/17-10-1922
*Antônio Pinheiro de Ulhôa Cintra	1-10-1917/24- 9-1920
José Bernardino Arantes	20- 4-1918/ 1-10-1919
*José Pedro de Carvalho Lima	23- 6-1919/11- 7-1925
*José Pedro de Carvalho Lima	13- 2-1931/14- 5-1948
*Sebastião de Camargo Calazans	8-10-1919/11- 7-1925
*Sebastião de Camargo Calazans	13- 2-1931/ 6- 7-1931
*Sebastião de Camargo Calazans	22- 6-1939/22- 9-1941
*Sebastião de Camargo Calazans	4- 8-1947/
Simeão dos Santos Bonfim	12- 3-1920/15- 7-1920
*José Jesuino Maciel	5- 6-1920/ 5-1922
*Rodolfo Kraus	18- 5-1922/30- 6-1922
*Joaquim Pires Fleury	16- 8-1922/11- 7-1925
*Joaquim Pires Fleury	13- 2-1931/ 9- 6-1948
*Luís Salles Gomes	13- 2-1931/
Urbano Silveira	13- 2-1931/18- 7-1931
Lourival Santos	13- 2-1931/ 5-1931
*João Batista de Freitas Montenegro	13-11-1933/
Augusto Escragnolle Taunay	1- 7-1937/
Alberto França Gomes Martins	23- 8-1938/
Nicolau Maria Rossetti	2- 1-1939/10- 3-1950
Manuel de Britto e Silva	1- 6-1940/
*Ariosto Büller Souto	27-10-1940/
Hassib Ashcar	26-12-1940/

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, M. S. — 1950 — Dr. Adolfo Lutz. *Rev. Inst. Adolfo Lutz* 10 : 9-30.
- ANDRADE, N. — 1899 — Higiene pública. *Brasil Méd.* 13 (42) : 411-413.
- ARAGÃO, H. B. R. — 1950 — Notícias históricas sobre a fundação do Instituto Oswaldo Cruz. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz* 48 : 1-50.
- ARRUDA, M. O. — 1936 — Relatório apresentado à exma. Inspeção Geral de Higiene do Império 1886. *Arq. Hig. S. Públ. (São Paulo)* 1 : 93-120.
- BAIMA, T. S. — 1918 — A amebiose em São Paulo e seu tratamento pela adrenalina. São Paulo. *Tip. Diário Oficial.*
- BAIMA, T. S. — 1918 — A antitoxina de Kraus na coqueluche. São Paulo, *Tip. Diário Oficial.*
- BAIMA, T. S. — 1918 — A febre tifóide no Paraná. Curitiba, *Tip. Penitenciária do Estado*
- BAIMA, T. S. e PESTANA, B. R. — 1918 — Parasitismo intestinal nos imigrantes japoneses. São Paulo, *Tip. Diário Oficial.*
- BIER, O. G. — 1945 — Bacteriologia e imunologia. 2.ª ed. São Paulo, Melhoramentos ; p. 513-515.
- BRASILIENSE, A. — 1923 — Dr. Vitor Godinho. *An. Paul. Med. Cir.* 11 (1/4) : 14-15.
- BRAZIL, V. — 1898 — A serunterapia na febre amarela. *Rev. Med. São Paulo.* 1 (8) : 127-131.
- BRAZIL, V. — 1941 — Memória histórica do Instituto Butantã. São Paulo, Elvino Pocai.
- BRIQUET, R. C. — 1941 — Adolfo Lutz : exemplo e glória da ciência médica brasileira. *Rev. Inst. Adolfo Lutz* 1 : 203-216.
- CARVALHO, J. J. — 1912 — Discurso pronunciado na sessão solene de 7 de março, por ocasião da inauguração da galeria de sócios falecidos da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. *Arq. Soc. Med. Cir. de São Paulo* 3 (3/8) : 46-84.
- CARVALHO LIMA, J. P. — 1941 — Instituto Adolfo Lutz. *Rev. Inst. Adolfo Lutz* 1 : 5-20.
- CARVALHO LIMA, J. P. — 1943 — Artur Neiva : 1880-1943. *Rev. Inst. Adolfo Lutz* 3 : 225-231.
- CASTIGLIONI, A. — 1941 — A history of medicine. New York, Alfred A. Knopf.
- CASTRO, F. — 1884 — Vacínia preventiva da febre amarela. *An. Brasil. Med. (Rio de Janeiro)* 36 : 219-222.
- CRUZ, O. G. — 1900 — Relatório acêrca da moléstia reinante em Santos. *Rev. Med. São Paulo* 3 (9) : 231-232.
- DANTAS, O. — 1894 — Febre amarela. *Brasil Med.* 8 (25) : 193-194.
- ESCULAPIO (pseud.) — 1915 — Dr. Ficker. *Cigarra* 2 (33).
- GARRISON, F. H. — 1917 — An introduction to the history of medicine. Philadelphia, W. B. Saunders.
- GODINHO, V. P. — 1900 — Contribuição para o estudo da peste. *Rev. Med. São Paulo* 3 (8) : 161-162.
- GOIS, F. M. A. — 1892 — Tratamento da febre amarela. *Brasil Med.* 6 (17) : 129-131.
- HOEHNE, E. — 1941 — Cronologia dos presidentes, governadores e interventores de São Paulo. *Rev. Arq. Municipal (São Paulo)* 7 (74) : 235-258.
- HOMEM DE MELO, Z. M. — 1938 — Nomeação dos primeiros diretores do Serviço de Higiene de São Paulo. *Arq. Hig. e S. Publ. (São Paulo)* 3 : 129-135.
- HUSSAK, E. — 1917 — Os satélites do diamante. Rio de Janeiro, *Tip. Jornal do Comércio*, p. 5.
- LINDENBERG, A. C. — 1908/1909 — Un nouveau mycétome. *Arch. Parasit.* 13 : 265-282.

- LUTZ, A. — 1900 — Instruções relativas aos exames e análises que podem ser requisitados do Instituto Bacteriológico do Estado. São Paulo, Escola Tipográfica Salesiana.
- LUTZ, A. — 1899 — Trabalhos do Instituto Bacteriológico do Estado de São Paulo. Rev. Med. São Paulo 2(11) : 307-321.
- MARCONDES MACHADO, O. — 1905 — Estado sanitário de Campinas em 1904. Rev. Med. São Paulo 8 : 182-187.
- MASCARENHAS, R. S. — 1949 — Contribuição para o estudo da administração estadual em São Paulo, São Paulo, José Magalhães.
- MEIRA, S. F. P. — 1896 — Congresso médico. Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo 2(15) : 9-13.
- MEIRA, S. F. P. — 1897 — Sanarelli em São Paulo. Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo 3(30) : 3-5.
- METCHNICOFF, O. — 1920 — Vie d'Élie Metchnikoff : 1845-1916. Paris, Hachette.
- NASCIMENTO, A. — 1896 — Febre amarela. Bol. Soc. Med. Cir. de São Paulo 2(17) : 12-13.
- NETO, A. R. — 1942 — O caminho para a formação do Serviço Sanitário de São Paulo de 1579 a 1891. Arq. Hig. S. Publ. (São Paulo) 7 : 1-36.
- PESTANA, B. R. — 1917 — Considerações acerca de alguns protozoários e outros parasitos encontrados em fezes humanas. An. Paul. Med. Cir. 8 : 101-113.
- PESTANA, B. R. — 1918 — A febre tifóide em São Paulo. São Paulo, Tip. dos Anais.
- PESTANA, B. R. — 1942 — Cinquentenário do Instituto Adolfo Lutz. Rev. Inst. Adolfo Lutz 2 : 181-190.
- REDONDO, J. — 1902 — A febre amarela e os mosquitos. Rev. Med. São Paulo 5(22) : 452-456.
- RIBAS, E. M. — 1901 — O mosquito como agente da propagação da febre amarela. São Paulo, Tip. Diário Oficial.
- ROCHA, I. — 1899 — Peste bubônica. Brasil Med. 13(41) : 397-398.
- SANARELLI, G. — 1897 — Étiologie et pathogénie de la fièvre jaune. Ann. Inst. Pasteur 11(6) : 433-510.
- SANARELLI, G. — 1898 — Primeiras experimentações sobre o emprego do sêrum curativo e preventivo da febre amarela. Rev. Med. São Paulo 1 : 19-27.
- SANTOS, J. A. — 1947 — Homenagem a Emílio Ribas. Arq. Hig. S. Publ. (São Paulo) 12 : 301-311.
- SANTOS FILHO, L. — História da medicina no Brasil (do século XVI ao século XIX). São Paulo, Brasiliense, 1947.
- VAZ, E. — 1949 — Fundamentos da história do Instituto Butantã. São Paulo, Instituto Butantã.
- VIEIRA, F. B. — 1943 — Primeiros tempos da administração sanitária paulista e seus antecedentes no país. Arq. Hig. S. Publ. (São Paulo) 8 : 33-44.
- ZATTI, H. L. — 1950 — Que es el alastrin? Buenos Aires, Ministerio de Salud Publica y Asistencia Social.
- — 1895 — Resumo sintético da mortalidade na Capital, de janeiro a dezembro de 1893. Serv. Sanit. E. S. Paulo.
- — 1895 — Boletim anual de estatística demógrafo-sanitária da Capital e de Santos 1894. Serv. Sanit. E. S. Paulo.
- — 1895 — Boletim anual de estatística demógrafo-sanitária 1895. Serv. Sanit. E. S. Paulo.
- — 1898 — O professor Sanarelli. Rev. Méd. S. Paulo 1 : 4.
- — 1899 — Peste bubônica. Brasil Méd. 13(41 a 43) : 404-406; 414-416; 425.
- — 1899 — Anuário estatístico da Seção de Demografia 1898. Serv. Sanit. E. S. Paulo.
- — 1900 — Hospital de Isolamento — Rev. Méd. S. Paulo 3 : 174-193.

- 1900 — Hospital de Isolamento de Sorocaba — Rev. Méd. S. Paulo 3 : 88.
- 1900 — Anuário estatístico da Seção de Demografia do ano de 1900. Serv. Sanit. E. S. Paulo.
- 1900 — Movimento de doentes do Hospital de Isolamento de Sorocaba. Rev. Méd. de S. Paulo 3 : 16 e 36 ; 155.
- 1900 — Movimento do Hospital de Isolamento de Sorocaba. Rev. Méd. S. Paulo 3 : 136.
- 1903 — Dr. Bonilha de Toledo — Gaz. Clin. 1 : 121-124.
- 1906 — Dr. Francisco Fajardo — Impr. Méd. 14 (22) : 392.
- 1906 — O Serviço Sanitário de São Paulo. São Paulo, Laemmert.
- 1907 — Dr. Miranda Azevedo — Gaz. Clin. 5 : 31.
- 1907 — Prof. Chapot Prevost — Gaz. Clin. 5(11) : 91.
- 1908 — Estado de S. Paulo. Comissão Executiva de São Paulo. Exposição Nacional do Rio de Janeiro.
- 1908 — Observações anatômicas e microscópicas feitas em casos de meningite cerebrospinal epidêmica. Inst. Bact. S. Paulo.
- 1912 — Dr. Delfino Cintra. Gaz. Clin. 10 : 9.
- 1915 — Dr. Ficker. Cigarra 2 (33).
- 1915 — Dr. Artur Mendonça. Gaz. Clin. 13 : 125.
- 1917 — Dr. Sérgio Meira — An. Paul. Méd. Cir. 8 : 123.
- 1918 — Dr. Teodoro Baima — An. Paul. Med. Cir. 9 (11) : 256-259.
- 1920 — A gripe epidêmica no Brasil e especialmente em São Paulo : dados e informações. São Paulo, Duprat, 1920.
- 1923 — Dr. Luís Pereira Barreto — An. Paul. Med. Cir. 11(1/4) : 2-8.
- 1933 — Dr. Bittencourt Rodrigues. Gaz. Clin. 31 : 290-292.
- 1934/1935 — Dr. Franco da Rocha — Mem. Hosp. Juqueri 11/12.
- 1936 — Emílio Ribas e a febre amarela — Arq. Hig. S. Publ. (São Paulo) 1 : 121-133.
- 1938 — Prof. Ficker. Gaz. Clin. 36(11) : 405.
- 1939 — Dr. Valentim Butler Browne — Arq. Hig. S. Publ. (São Paulo) 4 : 193.
- 1939 — Dr. José Bento de Paula Sousa — Arq. Hig. S. Publ. (São Paulo) 4(7) : 7.
- 1939 — Retrospecto histórico — Arq. Hig. S. Publ. (São Paulo) 4(7) : 303-320.
- 1940 — Um documento interessante sobre isolamento domiciliário. Arq. Hig. S. Publ. (São Paulo) 5 : 341-345.
- 1941 — Adolfo Lutz — Arq. Hig. S. Publ. (São Paulo) 6(11) : 299-307.
- 1943 — Centro de Saúde Dr. Eduardo Lopes da Silva. Arq. Hig. S. Publ. (São Paulo) 8(19) : 283-289.